

alyson noël

Autora dos best-sellers *Para sempre*, *Lua azul*, *Terra de sombras*,
Chama negra e *Estrela da noite*



infinito

os imortais



alyson noël

infinito

os imortais – volume 6

TRADUÇÃO DE FLÁVIA SOUTO MAIOR



Publicado mediante acordo com a autora. Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de todo o conteúdo ou de parte dele, em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL

Everlasting

CAPA

Angela Goddard

ADAPTAÇÃO DA CAPA

Julio Moreira

FOTO DA CAPA

Herman Estevez

PREPARAÇÃO

Sheila Til

REVISÃO

Leonardo Alves

Shirley Lima

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-083-0

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Obrigada por compartilharem a jornada de Ever e Damen comigo — agradeço o entusiasmo, a generosidade, a bondade e o apoio ilimitados! Vocês são maravilhosos, incríveis, e eu não teria chegado até aqui sem vocês!

agradecimentos

Escrever esta série foi uma jornada incrível, e sou grata pela equipe tão maravilhosa que me guiou pelo caminho! Agradecimentos enormes, borbulhantes e cheios de purpurina para: Matthew Shear, Rose Hilliard, Anne Marie Tallberg, Katy Hershberger, Angela Goddard, Brittney Kleinfelter, Bill Contardi e Marianne Merola — vocês são *DEMAIS*!

Também deixo um agradecimento especial a meus editores internacionais: obrigada por levarem a série *Os imortais* aos leitores do mundo inteiro!

E, é claro, para Sandy: sempre.

Saibam, portanto, que do silêncio supremo retornarei...
Não se esqueçam de que voltarei por vocês... Um breve instante, um momento de
descanso sobre o vento, e outra mulher me levará em seu ventre.

— KHALIL GIBRAN

— Ever, espere!

Damen estica o braço em minha direção e segura meu ombro, tentando fazer com que eu vá mais devagar, puxar-me de volta para perto dele, mas eu continuo em frente, não posso me atrasar. Não quando estamos tão perto, quase lá.

A preocupação corre por ele como chuva em um para-brisa, não diminui nem mesmo quando ele aperta o ritmo, acompanhando minhas passadas largas, e entrelaça os dedos nos meus.

— Deveríamos voltar. Não pode ser aqui. Nada aqui é sequer parecido. — Seu olhar percorre a distância do cenário perturbador até meu rosto.

— Você está certo. Nada *é* parecido.

Caminho de um lado para o outro, minha respiração está muito rápida, meu coração começa a acelerar. Levo um instante para analisar o entorno antes de arriscar mais um passo à frente. Então, um pequeno passo após o outro, até que meus pés afundam tanto na lama que desaparecem por completo.

— Eu sabia — sussurro, as palavras quase inaudíveis, embora eu não precise falar para que Damen me ouça, já que podemos nos comunicar por telepatia com a mesma facilidade. — É exatamente como no sonho. É...

Ele olha para mim. Esperando.

— Bem, é exatamente como eu esperava. — Viro para o lado, meus olhos azuis encontram seus olhos escuros, e sustento o olhar, querendo que ele capte o que vejo. — Tudo isso, tudo o que está vendo aqui, é como... é como se tudo tivesse mudado por *minha* causa.

Ele ajoelha a meu lado, a palma da mão subindo e descendo lentamente por minhas costas em pequenos círculos, mostrando sua vontade de amenizar, de contestar o que acabei de dizer, mas, em vez disso, opta por ficar em silêncio. Não importa o que diga, não importa que seu argumento seja bom e sólido, ele me conhece. Sabe muito bem que não serei persuadida.

Eu ouvi a senhora idosa. Ele a ouviu também. Viu-a apontar o dedo, notou o olhar acusatório dela, ouviu as notas amaldiçoadas de sua canção sinistra, com letra enigmática e melodia arrastada.

O alerta destinado exclusivamente a mim.

E agora *isso*.

Suspiro ao olhar para aquilo — o túmulo de Haven, por assim dizer. O local onde, há apenas algumas semanas, cavei um buraco profundo para enterrar seus pertences, tudo o que sobrou dela: as roupas que usava quando mandei sua alma para Shadowland. Um local que eu considerava sagrado, intocável, agora está diferente, transformado. A terra que já fora fértil transformou-se em uma lama úmida e mole, sem sinal das flores que materializei, sem qualquer tipo de vida. O ar não cintila mais, não brilha, praticamente impossível de se distinguir da parte obscura de Summerland com que deparei antes. É tudo lúgubre e sinistro, tanto em aparência quanto na sensação que transmite. Damen e eu somos as únicas criaturas dispostas a nos arriscar por ali.

Os pássaros mantêm-se no perímetro, o tapete de grama das redondezas se encolhe sobre si mesmo. É tudo de que preciso como prova para ter certeza de que este lugar mudou por minha causa.

Como fertilizante pulverizado sobre um pequeno canteiro de ervas daninhas, cada alma imortal que enviei para Shadowland manchou e infectou Summerland, criando seu oposto, seu lado sombrio,

um *yin* indesejável para o *yang* de Summerland. Um lugar tão escuro, tão triste e tão hostil que magia e materialização não podem existir nele.

— Não estou gostando disso. — A voz de Damen está tensa, e seus olhos não param. Está ansioso para partir.

Mesmo que eu também não goste, mesmo que eu esteja pronta para virar as costas e nunca mais olhar para trás, não é tão simples assim.

Faz apenas alguns dias desde minha última visita. Apesar de saber que fiz o que era preciso, que não tive escolha a não ser matar Haven, minha antiga melhor amiga, não consigo deixar de voltar aqui e pedir perdão: perdão pelo que fiz e também pelo que ela fez. E esse curto espaço de tempo bastou para que o lugar passasse da luz à escuridão, ficasse sombrio, lamacento e estéril — o que significa que depende de mim fazer algo para impedir que esse efeito se alastre ainda mais.

Que fique ainda pior.

— O que exatamente você viu no sonho? — A voz de Damen fica mais suave quando seu olhar pousa em mim.

Respiro fundo e afundo ainda mais. Os bolsos de minha calça jeans surrada mergulham na lama, mas não me importo. Posso materializar outra, nova e limpa, assim que sair daqui. As roupas são o que menos me preocupa nisso tudo.

— Não é um sonho novo. — Eu me viro e olho em seus olhos, vendo o lampejo de surpresa que toma seu rosto. — Já sonhei isso antes. Há muito tempo. Pouco antes de você decidir se afastar de mim para que eu escolhesse entre você e Jude.

Ele engole em seco e se encolhe de leve só de pensar naquela lembrança desagradável, o que faz com que eu me sinta mal, já que não era essa minha intenção.

— Na época eu tive certeza de que Riley enviara o sonho. Quer dizer, ela estava nele e parecia tão vibrante e... *viva*. — Balanço a cabeça. — E, bem, talvez fosse ela, talvez fosse apenas uma ilusão provocada pela falta que sinto dela. Mas, assim que ela chamou minha atenção, percebi que era *você* quem ela queria que eu visse. Você era o motivo do sonho.

Ele arregala os olhos.

— E... — Ele me instiga, o maxilar tenso, preparando-se para o pior.

— E... é como se você estivesse detido nessa prisão enorme e retangular de vidro, lutando com todas as forças para escapar. Mas, independentemente de quanto se esforçava, não conseguia se libertar. Mesmo quando eu tentava ajudar, tentava chamar sua atenção para buscarmos juntos uma saída, era como... como se você não conseguisse me ver. Eu estava bem ali, do outro lado, havia apenas o vidro entre nós, e mesmo assim era como se eu fosse invisível, você não tinha noção alguma de minha presença. Não era capaz de ver o que estava bem ali na sua frente...

Ele assente com a cabeça. Movimenta-a de um jeito que me diz que seu lado racional, o que gosta de explicações claras e soluções fáceis, está ansioso para assumir.

— Um típico sonho surreal — diz, os músculos de sua fronte relaxando de alívio. — É sério. Parece que você acha que não estou lhe dando atenção suficiente, que não ouço de verdade o que você diz, ou até que...

Mas, antes que ele possa continuar, eu o interrompo.

— Acredite, não foi do tipo que aqueles livros de interpretação de sonhos para iniciantes comentam. No de hoje, assim como no que tive antes, quando você percebia que não podia vencer, quando se dava conta de que estava preso para sempre... bem, você desistia. Simplesmente deixava os braços caírem ao lado do corpo, fechava os olhos e ia embora. Ia para Shadowland.

Ele engole em seco e tenta parecer bem, mas não adianta. Claramente está tão abalado quanto eu fiquei quando tive o sonho.

— E então, logo depois, tudo desapareceu. E *tudo* quer dizer você, a prisão de vidro, o cenário. *Tudo*. Só sobrou um pedaço de terra sombrio e úmido, muito parecido com o lugar onde estamos. — Comprimos os lábios, vendo a cena com tanta clareza que é como se estivesse imersa nela. — Mas a última parte foi novidade. Quer dizer, não estava no sonho original. Ainda assim, logo que acordei *soube* não apenas que os dois sonhos estavam interligados, mas também que tinham relação com este lugar. Eu *soube* que tinha que vir até aqui. Tinha que ver com meus próprios olhos. Ver se estava certa. Só sinto muito tê-lo arrastado comigo.

Passo os olhos nele, observando o cabelo despenteado, a camiseta macia e amassada, o jeans surrado — roupas pegadas às pressas, segundos antes de eu materializar o véu dourado de luz que nos trouxe aqui. Sinto seus braços fortes me envolvendo, seu calor me lembrando de algumas horas antes, quando estávamos debaixo dos lençóis, os corpos unidos, prontos para dormir.

Quando nossa única preocupação imediata era Sabine, e como ela reagiria ao fato de eu não ir para casa por duas semanas seguidas.

Como ela lidaria com o fato de eu ter interpretado ao pé da letra o que me disse sobre eu não voltar até ter procurado o tipo de ajuda de que ela está convencida de que eu preciso.

E, embora eu não tenha dúvidas de que preciso de ajuda, especialmente se levar em conta o que está diante de mim, infelizmente não é o tipo de ajuda que Sabine tem em mente. Não é o tipo que pode ser encontrado em uma receita médica, no divã de um psiquiatra ou no mais novo livro de autoajuda.

Requer algo muito mais poderoso que isso.

Permanecemos algum tempo ali, ambos encarando o túmulo de Haven. Os pensamentos de Damen se fundem cuidadosamente nos meus, fazendo-me lembrar de que quaisquer que sejam as consequências, o que quer que aconteça, ele estará a meu lado. Eu não tive escolha a não ser fazer o que fiz.

Ao matar Haven, salvei Miles. Salvei a mim mesma. Ela não conseguiu lidar com o poder, ultrapassou todos os limites. Quando a transformei em imortal, outro lado dela se revelou — um que não esperávamos.

Mas é nesse ponto que Damen e eu discordamos. Sou mais propensa a acreditar no que Miles disse pouco depois que o salvei das mãos dela. Que o lado sombrio de Haven não era novidade ou surpresa. Ele sempre existiu, ela sempre mostrou sinais dele. Mas, como éramos amigos dela, nós nos esforçávamos para ignorá-lo, optávamos por não vê-lo, por enxergar apenas a luz. E, ao encarar os olhos de Haven naquela noite, vi que brilharam vitoriosos quando ela jogou a camisa de Roman — a última esperança que eu tinha de conseguir o antídoto que permitiria que Damen e eu ficássemos juntos — no fogo. Bem, não me restaram dúvidas de que o lado negro havia exterminado a parte boa que havia nela.

Quanto à morte de Drina, bem, era matar ou morrer. Simples assim. Roman não teve sorte, mas ainda assim foi pura e simplesmente um acidente. Um trágico mal-entendido, agora posso afirmar com certeza. Do fundo do coração, sei que foi unicamente por querer meu bem que Jude acabou interferindo tão desastrosamente. Sua intenção era boa.

Vi isso se revelar na mente dele.

Nós nos levantamos lenta e solenemente, cientes de que as respostas que procuramos não estão aqui, de que nossa melhor aposta é começar pelos Grandes Salões do Conhecimento e ver aonde isso

nos leva. Estamos prestes a ir para lá quando a ouvimos. A canção que nos deixa paralisados:

*Da lama se erguerá
Os vastos céus oníricos alcançará
Como você-você-você também deve fazer...*

Damen agarra minha mão com mais força e me puxa para si, e nos viramos juntos para encará-la. Observamos as longas mechas de cabelo que, tendo escapado da trança que desce por suas costas, esvoaçam livremente ao redor do rosto velho e enrugado, como um sombrio halo prateado, enquanto seus olhos reumosos e cobertos por catarata fixam-se nos meus.

*Das escuras profundezas
Lutará para atingir a luz
Com apenas uma vontade
A verdade!
A verdade de seu ser
Mas você permitirá?
Deixará que se levante e floresça e progrida
Ou às profundezas a condenará?
Exilará sua alma desgastada e exaurida?*

Ela repete a canção, enfatizando o final de cada verso. Eleva a voz quando canta: “Erguerá – alcançará – fazer – profundezas – luz – vontade – verdade – ser – permitirá – progrida – condenará – exaurida – exaurida – exaurida...”, repete a última parte várias vezes, passando os olhos sobre mim, analisando, observando, mesmo parecendo cegos, e, enquanto ergue em concha as velhas mãos retorcidas e trêmulas diante de si, os dedos abrem-se lentamente e deixam cinzas voarem.

Damen aperta ainda mais minha mão, lançando-lhe um olhar ríspido e alertando:

— Não se aproxime.

Entra em minha frente e continua:

— Fique onde está. Não se aproxime. — Seu tom de voz é equilibrado, seguro, e contém uma ameaça implícita impossível de não ser notada.

Mas, mesmo que tenha ouvido, ela não lhe dá importância. Seus pés continuam em movimento, arrastando-se para a frente, enquanto os olhos se mantêm a encarar, e os lábios não interrompem a canção. Ela se detém bem perto de nós, equilibrando-se na beirada do perímetro — no ponto exato onde a grama termina e a lama começa —, e sua voz muda de repente, ficando mais baixa, e diz:

— Estávamos esperando por você. — Ela se curva diante de mim, dobrando-se com agilidade e graça surpreendentes para uma pessoa tão envelhecida, tão... *antiquada*.

— É o que você disse — respondo, para a consternação de Damen.

Não caia na conversa dela!, ele alerta mentalmente. *Espere meu sinal. Vou nos tirar daqui*.

Tenho certeza de que ela ouviu as palavras quando dirige o olhar para ele. O azul desbotado de suas velhas íris praticamente rola nas órbitas quando ela diz:

— Damen.

O som da palavra faz com que o corpo dele fique tenso, e ele se prepara física e mentalmente para qualquer coisa — menos para o que vem a seguir.

— Damen. Augustus. *Notte*. Esposito. Você é a razão. — Seus cabelos finos se elevam e se enrolam em uma brisa materializada que faz tudo girar. — E Adelina, a cura. — Ela junta as palmas das mãos e cruza o olhar com o meu.

Observo os dois, incapaz de decidir o que é mais perturbador: o fato de ela saber o nome dele — o nome *completo*, incluindo um sobrenome que eu não conhecia, e outro, pronunciado de um modo que nunca ouvi — ou o jeito como o rosto de Damen empalideceu e seu corpo ficou estático no momento em que ela o culpou.

Sem mencionar... quem diabo é *Adelina*?

Mas as respostas que giram na mente de Damen se esvaem antes de chegar aos lábios, interrompidas pela cadência da voz dela, que diz:

— Oito. Oito. Treze. Zero. Oito. É a chave. A chave de que você precisa.

Fico vendo um e outro, notando o modo como os olhos de Damen se estreitam, como ele range os dentes, sussurrando palavras indecifráveis, enquanto aperta ainda mais minha mão e tenta nos tirar da lama, nos levar para longe dela.

Apesar de me haver alertado a não olhar para trás, eu o faço mesmo assim. Viro-me e encaro aqueles velhos olhos reumosos, a pele tão frágil, tão translúcida que parece iluminada por dentro. Ela move levemente os lábios enquanto canta:

— *Oito, oito, treze, zero, oito*. Esse é o início. O início do fim. Apenas você pode resolver. Apenas você, você, você, *Adelina*...

As palavras se prolongam, assombram, provocam... e nos perseguem até sairmos de Summerland. Até chegarmos ao plano terreno.

— Não podemos simplesmente ignorar. — Eu me viro para encarar Damen, sabendo ao mesmo tempo que tenho razão e que ele não concorda.

— Claro que podemos. Na verdade, já estou ignorando. — Suas palavras saem muito mais bruscas do que ele pretendia, incitando o pedido de desculpas que logo brota em sua mão: uma tulipa vermelha com caule verde e curvado.

Ele me oferece a flor e eu a aceito prontamente, levo-a ao nariz e deixo as pétalas macias roçarem meus lábios enquanto sinto o perfume quase imperceptível que ele colocou ali para mim. Observo-o caminhar pelo amplo espaço entre a cama e a janela, os pés descalços atravessando o piso de pedra e pisando no tapete felpudo, voltando ao piso de pedra e depois ao tapete. Estou ciente de seu conflito interno e sei que preciso apresentar meus argumentos logo, antes que ele consiga formular os dele.

— Você não pode simplesmente dar as costas a uma coisa por ela ser *estranha, diferente*, ou, neste caso, *muitíssimo desagradável*. Damen, é sério, acredite que estou tão assustada quanto você em relação a ela. E, ainda assim, me recuso a acreditar que o fato de ela nos encontrar repetidamente seja irrelevante, mera coincidência. Coincidências não existem e você sabe bem disso. Ela está tentando me dizer algo há semanas. Cantando essa música, apontando o dedo e... — Meu corpo estremece e se contorce em um movimento involuntário que eu preferia que Damen não visse, então afundo nos cobertores e esfrego as mãos nos braços, numa tentativa de impedir os arrepios. — De qualquer modo, ficou claro que ela está tentando nos dizer algo ou dar algum tipo de pista. E, bem, acho que deveríamos pelo menos tentar descobrir o que pode ser. Você não concorda? — Faço uma pausa e lhe dou a chance de responder, mas só vejo a teimosia de um erguer de ombros e a inflexibilidade de um inclinar de cabeça, gestos que se seguem por um silêncio prolongado enquanto Damen olha pela janela, de costas para mim. Isso praticamente me impele a continuar: — Quer dizer, que mal pode haver em tentarmos? Se no fim das contas ela for tão velha, louca e senil como você pensa, então tudo bem. Que seja. Não faz mal. Por que se preocupar com alguns dias perdidos quando temos a eternidade pela frente? E se ela *não* for louca, bem...

Antes que eu possa terminar, ele se vira com uma expressão tão obscura e atormentada que não consigo deixar de me retrair.

— Que *mal* pode haver? — Sua boca se contorce em um movimento severo e ele encara fixamente meus olhos. — Depois de tudo pelo que passamos, você ainda faz essa pergunta?

Chuto o tapete com o dedão, muito mais séria que ele pensa, muito mais séria que estou preparada para deixar transparecer. Lá no fundo, um instinto me diz que a cena que acabamos de testemunhar significa muito mais que ele quer admitir. O universo não é aleatório. Há uma razão para tudo. E não tenho dúvidas em meu coração, em minha alma, de que aquela senhora aparentemente louca e cega está dando uma pista de algo que necessito muito saber.

Mas não faço ideia de como convencer Damen disso.

— É assim que quer passar as férias de inverno? Investigando o enigma de uma velha louca? Tentando descobrir um sentido mais profundo que, em minha modesta opinião, *não* existe?

Melhor que as outras opções, penso, com essas palavras apenas em minha cabeça, lembrando-me do rosto de Sabine na madrugada em que finalmente voltei para casa — logo após ter mandado minha

ex-melhor amiga para Shadowland e ter improvisado um funeral em Summerland. O modo como ela olhou para mim, apertando o roupão na cintura, a boca séria e pálida. Mas os olhos foram o pior: as íris, normalmente azul-claras, estavam escurecidas pelas olheiras fundas. Ela me encarou com uma terrível combinação de raiva e medo, voz áspera, palavras calculadas, bem-ensaiadas, quando me deu a opção de procurar a ajuda que acha que eu preciso ou encontrar outro lugar para morar. Sabine tinha certeza de que foi apenas por rebeldia que fiz que sim com a cabeça, virei as costas e saí.

Segui para a casa de Damen, onde estou desde então.

Afasto o pensamento, escondendo-o em um lugar onde possa revê-lo depois. Sei que em algum momento terei de encarar nossos problemas, mas por enquanto a questão sobre o lado sombrio de Summerland é prioridade máxima.

Não posso me permitir distrações, não quando ainda tenho uma carta na manga. Algo que, no momento que noto a onda de inquietação que invade o rosto de Damen, percebo que ele torcia para que eu não mencionasse.

— Ela sabia seu nome — digo, consternada pelo modo como ele sacode os ombros e tenta ignorar a questão.

— Ela anda por Summerland, um lugar onde há muito conhecimento. Tudo está facilmente disponível. — Ele franze a testa e entorta a boca para o lado. — Certamente está tudo lá, nos Grandes Salões do Conhecimento, para qualquer um descobrir.

— Não é bem para *qualquer um* — afirmo. — Apenas os merecedores — digo, lembrando que há pouco tempo passei por uma experiência oposta. Estava entre os *não* merecedores, e os Grandes Salões do Conhecimento me impediram de entrar até que eu me restabelecesse e recuperasse minha *sorte*, como diria Jude. Uma época terrível pela qual espero nunca mais passar.

Damen olha para mim e, embora esteja claro que ele não planeja ceder de imediato, também percebo que pretende chegar a um acordo. Agir de forma defensiva e evasiva não nos leva a lugar algum. Precisamos de ação. Precisamos de um plano.

— Ela sabia que você se chamava *Esposito*. — Observo-o com cuidado, imaginando como vai tentar sair dessa. — O nome da época em que ficou *órfão* — acrescento, referindo-me ao sobrenome que lhe impuseram quando ainda era mortal, logo depois que seus pais foram assassinados e ele, sem família, ficou sob a tutela da Igreja.

Mas ele é rápido na resposta:

— Novamente, mais informação disponível a qualquer um que procure. Não é nada além de uma lembrança infeliz de um passado distante com o qual prefiro não perder tempo. — Ele termina com um suspiro, sinal claro de que sua vontade de persistir na briga está se esvaindo junto com o ar.

— Ela também o chamou por outro nome. *Noite*? — Olho para Damen, deixando bem claro que, ainda que ele prefira mudar de assunto, eu ainda não encerrei este. Preciso de respostas. Respostas sólidas e verdadeiras. Um erguer de ombros e um franzir de testa não bastam.

Ele se vira, mas apenas por um instante, e logo volta a me encarar. O modo como curva os ombros, o modo como enterra as mãos nos bolsos, o modo como o maxilar relaxa, cedendo silenciosamente... bem, isso faz com que eu me sinta mal por pressioná-lo tanto assim. Mas a sensação não dura muito e logo é vencida pela curiosidade, e eu cruzo os braços à espera de uma resposta.

— *Noite* — ele diz, confirmando com a cabeça, dando à palavra um lindo sotaque italiano que eu jamais conseguiria imitar. — Um de meus nomes. Um dos muitos, *muitos* sobrenomes que tive.

Olho para ele sem me permitir piscar, sem querer perder nada.

Observo a linha de seu corpo longo e esguio enquanto ele engole em seco, esfrega o queixo, cruza os pés e se apoia no peitoril da janela. Ele para e mexe nas persianas, olha para a piscina, para a luz da lua refletida no mar. Então fecha tudo e se volta para mim.

— Ela também me chamou de Augustus, que era meu segundo nome, o do meio. Minha mãe insistiu que eu tivesse um, embora não fossem tão comuns naquela época. E, como você e eu nos conhecemos em agosto, em oito de agosto, para ser mais exato, bem, passei a usar Auguste como sobrenome, com essa ligeira mudança no final, imaginando algum significado mais profundo por trás de tudo isso. Achando que de algum modo isso me ligava a *você*.

Engulo em seco, um tanto surpreendida por uma emoção pela qual não esperava, e fico mexendo no bracelete com ferraduras de cristal que ele me deu naquele dia na pista de corrida de cavalos.

— Mas você precisa entender, Ever, que vagueio pelo mundo há *muito* tempo. Não tive escolha a não ser mudar de identidade várias vezes. Não podia correr o risco de que alguém se desse conta de meu tempo de vida absurdamente longo, nem da verdade sobre... *o que eu sou*.

Concordo com a cabeça. Tudo o que ele disse até agora faz muito sentido, porém há mais, muito mais, e ele sabe disso.

— E de quando é o nome *Notte*, então? — pergunto.

Ele fecha os olhos e esfrega as pálpebras, mantendo-os fechados enquanto diz:

— De *sempre*. Do começo. É o nome de minha família. Meu sobrenome verdadeiro.

Controlo a respiração, determinada a não reagir de forma exagerada. Minha mente está inundada de perguntas, sendo que a mais importante é: *Como diabo a velha pode saber disso?* Seguida de: *Como diabo a velha pode saber disso se nem eu sabia?*

— Não havia motivo para contar — ele responde ao pensamento em minha mente. — O passado é apenas isso: *passado*. Já foi. Não há por que voltar a ele. Prefiro me concentrar no presente, no *agora*, neste momento. — Seu rosto se eleva um pouco e os olhos escuros se iluminam fitando os meus. Brilhando com a expectativa de uma ideia que parece ter acabado de lhe passar pela cabeça, ele vem em minha direção na esperança de que eu concorde com seus planos.

Seu progresso logo é interrompido quando digo:

— Você não parece se importar em voltar ao passado quando vamos ao pavilhão. — E, quando vejo o modo como ele vacila, repreendo-me por não estar sendo justa.

O pavilhão, o lindo presente que ele materializou em meu aniversário de dezessete anos, é o único lugar onde podemos ficar realmente juntos... bem, dentro dos limites dos acontecimentos da época em que estivermos. Mas, ainda assim, é o único local onde podemos ter contato de pele com pele sem temer pela morte de Damen, livres de qualquer medo de desencadear a maldição do DNA que nos mantém separados aqui, no plano terreno. Apenas escolhemos uma cena de nossas vidas passadas, entramos nela e nos deixamos levar pelo romantismo e a exuberância do momento. Admito que amo cada segundo disso tanto quanto ele.

— Desculpe — começo a dizer. — Eu não pretendia...

Mas ele apenas ignora. Volta a seu lugar no peitoril da janela e diz:

— Então, o que quer que eu faça, Ever? — Seu olhar compensa a ternura que parece faltar nas palavras. — Como quer que eu prossiga daqui em diante? Estou disposto a contar o que quiser saber sobre meu passado. Ficarei feliz em traçar uma linha do tempo contendo cada nome que tive, incluindo as razões de tê-los escolhido. Não precisamos de nenhuma velha doida para isso. Não tenho intenção de esconder nada de você, nem de enganá-la. Só não falamos disso até agora porque me pareceu desnecessário. Prefiro olhar para a frente a olhar para trás.

No silêncio que se segue, ele esfrega os olhos e leva a mão à boca para conter um bocejo. Uma rápida olhada no relógio ao lado da cama revela o porquê: estamos no meio da noite. Não o deixei dormir.

Estico o braço e ofereço-lhe minha mão. Puxo-o para perto de mim, na direção da cama. Sorrio ao ver que seus olhos se animam pela primeira vez no dia, já que ele acordou com meus tapas e chutes enquanto eu tentava escapar de um terrível pesadelo. Logo sou tomada por sua ternura, pelo formigamento e o calor que só ele provoca. Seus braços deslizam por meu corpo e ele me empurra para trás, de volta aos cobertores, aos travesseiros e lençóis embolados, os lábios passeando por minha clavícula até chegarem ao pescoço.

Minha boca está em sua orelha, mordiscando, puxando. Minha voz não passa de um sussurro quando digo:

— Você está certo. Isso pode esperar até amanhã. Por enquanto, só quero estar *aqui*.

Depois de duas semanas inteiras acordando na cama de Damen, envolta em seus braços, seria certo imaginar que eu já estivesse acostumada.

Mas não.

Nem um pouco.

Eu bem que *poderia* me acostumar.

Eu *gostaria* de me acostumar.

De me acostumar à segurança de seu corpo pressionado contra o meu, ao calor de sua respiração em meu ouvido...

Mas, por enquanto, não estou nem perto disso.

Sempre fico um pouco desorientada no início. Preciso de alguns instantes para juntar as peças, avaliar as novas circunstâncias. Determinar minha localização, minha situação e como vim parar aqui.

E é sempre essa última parte, esse como-vim-parar-aqui, que me desanima.

E esse nunca é o melhor jeito de saudar um novo dia.

— *Buongiorno* — sussurra Damen, com a voz um pouco rouca devido às horas de desuso. Ele começa cada manhã com um dos muitos idiomas que domina. Hoje escolheu italiano, sua língua materna. Ele mergulha o rosto na cortina de longos cabelos louros que repousa em meu pescoço e respira fundo.

— *Buongiorno* para você também — digo, a voz abafada pelo travesseiro macio no qual meu rosto está enterrado.

— Dormiu bem?

Viro de barriga para cima, tiro o cabelo dos olhos e desfruto um belo e longo momento simplesmente admirando Damen. Noto que isso é mais uma coisa com a qual não estou tão acostumada: olhar para ele. Ver sua beleza pura e impressionante. É uma imagem que causa admiração.

— Sim. — Dou de ombros, fazendo uma pausa para fechar os olhos e materializar um hálito mentolado antes de prosseguir. — Bem, não me lembro, então deve ser um bom sinal, certo?

Ele sai de baixo do lençol e se apoia no cotovelo, descansando a cabeça na palma da mão para me ver melhor.

— Você não se lembra? De *nada*? — pergunta ele com um tom de voz ridiculamente esperançoso.

— Bem, vejamos... — Finjo estar pensando, tamborilando o indicador no queixo. — Lembro-me de você ter apagado as luzes e deitado a meu lado... — Observo-o pelo canto do olho. — Eu me lembro de suas mãos... ou pelo menos da *quase* sensação de suas mãos...

Seu olhar fica levemente perdido, sinal claro de que também está se lembrando.

— E acho que me lembro *vagamente* da *quase* sensação de seus lábios... mas, como eu disse, a lembrança é bem vaga, então não tenho certeza...

— *Vaga*? — Ele sorri, e seus olhos brilham de um modo que deixa bastante claro seu desejo de refrescar minha memória.

Retribuo o sorriso, mas ele logo desaparece quando digo:

— Ah, sim, e acho que me lembro de alguma coisa relativa a uma viagem de última hora a Summerland durante a madrugada e da velha louca no local onde enterramos os pertences de Haven e de como você concordou, meio relutante, em me ajudar a descobrir o sentido daquela mensagem maluca e enigmática... — Olho em seus olhos e, sim, é como imaginei: ele me encara como se eu tivesse aberto uma torneira e jogado um balde de água fria em sua cabeça.

Damen vira de barriga para cima e fica olhando para o teto, refletindo em silêncio absoluto, depois se senta e balança as pernas fora da cama, numa luta para desenrolar o lençol do joelho.

— Damen... — começo a falar, sem saber o que dizer em seguida. Mas não importa, porque ele preenche rapidamente os espaços vazios.

— Esperava que passássemos nossas férias de inverno fazendo *outras* coisas. — Ele segue na direção da janela, onde para e olha para mim.

— Que tipo de coisas? — Estreito os olhos, imaginando de que ele pode estar falando.

— Bem, para começar, não acha que já é hora de resolvermos essa situação com Sabine?

Agarro o travesseiro do lado dele e cubro meu rosto, uma atitude que sei que, além de incrivelmente inútil, é imatura, mas na hora nem me importo. Se não quero nem *pensar* em Sabine, então acho que posso dizer que também não quero *falar* sobre Sabine. Mas lá está ele, querendo conversar sobre meu tabu, o assunto proibido número 1 — pelo menos por enquanto.

— Ever... — Ele puxa o travesseiro, mas eu o agarro com mais força. — Você não pode deixar ficar desse jeito. Não está certo. Mais cedo ou mais tarde terá que voltar lá. — Ele puxa o travesseiro mais uma vez, mas logo suspira e retorna a seu lugar perto da janela.

— Está me mandando embora? — Desço o travesseiro para a barriga, viro de lado e o envolvo com os braços, como se fosse servir de escudo para o que viesse em seguida.

— Não! — Damen nega rapidamente com a cabeça, passando os dedos nos cabelos embaraçados e ajustando-os. Seu olhar é de total perplexidade quando ele diz: — Por que eu faria *isso*? — Os braços voltam para a lateral do corpo, alinhados às pernas. — Amo ir dormir com você, assim como amo acordar a seu lado. Achei que soubesse.

— Tem certeza disso? — arrisco, percebendo o desalento em seu olhar. — Quer dizer, não é frustrante? Você sabe... nós dormirmos juntos sem podermos realmente *dormir juntos*? — Aperto os lábios, sentindo o calor subir para meu rosto.

— Só o que acho frustrante é você tentar se esconder debaixo de um travesseiro para não precisar falar sobre Sabine.

Fecho os olhos, deixando os dedos puxarem sem qualquer cuidado a costura da fronha, ciente de que estou ficando alterada, de que meu humor está mudando e se pondo contra Damen, e espero conseguir parar antes de ir longe demais, antes que isso nos afaste.

— Não há nada a dizer. Ela acha que sou louca. Eu acho que não sou. Pelo menos não do jeito que ela pensa. — Olho para ele, tentando dar um pouco de leveza, mas ele nem nota. Está levando isso muito a sério. — Bem, ela está tão convencida disso que minhas únicas opções são concordar ou ir embora. Foi essa a escolha que ela me deu. E, sim, mesmo admitindo abertamente que isso magoa, que magoa muito, parte de mim ainda não para de pensar que talvez tenha sido melhor assim. Você entende?

Seus olhos se estreitam, pensando, ponderando, até que ele cruza os braços, fazendo com que seus músculos se contraíam e relaxem.

— Não, não entendo. Por que não me explica?

— Bem, é como você sempre diz: mais cedo ou mais tarde, terei que dar adeus às pessoas. E será

mais para cedo que para tarde. Segundo você, essa é a realidade, certo? Então de que adianta fazer as pazes, insistir em ficar por perto por mais alguns meses, se precisarei me afastar de qualquer modo? Foi você quem disse. Não vai demorar até que ela desconfie. Até que todos desconfiem. Ela vai perceber que não envelhecemos nem um dia sequer. E, como não existe um jeito lógico de explicar algo assim, e como Sabine é uma pessoa que não espera nada diferente da lógica absoluta, preto no branco, bem, não há muito o que fazer, há?

Trocamos um olhar, e, embora eu tenha apontado todos os motivos, incluindo os que ele mesmo deu, está claro que não foram suficientes. Ele ainda não está convencido da razão pela qual não devo me levantar da cama, ir até lá e tentar fazer as pazes. O que significa que ele está sendo incrivelmente teimoso, ou que eu não consegui defender minha tese, ou ambas as hipóteses.

— Por que adiar o inevitável? — Engulo em seco e abraço o travesseiro novamente. — Talvez tudo isso tenha acontecido por um motivo. Você sabe como eu temia a despedida, mas agora que isso aconteceu talvez torne tudo mais fácil. Talvez seja a solução que venho buscando, *talvez seja como um presente do universo!* — As palavras vêm tão rapidamente que paro a fim de recuperar o fôlego, embora fique claro só de olhar em seus olhos que ele não está acompanhando meu raciocínio. Então decido mudar de marcha, tentar outra abordagem, esperando que funcione um pouco melhor. — Diga a verdade, Damen: em todos esses anos que você viveu, com tantas partidas e chegadas, por assim dizer, alguma vez já começou uma briga, ou mesmo usou uma briga, para ter um motivo para ir embora?

— É claro que sim. — Ele evita olhar, mexendo no elástico da cueca preta de algodão. — Mais de uma vez, pode ter certeza. Mas não significa que foi a coisa certa a fazer.

Fico quieta, não tenho mais nada a dizer. Estreito os olhos quando ele se vira para ajustar as persianas, saudando os débeis raios de luz do que parece ser um dia cinzento de meado de dezembro.

— Talvez você esteja certa. — Ele observa a paisagem. — Talvez seja a maneira menos sofrida de partir. Você não pode mesmo dizer a verdade. Só colocaria mais lenha na fogueira. Ela não aceitaria a verdade. E se por algum milagre aceitasse, bem, então não aprovaria. E o pior é que ela estaria com a razão. O que eu fiz... no que transformei você... não é natural. Vai contra *qualquer* lei da natureza. — Ele faz uma pausa e vira para mim com um olhar de arrependimento genuíno. — Uma certeza eu tenho: não estamos levando a vida que deveríamos. Nosso corpo é imortal, isso é verdade, mas está claro que nossa alma não é. Nossa vida zomba das leis mais fundamentais da natureza. Somos o oposto do que deveríamos ser.

Começo a falar, começo a dizer qualquer coisa, simplesmente porque odeio vê-lo assim. Mas ele não deixa. Não terminou ainda, está determinado a expor mais alguns argumentos.

— Shadowland pelo menos serviu para me dar certeza disso. Você esteve lá, Ever. Duas vezes, se não me falha a memória. A primeira, por meu intermédio, e, mais recentemente, por causa de Haven. Então me diga, é capaz de negar o que acabei de dizer? É capaz de negar que seja verdade?

Respiro fundo, pensando naquele dia horrível em que Haven golpeou minha garganta. Bem no alvo — meu quinto chacra, centro de minha falta de discernimento, mau uso de informação e confiança nas pessoas erradas. Um soco foi o suficiente para me matar, acabar comigo, me jogar, esfaqueada e vacilante, em uma espiral de escuridão e esquecimento. O abismo. Lar da alma dos imortais. Lembro-me de como rodopiei pela escuridão, perdida no vazio, atacada por um fluxo infinito de imagens de todas as minhas vidas anteriores, forçada a reviver os erros que cometi, todas as decisões equivocadas, os enganos — sentindo a dor dos outros tão intensamente quanto a minha. Encontrei a saída apenas quando a verdade enfim foi revelada. Fui poupada de uma eternidade de

isolamento profundo quando não restaram mais dúvidas em minha mente de que Damen era O Único.

Minha alma gêmea.

Ele e só ele por toda a eternidade.

A revelação repentina, junto com minha declaração, reconhecendo total e completamente a verdade sobre mim e Damen, sobre nosso amor, foi o que me curou, me absolveu.

A única coisa que me livrou do ônus de meu chakra fraco.

O único motivo pelo qual estou aqui hoje.

Concordo com a cabeça, sem nada a acrescentar. Ele sabe o que vi, pelo que passei, quase como se ele próprio estivesse lá.

— Somos só você e eu, Ever. Temos apenas um ao outro. Uma perspectiva que pode ser mais interessante para mim que para você, mas só porque já me acostumei com uma vida de lobo solitário.

— Temos Miles — digo, apressando-me em lembrar Damen de que agora ele sabe de nosso segredo imortal. — E Jude. — Minha respiração falha. Ainda me sinto um pouco estranha ao mencioná-lo na presença de Damen, apesar de eles recentemente terem decidido enterrar o passado e começar de novo. — Então não estamos totalmente sem amigos, não é?

Ele apenas dá de ombros, provavelmente pensando na parte que não mencionei, na parte que é dolorosa demais para ser dita. O fato de que algum dia Miles e Jude estarão velhos, grisalhos, jantando cedo e esperando ansiosamente por uma partida estimulante de dominó, enquanto Damen e eu continuaremos exatamente iguais, inalterados.

— Só não gosto de ver sua relação com Sabine terminar assim — ele finalmente diz, com uma espécie de suspiro velado no olhar. — Mas talvez você esteja certa, talvez seja uma forma tão válida quanto qualquer outra. Já que é inevitável, e tudo mais.

Jogo o travesseiro de lado e estendo a mão em sua direção. Odeio quando ele fica tão triste, quando fica introspectivo e começa a se culpar. Faria o que fosse preciso para mudar de assunto, para apagar isso tudo de vez. Mas ele já se virou antes de ver minha mão estendida, então recolho o braço e fico mexendo no edredom.

— Certo. Fora a reunião com Sabine, o que mais você tem em mente? Sabe, para nossas férias de inverno? — pergunto, esperando expulsar aquela nuvem carregada.

Ele demora um tempo para responder, para superar o desespero. Mas, quando consegue, vale muito a pena. O sorriso que ilumina seu rosto clareia de imediato o que ainda há pouco indicava um dia sombrio e triste.

— Bem, pensei que talvez pudéssemos fazer algo espontâneo, um pouco maluco até. Poderíamos tentar nos *divertir* um pouco de verdade, para variar. Você ainda lembra o que é diversão, não lembra?

— Vagamente. — Balanço a cabeça, entrando na brincadeira.

— Acho que poderíamos tirar férias em algum lugar... — Ele me olha de um jeito misterioso, travesso, e depois faz um sinal na direção da poltrona de couro creme do outro lado do quarto, pega o roupão de seda escuro que largou ali na noite passada e o veste depressa. Seu corpo se movimenta com tanta fluidez que é como se o roupão e ele fossem um só.

Analiso-o com cuidado, imaginando se realmente planejou algo assim ou se está apenas tentando me seduzir com um plano bolado às pressas.

— Mas... — Ele para, apertando a faixa do roupão, mas deixando-o aberto e folgado no corpo, permitindo que boa parte do peito e do abdome definido fique à vista.

Recosto-me na cabeceira da cama e puxo o lençol até o queixo — sua seminudez me deixa ciente da minha própria. Ainda não estou acostumada a viver como um casal, com tanta intimidade, e as manhãs sempre me deixam um tanto tímida e inibida.

— Ever, sei como está ansiosa para resolver logo todas as questões que a estão incomodando. E, como eu disse ontem à noite, estou disposto a ajudar...

Olho para ele, preparando-me para o grande impacto de sua afiada e refinada capacidade de negociação. Praticamente consigo *ver* os argumentos em seus olhos.

— Então concordo em lhe dar uma semana. Uma semana inteira de minha atenção total e ininterrupta no quesito desvendar-o-enigma-da-velha-doida. E, quando a semana terminar, se não tivermos chegado a lugar algum, bem, só peço que aceite a derrota de bom grado para que passemos ao meu plano, que será muito melhor, muito mais brilhante, muito *mais divertido*. O que me diz?

Mordo a parte interna da bochecha, esperando para responder:

— Bem, depende.

Ele me olha, movendo-se de um jeito que afrouxa um pouco mais o roupão. Ampliando a área visível. Trapaceando.

— Depende desse seu *plano*. — Mantenho o olhar fixo no dele. — Preciso saber em que estou me metendo. Aonde pretende me levar. Não posso simplesmente concordar às cegas com qualquer coisa. Tenho meus padrões, sabe? — Desvio os olhos na direção de minhas mãos, evitando encará-lo em toda a sua glória e optando por focar minhas cutículas.

Ouçó uma risada como resposta. O som é como um rugido profundo e alegre que toma conta do quarto e preenche meu coração. Fico feliz em saber que o momento sombrio de instantes atrás foi esquecido por enquanto.

Ele se vira e caminha até o banheiro, e suas palavras passam por cima dos ombros quando diz:

— Férias. Só você e eu em um glorioso lugar exótico. Férias de verdade e apropriadas, Ever. Longe de tudo e de todos. Férias em um local que eu escolherei. Só precisa concordar. Deixe os detalhes comigo.

Sorrio para mim mesma, amando o que ele diz e as imagens que surgem em minha cabeça e que não pretendo revelar, então digo a ele apenas:

— Veremos. — As palavras são abafadas pelo som de água jorrando que vem do enorme chuveiro. — Veremos — sussurro, tentada a me juntar a Damen, sabendo que é exatamente isso que ele quer, mas, como tenho apenas uma semana para decifrar o enigma, corro para o laptop.

— Alguma descoberta? — Damen esfrega uma toalha nos cabelos molhados para tirar o excesso de água, joga-a de lado e se penteia com os dedos.

Afasto-me de sua escrivaninha e giro a cadeira para mais perto dele, arrastando-a para a frente e para trás e de um lado para o outro enquanto digo:

— Fiz várias buscas... Pesquisei os números que ela mencionou, imaginando que poderia ser uma data, um código ou ter relação com um trecho importante de uma canção, um salmo, um poema, ou... qualquer coisa. — Dou de ombros. — Também procurei aquele nome que ela mencionou, *Adelina*. Mas nada encontrei. Então investiguei os números e o nome juntos, mas, ainda assim, nada. Pelo menos nada que parecesse estar ao menos remotamente relacionado a nós.

Ele faz um gesto afirmativo com a cabeça, desaparece no closet por um instante e volta em seguida, vestindo uma calça jeans básica e um suéter preto de lã. Eu, por minha vez, opto pela atitude mais fácil, e um tanto preguiçosa, de materializar minhas próprias roupas, que acabam sendo bastante parecidas com as dele.

Só que meu suéter é azul. Ele gosta quando uso azul. Diz que realça a cor de meus olhos.

— E então, por onde começamos? — Ele se senta na poltrona e calça alpargatas da marca TOMS, uma das poucas coisas que ainda compra, mas só porque parte dos lucros é revertida para projetos sociais.

As botas italianas de motoqueiro costuradas à mão que ele usava quando nos conhecemos já foram abolidas. Agora são chinelos de borracha baratos no verão e TOMS no inverno. Com exceção de sua opulenta e enorme mansão multimilionária e do BMW M6 Coupé preto, reluzente e todo equipado na garagem (carro que eu praticamente o forcei a materializar de novo e a manter), parece que ele está mesmo disposto a cumprir seus votos um tanto recentes de levar uma vida menos extravagante e materialista, mais simples e consciente.

— Durante a próxima semana sou todo seu. — Ele se levanta, aproveitando para balançar as pernas e ajeitar a barra da calça.

— Só durante a próxima semana? — Paro diante do espelho de corpo inteiro encostado na parede, tentando obrigar meus cabelos a não ficarem totalmente lisos. Materializo um ondulado que não combina comigo e acabo voltando ao estado anterior, prendendo os fios em um rabo de cavalo frouxo.

— Não há prazo de validade para ficarmos juntos, mas para esse seu projeto sim, como você claramente concordou. Então, diga-me, por onde começamos? — Ele olha para mim e espera pelas instruções.

Eu me olho de perfil, alisando com as mãos os fios de cabelo desgarrados que insistem em escapar nas laterais. Penso que deveria tentar outro penteado, já que não estou muito satisfeita com a imagem que vejo refletida, mas respiro fundo e me forço a aceitar.

Sempre que olho minha imagem, só enxergo coisas que gostaria de mudar.

Sempre que Damen olha para mim, só enxerga um lindo presente do universo.

A verdade está em algum lugar no meio do caminho.

— Vamos. — Paro de olhar meu reflexo e me viro para ele, ciente de que não temos tempo a

perder, que uma semana cheia como a que planejei pode parecer apenas um ou dois minutos quando tudo for resolvido.

Agarro sua mão e ficamos lado a lado, ambos visualizando o suave véu dourado de luz brilhante, aquele que nos leva a Summerland.

Passamos pelo vasto campo perfumado com flores radiosas e árvores vibrantes, e optamos por aterrissar ao pé da larga escadaria que conduz diretamente aos Grandes Salões do Conhecimento. Paramos por um instante, nossos pensamentos silenciados, os olhos arregalados, admirando tanto aquilo que nossa respiração fica presa na garganta.

Observamos as belas esculturas, o teto grandioso e inclinado, as colunas imponentes, as esplêndidas portas de entrada — todas as suas vastas e variadas partes mudando rapidamente, formando imagens das grandes pirâmides de Gizé, transformando-se no Templo de Lótus, depois no Taj Mahal, e assim por diante. O prédio se reconstitui, muda de forma, até que as maiores maravilhas do mundo sejam representadas em sua fachada mutante, que admite apenas aqueles que conseguem vê-lo pelo que realmente é — um local inspirador, criado a partir do amor, do conhecimento e de tudo o que é bom.

As portas se abrem diante de nós, e corremos pelas escadas e pela espaçosa entrada preenchida com uma luz brilhante e calorosa — um esplendor luminoso que não parece emanar de um lugar específico e, como o restante de Summerland, permeia cada canto, cada espaço, impedindo que existam sombras ou pontos escuros (exceto aqueles que causei).

Andamos por entre colunas de mármore branco que parecem ter saído diretamente da Grécia Antiga, juntamente com várias fileiras de mesas de madeira esculpida e bancos cheios de padres, rabinos, xamãs, todos os tipos de pessoas que estão em busca de algo, inclusive... *Jude*?

Assim que seu nome aparece em minha mente, ele levanta a cabeça e olha para mim. Pensamentos são matéria, são energia em seu estado mais puro, e aqui em Summerland podem ser escutados por praticamente qualquer um.

— Ever... — Ele leva a mão à testa, alisando a área logo acima das sobrancelhas unidas, e depois afasta do rosto o emaranhado de longos *dreadlocks* cor de bronze. — E Damen... — Sua expressão permanece impenetrável, ilegível, embora fique claro que está se esforçando muito para deixá-la assim.

Ele se levanta, um pouco relutante. Mas, quando Damen vai em sua direção com um sorriso largo que ilumina seu rosto, Jude faz o possível para corresponder, deixando as covinhas aparecerem.

Fico parada, assistindo ao ritual de saudação masculino que sempre inclui um aperto de mão e um tapinha nas costas. Tento apreender o significado por trás das bochechas coradas de Jude, sem contar o lampejo de desapontamento em seus olhos verde-água.

Bem, embora ele e Damen tenham dado uma trégua, embora ele esteja praticamente a par de todos os nossos maiores segredos e não pretenda espalhá-los por aí, embora eu tenha certeza absoluta de que sua capacidade excepcional de frustrar meus melhores planos não é premeditada — mas que outra coisa, uma força superior, o impulsiona a fazer isso, a sempre interferir na pior hora possível —, não consigo deixar de hesitar, não consigo superar minha relutância em cumprimentá-lo.

Leva apenas um instante para que eu reconheça o que minha hesitação realmente significa.

Culpa. A boa e velha culpa.

Nada mais, nada menos. O tipo de culpa que vem de compartilhar um passado longo, complicado e às vezes romântico com alguém e, mesmo assim, sempre escolher outra pessoa no final. Não importa quanto Jude tenha tentado, sempre escolhi Damen em vez dele. E foi o que fiz de novo

recentemente.

E, embora eu saiba que fiz a melhor escolha, a escolha certa, a *única* possível, mesmo que instintivamente eu pressinta que há outra pessoa para Jude, alguém muito mais apropriado que eu, ele não pensa assim.

Ele alterna o olhar entre nós, parando em mim de forma que faz com que uma inconfundível onda de calma serena e lânguida percorra meu corpo — fenômeno que só experimentei com ele, tanto nesta vida quanto nas anteriores. E, por mais que ele tente ficar distante e neutro, é impossível não notar o lampejo de saudade em seus olhos — uma sementinha de esperança da qual ainda não se livrou. Apesar de durar apenas um segundo, apesar da rapidez dele em substituí-la por outro sentimento, que traga muito menos dor, que seja muito mais agradável, materializo uma estrela da noite a brilhar acima de sua cabeça e, mais uma vez, faço um pedido para que ele encontre logo a pessoa predestinada a ele, aquela que é muito mais adequada que eu jamais poderia ser.

Então faço a estrela da noite desaparecer antes que eles possam vê-la.

— O que você está fazendo aqui? — Forço um sorriso e o mantenho até que ele comece a parecer natural.

Jude hesita, balança o corpo para a frente e para trás enquanto segura desajeitadamente nos passadores da calça. Selecionando os pensamentos, pesando com cuidado as opções, decidindo entre a honestidade total e a parcial e, por fim, optando pela total ao dizer:

— Eu gosto daqui. Não consigo evitar. Embora Ava me diga para não exagerar, parece que não consigo me manter afastado.

— Summerland é assim. — Damen assente com a cabeça, como se entendesse completamente, como se ele próprio lutasse contra a mesma tentação. Quem sabe se ele já não passou por isso e não tivemos ainda a chance de tocar no assunto? — A atração é muito grande — acrescenta. — Evitá-la é um trabalho diário.

— Está fazendo alguma pesquisa específica? — Esforço-me para manter um tom leve e casual, embora esteja na ponta dos pés para tentar espiar o tablet em que ele estava estudando quando entramos. Mas ele é esperto e apaga tudo assim que percebe o que estou fazendo.

E é por isso que fico tão chocada quando ele diz:

— Para ser honesto, estava fazendo uma pequena pesquisa sobre *você*. — Ele me olha fixamente, levando Damen a semicerrar os olhos, tentando captar o que Jude quis dizer.

Alterno o olhar entre os dois, procurando algo para dizer, mas Jude é mais rápido:

— Estava tentando descobrir por que sempre entro em seu caminho.

Faço uma pausa, minha garganta fica seca de repente, forçando-me a pigarrear para conseguir falar.

— E chegou a alguma conclusão? — pergunto, a voz, a postura, a expressão, o comportamento, quase tudo em mim deixando claro que meu interesse no assunto praticamente não tem limite.

Ele balança a cabeça, estampando no rosto um pedido de desculpas que palavra nenhuma seria capaz de expressar.

— Não. Pelo menos nada concreto — diz.

Meus ombros afundam, um suspiro escapa de meus lábios e imagino como teria sido bom se Jude já tivesse feito todo o trabalho por mim, mas nunca é tão fácil assim.

— Mas encontrei algo...

Ele consegue de volta toda a minha atenção. E a de Damen também, pelo que posso notar.

— Não é algo que eu tenha *visto* exatamente, é mais como um pensamento que não para de aflorar. Um pensamento que não consigo evitar.

— É assim que Summerland funciona — afirmo, balançando a cabeça, um pouco vigorosamente demais. — Pelo menos os Grandes Salões. Nem sempre é algo concreto, sabe? Nem sempre é algo que se lê ou experimenta. Às vezes é apenas um pensamento persistente que se recusa a partir até que você lhe dê atenção.

Ele concorda, dobra os polegares nos passadores de cinto da calça e olha em nossa direção.

— Bom, sei que isso pode soar como uma crítica, mas acho que, a esta altura, vocês já sabem que não é essa minha intenção. É que não consigo deixar de pensar que todos os seus problemas, todos os seus... *obstáculos*... bem... não consigo deixar de pensar que tiveram origem na imortalidade.

Ele olha para Damen, e eu faço o mesmo. Ambos sabemos que Damen é responsável pelo estado em que nos encontramos... e ambos sabemos que ele tem total consciência disso.

— O que quero dizer é que toda essa coisa do elixir e, bem, do que mais seja necessário, não que eu conheça os detalhes, mas, ainda assim, meu argumento é que não é natural, sabem? Nós não somos feitos para ter imortalidade *física*. Por isso existe a alma. A *alma* é nossa parte imortal. Ela volta em um ciclo infinito, pelo que vi, mas *nunca* morre. Devemos transcender o mundo físico, não... não ficar nele e *apenas* nele... — Ele vacila, mas agora que começou sabe que não tem escolha a não ser ir até o fim. Além disso, podemos muito bem ouvir as palavras em sua cabeça, escutá-las vacilantes em nossa direção quando ele diz: — Vocês não deviam encarar o mundo físico como se fosse a última parada, como se fosse tudo o que existisse.

Fico quieta. Damen também. Ambos admirados pelo modo como as palavras de Jude são uma espécie de eco sombrio e muito familiar do que Damen disse um pouco antes, no quarto.

Não consigo deixar de imaginar se há um motivo para isso, se era para eu ouvir. Ouvir de verdade e talvez fazer algo a respeito.

Talvez eu deva dar atenção, não simplesmente deixar passar, como estou mais inclinada a fazer.

Jude contrai o rosto, reduzindo os olhos a duas fendas estreitas do mais brilhante azul-esverdeado — uma faixa de um atraente mar tropical onde seria muito fácil mergulhar.

— E acho... talvez... bem, acho que o carma que acumularam ao fazerem *essa* escolha está impedindo vocês de vivenciar... — Ele se agita, se remexe, então finalmente se recompõe o bastante para dizer: — Bem, acho que está impedindo vocês de vivenciar a *verdadeira felicidade*. *O êxtase de verdade*. Se é que entendem a que me refiro.

Ah, acho que sei bem a que ele se refere.

Eu suspiro. Damen também. Nós dois parecemos um coro de descontentamento e frustração.

— E o que mais? — Ergo a sobrancelha, percebendo que as palavras saíram muito mais bruscas que eu pretendia, e tento amenizar o tom ao acrescentar: — Quer dizer, alguma ideia de como contornar isso?

Jude aperta os lábios de um modo que faz sua pele morena empalidecer, ganhando um tom de branco que delineia sua boca — que já beijei uma vez, ou duas, não sei ao certo, tantas foram as vidas que nós três compartilhamos. Seu rosto está cheio de sinceridade quando diz:

— Desculpem. Isso é tudo o que sei. Então... bem, vou deixá-los aqui e...

Ele começa a se afastar, claramente ansioso por encerrar o assunto e seguir com seu dia. Enquanto Damen ainda está perdido em seus pensamentos, perdido em uma nuvem escura de culpa, eu estendo as mãos, agarro Jude pelo braço e o puxo de volta, com força bruta, com uma expressão suplicante nos olhos e um pensamento enviado às pressas, sem tempo algum para ponderar, para editar.

Damen me olha, arrancado de seus pensamentos para se concentrar nos meus. O som claro e talvez um pouco alarmante, um tanto constrangedor de *Não, não vá!* que passou por minha cabeça rodopiou pela sala antes que eu pudesse impedir.

— Hum, o que eu quis dizer é que não precisa ir embora por *nossa* causa...

Damen estreita os olhos, prestando atenção em mim com muito interesse. Jude também. O resultado são dois pares de sobrancelhas erguidas, uma unida, outra perfeita de todos os modos possíveis, enquanto os olhos que se encontram abaixo delas estão voltados para mim.

Sei que preciso concluir o pensamento antes que ambos cheguem a alguma conclusão horrível, que nos leve mais uma vez de volta ao começo. Então digo:

— O que eu quis dizer foi: você precisa mesmo ir embora? Agora? — Argh. Reviro os olhos para mim mesma. O que há de errado comigo? De mal a pior não dá conta de descrever, e, infelizmente, Jude parece concordar.

— Bem, pensei que seria melhor respeitar sua privacidade, talvez andar um pouco, encontrar Romy, Rayne e Ava. — Ele dá de ombros, deixando claro o tamanho do desconforto que eu causei para ele.

— Elas estão aqui? — Olho em volta, mesmo sem esperar encontrá-las. É mais uma tentativa de me controlar que qualquer outra explicação.

Jude me lança um olhar estranho, mas se apressa em desfazê-lo.

— Não, estão no plano terreno. Por quê? — Ele abaixa as sobrancelhas e fica sério. — Ever... o que está acontecendo?

A energia de Damen irradia atrás de mim, e eu sei que ele está pensando o mesmo. Então respiro fundo e encaro os dois com cuidado, enquanto obrigo as palavras a saírem por meus lábios:

— Ouça, estou fazendo uma pequena... *pesquisa*. E como só tenho uma semana para concluí-la — lanço um olhar incisivo a Damen —, pensei que, bem, se não se importar, eu, digo, *nós*... — Olho fixamente para Damen, praticamente implorando que confie em mim. — Bem, levando em conta a limitação de tempo e as ideias que você compartilhou conosco, pensei que talvez pudesse me ajudar. Acho que sua perspectiva poderia ser muito, muito útil. Mas, claro, é você quem decide...

Jude olha para nós dois, ponderando, considerando, escolhendo se dirigir a mim ao dizer:

— Certo, estou dentro. É o mínimo que posso fazer por estragar tudo com Haven e praticamente todo o resto que diz respeito a você. Então, por onde começamos?

Sento-me perto de Damen, meu joelho esquerdo bem colado ao direito dele sob o grosso tampo de madeira da mesa, poupando Jude de ver essa cena. Não há necessidade de esfregar no nariz dele. Fazê-lo se sentir pior que já está.

Mas não demora muito para que ele se levante do lugar à nossa frente, murmurando sobre outra tática que gostaria de experimentar, algo que acabou de lhe vir à mente. Apesar da desculpa, fica bem claro que ele está procurando uma fuga, está ansioso para ir a outro lugar, onde não precise ficar tão perto de Damen e de mim.

Olho para a grande bola de cristal que flutua diante de Damen e tento entender as imagens que ela revela. Mas desse ângulo só vejo um borrão colorido. Para ver de verdade, é preciso sentar-se bem de frente para a bola. Ainda assim, posso deduzir, pelo modo como Damen a observa, ombros caídos, cabeça pendendo ligeiramente para a frente, respiração estável e lenta, que o que quer que ele esteja vendo não é de nosso interesse, não é nada que nos leve até a informação de que precisamos. Na verdade, a única coisa que parecia estar fazendo é niná-lo.

Franzindo a testa diante do tablet que se encontra em minha frente e que fornece tanta esperança quanto a bola de cristal diante de Damen, afasto-o com indignação e olho ao redor. Estou desesperada pela ajuda de alguém ou de algo — não sou exigente, ficaria satisfeita com o que conseguisse a esta altura, mas nenhuma ajuda aparece. Todos continuam imersos em seus assuntos, em sua própria jornada pessoal, sem notar minha presença. Apesar de fechar os olhos, apesar da onda de perguntas que flui de minha mente, apesar de meu pedido por assistência óbvio, alto e claro, os Grandes Salões não fazem tentativa alguma de me atender, de me conduzir à sala certa, como já ocorreu tantas vezes.

Tirando o fato de me terem deixado entrar, os Grandes Salões do Conhecimento parecem estar me ignorando hoje.

Tento ficar parada e me concentrar, meditar, transportar minha mente para um lugar de calma e beleza — mas estou inquieta demais, agitada demais, não consigo manter o foco. Minha cabeça foi invadida pelo tipo de pensamento que torna impossível encontrar alguma paz. Quer dizer, como eu poderia relaxar e me concentrar em cada respiração quando estou bem ciente do tique-taque do relógio em minha cabeça, lembrando-me sem parar de que meu prazo de uma semana está encolhendo rapidamente, chegando cada vez mais perto do fim?

Dou mais uma espiada na bola que gira diante de Damen, e não consigo deixar de me sentir por baixo, derrotada, e acabo permitindo que minha mente viaje para um local que eu preferiria não visitar.

Um lugar de dúvidas.

Suposições.

Extrema limitação.

A parte que deseja acreditar é rapidamente dominada pela dúvida do que seria pior: estar certa a respeito de minha intuição... ou totalmente errada?

Seria melhor ser a única responsável pelo surgimento da parte lamacenta de Summerland — ser a esperança da velha louca, assim como alvo de seu desprezo?

Ou seria melhor estar redondamente enganada a respeito de tudo, totalmente errada em todos os sentidos? O que, principalmente, aliviaria minha carga e me livraria do fardo, da enorme responsabilidade que tudo isso trouxe.

E se a velha senhora for realmente uma louca intrometida de Summerland, como alega Damen?

E se o sonho que eu estava certa de ter sido enviado por Riley não tiver outro significado além daquele de que Damen está convencido: um grito patético de meu subconsciente por mais atenção dele?

E se eu estiver apenas perdendo nosso tempo? Fazendo mau uso de uma semana que poderia ser muito mais bem-aproveitada?

Pior ainda: e se eu estiver sendo apenas egoísta o suficiente para arrastar Jude para essa história também, quando é tão dolorosamente óbvio o modo como ele se sente desconfortável perto de Damen e de mim?

Engulo em seco e olho para Damen, sabendo que é hora de me dar por vencida, de materializar uma mochila cheia de tudo o que é essencial durante as férias, para que possamos dar o fora daqui e partir para o destino que ele desejar. Só porque temos uma eternidade juntos, isso não significa que eu queira desperdiçá-la, nem mesmo alguns dias apenas. Mas primeiro há uma última tentativa que quero fazer, e para isso precisarei ir até o pavilhão.

Ele olha para mim, aqueles olhos amendoados, escuros e de cílios longos me encarando, os lábios se abrindo de um modo que me incentiva a me recostar nele e colocar a mão em seu braço quando digo:

— Damen, tenho uma ideia.

Sua bola de cristal para, desaparece, e, pelo olhar em seu rosto, vejo que ficou aliviado por ter se livrado dela.

— Por que não encontra Jude e diz que ele pode parar de procurar, que mudei de ideia e não quero que ele perca mais tempo? Enquanto isso, vou ao pavilhão. Espero você lá.

— O pavilhão? — Ele sorri, seus olhos brilhando de esperança.

Confirmo com a cabeça, aproveitando para beijar sua testa, o nariz, os lábios, e depois me afasto e digo:

— Depressa!

Ele realmente foi depressa.

Posso dizer só de olhar.

Em geral ele é perfeitamente tudo-em-seu-lugar, garoto-propaganda da serenidade suprema, da calma e do total equilíbrio em qualquer ocasião. Mas, parado diante de mim, com o rosto levemente corado, o cabelo caindo nos olhos e as roupas um pouco desarrumadas — bem, em qualquer outra pessoa não seria nada extraordinário —, é evidente sua expectativa.

— Bem, isso foi inesperado. Agradável. Na verdade, *mais* que agradável, não me entenda mal, mas ainda assim foi inesperado.

Estou encolhida no grande sofá branco que mais parece um marshmallow e me ajeito quando ele chega. Livro meu rosto da expressão de desapontamento e trato de substituí-la por entusiasmo para combinar com o de Damen — o que é uma façanha difícil de se realizar pouco depois de ter visto meu último recurso dar errado.

Ainda assim, é hora de seguir em frente, agora tenho certeza, então forço um sorriso, que se torna natural assim que vejo a tulipa recém-colhida que Damen traz nas mãos. Seu rosto se ilumina com um sorriso que fica mais largo à medida que ele se aproxima de mim, percorrendo a distância em poucos passos, parecendo um rápido borrão escuro. Quando percebo, ele está colocando a tulipa em meu colo, sentando-se a meu lado e olhando para o controle remoto que ainda está em minha mão.

— Encontrou Jude? — pergunto, querendo tratar dos assuntos sérios antes de ficar distraída demais com nosso passado.

Ele faz que sim com a cabeça, chega mais perto, passa o braço a meu redor.

— *E?* Ele descobriu algo?

Damen olha para mim. Um leve não com a cabeça é tudo de que preciso como resposta.

Mesmo que isso me faça murchar um pouco (O.K., talvez mais que *um pouco*), não suspiro, resmungo, nem faço nada do tipo. Na verdade, não faço nada que deixe transparecer como essa notícia me afeta.

Parte de mim sabe que é melhor assim. Logo quando Damen e eu estamos indo tão bem, completamente comprometidos um com o outro como nunca antes, logo quando ele está preparado para me levar em férias a um lugar maravilhoso, exótico e romântico (ainda indefinido) — bem, a última coisa de que preciso é jogar areia em nossa felicidade, sobretudo depois de tudo pelo que passamos para chegar até aqui.

A última coisa de que precisamos é que eu nos coloque em uma busca inútil, ignorando solenemente o óbvio, o fato gritante e impossível de não ver de que todos os sinais deixam claro que estou errada. Sei muito bem que essa é uma daquelas horas em que é melhor estar errada, em que estar certa só resultaria em uma série de aborrecimentos.

Sim, parte de mim sabe disso muito bem.

E, quanto à outra parte, bem, ela terá de aprender a se render.

— E então, qual vai ser? — pergunta Damen, apressando-se em roubar o controle remoto.

Estreito os olhos, franzindo a testa para ele de um modo brincalhão. Lembro a última vez em que ele não pegou o controle a tempo, deixando-me apertar uma série de botões que revelaram uma

trágica, porém esperançosa, vida de escravidão que ele pretendia manter em segredo.

— Não é por causa disso — diz ele, interpretando mal minha expressão e tentando me devolver o controle. Ele quer que eu tenha certeza, sem qualquer sombra de dúvida, de que realmente já vi tudo, de que testemunhei todas as minhas vidas, mesmo as partes ruins.

Mas eu logo deixo para lá. Tudo que tentei até agora deu errado, então fico feliz em deixá-lo assumir daqui em diante.

Fito seus olhos, incapaz de impedir meu rosto de corar, e digo:

— Que tal Londres? — Fico vermelha. Não consigo evitar. Por mais frívola e superficial que eu tenha sido, gostei bastante de minha vida como a bela e mimada jovem de cabelos escuros, filha de um rico proprietário de terras. Deve ser porque eu não tinha problemas naquela época, porque era uma vida tão livre de fardos. Minha morte pelas mãos de Drina foi a única parte sombria em toda aquela existência.

Damen estreita os olhos, os dedos a postos nos botões.

— Tem certeza? Londres? Por que não Amsterdã? — Ele me lança um olhar irresistível de cão sem dono.

Dou um sorrisinho como resposta, sabendo exatamente por que Damen sempre quer voltar a Amsterdã. Apesar de ele sempre dizer que é por causa da pintura (sendo a arte seu segundo amor, depois de mim), conheço muito bem seus motivos. Sei que é porque ele pode me pintar seminua, como sua musa sedutora e muito pouco modesta, de cabelos castanho-avermelhados.

Concordo, imaginando que é o mínimo que posso fazer depois de todo o tempo que passei chateando-o nos Grandes Salões do Conhecimento. Leva apenas alguns segundos para que a tela pisque diante de nós, ele pegue em minha mão, levante-se do sofá e me conduza até ela.

Mas, como sempre faço, paro um pouco antes de alcançá-la. De onde estou, parece uma placa dura, pesada, sinistra — do tipo que provocaria uma grande concussão a quem fosse tolo o suficiente para tentar se fundir com ela. Não há qualquer sinal de que se trata de algo que cederia o suficiente para alguém entrar.

E, como sempre faz, Damen olha para mim e diz:

— *Acredite.*

E eu acredito. Respirando fundo e fechando os olhos como se estivesse prestes a mergulhar em uma piscina bem funda, pressiono o corpo contra a tela, continuando a fazer força até estarmos do outro lado... até sermos parte da cena.

A primeira coisa que faço é enterrar as mãos nos cabelos. Passo os dedos pelos fios e sorrio ao sentir as madeixas macias e sedosas. Adoro esse cabelo. Sei que é vaidade, mas não posso evitar. As cores formam o mais belo vermelho flamejante, como um pôr do sol exuberante com uma pitada de dourado. Quando olho para meu vestido, ou, mais precisamente, para o pedaço de seda rubra que me envolve, preso por um nó frouxo atrás do pescoço, bem, sempre me surpreendo com o tanto de confiança de que preciso para usar algo assim. Quando estou aqui, vestida como ela, não me sinto nem um pouco tímida.

Mas não sou mais a Ever de dezessete anos — ela foi substituída por Fleur, de dezenove, uma linda garota holandesa que não duvida de sua beleza, não duvida de si mesma.

Não há dúvidas a respeito do amor inesgotável que brilha nos olhos do belo artista moreno diante do cavalete ao pintá-la.

Ando com graça e desenvoltura pelo campo de tulipas. Deleito-me com a sensação das pétalas macias e sedosas e com os caules que roçam em mim, paro na hora certa e me viro para ele,

sustentando a pose que ele me pediu para manter.

Meu olhar vai das flores até o céu riscado de nuvens. Simulo que estou preocupada, cativada pela dádiva da natureza que me cerca, quando, na verdade, estou apenas esperando pelo momento inevitável em que ele troca a pintura por mim.

Deixo meus olhos repousarem nos dele e permito apenas a sombra de um sorriso quando vejo o modo como seu pincel treme — sinal claro de que em alguns segundos ele largará o prazer de me capturar na tela pelo prazer de me capturar nos braços. Posso ver o desejo, a chama ardente que irrompe em seu olhar.

E não demora muito para que ele deixe a tela de lado e venha em minha direção. Seu caminhar é lento, cauteloso, mas completamente calculado, o fogo em seus olhos é tão intenso que posso sentir o calor de onde estou. Finjo estar tão concentrada na pose a ponto de não me dar conta de sua proximidade, do formigamento e do calor que correm por meu corpo, dentro de mim, a meu redor — um jogo de sedução de que ambos gostamos.

No entanto, em vez de me tomar em seus braços, ele para bem diante de mim, os dedos tremendo quando enfia a mão no bolso e pega um pequeno frasco prateado. Um recipiente que contém a mistura vermelha e leitosa que ele sempre bebe. Seus olhos continuam queimando sobre os meus, mas, atrás da sombra do desejo de sempre, esconde-se algo novo — algo tão impossível de descobrir quanto de negar.

Seus dedos tremem enquanto ele pega o frasco e o levanta, oferecendo-o a mim. Seu corpo quer que eu aceite, que experimente, mas seu olhar atormentado diz o oposto. Ele trava uma batalha interior, até que, finalmente, dominado por um medo indefinido, sua expressão muda, mostrando uma determinação tão amarga e brutal que o faz guardar o frasco e estender a mão para mim.

Seus braços me envolvem, apertando-me com força contra o peito. Seu corpo emana tanto amor, tanta reverência, que fecho os olhos e me afundo nele. Afundo na sensação de seu toque, de seus lábios encontrando os meus, fico perdida no sentimento maravilhoso, flutuante e leve de estar com ele. É como deslizar entre as nuvens, surfar em arco-íris — somos à prova de gravidade, sem fronteiras. Estamos enlaçados em um beijo tão comovente e prolongado que não conseguimos mais voltar para casa, para o plano terreno.

Nós nos beijamos de um modo que, apesar de ser muito melhor que em casa, também se restringe aos acontecimentos de antes.

Seus dedos rastejam para cima, chegando ao fraco nó de seda em meu pescoço. Prestes a desatá-lo, a me desatar, quando eu (ela!) emito um pequeno som de protesto e o afasto. E, bem, naquele momento não consigo deixar de xingá-la.

Fleur estúpida.

Que garota estúpida eu era!

Se ela era tão confiante — tão despreocupada e segura de si —, por que o interrompeu bem quando chegaram à parte boa, bem quando estavam prestes a...

Dominada pelo aborrecimento de ver que a decisão que tomei naquela época me assombra até hoje — determinando o que somos capazes de fazer, até onde temos permissão para ir —, minha frustração cresce tanto que, quando vejo, sou lançada para fora da cena.

Para fora da personagem.

Não sou mais Fleur, voltei a ser eu, Ever.

Fico ali parada, olhos arregalados, recuperando o fôlego. Surpresa por ainda fazer parte do cenário, poder observar tudo o que se desenrola diante de mim, embora não esteja mais dentre os

protagonistas.

Não sabia que podia fazer isso. Não tinha ideia de que podia escolher ser apenas espectadora. Não imaginava que isso fosse possível.

Mas, enquanto estou ali parada, observando tudo com admiração, Damen continua completamente alheio. Envolvido demais para notar. Imerso demais no momento para se dar conta de que a garota que ele tenta despir está, digamos, *desocupada*, por falta de uma palavra melhor.

— Damen. — Suspiro, mas ele não se vira, não percebe que ela é apenas uma casca vazia, sem alma. — Damen — repito, com um pouco mais de firmeza dessa vez. Mas, droga, já chega. É como ver seu namorado beijar outra pessoa, mesmo que essa outra pessoa tenha sido você. Mesmo assim, é muito estranho. Está me enlouquecendo.

Ele se afasta relutante, virando-se para mim com um olhar que só pode ser descrito como profundamente confuso. Um grande rubor sobe de seu pescoço para o rosto quando ele se dá conta de que passou os últimos segundos agindo, na versão Summerland, como uma pré-adolescente que pratica beijos em um travesseiro.

Ele alterna o olhar entre nós — entre a versão de *mim* viva que se mexe e respira diante dele e a versão desocupada e um tanto translúcida de Fleur a seu lado. E, mesmo que ela continue quase tão atraente quanto antes, o fato de ela estar congelada nessa pose, com os olhos apertados, os lábios franzidos e os cabelos jogados para o lado, bem, me faz rir. Mas Damen não parece concordar, pois não ri junto comigo.

— O que está acontecendo? — Damen franze a testa, arrumando a camisa larga de algodão que usava na época.

— Desculpe... eu só... — Olho em volta, esforçando-me para suprimir o riso, pois sei que ele está já está bastante constrangido. — Acho que eu... — Dou de ombros e começo de novo. — Bem, não tenho muita certeza do que aconteceu. Num minuto eu estava me deixando levar por tudo e, no minuto seguinte, estava tão irritada com ela por afastar você que isso me expulsou da cena, me expulsou *dela*.

— E quanto tempo faz isso? Há quanto tempo está aí assistindo? — ele pergunta, quando o que realmente quer descobrir é o tamanho de seu constrangimento.

— Não muito. É sério. — Confirmo vigorosamente com a cabeça, na esperança de que ele acredite.

Damen concorda, obviamente aliviado. Sua cor vai voltando ao normal enquanto ele se aproxima de mim.

— Desculpe, Ever. De verdade. Tudo o que tentei até agora deu errado. Não consigo descobrir o antídoto de Roman, embora tente com afinco. — Ele me olha com expressão de derrota. — E, enquanto eu não conseguir pensar em outra opção, em algo que ainda não tenha tentado, receio que só possamos chegar até aqui. Mas, se o pavilhão está deixando você frustrada, talvez devêssemos parar de vir. Pelo menos por algum tempo.

— Não! — Olho para ele e nego com a cabeça. Não foi isso que quis dizer, nem chega perto. — Não, não... — Sou rápida em descartar a ideia. — Não é que eu não estivesse envolvida com o momento também, eu estava. Estava gostando do jogo de sedução dela, assim como você. E acredite: também estou surpresa com o que aconteceu. Bem, eu certamente já tive um pensamento ou outro que parecia meio fora de contexto, mas essa é a primeira vez que um desses pensamentos me tirou da personagem. Eu nem sabia que isso era possível... *Você sabia?*

Ele olha para mim, dá de ombros.

Sempre fica muito envolvido com o momento para se dar o trabalho de pensar a respeito.

— Mas, mesmo assim, agora que estamos aqui... — Faço uma pausa, pensando se realmente devo seguir com isso, e decido que nada tenho a perder. — Bem, há uma coisa que quero fazer, algo em que pensei recentemente.

Ele espera, espera que eu pare de enrolar e vá direto ao ponto.

Aperto os lábios e olho em volta, tentando organizar meus pensamentos, reunir as palavras certas. Na verdade, não pretendia levantar essa questão, não tinha intenção de tocar no assunto, mas mesmo assim nada me impede de me virar para ele e, em palavras precipitadas, dizer:

— Estive pensando... Certo, não sei bem como dizer isso, mas, você sabe, sempre que vimos para cá, escolhemos dentre as minhas vidas.

Damen confirma pacientemente com a cabeça, embora seu olhar denuncie a sensação oposta.

— Bem, parte de mim não para de pensar: por que sempre escolhemos dentre as minhas vidas? E se Damen Augustus Notte Esposito não tiver sido sua primeira vida?

Ele não fica boquiaberto, admirado, não se encolhe, não vacila, não se atrapalha nem resmunga, não tenta ganhar tempo com alguma manobra que eu poderia apostar que ele usaria.

Nada. Apenas continua ali parado, com o rosto completamente vazio, desprovido de expressão, como se não estivesse pensando na ideia que acabei de levantar. Olhando como se eu tivesse acabado de falar em um dos poucos idiomas que ele não domina.

— Pouco antes de você chegar aqui, usei o controle remoto para digitar os números. Você sabe: oito, oito, treze, zero, oito. Achei que pudesse ser uma data importante, ou algo assim... uma época em que ambos vivemos. Nada aconteceu, mas mesmo assim não consigo deixar de pensar que seja uma possibilidade real. Bem, ambos sabemos que já fui uma empregada parisiense chamada Evaline, não é? E a filha de um puritano chamada Abigail; uma socialite mimada de Londres, Chloe; a musa de artista... — aponto para ela —, Fleur. E a jovem escrava Emala. Mas e se você nem sempre tiver sido Damen? E se você já foi, há muito tempo, alguém muito diferente?

E se você também reencarnou?

Não pronuncio a última frase, mas sei que ele a ouve mesmo assim. As palavras giram ao nosso redor de um modo que não pode ser ignorado, mesmo estando claro que é exatamente isso que Damen pretende fazer.

A rigidez de seus ombros e o olhar sério são praticamente o oposto de minha agitação e meu rosto radiante. Mesmo que eu tente manter a calma, não adianta. Estou tão empolgada com a nova ideia — com essa possibilidade talvez desconhecida — que quase posso sentir a energia tremulando a meu redor. Se eu possuísse uma aura — nenhum imortal tem, mas se eu possuísse —, tenho quase certeza de que estaria brilhando em violeta com muitos e muitos pontos dourados, porque é exatamente assim que me sinto.

É assim que *sei* que estou certa.

Mas aparentemente sou a única que acha isso, porque Damen se vira e vai embora sem dizer em absoluto nada deixando-me sozinha e boquiaberta em um campo de tulipas vermelhas.

Saio de Summerland e apareço novamente na casa, encontrando Damen visivelmente desanimado, jogado no sofá.

Olho para mim, notando que a faixa de seda é na mesma hora substituída pela calça jeans e o suéter azul de antes, assim como a bela camisa branca e as calças pretas de Damen são trocadas pelas roupas que ele escolheu pela manhã.

Mas, infelizmente, a mudança é só nas roupas, seu humor não se altera. Analiso seu rosto em busca de um pouco de ternura, algum tipo de abertura para mim, mas nada consigo além de um olhar impassível em troca. Então me dirijo para uma parede próxima e paro ali, decidida a ficar encostada pelo tempo que for necessário até ele dar o próximo passo. Não sei o que o irrita mais: eu ter saído da cena ou a ideia de que ele possa ter vivido antes. O que quer que seja, obviamente libertou algum tipo de demônio interior.

— Achei que tivéssemos superado isso — ele diz finalmente, olhando em meus olhos antes de continuar. — Achei que estivesse pronta para seguir em frente e se divertir um pouco. Achei que tivesse entendido que não estava chegando a lugar algum, de que estava errada sobre Summerland, sobre sua parte sombria, sobre a velha... *sobre tudo*. Achei que quisesse passar no pavilhão para que pudéssemos nos divertir um pouco antes de sairmos de férias. E então, assim que começamos a aproveitar, você muda de ideia. O que posso dizer? Estou um pouco decepcionado, Ever. É sério.

Passo os braços em volta de mim mesma, como se eles pudessem me proteger de suas palavras. Não queria decepcioná-lo; essa não era minha intenção. Ainda assim, não consigo me livrar da ideia de que desvendar o enigma da idosa nos levará a um futuro mais feliz, mais brilhante. É tudo o que quero. E sei que é tudo o que ele quer também, apesar de seu atual mau humor.

Mas não digo nada. Principalmente porque é sempre Damen — minha alma gêmea, o amor de minhas vidas — quem está lá para desarmar minhas bombas emocionais antes que explodam em nossa cara. O mínimo que posso fazer é retribuir o favor.

Ele olha para mim, ainda infeliz. Então mantenho a voz propositadamente suave e melosa, relaxando o corpo e colocando as mãos diante de mim, dedos estendidos, palmas abertas, em um gesto de paz, quando digo:

— Está chateado porque eu interrompi a cena e saí da personagem? Ou porque insinuei que você possa ter vivido antes como outra pessoa? Ou... ou as duas coisas? E se forem as duas coisas, o que o chateia mais?

Espero que ele responda. Estou preparada para o pior, preparada para ouvir qualquer coisa a esta altura, e ainda assim sou pega de surpresa quando ele diz:

— Tudo isso é ridículo. Uma *vida anterior*? Ever, *por favor*. Já estou por aqui há mais de seiscentos anos. Não é tempo suficiente para você?

— *Ceeeerto...* — Arrasto a palavra, decidida a manter meu argumento, mas sei que preciso avançar com cuidado, já que o assunto o deixou irritado. — E eu venho entrando e saindo do mundo há quatrocentos anos... *que a gente saiba*. — Enfatizo com a cabeça, ciente de que isso certamente o deixará chateado, mas é algo que precisa ser dito.

— Que *você saiba*? — Ele me encara, levando para o lado pessoal. — Acha que estou escondendo algo mais? Outra escrava, talvez?

— Não. — Nego com a cabeça, refutando rapidamente, desesperado para esclarecer. — Não, nada disso. Estava pensando mais no fato de haver outras vidas das quais... das quais *não estamos cientes*. Damen, é sério, no mínimo você precisa admitir essa possibilidade. Você acha que o mundo a seu redor surgiu no dia em que Damen Augustus Notte nasceu? Acha que era uma alma recém-criada, sem passado? Sem carma a pagar?

Ele junta as sobrancelhas e seus olhos escurecem, mas a voz continua calma, equilibrada, quando diz:

— Desculpe-me, Ever. Desculpe-me por sufocar sua ideia com a verdade. Mas o fato é que uma alma precisa começar de algum ponto, em algum momento ser “recém-criada”, como você disse. E

por que não naquele lugar e naquela época? Além disso, se houvesse outra vida, anterior, eu já saberia. Teria visto em Shadowland.

— Então está me dizendo que não viu? — Não quero deixar o assunto morrer, apesar do argumento inegável que ele levantou, apesar de eu estar ficando sem energia.

— Não vi. — Ele confirma as palavras com uma expressão solene, resoluto, determinado a não se gabar da vitória neste assunto.

Eu suspiro, fecho os olhos e enfio as mãos nos bolsos. Lembro-me de minha própria viagem a Shadowland, o borrão de imagens que surgiu diante de mim — a meu redor —, mas não revelou nada inesperado, nenhuma vida passada da qual eu já não soubesse.

Nenhuma versão de mim com o nome Adelina.

Nada que tenha ocorrido no ano de 1308.

Quando abro os olhos, Damen está diante de mim, com o olhar suave e gentil, colocando um buquê de tulipas em minha mão. As palavras “*Sinto muito*” pairam entre nós, escritas com uma letra cursiva espessa violeta.

“*Eu também*”, escrevo embaixo. “*Não queria decepcioná-lo.*”

— Eu sei — ele sussurra, envolvendo-me com os braços enquanto fecho os olhos e me afundo nele, saboreando a sensação de seu corpo contra o meu. — E sei que vou me arrepender disso, mas pode pegar sua semana de volta. É sério. Investigue o tanto que quiser e eu farei o possível para ajudá-la. Mas, quando a semana chegar ao fim, Ever, você será toda minha. Tenho grandes planos para nossas férias.

— Quando concordei em ajudar na pesquisa, achei que seria nos Grandes Salões do Conhecimento. O que vamos fazer aqui? Acampar pelos próximos seis dias? — Damen olha para mim, horrorizado só de pensar. Fica mais que consternado por estar ali, já que dava como certo que seus dias sem as facilidades com as quais agora se acostumou, como magia e materialização, isso sem contar água encanada, eram coisa do passado. — E se ela não voltar? O que faremos?

Ele se acomoda a meu lado, apoiando-se com mais força que o necessário, ou pelo menos é o que me parece. Seus movimentos fazem com que a lona afunde e balance, resultando em um som nojento de algo pegajoso quando o solo borbulha e afunda sob nós.

O barulho me faz ter um ataque de risos, não consigo evitar. Mas Damen faz um gesto de reprovação com a cabeça e revira os olhos, sem a mínima paciência.

Fomos espertos o suficiente para materializar duas grandes lonas — uma na qual nos sentarmos e outra para nos proteger da fúria constante da chuva —, além de alguns outros itens essenciais antes de chegarmos a este lugar, a parte de Summerland onde a magia não funciona, a materialização não existe, mas não consigo deixar de pensar que deveríamos ter feito mais alguma coisa — como um *trailer* todo equipado, que poderíamos ter estacionado aqui perto. Ainda assim, estou determinada a fazer o melhor possível, esperar até que a velha apareça novamente.

E é melhor que ela apareça, ou nunca conseguirei superar isso tudo.

O solo continua a afundar e espirrar água toda vez que um de nós faz o menor movimento, forçando-me a conter um novo ataque de risos e voltar minha atenção a Damen quando digo:

— Em vez de se preocupar com o que você fará se ela *não vier*, talvez fosse melhor começar a pensar no que fará quando ela *aparecer*. No fim das contas, não é para isso que estamos aqui?

Ele olha para mim, passa a mão nos cabelos, tirando-os da testa, e diz:

— Sinceramente, Ever? Só estou aqui porque jurei lealdade eterna a você. Sabe aquela parte que diz “na alegria e na tristeza”? Imagino que este seja um momento de *tristeza*, o que significa que, daqui em diante, só pode melhorar.

Olho para ele, tentada a fazer algum comentário sobre não sermos casados, mas decido que é melhor não abusar da sorte, então deixo para lá.

— E então, o que vai fazer se ela vier? — Damen se inclina para trás e olha para a lona pendurada sobre nós, sem magia, sem materializações, sem nada melhor para fazer.

— Confrontá-la diretamente. Direi para parar de falar em códigos e ir logo ao ponto. Eu...

Ele olha para mim, esperando para ouvir mais. Mas não há mais nada. Meu plano só vai até aí. Então coloco as mãos no colo e encerro o assunto.

— Certo, e enquanto ela não vem? — Ele ergue a sobrancelha.

Olho para ele sem expressão até me lembrar da mochila que materializei antes. Corro para pegá-la, jogo-a na frente dele e observo enquanto ele se senta e olha lá dentro, encontrando um suprimento de revistas, alguns livros, baralho, jogos de tabuleiro e várias garrafas de elixir gelado.

— Não estou entendendo — diz, aparentemente confuso com o farnel. — O que é tudo isso?

— É algo que gosto de chamar de “tirar o melhor de uma situação não muito boa”. — Balanço a cabeça para enfatizar, prendendo o fôlego enquanto ele hesita, fica em silêncio e então decide

prosseguir.

Damen levanta a tampa da caixa de um jogo de tabuleiro e começa a arrumar as peças, então me sento a seu lado.

Estico as pernas até estarem quase alinhadas com as dele, olhando ao redor na expectativa de encontrar a *senhora*. Nada vejo além da paisagem usual de céu cinzento, terra encharcada e uma chuva que se recusa a cessar ou diminuir de intensidade, faço um pedido em silêncio para que ela apareça o mais rápido possível e volto a me concentrar em Damen, sinalizando para que ele comece a partida.

Três jogos, uma soneca (Damen, não eu) e duas garrafas e meia de elixir depois, ela aparece.

Ela simplesmente... *aparece*. Em um minuto somos só nós, sem sinal de mais ninguém, e no outro ela está parada diante de nós, com aqueles olhos envelhecidos focados em mim como se nunca tivesse ido embora.

— Damen! — Olho para ele, vendo como se mexe e começa a se virar. Agarro sua perna, balançando uma, duas vezes, e repito: — Damen, acorde! Ela está *aqui*.

Digo como se a mera visão de sua pessoa promettesse algo muito bom; como se eu tivesse acabado de ver Papai Noel em um trenó cheio de presentes puxado por renas voadoras.

Damen se senta de repente levanta apressado e passa a mão rapidamente pelos olhos para afastar o sono antes de se virar para mim. É um atraso que faz com que ele não me alcance e perca a chance de me puxar para perto de si, pois fico de pé e ando na direção dela. Não tenho ideia do que dizer, mas esperei muito tempo debaixo da chuva para perder essa oportunidade.

— Você... — ela começa a dizer, levantando lentamente o braço, mas eu logo a interrompo.

Não é necessário entrar no “modo cantante”, não quando já ouvimos tudo e não precisamos ouvir novamente.

— A esse respeito... — Fico parada diante dela, tomando cuidado para deixar alguns metros entre nós, mesmo que, por sua idade avançada, eu duvide de que ela tenha condições de fazer algo que possa me machucar. — Ouvi a música, memorizei a letra e, é sério, não quero desrespeitá-la, mas será que podíamos nos comunicar falando normalmente? Ou pelo menos usando o tipo de linguagem com que estou acostumada, o tipo que faz sentido?

Passo os olhos sobre ela, observando suas mechas prateadas, os olhos impressionantes, a pele tão frágil e fina que parece que vai rasgar. Procuro por uma reação, algum sinal de que se tenha ofendido com minhas palavras, mas não encontro resposta alguma além de um olhar velho e reumoso que se volta para Damen assim que ele aparece a meu lado. Os ombros dele estão alinhados, as pernas, firmes, os pés, bem-apoiados, pronto para entrar em ação, fazer o que for preciso para me defender dessa estranha centenária, caso haja necessidade.

Esse pensamento parece tão idiota que eu poderia facilmente ter outro ataque de riso se a ocasião não fosse tão séria.

Fico na ponta dos pés, bem, o máximo possível, tendo em vista que estou com lama até os joelhos, lembrando que, numa das últimas vezes em que a vi, Misa e Marco me surpreenderam aparecendo detrás dela, mas, pelo que posso ver, hoje eles não estão aqui.

Por enquanto somos só Damen, a velha louca e eu. E parece que ela não está nem um pouco surpresa por estarmos aqui esperando.

Estou prestes a falar de novo, determinada a seguir em frente e conseguir o que vim buscar — resolvida a limpar minha consciência dessa dúvida que me corrói a alma, de que Damen possa estar certo, afinal, e isso tudo seja só mais uma cruel brincadeira cósmica, de que eu esteja sendo enganada da pior forma possível e nenhum de nós dois tenha tido quaisquer outras vidas antes —, quando ela olha para mim e diz:

— *Adelina*.

É isso. Ela diz apenas “*Adelina*”. Depois baixa as pálpebras e se curva de leve, levando as mãos ao peito, dirigindo o movimento a mim como se ela fosse algum tipo de adoradora e eu, uma divindade.

— Hum, veja, o negócio é o seguinte — começo a dizer, insegura a respeito de como responder a um gesto tão estranho e ansiosa para acabar logo com isso, fingir que nunca aconteceu. — Não tenho ideia do que está falando. Meu nome é *Ever*, e esse é *Damen*... — Olho para ele, que me encara com uma expressão de terror absoluto, insatisfeito por ter sido envolvido no assunto. Franzo a testa para ele, depois reviro os olhos e volto meu foco para a mulher, dizendo: — ...como a senhora *já sabe*. — Lanço outro olhar rápido para Damen, lembrando-o de que sua identidade não é segredo algum para ela. Na verdade, ela parece saber tudo sobre ele. Ou pelo menos sabe o nome dele completo. — Não tenho ideia de quem seja essa Adelina ou do que ela possa ter a ver comigo, então talvez a senhora possa me deixar a par de tudo, o que acha?

— Sou Lótus — diz com a voz sussurrada, os olhos fixos nos meus.

Beeem, não foi exatamente isso que perguntei, mas já é um progresso. Eu acho.

— Damen é a razão. — Sua cabeça se vira para ele. — O amor de vocês, o sintoma. — Ela alterna o olhar entre nós dois. — Mas você, Adelina, é a cura. A chave. — Ela olha fixamente para mim.

Aimeudeus.

Só porque não suspirei, não quer dizer que não pensei: *Lá vamos nós de novo, mais divagações cifradas que não fazem sentido algum*.

— Ouça, é o seguinte: como acabei de dizer, meu nome é Ever, *não* Adelina. Na verdade, *nunca fui* Adelina. Já fui Evaline, Abigail, Fleur, Chloe e Emala, mas nunca Adelina. Está falando com a pessoa *errada*.

Suspiro e viro as costas, irritada com aquele jogo. Há um vislumbre de alívio no olhar de Damen... alívio que logo se transforma em fúria quando a senhora dá um passo à frente e agarra minha manga.

— Ei. — A voz de Damen é áspera, mas Lótus o ignora, apertando cada vez mais meu braço enquanto me olha atentamente.

— *Por favor*. Nós todos esperamos por você tanto tempo. Esperamos por você, Adelina. Você deve voltar. Deve fazer a jornada. Deve encontrar a verdade. É o único jeito de libertá-las. De me libertar.

— Onde estão Misa e Marco? — pergunto, sem fazer ideia do motivo. Talvez por serem as únicas coisas que parecem tangíveis e reais neste cenário surreal.

— Há muitos esperando por você. A jornada é sua. Apenas sua.

— *Que* jornada? — pergunto, com a voz trêmula, quase como um choro. — Sinto muito, mas nada disso faz sentido. Se é tão importante que eu faça isso, mesmo *não sendo Adelina*, talvez a senhora pudesse parar com os enigmas e explicar de um modo que faça sentido para mim.

— A jornada de volta. — Ela abaixa a cabeça novamente, deixando-me com a visão de seus cabelos prateados.

— De volta para *onde*? — pergunto com o rosto enrubescido, quase histérica, sabendo que preciso me acalmar um pouco.

— De volta para o início. Para a cena que ainda não viu. Para as primeiras origens. Você deve ver. Aprender. Saber. Tudo. Mas deve estar ciente de que é apenas o começo. A jornada é longa, árdua, mas a recompensa é muito boa. A verdade traz a felicidade verdadeira. Mas apenas os puros

de coração podem tê-la. — Ela volta o olhar para Damen e acrescenta: — A jornada é sua e apenas sua, Adelina. Damen não é bem-vindo lá.

Damen entra na conversa, tendo ouvido mais que o suficiente.

— Ouça — diz —, não sei o que está tentando fazer aqui, mas...

Sua raiva é interrompida pela surpreendente visão da palma da mão da velha se erguendo, seguida do choque de vê-la pressionada contra seu rosto. Em um momento ele está gritando a quase um metro de distância, e no outro ela está praticamente colada em Damen, os olhos reumosos sobre os dele, transmitindo algo, algum tipo de mensagem ou lembrança reservada apenas a meu namorado.

Eu observo, fascinada, imaginando o que pode estar se passando entre eles. Sei apenas de uma coisa: seja o que for, está fazendo com que ela brilhe, emitindo uma luz que ilumina tudo ao redor. O espectro de cores é tão intenso que parece nascer de um lugar muito profundo, sem alternativa a não ser escapar e cercá-la por inteiro.

Mas, enquanto ela brilha, Damen faz o oposto. Sua silhueta em geral alta e esguia parece escurecer e encolher, até ele se transformar praticamente em uma casca dele mesmo.

— Damen Augustus Notte Esposito — diz ela. — Por que você me renega?

Eu apenas assisto, em choque por vê-lo tão perturbado a ponto de não conseguir responder, não conseguir encontrar a própria voz, muito menos escapar do que ela está lhe mostrando. Estou prestes a intervir quando ele balança a cabeça, endireita a coluna e se livra do feitiço, recuperando-se o suficiente para dizer:

— A senhora está louca. Está errada *e* louca. Mesmo não tendo ideia do que você está pretendendo, do que está tentando fazer, sei que é melhor você ficar longe de Ever. Bem, bem longe, está ouvindo? Ou não me responsabilizo pelo que lhe acontecer, não importa sua idade.

Mas se ele esperava que ela se afastasse ou fugisse assustada, bem, deve ter ficado tão surpreso quanto eu ao vê-la sorrir. Ambos ficamos observando seu rosto se iluminar, as bochechas se alargarem, os lábios se abrirem o suficiente para mostrar uma fileira espantosa de dentes — espantosa porque a maior parte deles estava acinzentada, amarelada ou faltando.

Sua atenção passa dele para mim, pega minha mão com a sua, ressecada e fina, e diz, confiante e segura:

— O amor dele é a chave.

Olho para ela, desvencilhando-me de sua mão:

— Achei que tivesse dito que Adelina fosse a chave.

— É tudo a mesma coisa. — Ela balança a cabeça, como se fizesse sentido. — Por favor. Por favor, considere a jornada. É o único modo de me libertar. E de libertar você também.

— A jornada de volta... de volta para o início? — digo, sarcasmo despontando. — E onde começa essa jornada? Onde termina? — Olho para ela, notando como ainda parece estar acesa por dentro.

— A jornada começa aqui.

Ela aponta para nossos pés, ou talvez para a lama, não dá para saber. Estou mais confusa agora do que quando tudo isso começou. Mas, quando nos encaramos novamente, percebo que a instrução é literal: a jornada começa naquela sujeira onde estamos.

— E termina na verdade.

Antes que eu tenha tempo de dizer qualquer palavra, antes que peça um pouco mais de esclarecimento, Damen passa os braços ao redor de minha cintura e me leva embora.

Sem se preocupar em olhar para trás, ele diz:

— Ninguém vai a lugar nenhum. Não nos incomode de novo.

— E a que conclusão vocês chegaram? — Ava joga os cachos castanho-avermelhados sobre o ombro e mira os olhos castanhos em mim, sentando-se em uma das velhas cadeiras dobráveis de plástico que Jude levou para o escritório, em uma tentativa de acomodar a todos nesta reunião improvisada.

— O que acham que tudo isso quer dizer?

Arrisco um olhar na direção de Damen, que recusou a cadeira e preferiu ficar recostado na parede, com os braços cruzados e uma expressão no rosto que diz claramente: *Já não encerramos essa história? Não pedi que aquela mulher se afastasse? Você não falou que pretendia apenas passar por aqui para pegar um ou dois livros e que iríamos logo embora?*

Rebato com uma expressão que quer dizer: *Você me prometeu uma semana, e ela ainda não acabou. A menos, é claro, que queira me dizer o que a velha lhe mostrou.*

Ele franze a testa, desvia o olhar, assim como imaginei que faria, então me viro para Ava.

— Não tenho ideia do que significa — admito, esforçando-me para fingir que não escutei Damen suspirar, mesmo ficando claro que a intenção tenha sido essa mesmo.

Jude alterna o olhar entre nós dois com cautela, sentindo corretamente a tensão que se instalou no paraíso e querendo mais do que tudo ficar fora disso. Ainda assim, como já havia prometido ajudar, toma seu lugar do outro lado da mesa, inclina a cadeira para trás e finge estar perdido em pensamentos profundos, olhando para o vazio, quando, na verdade, está apenas sonhando estar em outro lugar. Summerland seria meu palpite.

— Então ela acha que você é Adelina, ou que foi Adelina, ou... que seja... — Miles franze a testa, batendo a caneta nas páginas do diário com capa de couro que lhe dei antes que ele viajasse para Florença, fazendo anotações detalhadas, tentando entender alguma coisa, enquanto me ocupo em observá-lo. Noto que seu novo corte de cabelo o deixa muito mais parecido com o antigo Miles, aquele que me acolheu de bom grado no primeiro dia de aula, embora as bochechas redondas que tinha antes de passar as férias na Itália, participando de um acampamento de atores, tenham ido embora para sempre, transformando-o de fofinho em, bem, um cara muito, muito bonito.

— Sim — confirmo, ainda pouco acostumada em falar com tanta franqueza a esse respeito, pelo menos com ele, embora Miles esteja a par de praticamente tudo, saiba de quase todos os detalhes mais sórdidos de nossa vida. Graças à interferência de Roman e ao fato de ele ter estado presente na noite em que matei Haven, preso na armadilha dela, os olhos prestes a saltar das órbitas enquanto ela o estrangulava.

Ao matá-la, eu o salvei. E, ao fazer isso, perdi todas as esperanças de pôr as mãos no antídoto.

Mas faria tudo de novo se fosse preciso. Ele é um de meus melhores amigos e não havia feito absolutamente nada para merecer aquilo de Haven.

— Não tenho ideia de quem ela seja. — Faço uma careta. — Só sei que chama a si mesma de Lótus e está convencida de que sou Adelina. — As palavras saem de um modo que parece que estou falando sozinha.

Sou retirada dessa onda de confusão quando Romy e Rayne levantam a voz e dizem:

— Precisamos começar do início.

Olho para elas, tão perplexa com tudo que nem sei onde fica o início. Antes que eu possa

responder, elas se levantam das cadeiras, saem pelo corredor e vão para a loja. Voltam alguns instantes depois, retomam seus lugares e examinam o livro que abrem sobre o colo de Romy.

A voz de Rayne quebra o silêncio quando ela se debruça sobre a irmã gêmea, com os enormes olhos castanhos se arregalando sob as franjas desfiadas, e diz:

— Então, você disse que o nome dela é Lótus, certo?

Assinto com a cabeça.

— De acordo com o que diz aqui, o lótus cresce na lama, lutando contra a sujeira para conseguir alcançar a luz. E, uma vez que chega, floresce e se transforma em algo extraordinário, algo muito, muito bonito.

Respiro fundo e me dou conta de que talvez tenhamos feito algum progresso. *Lama, sujeira, velha louca chamada Lótus — tudo se encaixa, mas o que significa?*

— É um símbolo do despertar — diz Ava, interrompendo o que Rayne estava prestes a falar. — Do despertar para o lado espiritual da vida.

— Mas também representa a vida em geral — diz Jude, colocando a cadeira para a frente, apoiando os cotovelos na mesa e afastando os *dreadlocks* do rosto ao olhar para nós. — Sabe, superar as dificuldades e provações da vida e se transformar em seu verdadeiro eu, a bela criatura que está destinado a ser.

Ele olha para mim ao dizer isso, e não há nada que eu possa fazer para impedir meu rosto de corar. Conheço muito bem as dificuldades e provações de Jude, vi muito bem no dia em que fingi ler sua mão para provar que tinha poderes paranormais e garantir um emprego na loja. Vi tudo se revelar como se houvesse estado bem ali, ao lado dele, quando tudo acontecera.

Dotado de habilidades paranormais que seus pais se esforçaram para negar, ele perdeu a mãe muito cedo e, pouco depois, seu pai, consternado, enfiou uma arma na própria boca e a seguiu. Sozinho, Jude acabou morando com uma série de famílias adotivas até que a sequência de maus-tratos se tornou insuportável a ponto de a rua parecer uma opção muito melhor. Sua vida foi salva no dia em que Lina o encontrou, viu esperança nele e conseguiu convencê-lo de que não era esquisito, mas uma alma singular e privilegiada. Que a visão limitada dos outros não devia influenciar a pessoa que ele era, o homem que seria.

E agora Lina também se foi.

Comprimo os lábios e olho para ele, imaginando como está lidando com a situação, se é esse o motivo de passar tanto tempo em Summerland ou se é mais por minha causa — sua tentativa de superar a escolha que fiz.

Seus olhos encontram os meus, demorando-se apenas por um instante, mas ainda assim é suficiente para que eu desejasse poder amá-lo. Ele merece ser amado. Mas meu coração pertence a Damen. Apesar de nosso conflito atual, não tenho dúvidas de que fomos feitos um para o outro. Esse é apenas um pequeno obstáculo que logo superaremos.

— Também é uma tatuagem bastante popular. — Jude continua. — Pessoas que superaram tempos difíceis, conseguiram sair da lama, por assim dizer, costumam usá-la como um tipo de marca por terem sobrevivido à jornada e chegado ao outro lado.

— Você tem tatuagem? — Rayne pergunta, arregalando os olhos e se curvando na direção dele, praticamente caindo da cadeira de tanta empolgação.

— Uma ou duas — ele afirma, balançando a cabeça, um esboço de sorriso surgindo no rosto.

Ela fica boquiaberta, mal podendo acreditar que ele só vá responder isso. Então, é obrigada a perguntar:

— E o que são?

— Uma é um uróboro. Fica na região lombar.

Mesmo podendo sentir seu olhar correndo em minha direção, desvio totalmente o rosto. Eu a vi. Ah, sim, a tatuagem não passou despercebida.

— Um uróboro? — Ela estreita os olhos, olhando para a gêmea idêntica, igual em todos os aspectos, exceto pelas roupas. Romy gosta de cor-de-rosa, Rayne prefere preto. Às vezes, quando não estão por perto, refiro-me a elas como Boa & Demais, porque isso faz Damen rir.

— Pensei que uróboros fossem do mal — acrescenta ela.

— *Não* são do mal — diz Damen, decidindo colaborar, já que não tem alternativa a não ser ficar aqui até o final da reunião. — É um antigo símbolo alquímico de vida, morte, renascimento... imortalidade. — Ele ergue os ombros, olhando em volta, sem se ater a ninguém em particular. — Muitas correntes teológicas o adotaram no decorrer da história, todas atribuindo-lhe novos significados, mas ele *não* é do mal. Embora Roman e seus imortais perigosos o tenham adotado e feito parecer algo ruim, o símbolo por si só *não* tem nada de mau — afirma ele, interrompendo sua fala, pelo menos por enquanto, e voltando a recostar-se na parede.

— *Ceeerto...* — Rayne dá um sorrisinho forçado. — Se eu tiver que fazer um trabalho sobre isso, falo com você, mas por enquanto voltemos às tatuagens. — Ela balança a cabeça, e só não revira os olhos porque tem adoração total e completa por Damen. — E qual é a outra? — pergunta, voltando-se a Jude.

— A outra é um símbolo japonês para o lótus. Achei que uma flor de verdade seria... bem... um pouco feminino demais.

Ela o fita com as sobrancelhas erguidas.

— Eu era mais novo, menos evoluído, o que posso dizer? — Ele levanta os ombros e passa a mão nos cabelos.

— E... então... onde é essa outra? — Ela arrisca, mas Jude só ergue a mão e balança a cabeça, encerrando o assunto.

Rayne se vira para Ava, lança-lhe um olhar bravo e sério e estreita os olhos ainda mais quando Ava apenas ri em resposta. Pelo que posso ouvir dos pensamentos trocados entre elas, Rayne tem passado as últimas semanas implorando para fazer uma tatuagem e não consegue entender por que é obrigada a esperar mais cinco anos, até completar dezoito. Rayne já está no mundo há cerca de três séculos, a maior parte desse tempo passada em Summerland, vivendo como refugiada dos Julgamentos das Bruxas de Salém, e não vê motivo algum para que o período que passou lá não seja contabilizado aqui.

Mas esse assunto nada tem a ver comigo, então paro de escutar com a mesma rapidez com que comecei, ansiosa por retomar a discussão anterior.

— Bom, e quanto à canção? — pergunta Miles. — Como é mesmo? Algo sobre levantar da lama em direção ao céu, céu onírico, ou... ou algo assim?

— *Da lama se erguerá, os vastos céus oníricos alcançará, como você-você-você também deve fazer...* — canto, entoando a mesma melodia usada por Lótus.

— É óbvio que ela acha que você é como a flor do lótus — acrescenta Romy.

Sua irmã gêmea, ainda irritada por causa da tatuagem e não sendo uma de minhas maiores fãs — apesar do abraço recente que me deu em Summerland, depois de ver que sobrevivi ao ataque de Haven —, joga-se na cadeira e me lança um olhar duro. Certamente está duvidando de que uma coisa como essa possa ser verdadeira e escolhe ficar ao lado de Damen, por acreditar que a senhora devia

estar louca se viu esse tipo de promessa em mim.

— E o restante, como é? — Miles pergunta.

— *Das escuras profundezas, lutará para atingir a luz...*

— Novamente uma referência ao lótus — confirma Romy, apontando para a página do livro com a unha pintada de cor-de-rosa, aparentemente satisfeita consigo mesma.

— *Com apenas uma vontade... a verdade! A verdade de seu ser.*

— Seu destino — diz Ava, frustrando qualquer esperança de que pudesse saber qual é quando continua: — Seja ele qual for.

— Certo, e... — A cabeça de Miles balança enquanto a caneta percorre a página, anotando tudo.

— Hum, certo... — Fico pensando, tentando lembrar como é a continuação. — Ah, sim, depois vem: *Mas você permitirá? Deixará que se levante e floresça e progrida? Ou às profundezas a condenará? Exilará sua alma desgastada e exaurida?*

— Então basicamente você é a flor do lótus, ou pelo menos a guardiã das flores do lótus, e vai deixá-las cumprirem seu destino e florescerem, ou, o que é mais provável, vai estragar tudo e condená-las às profundezas.

— Rayne! — Ava a censura.

Mas Rayne dá de ombros e diz:

— O quê? Não fui *eu* quem disse, foi *a canção*. Eu só estava repetindo.

— Não é disso que estou falando, e você sabe muito bem. Sua intenção pesa mais que as palavras.

— A expressão de Ava fica séria.

— Desculpe — Rayne resmunga. Mesmo olhando para mim, fica claro que o pedido é para Ava.

— Sabem o que isso me faz lembrar? — indaga Damen, fazendo com que todos nos viremos, surpresos por ouvi-lo falar novamente. — Isso me faz lembrar 1968, quando os Beatles lançaram o *White Album* depois de uma temporada na Índia. Todos tentavam interpretar as letras, procurando algum tipo de sentido mais profundo e, no fim das contas, a maioria das pessoas estava errada, algumas tragicamente.

— Charles Manson — emenda Jude, recostando-se na cadeira outra vez, os dedos mexendo no símbolo maia estampado em sua camiseta. — Ele achou que o disco inteiro continha uma mensagem apocalíptica, convocando uma guerra racial, e usou esse argumento para justificar o assassinato de pessoas ricas, cometido por ele e por seus seguidores.

Estremeço. É inevitável. A história é muito assustadora. Ainda assim, não tem muito a ver com o que estamos fazendo aqui, e imagino que Damen saiba disso.

— Mesmo que tudo isso seja verdade — digo, cuidando para evitar seu olhar —, é certo que há uma mensagem *aqui*. E, segundo Lótus, há também uma jornada que só eu posso realizar. — Então, surpreendendo a todos, inclusive a mim, olho diretamente para Jude e digo: — Todo o tempo que você passou em Summerland... Durante todo esse tempo que estudou suas vidas passadas, *nossas* vidas passadas, viu alguma que eu não conheça? Uma que o tenha surpreendido? Uma em que eu me chamava Adelina?

Prendo a respiração, permitindo-me soltar o ar só quando ele nega com a cabeça e diz:

— Sinto muito, mas não.

— Certo. — Damen faz um sinal com a cabeça, afastando-se da parede e dando a entender que a reunião está sendo oficialmente encerrada. — Acho que tratamos de tudo o que podíamos aqui, não é?

Mesmo querendo protestar e responder que *não*, apenas faço um gesto positivo e concordo.

Em parte, porque sei que ele só está fazendo o que acha que é certo. Tentando me proteger de Lótus, da parte sinistra de Summerland e talvez até mesmo de mim.

E em parte porque, bem, ele deve estar certo. Provavelmente não há mais o que fazer aqui. Mesmo que eu relute em admitir, parece que discutimos tudo o que podíamos.

Pelo menos por ora.

Quanto ao restante, bem, espero que se revele no decorrer da jornada.

— Você vai entrar?

Damen fica a meu lado, bem a meu lado. Seu corpo está tão próximo ao meu que posso sentir a onda de formigamento e calor, seu hálito quente contornando meu rosto.

— Não — sussurro. — Eu... eu não posso. — Engulo em seco, passando os braços ao redor do corpo enquanto continuo a espiar lá dentro. Sinto-me uma bisbilhoteira da pior espécie por ficar do lado de fora no escuro, espionando Sabine e Munoz, em vez de abrir a porta e entrar para me juntar a eles, como uma pessoa normal.

Mas não sou normal.

Nem um pouco.

E é isso que me faz ficar encolhida aqui fora no escuro, do lado errado da janela.

Se não vai entrar, pode pelo menos me dizer o que estamos fazendo aqui fora? As palavras são pensadas, não ditas. Ele não quer correr o risco de ser ouvido.

Estou me despedindo, suspiro. Estou me preparando para um futuro sem ela.

Embora não esteja de frente para ver sua expressão, posso sentir o modo como a energia de Damen muda, o jeito como se amplia e expande até nos envolver, fornecendo uma espécie de abraço caloroso que se prolonga muito além do momento em que seus braços me alcançam e fazem o mesmo.

— Ever — ele sussurra, mãos agarradas em minha cintura, lábios atravessando minha cortina de cabelos e chegando até o rosto. Mesmo dando a impressão de que vai dizer mais, ele opta por ficar calado, deixando o beijo fazer o que as palavras não conseguem.

Nós nos abraçamos, vendo o casal feliz terminar o jantar. Um insistindo para que o outro fique com o último pedaço de pizza até que Sabine a dispensa e pega sua taça de vinho e Munoz ri e começa a comer.

Mas, apesar da atitude divertida dos dois, não é difícil localizar um quê de remorso no olhar de Sabine, um lampejo de derrota por ter arriscado, dado um ultimato, falhado na única coisa que realmente tinha algum significado para ela.

Um olhar que *quase* basta para me tirar de meu posto na janela, me jogar lá dentro e mostrar que está tudo bem, tudo perdoado.

Quase, mas não basta.

Em vez disso, permaneço no mesmo lugar, observando. Ela ainda está de terninho, o que, somado à pizza, indica que trabalhou até tarde. Munoz está vestido de modo mais informal, usando jeans desbotados e camisa branca com as mangas dobradas quase até o cotovelo, desfrutando uma folguinha da escola e usando as férias de inverno para trabalhar em seu livro.

O livro do qual estava prestes a desistir.

O livro que eu lhe disse que um dia seria publicado.

Pelo menos um benefício veio de minhas habilidades. Elas podem ter afastado Sabine, mas pelo menos consegui convencer Munoz a não desistir de seu sonho.

Estou tão perdida nesse pensamento e Damen está tão concentrado em me consolar que nenhum de nós está preparado quando Munoz sai pela porta lateral carregando um saco de lixo.

— Ever? — Ele fica parado diante de nós, saco balançando do lado, estreitando os olhos como se

não acreditasse no que está vendo.

Mostro a palma da mão, os olhos pedindo que ele fique quieto e mantenha o fato em segredo, que continue seu caminho até a lixeira como se não nos tivesse visto agachados abaixo do peitoril da janela.

Mas é pedir muito a alguém que está à sua procura. Embora siga até a lata de lixo para jogar o saco, volta rapidamente para onde Damen e eu estamos.

— Onde diabo você esteve? — Suas palavras me pegam de surpresa, principalmente por não terem saído tão irritadas quanto deveriam. Pareceram mais um grande suspiro de alívio.

— Estou na casa de Damen — digo, como se, de algum modo, aquilo explicasse toda a extensão de minha ausência. — E Sabine sabe muito bem, já que Damen telefonou a ela para contar. — Olho para Damen e percebo a onda de choque em seu rosto. Ele não se dera conta de que eu sabia.

— Sabine está muitíssimo preocupada. Precisa entrar para que ela veja que você está bem. — Ele alterna o olhar entre nós, ainda tentando atualizar o cérebro sobre o que está vendo diante de si.

— Sabe que não posso fazer isso — digo em voz baixa. — E sabe o porquê. Na verdade, sabe muito mais que deveria, muito mais que eu gostaria. — Suspiro e balanço a cabeça, lembrando-me do dia em que, há apenas algumas semanas, em uma correria frenética em direção a um desastre que eu não previ, materializei um buquê de narcisos e um BMW preto bem diante de seus olhos. Basicamente mostrando a ele que minha esquisitice — meus poderes — vai muito além da telepatia que ele já conhecia. Ele me viu correr como o vento, fazer objetos aparecerem onde antes havia apenas ar, e tenho quase certeza de que depois de superar o choque de tudo isso deve ter começado a imaginar do que mais sou capaz. Pelo menos é isso o que eu teria feito no lugar dele.

— Você também faz parte disso? — pergunta Munoz, voltando o foco para Damen, como se procurasse um lugar conveniente onde despejar toda a culpa.

— Sou a razão, sim — diz Damen sem hesitar, sem fazer qualquer pausa. Fico perplexa, surpresa com aquelas palavras, com a forma como ecoam o que Lótus disse antes.

Fico imaginando se foi isso que ele quis dizer ou se o fato de suas palavras refletirem as dela é mera coincidência.

Munoz pensa, tenta entender. Estava indo em uma direção quando Damen foi em outra, e agora ele é obrigado a alcançá-lo, ou pelo menos chegar mais perto.

— Sempre achei que havia algo muito estranho a seu respeito — Munoz finalmente diz com a voz baixa, quase pensativa.

Damen confirma com um aceno de cabeça, e eu não tenho ideia de como encarou isso. Sua voz, assim como sua expressão, nada revela.

— É quase como se você não fosse desta época — acrescenta Munoz, como se falasse sozinho.

— Eu não sou desta época. — Damen olha diretamente para ele. Sua resposta é tão simples, tão direta, tão inesperada que me faz perder o fôlego.

Munoz faz um gesto afirmativo com a cabeça, aceitando logo a resposta, agindo como se acreditasse de verdade nele ao perguntar:

— E de que época é, então?

— Uma de suas favoritas. — Damen esboça um sorriso. — A Renascença italiana.

Munoz engole em seco, concorda e olha em volta como se esperasse encontrar mais explicações plantadas no jardim, boiando na piscina ou mesmo coladas na churrasqueira. Ele processa a declaração com mais calma que eu jamais esperaria, agindo como se não parecesse completamente

surpreso por estar tendo uma conversa tão séria sobre um assunto tão peculiar.

— Então a alquimia é real? — ele arrisca perguntar, atingindo o alvo, diferentemente da maioria das pessoas.

Bem, quando era eu tentando decifrar a estranheza de Damen, pensei logo em vampiros. Miles também. Mas, aparentemente, Munoz não é tão influenciado pelo atual fenômeno da cultura pop, então acertou em cheio a verdade.

— A alquimia sempre foi real — admite Damen com expressão controlada, voz firme, sem dar qualquer pista de quanto aquilo está lhe custando, embora eu possa imaginar.

Durante seiscentos anos, ele lutou para manter em segredo a verdade sobre sua existência, e bastou me encontrar nesta vida para então ver tudo se desfilar como um suéter roído por traças.

— Real, sim... mas nem sempre bem-sucedida. — Munoz fita Damen nos olhos, enxergando-o sob uma perspectiva totalmente nova.

Damen confirma com a cabeça.

— E você, Ever? — Munoz olha para mim, tentando me ver de um modo novo também. Mas, apesar de minha total estranheza, sou claramente um produto do mundo moderno, não há como negar.

Faço que não com a cabeça, ergo os ombros e paro por aí.

— Nossa! Há tanto para conversarmos. Quero fazer tantas perguntas...

Olho inquieta para Damen, esperando que Munoz não comece a fazer muitas perguntas que Damen, pelo motivo que seja, sinta-se compelido a responder.

Mas, por sorte (algo que não tenho tido ultimamente, mas fico feliz em aceitá-la da forma em que vier), Sabine me salva ao gritar:

— Paul? Está tudo bem aí fora?

Ele perde o fôlego e alterna o olhar entre nós dois. Como não posso correr o risco de falar, de que ela ouça minha voz pela janela, apenas faço um sinal negativo com a cabeça e o encaro com uma expressão intensa de súplica.

Fico aliviada quando ele diz:

— Sim, está... tudo bem. Só estou olhando a noite, observando um pouco as estrelas, procurando a Cassiopeia. Você sabe que gosto de fazer isso. Entro em um segundo.

— Quer que eu lhe faça companhia? — pergunta ela com a voz mais rouca, sedutora, indicando algo que *não* quero *mesmo* testemunhar.

— Ah, não, está muito frio aqui. Um segundo e eu já encontro você aí dentro — responde ele, para meu alívio.

Ele nos lança um olhar questionador. Seus lábios se abrem como se fosse dizer algo mais, mas faço que não com a cabeça, fecho os olhos, materializo rapidamente um buquê de narcisos e lhe peço que o entregue a Sabine.

— O que eu digo a ela? O que devo dizer? — ele sussurra, olhando com cuidado na direção da janela.

— Prefiro que não diga nada, não mencione nada — peço a ele. — Mas, se achar que deve, apenas diga que eu a amo. Diga que sinto muito pelos problemas que causei e que ela não precisa ficar se culpando por nada que possa ter dito em momentos de frustração ou de raiva. Sei que isso pode parecer frieza e, de seu ponto de vista, provavelmente até horrível, mas, por favor, tente confiar em mim quando digo que assim será melhor. Não podemos mais nos ver. É impossível, ela não vai aceitar e não há como explicar.

Antes que Munoz possa reagir, antes que possa tomar uma posição, fazer alguma promessa, Damen aperta minha mão, puxando-me para o caminho de pedras em direção ao portão lateral.

Misturamo-nos à noite até que Munoz não possa mais nos ver.

Ambos sem olhar para trás, sabendo que é melhor olhar para a frente, para o futuro, que lamentar um passado que se foi para sempre.

Já que é nossa última noite juntos — ou pelo menos a última noite por um período indeterminado —, espero que façamos algo especial.

Algo inesquecível.

Algo de que Damen se lembre com um sorriso.

De qualquer modo, provavelmente não vai ser *tão* inesquecível assim, porque não posso deixar que ele perceba que estou escondendo algo que ainda não quero contar.

Embora eu já estivesse convencida a partir na jornada de Lótus pouco depois de termos deixado Summerland, Damen ainda não foi informado dessa decisão. E, como informá-lo certamente levará a uma briga de proporções gigantescas, espero guardar a notícia para mim mesma até não ter outra opção senão contar a ele.

Então, enquanto ele se mantém ocupado escovando os dentes e se aprontando para dormir, cubro-me com os lençóis e tento pensar em algo para surpreendê-lo. Mas, segundos depois, quando ele para na porta como uma visão magnífica envolvida em seda azul, o melhor que consigo fazer é engolir em seco, encará-lo e materializar uma tulipa vermelha, que flutua de minha mão para a dele.

Ele sorri, percorre o espaço que há entre nós em poucos passos e se deita a meu lado. Passa os dedos suavemente pela linha de minha sobrancelha e afasta o cabelo de meu rosto, me envolve com seus braços e me acomoda perto de seu corpo. Meu rosto está colado em seu peito enquanto fecho os olhos e me perco no som das batidas de seu coração, na *quase* sensação de seus lábios, no modo como ele brinca com a mão em minha pele. Jogo a perna sobre a dele, prendo-o a mim, concentrando-me em sua essência — sua energia, seu ser —, determinada a gravar na mente cada detalhe desse momento, para que nunca escape.

Embora eu queira falar, dizer algo significativo e importante, algo que compense por qualquer problema que possa ter acontecido entre nós, o jeito como ele me acaricia com as mãos suaves e o modo como sua voz se torna um leve sussurro em meu ouvido fazem com que não demore muito para que eu caia em um sono profundo e sem sonhos.

Espero até de manhã para contar a ele.

Espero até termos tomado banho, vestido nossas roupas e estarmos na cozinha, sentados à mesa, desfrutando algumas garrafas de elixir gelado enquanto Damen passa os olhos no jornal.

Espero até não ter mais desculpas que me permitam adiar o que sei que precisa ser dito.

É covardia, eu sei, mas espero mesmo assim.

— Então, onde estamos? No segundo ou terceiro dia de sua semana de pesquisa? — Ele levanta os olhos, dobra o jornal ao meio e dá um sorriso irresistível ao levar a garrafa aos lábios. — Acho que perdi a conta. — Ele seca a boca com a mão, depois limpa a mão no joelho.

Franzo a testa, inclinando a garrafa de um lado para o outro, vendo o elixir faiscar e reluzir ao subir até a boca e depois descer novamente. Mordo o lábio, tentando pensar em um jeito de começar, e então decido que é melhor me atirar de cabeça. Não há motivos para adiar o inevitável quando todos os caminhos conduzem ao mesmo destino. Descarto a enrolação de costume: *Por favor, não fique bravo*, ou outra frase igualmente ineficaz: *Por favor, ouça*. Opto por dizer a verdade de forma

clara:

— Decidi fazer aquela jornada.

Ele me olha com a expressão animada, olhos brilhantes, enchendo-me de alívio — um alívio que dura pouco, desaparecendo assim que percebo que ele entendeu errado o uso da palavra “jornada”, confundindo com as férias que estava planejando.

— Ah, não, não... não é *essa* — murmuro, sentindo-me um nada quando vejo a alegria sumir de seu rosto. — Eu estava falando da que Lótus mencionou. Mas, se tudo correr tão bem como espero, teremos bastante tempo para essa também. — Coloco as mãos no colo e tento forçar um sorriso, sem muito sucesso.

É um deslize meu, e ele percebe também.

Damen se afasta, aparentemente sem palavras por causa do que acabei de dizer. Mas, pelo jeito de seus dedos agarrarem a garrafa de elixir, pelo modo como seu maxilar se contrai e fica tenso, sei que ele não está sem palavras; está apenas tentando organizá-las e escolher as que vai usar. Ele não ficará em silêncio por muito tempo.

— Você está falando sério. — Ele finalmente me encara. As palavras soam mais como uma afirmação que como a acusação que eu esperava.

Confirmo com a cabeça, pedindo desculpas logo em seguida:

— Sinto muito. Sei que não deve estar muito feliz em ouvir isso.

Ele me olha com uma expressão que não consigo decifrar. Suas palavras são cautelosas e medidas quando diz:

— Não, não posso dizer que estou. — O tom demonstra enorme autocontrole, e sua energia não parece acompanhar. Mesmo sem ter aura visível, posso sentir sua vibração. Posso sentir seu pulso acelerando.

Ele ameaça recomeçar a falar, mas, antes que chegue a dizer qualquer palavra, estendo a mão, sinalizando para que ele pare, e digo:

— Ouça, sei o que vai dizer, acredite. Vai me dizer que ela é louca, perigosa, que preciso ignorá-la e seguir adiante, dar a você mais tempo para descobrir um jeito de podermos nos tocar novamente... — Faço uma pausa muito breve, sem dar a ele tempo suficiente para réplicas, e começo de novo: — Mas o negócio é o seguinte: não se trata apenas de estarmos juntos do modo que queremos. Trata-se de meu destino. Minha sina. Minha razão de ser, o motivo pelo qual continuo voltando, nascendo novamente. Eu preciso ir, não há alternativa. Mesmo sabendo que você não gosta dessa ideia, mesmo ciente de que não gostará ainda que eu tenha bons argumentos, estou disposta a me conformar se você puder ao menos aceitar, ainda que relutante. Basicamente, vou me conformar com o que for. Porque, Damen, mesmo que haja uma boa chance de ela ser completamente doida, há também a mesma chance de que esteja falando a verdade. Sinto, no fundo do coração, que isso é o que preciso... não, é mais: tenho certeza, do fundo da *alma*, de que é isso que *devo* fazer. Como Lótus disse, é um destino que apenas eu posso cumprir. E, embora eu queira mais que tudo que você vá comigo, ela deixou bem claro que não é possível. E... — Engulo em seco. O nó na garganta é como uma bola de fogo quente e furiosa, mas, ainda assim, engulo e continuo: — E espero que você seja capaz de aceitar isso, mesmo que não possa me apoiar.

Damen balança a cabeça, ganhando tempo para formular uma resposta. Estica as pernas e cruza os pés enquanto passa a mão na borda da garrafa.

— Está me dizendo então que nada que eu diga poderá impedi-la de prosseguir com isso? De partir sozinha?

Abaixo os olhos, grata por nossa conversa não ter chegado nem perto da gritaria que eu havia previsto, e ainda assim fico surpresa em notar que é pior. Brigas exaltadas são bem fáceis de superar, é apenas uma questão de tempo. Mas isto, essa aceitação relutante que achei que me deixaria satisfeita, bem, faz com que me sinta triste, sozinha, desolada.

— Quando planeja iniciar essa jornada?

— Logo — afirmo, forçando-me a olhar para ele, e continuo: — Agora mesmo. Não há motivos para adiar, não é?

Ele enterra o rosto nas mãos, passa alguns momentos em silêncio, esfregando os olhos, fazendo de tudo para me evitar. E, quando volta a erguer os olhos, fica fitando o vazio, para além do meticuloso paisagismo do jardim, além da piscina, além do oceano, algum cenário que apenas sua mente pode ver, os pensamentos cuidadosamente bloqueados.

— Queria que você não fizesse isso — diz ele, em palavras simples porém sinceras.

Balanço a cabeça.

— Mas, se insiste, então faço questão de ir com você. — Ele olha para mim. — É muito perigoso. Muito... — Ele franze a testa e afasta o cabelo do rosto. — Muito obscuro, muito incerto... Não posso deixar que você entre naquela lama sozinha. Ever, não percebe? Você é meu mundo! Não posso deixar que parta em uma jornada sugerida por uma velha louca!

Ele me olha fixamente, mostrando toda a sua determinação. Mas também sou determinada, e as instruções de Lótus foram bem claras: *É minha jornada... meu destino... Damen não é bem-vindo lá*. E não consigo deixar de pensar que talvez haja um motivo para isso, não consigo deixar de pensar que pode ser minha vez de protegê-lo ao insistir em ir sozinha.

Estou prestes a argumentar isso quando ele estica o braço sobre a mesa, pega em minha mão e diz:

— Ever... — Sua voz falha, forçando-o a engolir, limpar a garganta e começar de novo. — Ever, e se você não voltar?

— É claro que vou voltar! — Praticamente me lanço da cadeira, escorregando até a ponta, mal acreditando que ele chegou a pensar nisso. — Damen, eu nunca deixaria você! Nossa, é por isso que está chateado?

— Não — responde, agora com a voz mais firme. — Estava pensando em algo mais na linha: E se você *não puder* voltar? E se ficar presa em uma armadilha? Perdida na lama? E se não encontrar o caminho de volta? — Seu olhar perplexo encontra o meu, e fica claro que ele já está sentindo minha perda, embora eu ainda esteja aqui, sentada diante dele.

Não é que eu não entenda.

Na verdade, entendo perfeitamente.

Ele já me perdeu tantas vezes que tem um medo terrível de me perder de novo justamente quando tinha certeza de que me teria por toda a eternidade. Sua emoção é tão visível e profunda que me tira o fôlego, levando-me a ficar muda, impotente, sem me deixar uma resposta fácil ou um modo simples de confortá-lo.

— Isso não vai acontecer — finalmente digo, esperando convencê-lo. — Fomos feitos um para o outro. É a única certeza que tenho. Mesmo sem saber o que esperar, prometo que farei tudo para encontrar o caminho de volta. É sério, Damen, nada pode nos separar. Pelo menos não por muito tempo. Mas agora preciso ir. E tenho que ir sozinha, Lótus foi bem clara. Então, por favor, por favor, deixe-me fazer isso, por favor, deixe-me ver aonde isso vai dar. Não vou descansar enquanto não fizer isso. Embora saiba que é pedir muito, realmente gostaria que se esforçasse para entender. E, se não conseguir entender, pelo menos tente me apoiar. Pode fazer isso?

Mesmo praticamente implorando que ele olhe para mim, que responda de alguma forma, ele continua sentado, em silêncio, perdido no próprio cenário mental.

Optando por dar um grande salto de fé e esperando que ele faça o mesmo, continuo:

— Damen, sei como se sente. Acredite. Mas não consigo deixar de pensar que nossa história é maior. Uma vida inteira que desconhecemos completamente. Acho que é uma pista, ou talvez *a chave*, como Lótus disse. A chave que nos levará à razão por trás de todos os obstáculos que nos atormentaram no decorrer destes séculos, inclusive o que estamos enfrentando agora.

Mas, como eu disse, foi um salto.

Um salto que me faz cair de cara no chão quando vejo Damen se levantar da cadeira, afastar-se da mesa e olhar para mim rapidamente. Seu olhar é triste, a voz fria e contida, mostrando que ele está a mil quilômetros de distância quando diz:

— Então acho que é isso. Você está decidida. Nesse caso, eu lhe desejo o melhor e vou ficar esperando ansiosamente pela sua volta.

— Tem certeza de que não quer entrar?

Faço que não com a cabeça, cruzando o olhar com o de Jude por um instante e mudando o foco para os galhos secos que antes exibiam as lindas peônias cor-de-rosa e roxas que contornavam o caminho da entrada até sua porta.

— Realmente vai prosseguir com isso?

Confirmo com um aceno de cabeça, percebendo que poderia tentar responder a pelo menos uma de suas perguntas verbalmente, mas no momento estou sufocada demais para falar. Não consigo parar de pensar naquela última cena com Damen — suas últimas palavras, o que ele disse sobre a possibilidade de eu não retornar, de me perder na lama e não conseguir encontrar o caminho de volta. No modo como logo depois, a poucos passos de sair da sala, ele parou, deu meia-volta em minha direção, o corpo vindo quase contra sua vontade, e me puxou para seus braços. Seu abraço, tão caloroso, tão completo, tão cheio de amor, tão... *rápido*, foi um contraste absoluto com suas palavras, frias e insensíveis.

Mesmo podendo perceber o conflito interno, mesmo reconhecendo os sinais de alguém se esforçando para se desapegar de um resultado que tem certeza de que acabará sendo magoar-se, eu esperava algo mais.

Mesmo sabendo que precisava ir sozinha, mesmo insistindo em afirmar que a jornada era minha, e apenas minha, ainda tinha certeza de que ele pelo menos me acompanharia até Summerland.

Expulsando esse pensamento, resolvo me concentrar no presente, no lugar em que Jude está, diante de mim, do outro lado da porta.

— E onde está Damen? — Ele olha para o espaço vazio à minha direita e me observa com cuidado. — Ele vai com você, certo?

Olho para baixo. Estou consciente do modo terrível como minha garganta aperta e meus olhos começam a arder — sinais de que uma enxurrada de lágrimas está a caminho, mas paro bem ali. Não me permitirei chorar.

Não aqui.

Não na frente de Jude.

Não por algo que escolhi fazer.

Finalmente me recomponho e digo:

— Vou só eu. É algo que preciso fazer sozinha. Lótus deixou isso bem claro. — Ergo os ombros como se não fosse nada de mais e espero que ele acredite.

Ele se recosta na porta com as mãos enfiadas nos bolsos da frente. Só de olhar para a maneira como seus lábios se torcem e para a inclinação das sobrelanceiras unidas, fica evidente que acontece o oposto, que ele está tentando imaginar o que se passa entre mim e Damen.

Mas não é por isso que estou aqui, portanto ignoro. Olho em seus olhos e digo:

— Só quis passar aqui para agradecer. Obrigada por ser um amigo tão bom em todas essas... vidas.

Ele franze a testa e olha atrás de mim, focando na rua distante. Solta um ruído sarcástico, uma mistura de grunhido e gemido, e diz:

— Ever, talvez seja melhor deixar sua gratidão para alguém que a mereça. Nada que eu fiz ajudou. Na verdade, foi praticamente o contrário: só piorei tudo. Parece que tenho o mau hábito de estragar tudo da pior forma possível.

Como é impossível negar, rapidamente concordo, embora também acrescente:

— Mesmo assim, não acho que tenha sido culpa sua. Para falar a verdade, tenho quase certeza de que é seu destino.

Ele inclina a cabeça e coça o queixo com barba por fazer.

— Meu destino é estragar sua vida? — Ele me lança um olhar de dúvida. — Não sei como devo me sentir a respeito disso.

— Bem, não. Não *só* isso. Tenho certeza de que há muitas coisas melhores à sua espera, coisas que não têm nada a ver comigo. O que eu quis dizer é que talvez nosso destino esteja entrelaçado, sabe? Talvez tenhamos nos encontrado durante todos esses séculos por uma razão que nunca imaginamos... — Olho para ele tentando decifrar como absorveu essa informação, mas sua cabeça está inclinada de um modo que faz um emaranhado de *dreadlocks* cair de lado, cobrindo seu rosto. — De qualquer forma... — Faço uma pausa e começo a me sentir um tanto boba por ter vindo até aqui. — Espero que a jornada revele isso e mais.

— Então é isso? — Ele afasta o cabelo do rosto, lançando-me seu olhar tropical.

— Acho que sim. — Tento sorrir, mas quase não consigo.

Ele concorda com a cabeça, balançando o corpo ligeiramente, como se estivesse se segurando... lutando entre dizer o que quer e o que o seu bom-senso permite. Por fim, opta pelo bom-senso e diz:

— Então lhe desejo boa sorte.

Ele se afasta da porta, move-se como se fosse me abraçar, mas muda de ideia no último segundo e deixa os braços caírem de lado.

Antes que a situação fique mais embaraçosa que já está, percorro o espaço que nos separa e o abraço com força. Demoro-me no abraço por um instante, um instante que parece ficar suspenso, e então me afasto. Sinto a onda de energia de Jude, seu cartão de visita de paz, calma e serenidade, que continua correndo por meu corpo.

Prolongando-se, persistindo, resistindo de modo estranho enquanto sigo para o carro e parto para uma nova série de despedidas.

Depois de parar na casa de Miles e descobrir que ele não está, vou para a de Ava e das gêmeas, mas não encontro ninguém lá também. Então passo pela antiga casa de Haven, onde ela morava com os pais e o irmão mais novo, Austin. Estaciono na rua e vejo uma placa de VENDE-SE no gramado e um monte de curiosos entrando e saindo da casa.

Fico me perguntando se seus pais se deram conta de que ela se foi, de que nunca mais voltará. Ou se continuam a ignorá-la, olhar à volta dela, enxergar tudo menos ela, exatamente como faziam quando Haven ainda estava aqui. Como ainda estou triste demais, decido passar de carro em frente à casa de Sabine, mas é tudo o que faço. Não paro. Não entro. Já me despedi em silêncio na noite de ontem.

Sem mais nenhum motivo para adiar, cruzo a rua seguinte e abandono o carro junto ao meio-fio. Então fecho os olhos e materializo o portal que me leva a Summerland. Aterrisso no vasto campo perfumado com flores reluzentes e árvores vibrantes, fazendo uma pausa para desfrutar o esplendor puro e genuíno de tudo isso — a massa absoluta de beleza, amor e tudo o que existe de bom — antes de ir embora e me aventurar do lado oposto. O lugar onde todas as árvores são secas, não nascem

flores e não há magia ou materialização.

Minha suspeita se confirma no momento em que percebo um rastro fino de lama indo do túmulo em homenagem à memória de Haven até o lado sombrio com que deparei primeiro.

Está crescendo.

Ultrapassando os limites.

Mesmo sem estar nem um pouco surpresa por ver aquilo, não tenho ideia de como impedi-lo. Não tenho ideia do que fazer quando chegar. Embora tenha tentado me preparar mentalmente para quase tudo o que pudesse encontrar, não me preparei para o que vejo.

Paro, arregalando os olhos de surpresa. Meu queixo cai quase até os joelhos quando vejo Jude, Ava, Romy, Rayne e... *Miles?* esperando por mim.

A única pessoa que falta, infelizmente, é Damen.

— Como vocês...? — Minha voz vai sumindo enquanto fico embasbacada com Miles, a maior surpresa de todas.

— Bem, deu trabalho, mais que algumas tentativas, mas éramos nós quatro reunindo nossas energias e o desejo fervoroso de Miles de vê-la partir em sua jornada. No fim conseguimos.

— Espero que pelo menos tenham mostrado a ele a parte mais bonita antes. — Encolho-me só de pensar em como ele deve ter-se sentido ao passar por tudo aquilo, entrar no lindo véu brilhante e cair em um lugar tão escuro, terrível e desolador.

— Vamos mostrar mais tarde — diz Ava. — Estávamos correndo para chegar antes que você partisse.

— Mas... por quê? — Olho para Jude, presumindo corretamente que ele os tenha chamado e convencido a me encontrar aqui logo depois que saí de sua casa.

— Porque você merece uma despedida decente — diz Romy, cutucando a irmã com o cotovelo até que ela, relutante, concorda com a cabeça.

— Eu... eu nem sei o que dizer. — Engulo em seco, dizendo a mim mesma para não chorar na frente deles.

— Não precisa dizer nada. — Miles sorri. — Sabe que sou capaz de falar por todos nós.

— É verdade. — Rio, ainda me acostumando a vê-lo aqui.

— Ah, e trouxe alguns presentes — diz Ava, empolgada.

Tento parecer feliz com isso, mas a verdade é que não tenho ideia do que fazer com os presentes, se poderei levá-los para onde vou, seja onde for. Esse pensamento desaparece no momento em que Rayne dá um passo à frente, faz um sinal para que eu abaixe a cabeça e pendura em meu pescoço um pequeno talismã de prata preso em um cordão de couro bege.

Seguro o pingente entre o indicador e o polegar, levantando-o até onde possa vê-lo melhor, sem saber como interpretar o que ele significa, principalmente por vir dela.

— Um uróboro? — pergunto, minha voz aguda e minhas sobrancelhas arqueadas interrogativas.

— É um presente meu e de Romy — ela diz, com os olhos arregalados e sérios. — É para proteção. Damen tinha razão, o símbolo não é do mal, e esperamos que sirva para lembrar onde você começou, onde vai terminar e onde esperamos que encontre a si mesma novamente.

— E que lugar seria esse? — pergunto, sem tirar os olhos dela.

— Aqui. Com todos nós — ela responde cheia de sinceridade. Sua natureza dualista, sua capacidade de ser tão calorosa e fria, sobretudo comigo, é tão confusa que não consigo entendê-la. Lembro-me do senhor com quem cruzei em Summerland, aquele que insistiu que as gêmeas tinham

personalidades opostas ao que eu pensava, que alegou que Rayne era a quieta e Romy, a teimosa, e não posso deixar de pensar na frequência com que elas fazem esse jogo.

Antes que eu possa formular qualquer resposta, Ava dá um passo à frente e me entrega uma pequena pedra reluzente e cristalina feita de um azul-esverdeado tão brilhante que me faz lembrar um pouco os olhos de Jude.

— É cavansita — diz ela, analisando-me com cuidado. — Fortalece a intuição e a cura mediúnica. Também estimula a reflexão profunda, inspira novas ideias, ajuda a pessoa a se livrar de crenças falhas e auxilia na indução de lembranças de vidas passadas.

Encaro Ava fixamente e ela me responde com um olhar cheio de significados. É impossível não desejar que Damen estivesse por perto para ouvir aquilo.

Concordo com a cabeça, coloco a pedra no bolso e me viro para Jude. Não porque espero algo dele, mas porque percebo, pela maneira como sua aura brilha e a energia irradia, que ele tem algo a me dizer.

— Eu vou junto — diz ele.

Estreito os olhos em dúvida se ouvi direito.

— É sério. Esse é meu presente. Farei a jornada com você. Você não deveria ter que ir sozinha. Não quero que vá sozinha.

— Mas... você não pode — digo, soltando essas palavras antes de ter tempo de parar para pensar. Por algum motivo me parece o certo a dizer. Se Damen não pode ir, Jude também não pode. Além disso, não há motivo algum para envolvê-lo nisso ainda mais. — Acredite, agradeço a consideração. Agradeço de verdade. Mas as instruções de Lótus foram bem claras. Preciso fazer isso sozinha. Sem você, sem Damen, contando apenas comigo mesma. É o meu destino, só eu posso fazer essa jornada.

— Achei que nossos destinos estivessem entrelaçados. Foi você mesma quem disse.

Faço uma pausa, sem saber como responder. Olho para as gêmeas, para Miles, depois para Ava e volto a Jude, prestes a reiterar o que acabei de dizer, quando sinto sua presença.

Lótus.

Ela está aqui.

Eu me viro, olhando instintivamente em seus olhos, e percebo que ela parece ainda mais velha que da última vez em que a vi, mais delicada, frágil, um tanto franzina. Seus movimentos são vagarosos, porém determinados, o corpo é magro, levemente curvado para a frente. Sem as tranças de antes, os cabelos estão soltos sobre os ombros, caindo em longas mechas prateadas. As ondas flutuam, elásticas, formando uma espécie de halo — a cor se mistura com a pele tão pálida que faz seus olhos azuis se destacarem como duas admiráveis águas-marinhas jogadas em uma paisagem branca como a neve. Diferentemente das outras ocasiões em que a vi, desta vez ela se apoia bastante em uma velha bengala de madeira entalhada. Os dedos envolvem a ponta curva, os nós artríticos esbranquiçados e protuberantes. Mesmo assim, a cabeça ainda está erguida enquanto ela se aproxima, encarando-me com os olhos reumosos enquanto entorta os lábios em deleite.

— Adelina. — Ela se curva, parando a alguns metros de mim, os olhos fixos nos meus, como se ainda não tivesse visto que tenho companhia. — Está pronta? Pronta para fazer a jornada? Pronta para me libertar?

— É isso o que vou fazer? — Observo-a atentamente. Suas palavras plantaram uma semente de incerteza que me faz duvidar de meu propósito mais uma vez.

— Esperamos tanto tempo. Só você pode fazer a jornada, só você pode revelar a verdade.

— Mas por que só eu? — pergunto. — Por que Damen não pode ir... ou Jude?

— Por favor — ela sussurra, a voz baixa e gutural, pressionando a mão esquerda contra o peito e curvando-se em minha direção. Não consigo deixar de notar um brilho no aro fino e dourado em seu dedo anelar. Fico me perguntando se ela sempre o usou, e, se usou, como nunca percebi.

— Você precisa escolher acreditar — diz ela.

Pela primeira vez desde que ela chegou, volto o olhar para meus amigos e me dou conta de que a estão observando com tamanho respeito e reverência que fico pensando se estão vendo algo que não vejo.

Mas, quando me viro novamente para Lótus, percebo tão claramente quanto eles — o belo brilho dourado que emana de seu interior, crescendo e expandindo-se até que todo o seu entorno reluz.

— Então, está pronta? — Ela olha para mim com o rosto tão luminoso que simplesmente concordo, incapaz de resistir.

Erguendo um dedo velho e retorcido, ela faz sinal para que eu a siga — para que dê o primeiro passo rumo a um destino que ainda não posso imaginar.

Viro para me despedir de meus amigos, mas vejo apenas Miles, Ava e as gêmeas acenando de volta. Jude está parado bem atrás de mim.

Quando estou prestes a explicar novamente por que preciso ir sozinha, Lótus para, olha para trás e o observa como se só então o estivesse vendo. Ela passa os olhos sobre ele como se, de algum modo, o reconhecesse, e me surpreende quando acena, convidando-o a se juntar a nós.

— Esse também é seu destino. Agora as respostas que busca estão a seu alcance — diz ela, com a voz sábia e segura.

Alterno o olhar entre ela e Jude, imaginando que diabo aquilo pode significar, mas ela já se virou, e, pelo olhar de Jude, ele está tão confuso quanto eu.

Ela nos guia pela lama, pela floresta de árvores exauridas com galhos secos, sem sinal algum de folhagem, apesar da chuva constante. Seus pés se movem com uma precisão surpreendente, enquanto luto para acompanhá-la, colando os olhos na parte de trás de sua cabeça, sem querer perdê-la de vista, ciente do *slip-slop* dos passos de Jude com dificuldade atrás de mim.

Mesmo sendo grata pela companhia, não consigo parar de pensar que deveria ser Damen.

Damen deveria estar fazendo a jornada a meu lado. Damen, que quis vir, quis me manter a salvo — apesar de não concordar com minha vinda desde o início.

Ter Jude aqui parece errado em todos os sentidos.

Vamos em frente, seguindo Lótus pelo que parecem quilômetros, e estou prestes a perguntar quanto falta quando, então, chegamos.

Tenho certeza disso assim que vejo.

A paisagem é praticamente a mesma, o solo ainda é lamacento, a chuva ainda cai e o entorno é tão sombrio e estéril como sempre — mas, mesmo assim, não há como negar. O ar é diferente. Mais frio. A temperatura caiu tanto que desejo estar vestindo algo mais quente que calça jeans e blusa de mangas compridas. Ainda mais notável, porém, é o modo como a área a nosso redor parece resplandecer e cintilar — lampejando e reluzindo. Parece menos com o véu brilhante que marca o portal para Summerland e mais com uma mudança na atmosfera. De repente, tudo se torna nebuloso, revoltado, e o que há à frente não é nada mais que borrões, meras sugestões do que pode existir.

Lótus para, leva a mão à testa e analisa o entorno. Eu fico a seu lado, e Jude ao meu, ponderando se ele insistirá em continuar agora que estamos aqui.

Viro-me para Lótus, contando com algum tipo de instrução, conselho, aviso, palavras de sabedoria — disposta a aceitar qualquer coisa que ela possa me oferecer, mas ela apenas aponta para a frente e faz um sinal para que eu continue andando, que dê o grande salto do lugar onde estou para o imenso desconhecido diante de mim.

— Mas o que farei ao chegar lá? — pergunto, praticamente implorando. Em vez de se dirigir a mim, ela se vira para Jude e diz:

— Siga em frente. Aprenda. Saberá a hora de voltar.

— Mas... eu vou com Ever... *não vou?* — Ele olha para nós, uma expressão no rosto tão confusa quanto a minha.

Lótus gesticula sem paciência, apontando para a frente, e quando olho para a direção que seus dedos velhos e nodosos indicam, sou obrigada a piscar algumas vezes para captar tudo, enxergar o que ela vê.

Ainda assim, apesar de meus esforços, só consigo enxergar um holograma borrado. É como uma miragem vaga, que poderia ser um vilarejo e seus habitantes, ou algo totalmente distinto.

— Suas jornadas começam aqui. Onde terminam, vocês mesmos devem descobrir.

Jude agarra minha mão, determinado a me apoiar, a seguir comigo, mas ainda não estou pronta.

Por mais que eu goste de Jude, Damen é o dono de meu coração. Ele é o único que quero a meu lado nesta jornada — em qualquer jornada.

Lótus toca em meu braço e coloca uma pequena bolsa de seda na palma de minha mão. Fechando meus dedos ao redor dela, diz:

— Tudo de que acha que precisa está aqui. Você decide o significado.

— Mas *como?* *Como* vou saber? *Como* vou... — começo a perguntar, um milhão de perguntas sem resposta invadindo meu cérebro.

Não chego muito longe antes que ela olhe para mim e diga:

— Confie. Acredite. É a única coisa a fazer.

Ela me empurra para a frente, surpreendendo-me com sua força. Não consigo evitar — olho novamente para trás. Meus olhos analisam a área, procurando desesperadamente por Damen, como se a força de meu desejo pudesse transportá-lo até aqui.

Mas não o encontro em lugar algum. Então endireito os ombros, ergo o queixo e dou o primeiro passo, com Jude a meu lado, de mãos dadas comigo.

Ambos hesitamos em direção a algo que não conseguimos definir, embora não demore muito até sermos puxados por uma força irresistível — como uma massa de energia em redemoinho, um turbilhão que nos suga para dentro de si. Estou prestes a entrar nele quando sinto.

A onda familiar de formigamento e calor.

Logo seguida por um grito melancólico de meu nome em seus lábios.

Viro-me, percebendo o lampejo de dor em seus olhos quando me vê com Jude e supõe que o substituí.

Solto a mão de Jude e assisto, desamparada, ao turbilhão que o engole enquanto me esforço para me equilibrar entre dois mundos.

Meus dedos tentam ávida e ansiosamente alcançar Damen, mas, embora ele venha rápido, não é o suficiente para que nossas mãos se encontrem. As pontas de nossos dedos se tocam de leve enquanto nossos olhos rapidamente se encontram. Quando dou por mim, já não posso fazer nada.

Sou puxada para longe.

Perdida no redemoinho.

Jogada em um lugar desconhecido — uma época desconhecida.

Sei que Damen está aqui — em algum lugar —, mas não consigo encontrá-lo.

Já estou fazendo a viagem de volta.

Para *muito* longe.

De volta para o início.

— *Adelina!*

A voz que me chama é abafada, sussurrada, fazendo questão de ser ouvida apenas por mim.

— Adelina, minha querida, por favor, diga que veio por minha causa!

Saio do canto, da escuridão, para a tênue luz adiante. Esforço-me para manter o tom de voz calmo, firme, e digo:

— Eu vim por você, Alrik.

Curvo-me diante dele, com as mãos enterradas nas dobras da saia para que ele não possa vê-las tremendo, desesperada por esconder minha agitação, por parecer respeitável, refinada, tranquila.

Mas, assim que levanto a cabeça, assim que vejo como seus olhos escuros me encaram, parcialmente toldados pelas ondas negras que lhe caem sobre os cílios volumosos, sobre o nariz reto e ao longo do ângulo sinuoso de suas maçãs do rosto belamente esculpidas — quando vejo o modo como sua silhueta alongada e esguia preenche a entrada da porta —, meu rosto me entrega.

Meu olhar faísca, as bochechas coram, os lábios começam a tremer. Sou incapaz de conter a onda de prazer extremo e alegria que a mera visão dele me traz.

E, a julgar por sua expressão, fica claro que ele sente o mesmo. Posso dizer pelo jeito como ele para na soleira da porta e eleva a tocha, permitindo que a luz se derrame sobre mim.

Permitindo que seus olhos me devorem.

Posso ver, por sua respiração mais forte, pelo maxilar que se enrijece e pelo olhar perturbado de desejo, que exercemos o mesmo efeito um sobre o outro.

E todas as minhas dúvidas desaparecem quando ele percorre o espaço que há entre nós em apenas alguns passos e me abraça com força, quando cobre meu rosto com seus beijos e seus lábios capturam os meus, fundindo-se a eles, explorando. É só *nisso* que me concentro.

No aqui.

No agora.

Todo o meu mundo se encolhe até que nada mais exista.

Nada além da pressão de seus lábios, do calor de sua pele e da onda de formigamento e calor que sempre consegue me encontrar quando ele está por perto.

Recuso-me a pensar em um futuro que nunca poderá ser nosso.

Recuso-me a pensar em questões cruéis como classe e posição social, em compromisso e no estranho jogo de azar resultante da ordem do nascimento.

Recuso-me a pensar que, apesar de tanto amor, nunca poderemos pertencer um ao outro do modo como queremos. Uma sentença estabelecida muito antes de nos conhecermos. Nosso futuro determinado por outros, não por nós.

Apesar de ele me amar e de eu amá-lo, nunca nos casaremos.

Não podemos nos casar.

Ele foi prometido a outra desde pequeno.

A outra que vem de uma família muito mais rica que a minha.

A outra que, por acaso, é minha prima, Esme.

— Adelina — ele sussurra. Meu nome é como uma oração em seus lábios. — Ah, Adelina, diga-me que sentiu tanto a minha falta quanto eu senti a sua.

— Sim, milorde.

Afasto-me rapidamente. Vivo a glória de alguns momentos antes de ser brutalmente oprimida pela realidade em que nos encontramos. Lembro-me de quem sou: um parente pobre da prima distante com quem ele se casará. Penso em quem ele é: o futuro rei de nossa pequena cidade-estado. Recordo-me de onde ambos estamos: uma baia vazia e escura em seus estábulos. O ar tem cheiro de cavalo e de feno. Há um monte de palha nova a nossos pés.

— *Milorde?*

Ele franze a testa, passando os olhos escuros sobre mim até encontrar meus olhos azuis, e imagino se ele vê em meu olhar o mesmo que vejo no dele: decepção, dúvida e um desejo ardente, porém inútil, de mudar a situação.

— O que é isso? É assim que me vê agora? Como um *lorde*?

— Bem, e você não é? Pelo menos em tese?

É insolente, eu sei, mas também é verdade. Mas ele gosta disso em mim, do fato de eu não fazer os joguinhos usuais, principalmente no que diz respeito a fazer a corte. Não sou boba, nem do tipo namoradeira, e às vezes tendo a ir mais para o lado moleque que para o feminino. Mas sou franca, direta e faço o possível para me expressar desse modo.

Faço o possível para viver sem arrependimentos.

Ele segura meu rosto entre as mãos, passa o dedo desde minha têmpora até o queixo, erguendo-o, obrigando-me a olhar em seus olhos.

— Qual o motivo de toda essa formalidade? Está agindo como se tivéssemos acabado de nos conhecer. E, mesmo assim, se não me falha a memória, você não foi nem um pouco formal naquele dia, me empurrou direto na lama, e de cara. Certamente não teve modos, mas conseguiu me impressionar. Tenho certeza de que comecei a amar você naquele momento, coberto de sujeira dos pés à cabeça. Logo soube que minha vida nunca mais seria a mesma.

Um sorriso brota em meu rosto quando me lembro do momento com a mesma clareza que ele. Eu com dez anos, ele com treze. Eu estava na casa de parentes ricos e fiz uma visita a ele com minha prima mimada Esme, que adorava se gabar de sua riqueza para mim, sempre comparando seus vestidos elegantes com os meus, mais simples. Era um fardo tolerá-la. Então, irritada com sua constante presunção e ostentação sem fim sobre a beleza de seu futuro marido, sobre a riqueza dele e sobre como seria maravilhoso quando ela se tornasse rainha e eu fosse obrigada a me curvar e beijar seus pés, bem, não aguentei: fui direto até ele, peguei-o desprevenido e o empurrei no lago. Depois me virei para ela e disse: “Ainda acha que ele é bonito?” Ela começou a chorar e gritar e correu para contar a alguém o que eu havia feito.

— Era um lago — digo, olhando para ele.

— Um lago *bem lamacento*. — Ele assente. — A sujeira nunca saiu de minhas roupas. Ainda tenho a camisa manchada.

— E, se me lembro bem, paguei um preço alto por aquilo. Fui mandada para casa imediatamente e Esme nunca mais me convidou para visitá-la. O que, pensando bem, não foi uma punição, não é?

— E, mesmo assim, você acabou encontrando o caminho de volta. Pelo menos de volta para mim. — Ele coloca os braços ao redor de minha cintura, os dedos percorrendo minhas costas para cima e para baixo. A sensação é tão calmante e suave que faço o possível para me concentrar para não ceder a seus encantos.

— Sim — digo. Minha voz não passa de um murmúrio. — Ficou feliz com isso? — Sei que ficou, mas é sempre bom ouvir dele.

— Se fiquei feliz? — Ele joga a cabeça para trás e ri de um modo que mostra seu lindo pescoço, e preciso reunir todas as minhas forças para não beijá-lo. — Posso lhe mostrar o tamanho de minha gratidão?

Ele me beija novamente, primeiro de um modo brincalhão, com uma série de bitocas e mordidinhas, mas depois fica mais sério, muito mais sério. Tento responder com o ardor de sempre, mas algo está errado. E ele também nota.

— O que aconteceu desde a última vez em que nos encontramos? Você está diferente. Aconteceu algo que mudou seus sentimentos por mim?

Obrigo-me a desviar o olhar. Obrigo-me a respirar, falar. Mas a fala que ensaiei no caminho para cá de repente me escapa.

— Adelina, por favor, diga-me. Você não me ama mais?

— Não é nada disso! É claro que amo! Como pode dizer uma coisa dessas?

— Então o que é? O que aconteceu que você está me rejeitando?

Reúno as palavras, luto para levá-las da cabeça aos lábios, mas não consigo. Não consigo dizer o que precisa ser dito. Então, covardemente — palavra que nunca foi usada para me descrever —, olho para baixo.

— É o Rhys? Meu irmão está incomodando você novamente? — Seu maxilar fica tenso e seus olhos começam a se inflamar.

Nego com a cabeça, antes que o assunto se estenda.

Seu irmão Rhys tem cabelos perfeitos e um rosto mais perfeito ainda. Seus atributos físicos são o oposto do interior sombrio — do fato de ele ser dominado pela inveja enorme que nunca será capaz de superar.

É o segundo não apenas na linha de sucessão ao trono, na oportunidade de liderar o pequeno reino ibérico do pai, mas também na atenção do progenitor. Além disso, a garota que ama, minha mimada prima Esme, está prometida ao irmão — aquele que, na opinião de Rhys, tem tudo de mão beijada, mas nada merece.

Embora eu tenha tentado olhar para Rhys com compaixão, pelo menos porque temos algo em comum — o fato de nos haverem negado a verdadeira felicidade, de nos obrigarem a ficar longe daqueles que amamos por motivos políticos, financeiros e tradições que mal entendemos —, minha simpatia logo foi frustrada por sua tendência à maldade e pela desprezível crueldade que demonstrou em relação a mim.

Como se eu tivesse feito isso. Como se fosse minha culpa o fato de Alrik estar prometido à amada de Rhys.

Como se eu mesma não estivesse disposta a mudar tudo, se pudesse.

Como se eu não quisesse reverter a situação, mudar a ordem em que eles nasceram para que eu pudesse viver feliz com Alrik e Rhys pudesse viver feliz com Esme, e todos viveríamos felizes para sempre, de preferência bem longe um do outro.

Mas, infelizmente, não é assim.

Para começar, Esme não tem interesse algum em Rhys. Ela ama Alrik. Mal pode esperar para se casar com ele.

Além disso, às vezes, quando me esforço para ser lógica e razoável, lembro-me de que, apesar de

não ter dúvidas do amor de Alrik por mim, de que ele me ama do mesmo modo que o amo, não sei se acredito quando diz que não tem interesse na coroa.

É seu direito. Como primogênito, como herdeiro do pai, é esse seu destino desde que veio ao mundo. Virar as costas a tudo isso... bem, parece sacrilégio.

— Adelina, por favor, não fique tão triste. — Alrik percorre os lábios em meu rosto, desesperado por iluminar meu humor apagado. — Não quando tenho a mais maravilhosa das surpresas para você.

Olho para baixo, assegurando a mim mesma que posso fazer isso. Que estou realmente preparada para prosseguir, então o fito nos olhos e digo:

— E eu tenho uma para você.

Respiro fundo e reúno forças. A honra não é algo que alguém entregue facilmente, não fora do casamento, ou pelo menos diante da promessa de que haverá um. E se alguém descobrisse, bem, sem dúvida isso me arruinaria. Ainda assim, não me importo. Não me importo com regras e convenções que são norteadas pela cabeça e ignoram solenemente o coração.

Não consigo me preocupar com um futuro que nem posso ver, quanto menos imaginar.

Só sei que Alrik se casará com Esme, e, mais cedo ou mais tarde, alguém se casará comigo. Já recebi propostas. Propostas sérias. Mas pelo menos por enquanto as recusei, mesmo diante das súplicas de meus pais. Mesmo ciente de que um dia vou me deitar com meu marido em nosso leito nupcial, mesmo tendo esperanças de que ele seja um homem bom e gentil, com muitas qualidades, no fundo do coração sei que nunca o amarei como amo Alrik.

O amor que sentimos um pelo outro só acontece uma vez na vida — e, para alguns, nem uma vez sequer.

E é apenas por esse motivo que estou preparada para arriscar tudo.

Se eu não fizer mais nada nesta vida, quero pelo menos experimentar o amor em sua forma absoluta, mais profunda e mais verdadeira. Senão, não vejo motivos para continuar existindo.

— Você primeiro — diz ele, com os olhos brilhando de expectativa, segurando minhas mãos entre as suas.

Ergo a cabeça, levanto os braços para envolvê-lo, junto as mãos em seu pescoço e, olhando diretamente em seus olhos escuros, digo:

— Decidi que estou pronta e disposta a... ser sua.

Ele franze as sobrancelhas, a princípio sem compreender o significado de minhas palavras. Mas ele logo entende e reage de um modo que eu não esperava. Por mais que eu tenha imaginado essa cena na cabeça, nunca pensei que ele responderia com um ataque de riso descontrolado. Uma risada profunda e sincera. Tão profunda e tão sincera que temo que alguém escute e nos encontre escondidos aqui.

Então, com a mesma rapidez, ele me puxa para perto dele, cobre meu rosto de beijos mais uma vez, pressionando os lábios com suavidade contra minha pele, e diz:

— Minha querida Adelina, não há motivos para sacrificar sua honra, já que logo será minha.

Eu me afasto e o encaro. Meu olhar é incrédulo; o dele, determinado.

— Eu... eu não entendo — gaguejo.

— Vamos nos casar. — Ele sorri. — Você e eu. Exatamente como sonhamos. Está tudo sendo organizado. Só você, eu e um membro do clero. Sinto muito que não seja grandioso, o tipo de casamento condizente com minha futura rainha, e sinto muito que sua família não possa estar presente para testemunhar nossa união. Tenho certeza de que entende a necessidade de fazermos tudo em

segredo. Mas logo, muito em breve, assim que a notícia se espalhar e meu pai não tiver opção além de aceitar o que fiz e permitir que ambos os filhos construam um futuro com as mulheres que amam, bem, faremos a maior festa que você já viu. Adelina, eu prometo.

Observo seu rosto, desejando corresponder a seu estado de euforia, mas tenho muitas dúvidas até mesmo para tentar.

— Mas como faremos isso? *Onde?* E, o mais importante, Alrik, seu pai vai *matar* você!

Alrik apenas ri, desconsiderando a ideia com um aceno impaciente.

— Matar seu primogênito? Nunca! Meu pai irá se acostumar com a ideia. E quando ele conhecer você assim como eu conheço, não resistirá e a amará também. Você verá!

Mesmo querendo muito acreditar, não consigo. Sou menos idealista que Alrik. Cresci com muito menos riquezas e privilégios e já tive algumas das piores decepções que a vida pode trazer.

Antes que possamos entrar em detalhes, ouvimos passos, o som inconfundível de botas pisando o caminho lamacento entre as baías. Alguém para em frente à que estamos e bate de leve à porta. Uma voz masculina chama:

— Alrik? Está aí dentro?

— Estou — diz, cobrindo meu rosto de beijos e depois explorando o profundo decote quadrado de meu vestido. — Pode entrar. Mas já estou avisando, não me encontro sozinho, estou aproveitando o tempo com minha noiva.

Começo a me afastar, constrangida pela exposição pública, desejando me retrair para um canto escuro. Mas Alrik não tem vergonha e me puxa de volta para perto dele. Ele encaixa o braço ao redor de minha cintura enquanto Heath entra, faz uma reverência e mal tem tempo de arriscar olhar para nós quando diz:

— Milorde e Esme. — Ele endireita as costas novamente e revela um olhar de puro horror. — Ah, *Adelina*. Perdoe-me. Cometi um erro. Presumi...

Seu rosto enrubesce e as palavras falham. Não há como voltar atrás, não há um modo elegante de retirar o que disse.

Pior ainda é o fato de Heath ter pedido minha mão em casamento recentemente — algo que apenas ele, meus pais (que me censuraram muito por recusá-lo) e eu sabemos. Felizmente, Alrik não tomou conhecimento disso. Do contrário, certamente não seria tão receptivo com seu mais antigo e querido amigo de infância, e cavaleiro favorito de seu pai, como está sendo agora.

Observo Heath rapidamente, seus cabelos grossos e castanho-dourados, seus incríveis olhos azul-esverdeados, a silhueta esguia e musculosa, e me sinto terrivelmente culpada por ele nos ter encontrado desse jeito, ciente de que minha vida poderia ser muito mais simples se eu pudesse me obrigar a retribuir sua afeição. Mas é como dizer que, se não fosse pela existência do sol, ficaríamos satisfeitos em ter chuva todos os dias.

O coração não é racional e raramente se comunica com o cérebro.

Quando Alrik está presente, todo mundo perde o brilho.

E, por mais belo, gentil e bem-intencionado que Heath seja, fica quase invisível ao lado de Alrik. Isso pode parecer cruel, mas é a mais pura verdade.

— Bobagem, meu amigo! — grita Alrik, nem um pouco incomodado com o evidente lapso de Heath. — Venha, junte-se a nós! Mande chamá-lo por um motivo. Queria que fosse o primeiro a saber da novidade. Adelina e eu vamos nos casar!

— Senhor. — Ele faz uma reverência, mais por respeito, mas em parte para esconder a expressão

claramente confusa no rosto. Quando volta à posição ereta, está novamente controlado, embora ainda se esforce para não olhar para mim.

— Confio que manterá tudo em sigilo até a hora da revelação.

— E quando será, senhor?

— Amanhã nos casaremos. E no dia seguinte compartilharei minha alegria com o reino. Por enquanto, tenho que ir. Preciso resolver alguns detalhes de última hora. Posso confiar em você para acompanhar Adelina, minha futura esposa, em segurança até a casa dela?

— É claro, milorde. — Ele se curva mais uma vez. Mas agora, enquanto me afasto do beijo de Alrik, percebo Heath me olhando de um modo que não consigo compreender.

Sua expressão carrega um olhar que continuo analisando bem depois de já ter transformado em outro, mais dócil.

Um olhar que continuo tentando decifrar enquanto saímos do estábulo para o que sobrou da luz do dia.

Um olhar que, embora ainda não consiga definir, se prolonga — e sua insistência me deixa profundamente inquieta.

Cavalgamos em silêncio. Ou melhor, eu cavalgo; Heath anda a meu lado, segurando as rédeas frouxas, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos. Embora tenha várias oportunidades de se dirigir a mim, ele só fala quando já estamos quase chegando.

— Você o ama? — ele pergunta de modo simples, direto, como se viéssemos debatendo um assunto que naturalmente nos levasse a esse ponto. Embora se esforce para mascarar a dor por trás da pergunta, não consegue. Posso sentir seu desespero.

Aperto os lábios e desvio o olhar, desejando poder lhe recusar uma resposta. A maioria das mulheres faria isso. Alegria que é uma ofensa ter os sentimentos questionados, a privacidade invadida, que o assunto não é da conta dele, e daí em diante.

Mas não sou como a maioria das mulheres. Detesto esse tipo de falsidade, esse tipo de jogo.

Além disso, Heath é gentil e decente. Ele merece algo melhor, no mínimo uma resposta honesta. Não importa quanto doa.

Afinal de contas, já nos beijamos.

Quer dizer, já nos beijamos várias vezes — uma sequência de beijos, se assim preferir.

Beijos esses que, pelo visto, significaram muito mais para ele que para mim.

Eu estava apenas experimentando. Tentando descobrir se minha cabeça poderia influenciar meu coração. Queria saber se todos os beijos eram como os de Alrik. Como fora o primeiro, eu não tinha parâmetros para julgar. Embora fosse bom beijar Heath, embora me proporcionasse uma sensação suave, calma e serena — como flutuar em uma jangada suntuosa em um belo e tranquilo mar azul —, ainda não era páreo para o ardor de Alrik. Com sua onda de formigamento e calor.

Infelizmente, só quando minha experimentação deu errado, notei que as intenções de Heath eram totalmente diferentes. Ele não estava testando nada. Estava expressando seu interesse por mim.

E, embora minha vida certamente seria mais fácil se eu pudesse retribuir sua afeição, simplesmente não posso, e seria cruel fingir o contrário.

Respiro fundo. Deixo que me ajude a descer do cavalo, colocando-me gentilmente à sua frente. Seu rosto está a apenas alguns centímetros do meu, as mãos ainda seguram minha cintura, e a sensação do contato resulta no fluxo de energia calma e serena ao qual passei a associá-lo.

— Sim — digo, tentando suavizar a palavra. Mas não importa o modo como é pronunciada, imagino que seja como uma adaga em seu peito. — Sim, eu o amo. — Suspiro, e sentindo necessidade de esclarecer acrescento: — Não posso evitar. É... inexplicável. É uma dessas coisas que...

— Não precisa dizer mais nada. É sério. Não me deve satisfação. — Ele me encara. Seu olhar contradiz as palavras. Está desesperado para entender, desesperado para encontrar algum sentido, desesperado para saber por que escolhi Alrik, e não ele.

Tento sorrir, mas o sorriso sai pela metade. Minha voz está fraca e instável quando digo:

— Não estou tão certa disso. Sinto que lhe devo uma explicação, ou... alguma coisa.

Suas mãos ficam mais quentes, o olhar mais profundo, e, antes que algo mais aconteça, ele se afasta. O movimento é tão repentino que levo um instante para me adaptar.

— Adelina — diz ele com a voz baixa e doce, cheia de uma reverência que reserva somente a

mim. — Você está ciente de meus sentimentos por você, então não vou perturbá-la com isso. Mas, por favor, deixe-me falar como amigo quando digo que tenho muitos motivos para me preocupar com o plano de vocês.

O plano não é meu, é de Alrik. Não tive participação alguma. Ainda assim, não o recusei, não disse *não*. Mas também não me lembro de ter dito *sim*. Mal pude fazer qualquer pergunta antes que Heath chegasse e colocasse fim em nossa discussão. Mas opto por não dizer isso a ele.

— Em primeiro lugar, o mais óbvio: o rei ficará furioso. A união de Alrik e Esme foi planejada há muito tempo. Ninguém nunca se iludiu achando que seria por amor, exceto, talvez, Esme... — Ele faz uma pausa para refletir, retomando o assunto quando diz: — Há muito a ser levado em conta, muito dinheiro em jogo. A família de Alrik precisa desesperadamente do dinheiro de Esme se quiser continuar no poder. E, se já não bastasse, há também que se considerar Esme e sua família. Eles entregarão de bom grado um grande dote se isso significar que sua filha um dia poderá usar a coroa. E, embora eu não conheça Esme muito bem, já que a encontrei apenas algumas vezes, acho que é certo afirmar que ela ficará furiosa quando souber o que vocês dois fizeram. E tenho a impressão de que sua ira pode ser ainda pior que a do rei. Há algo naquela garota. Algo indomado, algo que não conhece limites, fronteiras de nenhum tipo. — Ele balança a cabeça e sacode as mãos ao lado do corpo. — E ainda, é claro, temos Rhys, que, bem, certamente será o único, além de você e Alrik, a ficar eufórico com a notícia. É uma ideia assustadora por si só, não? — Sua voz ganha força com a pergunta, mas o rosto continua o mesmo, imóvel, fixo, sem um pinga de alegria. — Ao mesmo tempo que ficará livre para procurar Esme, isso só irritaria a irmã dela. Como deve saber, Fiona está interessada em Rhys há muito tempo.

Pisco, esforçando-me para absorver tudo. Mesmo sabendo muito bem do triângulo de inveja e atração em que estou envolvida, surpreendome ao ver tudo exposto de forma tão clara.

— O amor é mesmo uma confusão — sussurro, quase como se falasse para mim mesma. Então, fitando os olhos de Heath, pergunto: — O que propõe que eu faça? O que me sugeriria?

— Sugeriria que me escolhesse. — Ele suspira. As palavras são tão desoladas quanto seu olhar. — Sei que nunca me amará como ama Alrik e aceito isso. Também me esforçarei para fazê-la feliz. Eu prometo, Adelina, que dedicarei toda a minha vida a garantir que esteja bem-cuidada e contente.

— Heath... — Balanço a cabeça, desejando que ele não tivesse dito aquilo.

— Sinto muito se a deixei em uma posição desconfortável, mas nunca me perdoaria se pelo menos não expressasse minhas preocupações e tentasse lhe oferecer uma saída para o que temo terminar em transtorno, ou até mesmo em desgosto, para quase todos os envolvidos.

Confirmo com a cabeça. Suas palavras se prolongam, girando em minha mente, e o pior é que não há nada que eu possa refutar. Suas preocupações ecoam as minhas.

Ainda assim, olho para ele e digo:

— E agora que você expressou suas preocupações, o que acontece?

— Agora, despeço-me e lhe desejo muitas felicidades. — Ele se curva diante de mim.

Antes que ele se levante, eu o deixo. Dou um beijo rápido no topo de sua cabeça, sobre os grossos fios de cabelo castanho-dourados, antes de seguir em direção à porta. Penso comigo mesma que, seja como for, a partir de amanhã nunca mais olharei para minha casa, para minha vida ou para Heath do mesmo modo. Estarei profundamente transformada.

Sinto o peso do olhar de Heath acompanhando-me, sua energia calma e serena ainda flui, prolonga-se, enquanto sigo até a entrada e o interior da casa.

É uma pedrinha na janela que me acorda. Uma batida brusca, seguida de outra, e mais outra, até que desperto por completo.

Visto o penhoar, paro um instante para passar as mãos brevemente pelos cabelos antes de prosseguir, ansiosa por ver quem é.

Esperaria qualquer pessoa, menos a que encontro.

— Rhys? — Estreito os olhos, observando seus olhos azuis profundos e os cabelos castanho-dourados. — O que houve? — Meu coração bate três vezes mais rápido com a enxurrada de possibilidades, uma pior que a outra, que me vem à mente. *Alrik sofreu um acidente, Alrik ficou doente, Alrik mudou de ideia a meu respeito...* Até que por fim tenho o bom-senso de perguntar:

— Aconteceu alguma coisa com Alrik? Está tudo bem?

Ele ri de um modo que ilumina seu rosto — de um modo que o torna irresistível a mulheres de todas as idades, em todas as situações: casadas, princesas, até as mais humildes camareiras. Todas, menos eu, quer dizer.

— Acredite, seu precioso Alrik está bem. Está como pinto no lixo, mal pode esperar para vê-la. Por isso me mandou aqui para buscá-la e levá-la até ele.

— Não acredito em você — digo, e as palavras vêm antes de eu ter a chance de vetá-las adequadamente. Mas, depois de ditas, percebo que não me arrependo delas. — Alrik nunca enviaria você. Pelo menos não para me buscar. Ele conhece bem sua crueldade, Rhys. O modo humilhante como gosta de me tratar.

Rhys sorri, passa a mão pelas ondas douradas e brilhantes de seus cabelos, os olhos azuis faiscando no escuro, enquanto diz:

— Não vou negar nem me desculpar pelo que fiz. Na verdade, admito que considero meu irmão um idiota por escolher você quando poderia ter a adorável e encantadora Esme. Mas acontece que a idiotice de meu irmão está agindo a meu favor. Por causa dessa bizarra atração por você, Esme, minha bela deusa de cabelos de fogo estará livre para mim. Assim, nessas circunstâncias, meu irmão e eu fizemos uma trégua. Ele me enviou para buscá-la enquanto se ocupa com suas obrigações. Então, venha logo. Seu casamento a espera. Não me faça acordar a casa toda.

— Agora? — Pisco no escuro, certa de que ele se enganou.

— Sim, *agora*. Será tudo às escondidas, em segredo. Então, venha. Pegue o que precisa, vista-se e saia pelos fundos. Meu cavalo está lá.

Apesar de suas instruções, permaneço imóvel, recusando-me a sair da janela, sabendo muito bem que Rhys não é nem um pouco confiável. Estou certa de que, se Alrik mandasse alguém para me buscar, seria Heath, não Rhys, o irmão em quem não confia, o irmão que ele detesta.

Rhys suspira. Suspira e balança a cabeça. Enfia a mão no bolso do sobretudo e diz:

— Certo. Aqui está. Leia e chore. Mas ande logo. Gostaria de voltar para minha cama em algum momento. Há uma criada rechonchudinha esquentando meus lençóis agorinha mesmo.

Contendo o ímpeto de revirar os olhos, finjo ignorar a última parte e o vejo escalando habilmente a treliça pelo lado de fora de minha janela. Rhys move-se rápido como um gato e joga um papel dobrado em minha mão enquanto se empoleira no peitoril.

Afasto-me, aperto o penhoar na cintura e jogo meus longos cabelos louros sobre os ombros, de modo que eles me cubram na frente. Tento evitar seus olhos, que passeiam ávidos por mim, parando em todos os lugares que não deviam, sem sequer ter a cortesia de tentar disfarçar.

Reconheço o lacre de cera vermelha que Alrik sempre usou para selar as inúmeras cartas que me enviou, desdobro o papel com pressa, aliso-o, e leio:

Minha querida Adelina:

Se está lendo isso, é porque se recusou a acreditar na palavra de Rhys.

Muito bem!

Você me deixou orgulhoso novamente. Mas, apenas desta vez, peço que confie nele. Parece que meu irmão e eu enfim chegamos a um acordo e estamos trabalhando juntos — trabalhando por um bem maior, por assim dizer. Então é com tranquilidade e consciência limpa que suplico que você vá com ele.

Não consegui localizar Heath e, na necessidade de um aliado, recorri a Rhys. Presumi corretamente que ele ficaria feliz com a notícia de nosso casamento secreto, ou, como ele prefere dizer: “A ridiculamente romântica e imprudente estupidez de Alrik.” Por mais que ele possa rir, receio que o motivo de piada seja ele, que nunca vivenciará o tipo de amor que encontramos um no outro.

Ainda assim, apesar de zombar, Rhys é esperto o suficiente para entender que meu casamento com você o deixa livre para cortejar Esme e, em última análise, ir atrás da coroa e, provavelmente, da posição de “filho favorito e herdeiro de nosso pai” que ocupei certa vez. Mas nada disso importa à luz do que ganharei: a possibilidade de realizar meu sonho de tanto tempo de viver a seu lado.

Espero por você, minha querida... minha noiva... minha esposa!

Por favor, corra para mim!

Para sempre seu,

Alrik

— E então, o que acha? Passa em seu teste? — Rhys está acomodado na janela, uma perna pendendo para o interior de meu quarto e a outra dobrada no peitoril, servindo de apoio para suas mãos.

Alterno o olhar entre ele e o bilhete, e preciso admitir que certamente foi escrito pelas mãos de Alrik e que não foi sob coação. Então respiro fundo e confirmo com a cabeça.

— Muito bem. — Rhys é rápido ao estender a mão e pegar o papel de volta. Enfia-o no fundo do bolso sem se dar ao trabalho de dobrá-lo direito, olha para mim, manda que me apresse, pula pela janela e some de meu campo de visão.

- Suba.
- Olho para ele. Franco a testa e digo:
- Subir aí? Com *você*?
- A menos que prefira andar. — Ele dá de ombros, como se estivesse preparado para me deixar ir a pé.
- Por que *você* não vai andando e eu vou a cavalo? — Coloco as mãos na cintura, jurando contar a Alrik sobre isso mais tarde.
- Não. De jeito nenhum. — Ele balança a cabeça. — Primeiro, porque está escuro. Segundo, porque está frio. E terceiro... — Ele prolonga a pausa, fazendo-me esperar, como se eu realmente me importasse. — Não sou muito bom em agir de maneira nobre ou gentil. Sobretudo quando não espero ganhar nada em troca. No entanto, se eu *ganhasse* algo em troca, poderia reconsiderar.
- Fito aqueles olhos azuis brilhantes, o arco esnobe das sobrelanceiras douradas, o luzir de seus dentes brancos no céu enegrecido da noite. É uma imagem que deixa a maioria das meninas tontas, com as pernas bambas, prontas para sucumbir a todos os seus caprichos e necessidades — mas, em meu caso, apenas causa ânsia de vômito.
- É assim que você flerta com Esme? — pergunto. Sei que não deveria cair na provocação, mas isso não me impede. — Se for, não consigo imaginar por que ela o rejeitou e escolheu seu irmão. Diga-me, Rhys, ela já viu esse seu lado tão galanteador?
- Aguardo uma resposta, esperando que fique bravo, diga algo cruel sobre minha aparência, o baixo status de minha família e nossa falta de dinheiro, mas ele apenas ri. Seu sorriso fica maior quando diz:
- Não. Com Esme é só pompa e circunstância, nada além da mais profunda cortesia e respeito. É preciso saber como lidar com uma garota como ela. Esme é gananciosa, superficial e vaidosa. A única coisa que vê em meu irmão é o que logo será meu: o poder da posição dele e, mais importante, a coroa. Somos muito parecidos, Esme e eu. Fomos feitos um para o outro. *Pertencemos* um ao outro. Ela e eu somos almas gêmeas, e algum dia ela perceberá isso também.
- Continuo olhando para ele, tentando pensar em uma resposta sarcástica, mas as que me ocorrem morrem em meus lábios. O que ele disse é a mais pura verdade. Eles são gananciosos, superficiais e extremamente vaidosos. E o fato de Rhys ser capaz de notar isso revela uma autoconsciência e uma percepção surpreendentes, que eu nunca poderia imaginar.
- Quanto tempo você pretende ficar aí parada? — ele pergunta, entediado, tamborilando no cepilho da sela.
- Por que não trouxe uma carruagem? — pergunto, ainda sem vontade de cavalgar junto com ele, embora minhas opções sejam limitadas.
- Vejo-o dar um grande suspiro e saltar da montaria. Então, põe-se diante de mim, a apenas alguns centímetros de distância.
- Porque uma carruagem chama muita atenção a esta hora — diz. — Lembre-se, devemos manter tudo em segredo. Por isso pensei que você não quisesse que seus pais descobrissem que está fugindo para se casar, mesmo que seja com um membro da realeza. Mas receio que, se insistir em ficar

negociando desse jeito, bem, não haverá necessidade de segredo, porque a vila inteira logo virá a seu encontro. Então, Adelina, o que me diz? Vai continuar me confrontando ou está pronta para seguir o caminho mais fácil? Seja uma boa menina e suba no cavalo. Alrik está esperando.

Engulo em seco, reprimo meu orgulho e concordo. Enrijeço o corpo quando Rhys põe as mãos em minha cintura. Ele me levanta, me coloca na sela e monta em seguida, alertando-me para que segure firme a fim de não cair. É uma ideia que parece agradá-lo um pouco demais — e na qual faço o possível para não pensar.

Cavalgamos quilômetros. Tanto que a certo ponto permito-me cochilar. Desperto com o som da voz de Rhys em meu ouvido, suave e extraordinariamente gentil, dizendo:

— Ei, Adelina. Pode acordar agora. Já chegamos.

Levanto a cabeça de seu ombro, esfrego os olhos, ajeito o cabelo e olho em volta. Tento identificar o lugar onde estamos, mas não o reconheço.

— É uma cabana de caça — diz, os lábios roçando em minha orelha. — É nossa cabana de caça. De Alrik e minha. Embora não seja nem um pouco grandiosa como o palácio, diria que também não é ruim. Imagino que você achará surpreendentemente confortável. Sei que muitas, muitas, muitas de minhas conquistas gostaram bastante daqui.

Sim, ele voltou a ser Rhys.

— Onde está Alrik? — pergunto, afastando-me dele.

Mal termino de falar e uma voz sussurrada diz:

— Estou aqui.

Ele vem em minha direção, estende os braços e me pega com cuidado, ajudando-me a descer do cavalo. Seu corpo é tão quente, tão reconfortante, que por um momento me esqueço de seu terrível irmão, até que Alrik me solta e diz:

— Obrigado, irmão. Fico lhe devendo esse favor.

Mas ele apenas ri, dá meia-volta com o cavalo e diz, olhando para trás:

— Esqueça. Sua noiva pelo reino... — Ele balança a cabeça. — Odeio dizer, meu irmão, mas receio que *eu* fique devendo a *você* quando sua pequena lua de mel terminar e você se der conta da tolice que fez. Só espero que não seja insensato a ponto de querer me cobrar isso assim que tiver sujado a cama. Embora lhes deseje muitas felicidades, alegrias e tudo mais, acho que preciso voltar. Minha doce e pequena Sophie certamente está mantendo *minha* cama aquecida a uma hora dessas.

— Ainda levando camareiras para a cama? — pergunta Alrik.

— É a leiteira, meu irmão, a leiteira. Tente acompanhar as novidades!

O cavalo sai galopando, levando junto Rhys, enquanto Alrik me conduz em direção à cabana, roçando os lábios em meu rosto ao dizer:

— Peço desculpas por meu irmão. Esperava que ele lhe poupasse desse tipo de grosseria, mas talvez tenha sido tolice de minha parte. Ainda assim, o que importa é que a trouxe até mim. Fez o que pedi, e você chegou em segurança. — Ele olha para mim com o rosto tão cheio de amor e devoção que engulo tudo o que estava prestes a dizer sobre Rhys ser rude, pois não quero que minhas palavras estraguem sua expressão.

— Na verdade, dormi a maior parte do caminho, principalmente para ignorá-lo — digo, encontrando um meio-termo que faz Alrik rir.

— Então não está cansada? Não está com saudade da cama? — Ele olha em meus olhos.

Alternos o olhar entre ele, o céu noturno ainda escuro e a porta que ele mantém aberta e que leva a

um cômodo rústico, porém suntuoso.

— Ah, estou me sentindo bem descansada. — Sorrio. — Mas não rejeitaria uma cama.

Depois de uma ou duas horas de risadinhas, carícias e sussurros — fazendo grandes planos para nossa nova vida juntos, uma vida que começa amanhã à tarde —, Alrik e eu pegamos no sono. Ele ainda totalmente vestido (menos as botas, é claro), eu despida do traje em que cheguei, usando o mesmo penhoar com que seu irmão me encontrou.

O braço de Alrik está jogado em volta de minha cintura, ancorando-me junto a ele. Nossos corpos se ajustam, aconchegados a ponto de eu conseguir sentir as batidas de seu coração em minhas costas, o sopro da sua respiração em meu ouvido. Estou determinada a mergulhar nessa sensação, deixar de lado qualquer resquício de preocupação, qualquer temor persistente, em nome deste momento juntos. Ansiosa pelo dia de amanhã, quando nossa troca de votos permitirá que nos amemos livre e abertamente — não mais relegados a baías de cavalo vazias ou a pontos isolados na floresta que cerca a casa de meus pais. Não mais obrigados a nos refrear logo quando a coisa esquenta.

É uma mudança pela qual espero com ansiedade.

Mas esse é o tipo de pensamento com que minha mente se alegra, razão pela qual é difícil evitá-lo, e assim que durmo baixo a guarda, e uma longa lista de inquietações se apresenta, manifestando-se na estranha língua dos sonhos e jogando-me em um cenário desconhecido e lúgubre, onde Alrik não está por perto e um ser encapuzado me persegue.

Corro em meio a moitas e arbustos. Corro para salvar minha vida. Sofro enquanto espinhos afiados entram em minha pele e rasgam minhas roupas — deixando-me esfarrapada, machucada e exaurida. Mas, ainda assim, continuo correndo.

Mesmo correndo muito, não sou rápida o bastante.

Parece que não conseguirei escapar.

Não conseguirei escapar do ser encapuzado e sombrio que vem atrás de mim.

Investindo contra mim.

Reclamando-me para si.

Acabando comigo...

Levanto-me de repente, um grito horrível corta meu sono. Não me dou conta de que aquele som veio de mim até que Alrik se levanta ao meu lado e me abraça forte.

— Adelina! Meu amor, minha querida, você está bem? O que aconteceu? Entrou alguém aqui? Fale comigo, por favor. — Ele envolve meu rosto com as mãos, fazendo-me encará-lo enquanto fita meus olhos arregalados de susto.

— Eu... — Pisco rapidamente e levo um instante para me distanciar e olhar em volta enquanto tento me orientar, lembrar onde estou, quem sou, mas ainda assombrada pelas terríveis visões que tive, como se o sonho continuasse.

Alrik salta da cama, pega a tocha e ilumina todos os cantos do quarto. Finalmente assegurando-se de que não há ninguém ali, volta para meu lado e diz:

— Minha querida Adelina, relaxe. Foi apenas um sonho.

Ele sussurra palavras doces em meu ouvido — promessas, declarações de amor, garantias de que o sonho não significou nada... de que estou em segurança... de que nada me fará mal.

Mas eu sei mais que ele.

Sei que não é *apenas um sonho*.

Meus sonhos não são como os das outras pessoas.

Meus sonhos têm a misteriosa capacidade de se realizar.

Proféticos, é assim que minha mãe os chama. Ela me aconselhou desde pequena, quando comecei a tê-los, a nunca falar deles — a fazer o possível para bloqueá-los, temendo que alguém descobrisse. *Isso arruinará sua vida*, ela dizia. *Esse tipo de coisa nunca é bem-visto*.

Mas nesta noite não tenho escolha a não ser contar a Alrik, alertá-lo do terrível acontecimento que está por vir. Já tive esse sonho antes, muitas vezes, desde criança. Mas é a primeira vez que entendo seu significado.

Entendo que chegou a hora.

Do abrigo caloroso e seguro de seus braços, permito que meus olhos percorram seu rosto com tristeza. Com a voz baixa, quase um sussurro, digo:

— Nunca nos casaremos. — Olho para ele, certificando-me de que ele compreenda que a suavidade do tom de minha voz não diminui a intensidade das palavras. — Não estarei viva até a cerimônia.

Alrik hesita, balança a cabeça, procura um modo de me consolar.

— Isso é absurdo! — diz. — Foi só um pesadelo. Nada mais. Não significa *nada*, absolutamente *nada*... Pelo menos nada além de uma demonstração normal de nervosismo pré-nupcial. Nossa vida está prestes a mudar radicalmente, estamos a um passo de ter a vida de nossos sonhos. Sei que você está empolgada, mas suspeito que também esteja com um pouco de medo, e é assim que ele se manifesta. Mas, minha querida, minha doce Adelina, por favor, saiba que não há com que se preocupar. Não deixarei nada de ruim acontecer a você. Nem agora, nem nunca. Está me ouvindo? Sempre estará segura a meu lado.

Balanço a cabeça, concordando. Engulo em seco. Mais que tudo, quero acreditar nele, acreditar que suas palavras sejam verdade.

Mas bem no fundo sei que não são.

Ele está enganado. Completamente enganado.

Ele não viu o que eu vi.

Não sabe o que eu sei.

Não senti as mãos frias da morte pegando-me e recusando-se a me soltar.

— Beije-me — digo, e vejo o modo como sua expressão suaviza, acreditando erroneamente que já está tudo bem. — Beije-me e me faça esquecer. Faça tudo sumir — insisto, sabendo que é minha única chance de experimentar nosso amor em sua forma mais absoluta, verdadeira, profunda. Se não puder convencê-lo agora, bem, nunca conhecerei esse amor. — Beije-me como se já tivéssemos feito os votos. Beije-me como se eu já fosse sua esposa.

Desato os laços do lençol e permito que o tecido escorregue por meu corpo enquanto sustento o olhar de Alrik. Noto sua respiração ofegante, o maxilar tenso e os olhos bem abertos. Ele me encara surpreso, observando-me como se nunca tivesse visto nada parecido.

Mas sei que não é isso. Já ouvi muitas histórias e sei que não sou a primeira dele. Embora não seja tão libertino quanto Rhys, ele é conhecido por ter desfrutado de seu quinhão de mulheres.

No entanto, isso não me incomoda. Até acho reconfortante. De todas as garotas com quem estive, de todas as garotas com quem poderia estar, ele escolheu a mim, e apenas a mim, pelo tempo que nosso coração bater.

Não importa o que acontecer comigo, não importa o que o futuro me reserve, não tenho dúvidas de que, no coração de Alrik, sempre serei aquela que ele escolheu para ser sua rainha.

— Adelina, tem certeza? — ele pergunta com a respiração mais acelerada, enquanto meus dedos sobem por sua camisa com a única intenção de tirá-la.

Ele está tentando escapar, poupar-me de fazer algo de que possa me arrepender. É uma tentativa de fazer a coisa certa, ser nobre, cavalheiro, mas as palavras não carregam esse significado, ele está tão ansioso quanto eu.

Pressiono o dedo contra sua boca, mas logo o tiro e substituo por meus lábios.

— Você se casou comigo no dia em que o empurrei no lago, e eu me casei com você no dia em que mandou flores em resposta. Tulipas vermelhas. Quem diria? — Sorrio, fazendo uma pausa longa o suficiente para que meus lábios explorem sua orelha, o pescoço, enquanto minhas mãos percorrem seu glorioso peito agora despido.

Seu lindo rosto paira diante de mim enquanto ele me guia de volta para os travesseiros, de volta para nossa cama, passando os lábios por meu corpo, beijando cada centímetro de pele nua, em lugares que eu nunca imaginei. Os dedos se movem rapidamente, com destreza, retirando o que restou de roupa em nós. Assim que consegue, diz:

— Adelina?

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, mais certa que nunca.

E então um beijo.

Um suspiro.

E agora não tem mais volta.

Está feito.

Estamos fazendo.

Nossos corpos se movimentam juntos — misturados, fundidos, conectados como um só.

E cada segundo é tão maravilhoso quanto sonhei que seria, se não mais.

— Minha querida — Alrik sussurra, virando de lado e olhando para mim, me enxergando com a ajuda dos raios de luz que entram pela janela e por baixo da porta. — Você dormiu?

Murmuro algo sem importância, pois não quero que ele saiba que não. Que eu não podia correr o risco de estragar minha noite perfeita, o amor que fizemos, com outro sonho anunciando a triste realidade que precisarei enfrentar.

— Como se sente? Está arrependida? — Ele me lança um olhar preocupado.

— Arrependida? — Faço que não com a cabeça e sorrio, pressionando os lábios no meio de sua testa. Pego um cacho solto e o afasto de seu rosto para vê-lo melhor. — Do que haveria de me arrepender? Está se referindo à segunda vez? Ou à terceira, quem sabe?

Ele sorri e, mais uma vez, cobre meu corpo com o seu.

— Estava pensando na quarta.

— Quarta? — Estreito os olhos, como se tentasse lembrar. — Não me recordo da quarta. Será que eu estava dormindo? — Pisco, flertando, ciente de que suas mãos já estão em ação, já estão me aquecendo. Levo os braços a seu pescoço e puxo-o mais para perto de mim, dizendo com voz suave e provocadora: — Talvez você devesse refrescar minha memória.

Quando terminamos, ele mostra onde posso me lavar e me vestir, exhibe o guarda-roupa cheio de vestidos novos que trouxe só para mim e diz que posso escolher o que quiser para a cerimônia secreta de hoje — e que são todos trabalhados, lindos, apropriados para a mulher que um dia será sua rainha. Ele então monta em seu cavalo e sai galopando. Diz que enviará uma criada para me auxiliar com a vestimenta, algo em que se esqueceu de pensar antes — e promete voltar assim que os arranjos de última hora estiverem resolvidos.

Eu me lavo com calma, impressionada por tudo parecer igual por fora quando por dentro mudou definitivamente. O que quer que aconteça a partir de agora, pelo menos já sei o que é ser amada de maneira tão completa, tão profunda, tão absoluta e incondicional. É como se a força de nosso amor também tivesse-me fortalecido. Isso, junto com o calor reconfortante de um bom banho e de um novo dia ensolarado, faz com que me sinta uma pouco tola por dar tanto crédito ao sonho da noite anterior.

Alrik estava certo. Dei muita importância ao que provavelmente não passa de preocupação reprimida manifestando-se em meus sonhos.

Ainda assim, não me arrependo de ter dormido com Alrik. Nem um pouco. Na verdade, estou ansiosa para reviver essa experiência como sua esposa, imaginando se será diferente.

Prolongo o banho, esperando que a criada chegue, mas, quando já lavei tudo o que podia, quando meus dedos ficam enrugados como uma ameixa-passa, decido me secar e aproveitar bem a variedade de cremes e talcos que Alrik deixou para mim. Depois volto a vestir o penhoar e tento escolher o que usar na cerimônia. Espero que a criada chegue logo para me ajudar. Com todas as camadas, laços e coisas que devem ser apertadas no corpo, é impossível alguém se vestir sem alguma assistência.

Estou arrumando os cabelos, desembaraçando e pensando no que fazer com eles. Sei que Alrik gosta de vê-los longos e soltos, as ondas macias e douradas caindo por meus ombros até a cintura. Mas, como se trata de um casamento, talvez seja mais apropriado trançá-los ou prendê-los de um modo mais elaborado. Ouço baterem à porta e rapidamente me viro para atender, esperando que seja

a criada e que ela entenda de penteados.

Mal consigo sair da frente da penteadeira quando ela mesma abre a porta e entra. E, longe de ser a criada que eu esperava, é minha prima Esme quem vejo.

— Ora, ora... — Seus olhos verdes e brilhantes ardem, fixando-se nos meus. Seu olhar é tão flamejante, tão cheio de raiva, que demoro a me recompor, a recobrar o senso de orientação. — Parece que os boatos são verdadeiros. Veja só você aí, quase nua. — Ela estala a língua em reprovação. — Pretende mesmo fugir com ele, não é?

— Como soube? — indago, sem ver motivos para negar. Ela sabe o que sabe. Viu o que viu. A história está clara.

— E isso importa? — Esme ergue a sobancelha e anda pelo quarto, analisando o local e tudo dentro dele, como se lhe pertencessem. Para e aprecia um quadro, endireitando sua moldura, antes de se concentrar na beira da cama desarrumada, desfeita, onde seus olhos continuam a arder. Ela retorce com raiva a pequena boca rosada.

— Importa — respondo. — Na verdade, acho que importará muito para Alrik. Ele certamente gostará de saber o nome de quem o traiu.

Ela continua a olhar para a cama antes de se virar para mim e dizer:

— Bem, nesse caso, foi Fiona. — Ela ergue os ombros, entregando facilmente a irmã, minha prima. — Você sabe que ela está de olho no sr. Rhys há algum tempo, então cuidou em fazer amizade com a última conquista dele. Uma leiteira idiota qualquer, pelo que soube. Foi muito engenhoso da parte de Fiona, devo admitir, e ela conseguiu ficar sabendo de tudo. — Ela dá um sorrisinho torto, como se achasse aquilo muito divertido, mas preferisse não se alongar no assunto. — Bem, acontece que nosso querido Rhys gosta de falar enquanto... *dorme*... por assim dizer, pelo menos de acordo com sua companheira de cama mais recente. E então Fiona, como irmã dedicada, mal pôde esperar para me dar a boa-nova. É claro que não acreditei a princípio. Perdoe-me, Adelina, mas a ideia de você e Alrik juntos é simplesmente ridícula, não é?

Ela me encara, e seus olhos brilham como se estivesse na expectativa de que eu concordasse. Quando não o faço, quando continuo parada diante dela, séria, com os olhos semicerrados e os braços cruzados, Fiona suspira e diz:

— Mas ela insistiu tanto e, bem, decidi ver com meus próprios olhos. Mas só o que vejo é uma cama bagunçada e uma garota triste, patética e incrivelmente ingênua que parece ter caído no truque mais antigo do mundo. — Ela balança a cabeça e emite um som de reprovação com a língua estalando no céu da boca. — É sério, Adelina, você é mesmo muito patética, não? Abrindo mão de sua honra de bom grado, pela falsa promessa de uma aliança no dedo. Aliança que, sem dúvida, Alrik nunca teve a intenção de lhe dar. — Ela me examina de soslaio. — Não foi uma atitude muito esperta, prima. Não foi nem um pouco esperta. Não percebe que arruinou voluntária e estupidamente sua vida para sempre? Foi corrompida. Usada. Ninguém vai querer se casar com você quando a notícia se espalhar. Bem, será muita sorte até se o bobo apaixonado do Heath quiser alguma coisa com você. Ninguém gosta de coisas de segunda mão, prima, se é que você me entende.

— Você precisa ir embora. — Endireito a postura e jogo os ombros para trás, cansada de ouvir insultos, e não quero que Alrik volte e nos encontre assim. Nem imagino o que ele poderia fazer.

Mas Esme não se importa. Não pretende ir a lugar algum. Continua ali parada, com um sorriso cínico nos lábios que combina perfeitamente com seu olhar.

— Precisa ir embora agora, antes que a criada chegue e que Alrik volte — digo, esperando que seja o suficiente para convencê-la.

Mas ela zomba:

— Ah, não precisa se preocupar com isso. — Ela verifica as unhas, passa a mão na touca de cabelos ruivos. — A criada não vai chegar tão cedo, se é que vai chegar. Fiquei sabendo que ela teve um pequeno contratempo. E quanto a Alrik...

Engulo em seco. Prendo a respiração. Espero. Sou tomada por uma sensação horrível. Antes mesmo que ela diga, sei que fez algo ruim, encontrou um modo de frustrar nossos planos.

Suas palavras confirmam minhas piores suspeitas:

— Suponho que o rei esteja tendo uma conversa dura com ele agora. Lamento informar, Adelina, mas parece que seu segredinho foi descoberto. E, quanto ao *casamento*, parece que terminou antes mesmo de começar.

Eu me viro. Luto para respirar. Não tenho ideia de como reagir a nada do que ela disse. Eu deveria saber. Deveria saber que era bom demais para ser verdade. Deveria saber que Esme encontraria um jeito de atrapalhar, de se intrometer. É o que ela faz de melhor.

— A única dúvida que resta é o que acontecerá a você. — Ela se movimenta até seus olhos encontrarem os meus. Seu olhar contradiz suas palavras. Ela não hesita, não pondera. Sabe exatamente por que veio, o que pretende fazer, e não tem intenção de partir até concretizar seus planos.

Seus olhos brilham e se estreitam enquanto ela leva os braços atrás da cabeça e puxa o capuz para a frente.

É uma capa preta de veludo idêntica à que vi em meus sonhos.

Aquilo que eu confundi com um símbolo representando a morte.

Nunca imaginei que deveria interpretá-lo literalmente.

Nunca imaginei que seria a última coisa que eu veria antes de o mundo desaparecer sob meus pés.

Estou com frio.

Ferida.

Minha única fonte de calor vem de um filete que escorre por meu rosto, fazendo meus olhos queimarem e arderem e deixando um gosto de cobre na língua.

Sangue.

Meu sangue.

Deve ser. Esme não chegou a perder nenhum do seu.

Foi muito rápida. Concentrada. Segura. E eu infelizmente não estava preparada para enfrentá-la.

Apesar de ter sido alertada pelo sonho, nunca tive chance.

Nunca imaginei que ela seria responsável por minha morte.

E agora, depois de arrumar tudo para que parecesse um acidente, ela se foi.

Deixando-me cair cada vez mais fundo em um lago infinito de escuridão.

Ouçõ a voz dele fluindo a quilômetros de distância.

O som confuso, distorcido, como se viesse dos confins de um mar muito profundo, como se lutasse para chegar à superfície, lutasse por mim.

Mesmo querendo mais que tudo acenar com a cabeça, balançar os braços, gritar bem alto dizendo que o escutei, que recebi a mensagem e que sei que ele está por perto, não consigo fazer nada disso.

Não consigo ver. Não consigo me mexer. Não consigo falar.

É como se já estivesse fechada no caixão, enterrada viva, ciente do que acontece à minha volta, mas incapaz de participar.

Luto com todas as minhas forças para me apegar a suas palavras, sua presença, para encontrar um modo de chegar a ele antes de partir para sempre.

Ele está desesperado, ferido, triste e fora de si quando grita:

— Quem fez isso? Eu mato! — E então despeja uma enxurrada de ameaças, parando de vez em quando para alternar entre súplicas à ajuda de Deus e exigências de saber por que aquele mesmo Deus lhe fizera esse mal, roubando-lhe sua única chance de amor verdadeiro.

— Parece ter sido um acidente — diz uma voz que logo reconheço como de Rhys.

Não consigo deixar de ficar horrorizada, e espero que a mão que sinto na testa não seja dele.

— Saia de perto dela! Não toque nela! — grita Alrik. — Isso é culpa sua. Você e sua boca grande. Maldito seja, irmão! Veja o que fez!

— Eu? — Rhys dá uma risada profundamente sarcástica. — Como posso ter causado isso se acabei de chegar?

Esforço-me para ouvir, imaginando se Alrik suspeita da verdade, se suspeita de que foi Esme, sua prometida, que me deixou deste jeito.

Minhas esperanças se esvaem quando ele diz:

— Se não tivesse contado a nosso pai, eu não me haveria atrasado. Estaria aqui para salvá-la dessa... dessa... *queda*. — Ele está trêmulo, a respiração parece um gemido. — Não fosse por você,

isso nunca teria acontecido.

— Meu irmão, por favor. Controle-se. Por que eu faria isso se tenho tanto a perder quanto você?

— A voz de Rhys continua estável, firme, contrastando de forma cruel com a aflição sem fim e o profundo pesar do irmão.

— Você não perdeu nada — diz Alrik, sua voz praticamente um murmúrio. — Pode ficar com a coroa. Eu não quero. Está livre também para se casar com Esme. Não suportaria olhar para ela agora. Fui eu que perdi. Perdi tudo, perdi a única coisa que me importava... Adelina — ele sussurra, passando os dedos em minha testa, em meu rosto, descendo pelo pescoço, onde param e permanecem. Sua voz é de súplica quando continua:

— Adelina, *por quê?* Por que isso aconteceu? Por que está me deixando?

Por causa do sonho, tento dizer, mas as palavras não saem. Então me concentro em pensar em vez de falar. *Eu tentei alertá-lo, tentei prepará-lo, mas você não deu importância...*

— Ah, Adelina... Você previu isso, não foi? Tentou me avisar ontem à noite quando acordou do pesadelo, mas eu só queria acalmá-la, recusei-me a escutar...

Por um instante, sentia-me à deriva, perdendo o controle, mas, quando ele falou isso, ecoando minhas próprias palavras, algo acordou dentro de mim.

Ele... Seria possível que ele tivesse-me ouvido? Sentido os pensamentos que lhe enviei?

Alrik! Alrik, pode me ouvir? Por favor, saiba que amo você. Concentro-me nas palavras, concentro-me com toda a força, com tudo o que restou. Fico imaginando, torcendo para que ele sinta essas palavras também. *Sempre amei você. Sempre amarei você. Nada pode nos separar, nem mesmo minha morte.*

— Eu amo *você*, Adelina — ele sussurra, uma das mãos pousada em minha fronte e a outra entrelaçada à minha, empurrando impacientemente em meu dedo um aro de metal frio que só pode ser minha aliança de casamento. — Sempre amei você, sempre amarei. Estará sempre em meu coração... será sempre minha noiva... — Sua voz falha e uma enxurrada de lágrimas cai sobre meu rosto.

Que coisa, hem?, penso, desejando sorrir embora não consiga. Estou imóvel, paralisada, e ainda assim temos *isso* — os pensamentos que fluem entre nós.

Estou prestes a fazer mais uma tentativa, ansiosa para que ele saiba que não está tudo perdido, que ainda não parti e que um vestígio de mim ainda existe, quando ouço passos pesados seguidos da voz de Heath anunciando:

— O médico chegou.

Os minutos seguintes são gastos apalpando, apertando e avaliando um pulso tão fraco que o médico quase não sente. Sua voz é grave, o prognóstico é amargo, e seu pronunciamento final, a última coisa que Alrik quer ouvir.

Não tenho mais muito tempo neste mundo.

Mas Alrik não aceita.

— Há outras saídas. — Ele insiste. — Eu tenho dinheiro. Muito dinheiro. Pode ficar com toda a minha fortuna, com tudo o que quiser. Apenas traga-a de volta para mim. Ouvi boatos, sei sobre os elixires, tônicos e poções secretas. Sobre a mistura especial que cura todas as doenças, estendendo a vida infinitamente...

— Nada sei a respeito disso — insiste o médico com voz áspera, resoluta. — E lhe asseguro que, mesmo que soubesse, não seria algo com que se deveria brincar. Sinto muito por sua perda. Sinto mesmo. Mas é a ordem natural das coisas, e você deve encontrar um modo de aceitar isso.

— Não! — grita Alrik.

E, se eu pudesse vê-lo, certamente encontraria uma expressão dura e fria acompanhando a voz que acabou de ressoar.

— Onde há vida, há esperança, e você sabe muito bem disso! Que tipo de médico é você se não acredita na verdade dessas palavras? Nunca aceitarei soluções levianas quando ainda há opções a tentar. Tenho dinheiro, não será feita nenhuma economia. Está me ouvindo? Não pode dizer não para mim! Não sabe quem eu sou?

E continua assim, Alrik fazendo inúmeras ameaças que certamente não pretende colocar em prática. São os devaneios de um homem enlouquecido de dor, e, felizmente, o médico reconhece isso.

Suas palavras são compassivas, misericordiosas, porém firmes, quando diz:

— Alrik, milorde, ao mesmo tempo que estou profundamente triste por sua perda, fiz tudo o que estava a meu alcance. Agora imploro que a deixe partir, que se despeça e a deixe ir em tranquilidade, sem dor, sem outras explosões de sua parte. Por favor, Alrik. Se a ama tanto quanto diz, deixe-a seguir em paz.

— Fora! *Fora!* — é a única resposta de Alrik, seguida pela pressão de seus lábios em meu rosto e uma onda de palavras sussurradas em minha pele. A palma de nossas mãos está unida enquanto ele faz orações, súplicas, perguntas, recriminações e ameaças, retornando depois às orações e começando tudo de novo.

A verborragia é interrompida apenas pela voz baixa de Heath:

— Senhor, milorde, conheço alguém que pode dar esse tipo de assistência que procura.

Alrik para, acalma-se e pergunta:

— Quem?

— Uma mulher que mora perto da vila. Ouvi boatos. Não posso afirmar que sejam verdadeiros, mas talvez valha a pena tentar...

— Traga-a — diz Alrik, enterrando o rosto em meu pescoço. — Vá. Encontre-a. Traga-a até aqui.

Devo ter caído em um estado ainda mais profundo de inconsciência, porque, quando me dou conta, há mais pessoas comigo. E, pelas vozes, imagino que sejam Alrik, Heath, uma mulher mais velha, que presumo ser aquela que Heath foi buscar, e duas moças mais novas, que devem ser suas filhas, aprendizes, ou ambos.

— Você precisa saber desde já que não há garantias. Só tentamos isso como último recurso — diz a mulher mais velha.

— Parece que tenho outra opção? — grita Alrik, tremendo, quase histérico.

— Funcionou com um gato. Trouxe-o de volta. Ele viveu por mais um ano. — Interrompe uma das mais novas. — Mas o último humano que bebeu, bem, não deu muito certo.

— O que isso significa? O que ela está querendo dizer? — Alrik está desesperado.

— Significa que ele morreu mesmo assim — diz a mulher mais velha. — Ele não pôde ser salvo. Não funciona com qualquer um.

— Adelina não é qualquer uma. É jovem, bonita, tem boa saúde. Vai funcionar com ela. Você vai garantir que funcione! — exige Alrik.

— Eu tentarei. É tudo o que posso prometer. Usei recentemente em mim mesma. Há seis meses, quando fiquei doente, a bebida me curou, fez com que eu me recuperasse rápido, como se a doença nunca tivesse existido. Ainda assim, como eu disse, não há garantias.

— E o que está esperando? Dê logo a ela! Apresse-se, antes que seja tarde demais!

Ela vem em minha direção. Sinto o calor de seu corpo movendo-se a meu lado. Seus dedos escorregam sob meu pescoço, apoiando minha cabeça, aproximando-me dela enquanto pressiona algo duro e frio em minha boca. Ela faz um líquido amargo passar por meus lábios, chegando à língua e descendo pela garganta. Faço o que posso para lutar contra isso. Mas não adianta. Não consigo. Estou imóvel, paralisada, meus pensamentos estão presos dentro de mim, e não tenho como pedir que parem, dizer que é desperdício de esforços.

É tarde demais.

Não vai funcionar.

Minha energia está sendo sugada para dentro, sendo comprimida, encolhendo até se tornar uma pequena esfera vibrante de luz e cor que se prepara para subir, para escapar da parte central de meu couro cabeludo — chamada de coroa — e fundir-se no que quer que exista no além.

Eles continuam a se mover em torno de mim. Vozes clamando, mãos apalpando. Deixando claro que sou a única a estar ciente do fato de que estou prestes a partir.

Esta vida está terminando.

Não voltarei — pelo menos não nesta forma.

Meus olhos, que já não viam mais nada, são tomados de repente pela visão de um belo véu dourado em que mal posso esperar para entrar. Ainda assim, esforço-me para aguentar mais alguns segundos. Preciso alcançar Alrik, convencê-lo de que ficará tudo bem.

Minha língua está amarga devido ao preparado inútil que insistem em me dar. Estão gastando um tempo precioso com essa besteira quando há coisas muito mais importantes a fazer.

Alrik! Concentro-me em seu nome com as últimas forças de meu ser. *Alrik, por favor, está me*

ouvindo?

Mas meu apelo não é ouvido. Ele o ignora totalmente.

Sua atenção está tomada pelo luto.

E agora é tarde demais.

Não posso mais ignorar a tração. Não posso mais lutar contra isso. Não quero lutar. Então solto o último suspiro e me permito subir. Pairando perto do teto, olho para baixo e vejo a cena: Heath de cabeça baixa, afogando-se em aflição; a mulher mais velha ainda me dá o elixir, enquanto as duas jovens aprendizes — tão parecidas com ela que certamente são suas filhas — debruçam-se sobre mim, sussurrando uma série de palavras que não consigo decifrar. E, por fim, meu querido Alrik, agarrando a mão em que está minha aliança de casamento, procurando inutilmente sinais de uma vida que já não existe.

Ele solta um uivo apavorante quando se dá conta da verdade.

Meu corpo foi reduzido a uma casca vazia.

Minha alma foi libertada.

Ele ordena que os outros saiam do quarto, quer ficar sozinho com seu luto. E então, entorpecido, em frangalhos, completamente derrotado, joga seu corpo sobre o meu. Seus lábios procuram minha boca, desesperado para me trazer de volta, incapaz de aceitar o que, no fundo, sabe que é verdade.

Ele está tão perdido em sua tristeza que não tem ideia de que estou ajoelhada a seu lado, tentando tocá-lo. Desesperada para dizer a ele uma verdade que nunca poderia imaginar: não fui a lugar nenhum, nunca o abandonarei de verdade... este corpo pode definhir, mas minha alma, assim como nosso amor, nunca morrerá.

Mas não adianta. Ele está bloqueado, incapaz de me ouvir, incapaz de me sentir.

Convencido de que agora está sozinho no mundo.

Não demora muito até que eu sinta a tração novamente. Dessa vez é tão forte que não há como fugir dela.

Ela me arranca de Alrik, da cabana, e me leva para o céu. Sigo girando, subindo, correndo na direção das nuvens, voando sobre picos de montanhas, olhando para uma terra tão diferente da que estou acostumada a ver, tornando-se um lugar onde tudo cintila, onde tudo vibra e brilha.

A verdade de nossa existência é revelada de forma muito clara. Não posso imaginar como não vi isso antes.

Há uma ligação entre todos os seres vivos, plantas, animais e pessoas que habitam o planeta.

Todos somos um.

E, embora possamos entrar e sair da vida, nossa alma, nossa energia, nossa essência nunca desaparecem.

Somos seres infinitos — cada um de nós.

Essa constatação surge como um raio caindo em minha cabeça, e instintivamente percebo o que preciso fazer.

O que devo aprender.

O que nunca mais posso esquecer, não importa o que aconteça daqui para a frente.

E então, antes que o próximo pensamento possa se formar, entro no belo véu de luz dourada e brilhante e volto para um local que reconheço na mesma hora.

Aterrisso com um estrondo na margem do rio.

Com os pés na água e de bunda na areia, a cabeça ainda girando com os acontecimentos de uma vida toda, minha primeira vida.

Ouçoo um farfalhar baixo vindo de algum lugar atrás de mim, viro-me e encontro-a sorrindo enquanto se aproxima. Ela me estende a mão enrugada e me ajuda a ficar de pé.

Meus lábios se afastam, prontos para fazer uma enxurrada de perguntas, mas são todas adiadas quando Lótus balança a cabeça, coloca a mão em meu braço e diz:

— Você descobriu a verdade.

Assinto, agarrando-me ao que agora sei, ao que devo lembrar sempre, nunca esquecer, mas neste exato momento sou tomada por preocupações mais urgentes:

— E Damen? — pergunto. Minha voz entrega minha ansiedade. — Onde ele está?

Ela fecha os olhos por um instante, como se assistisse a uma cena no fundo de si mesma, volta a abri-los e diz:

— Ele ainda tem muito a ver. Muito a aprender. Não terminou para ele. Ainda não.

Lótus segue na direção do rio, e eu olho para onde ela aponta. Vejo a correnteza entrar em turbilhão e mudar, até ficar calma de novo, refletindo em suas águas a sequência da cena que acabo de deixar. Mostrando Alrik ainda vivo, consumido por um luto interminável.

Ele está em pedaços, derrotado, completamente destruído, tão desorientado que só quer se vingar. Nem imagina que foi Esme a responsável e está ávido por culpar alguém, qualquer um. Ele acusa de bruxaria a mulher da vila, bem como as duas jovens aprendizes, e as três são condenadas à morte. Mas sua vingança não lhe traz paz alguma, não traz redenção, e ele logo cai em um desespero ainda maior. Seus atos não compensam sua perda, não me levam de volta para ele.

O restante de sua vida é um nevoeiro de paixões perdidas e sonhos frustrados. Seu ardor e entusiasmo são enterrados com meu corpo. Ele segue conforme o vento, faz o que é esperado dele, conforma-se com o caminho mais fácil, com a vida que seu pai havia planejado.

Casa-se com Esme. Reivindica a coroa. Cada dia que passa faz com que seu coração endureça e encolha, transformando-se em uma pequena pedra de amargura. Não ousa acreditar que me verá novamente. Não ousa acreditar em nada, nunca mais.

Fico com o coração partido ao ver aquilo, ao vê-lo mais tarde tombar em uma revolta arquitetada secretamente pelo irmão, que se volta contra ele. Rhys acaba se casando com Fiona, a irmã de Esme, e percebe que jamais deixará de desejar a esposa do irmão, a única mulher que nunca será dele.

Os quatro estão presos em seu próprio inferno particular, incapazes de encontrar uma saída.

Não conseguem entender a verdade que acabo de descobrir: quando machucamos o outro, também machucamos a nós mesmos.

— Alrik é Damen. — Desvio o olhar da água para Lótus, surpresa por me ouvir dizendo isso, mas certa de que é verdade. — E Rhys é Roman, Heath é Jude, a mulher da vila é Ava e suas aprendizes são as gêmeas Romy e Rayne, Fiona é Haven, Esme é Drina... — *É claro*. Franzo a testa e reviro os olhos. — E o médico? Eu o conheço? — Mas, antes de terminar a frase, *já sei*. — O médico é Miles. — Balanço a cabeça, solto uma risadinha e continuo: — O único sensato do grupo. O único que não

quis saber de curas místicas.

Suspiro quando me dou conta de que já passei por tudo isso séculos atrás — apenas para agora cair em uma armadilha parecida, recriar uma versão moderna quase idêntica àquela existência.

Olho para o rio, vendo as imagens desaparecerem rapidamente, e digo:

— Como não sabíamos disso? Por que continuamos repetindo os mesmos erros estúpidos?

Encaro Lótus. Seu olhar se estreita de um modo que faz com que várias rugas se formem em volta dos olhos. Sua voz é baixa e séria ao dizer:

— É a estupidez humana. Embora o problema esteja, em parte, no rio — ela aponta na direção das águas escuras e revoltas diante de nós —, a maior porção da culpa é da tendência do homem a prestar atenção no ruído que existe a seu redor, em vez de se concentrar na beleza do silêncio que há dentro dele.

Com suas palavras reverberando em minha cabeça, olho para o rio e percebo como as águas refletem tudo o que acabei de aprender. Passamos a vida dando atenção a todas as coisas erradas: nossa razão e nosso ego nos desviando do caminho, fazendo com que nos enxerguemos como um ser à parte dos demais, em vez de escutarmos a verdade que está em nosso coração, a verdade que diz que estamos todos conectados, estamos todos juntos.

— O universo é paciente — diz ela. — Ele nos dá muitas oportunidades para aprender, para fazer o certo, e é por isso que reencarnamos.

— Então é verdade. Damen e eu vivemos antes como Adelina e Alrik. — Olho para ela e vejo-a confirmar com a cabeça. — E imagino que ele tenha morrido naquela vida. Ele teve um fim mortal? — Passo os olhos por seus cabelos prateados, desço pela alva túnica com bordados dourados que chega até os pés, que me surpreendem por estarem descalços, embora eu logo note que a bengala de antes não está mais lá. Ela é capaz de se equilibrar sozinha.

— Ah, sim — diz ela. — Ele agora está lá, revivendo o momento. Mas deve terminar logo.

Aperto os lábios e fico mexendo na barra da blusa, pensando. Não tenho motivos para não acreditar nela, mas, ainda assim, há algo que não faz sentido, algo que ela precisa explicar.

— Mas, se tudo isso é verdade, por que nenhum de nós viu essa vida quando morremos e fomos para Shadowland? E por que Jude não viu nada em suas idas aos Grandes Salões do Conhecimento? Sinto muito, Lótus, mas, apesar de ter parecido bem real, não faz o menor sentido.

Embora eu tenha levantado a voz no final, embora tenha ficado empolgada com meu próprio argumento, Lótus continua calma, serena, completamente tranquila ao dizer:

— Conhece o ditado “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”?

Faço que sim com a cabeça, lembrando que Jude disse isso uma vez.

— Acontece o mesmo com o conhecimento. A verdade é revelada quando a pessoa está preparada para recebê-la, quando precisa dela para seguir em frente e dar o próximo passo da jornada ao encontro de seu destino. Você não necessitava desse conhecimento antes, nem estava preparada para ele. Por isso viu apenas o que lhe serviria, nada mais. Agora que está pronta, o conhecimento foi revelado. Cada passo que damos nos leva ao estágio seguinte. É simples assim. E o mesmo vale para Damen e Jude.

— E quanto a Jude? Ele ainda está preso naquela vida também?

Lótus confirma. Seu olhar está distante quando diz:

— Jude tem sua própria jornada. Você ficará sem vê-lo por um tempo. Mas o verá novamente. Não se preocupe.

Olho para o rio, notando que ficou mais escuro, lamacento, e me sinto feliz por não estar tão perto da margem.

— Então é isso? — Viro-me para ela. — Essa é a jornada? Terminou? Já concluí o que me pediu? Lótus nega com a cabeça, encarando-me com aqueles olhos reumosos.

— Foi apenas o início, o primeiro teste de muitos. Há muita coisa por vir. Você precisa fazer mais descobertas.

Antes que eu possa perguntar o que aquilo significa, antes que tenha a chance de pedir que explique, o chão começa a tremer, o rio começa a subir e espirrar água e a terra sob meus pés começa a se mexer e separar, lembrando-me de meu primeiro terremoto na Califórnia.

Luto para encontrar minha voz, libertar o grito preso no fundo da garganta, quando Lótus desaparece — simplesmente evapora — e tulipas vermelhas brotam a meu redor, tomando seu lugar.

Um sinal que só pode ter um significado: Damen está aqui.

Centenas de tulipas se agitam, as pétalas macias roçando nele enquanto corre em minha direção e me pega nos braços, levantando-me e girando, e encosta os lábios em meu rosto, meus cabelos, minha boca, minhas bochechas, e em seguida recomeçando o processo. Assegurando desesperadamente a si mesmo que estou aqui, que sou eu mesma — Adelina/Evaline/Abigail/Chloe/Fleur/Emala/Ever —, seu amor de tantas vidas, com tantos nomes, mas uma única alma. Enfim ciente da verdade, de que, apesar do que quer que ele se tenha convencido, nunca o deixei.

— Adelina! — Ele para, afasta meus cabelos do rosto, passa os olhos sobre mim com avidez enquanto ri, balançando a cabeça, dando-se conta de que ainda está preso ao passado, e se corrige: — Ever! — Ele me beija novamente, me abraça forte. — Você estava certa. Esteve certa o tempo todo. Havia uma vida anterior. Toda uma vida que eu nunca poderia imaginar. — Ele me olha, ainda um pouco dominado pelo que acabou de acontecer. — Mas agora que sabemos, o que acha que significa? — pergunta, quase como se falasse consigo mesmo.

Passo os dedos em seus cabelos, sabendo que a pergunta foi séria, mas ansiosa para apagar qualquer traço de seu luto e substituí-lo por uma lembrança muito melhor.

— Bem, para começar, não fiquei virgem *para sempre*. — Sorrio, lembrando a noite linda que passamos juntos como Alrik e Adelina e da maravilhosa manhã que se seguiu.

Vejo-o jogar a cabeça para trás e rir, agarrando-me pela cintura.

— Esse é um momento que eu não me importaria de reviver no pavilhão.

Ele encontra meus lábios novamente, quentes, profundos, depois se afasta e indaga:

— E Jude?

— Jude ou Heath? — Ergo a sobrancelha. — Sabe que os dois são a mesma pessoa, não é?

Ele faz que sim com a cabeça, já havia notado.

Sem saber exatamente qual parte ele precisa que eu explique, digo:

— Ele insistiu em ir comigo, e, por algum motivo, Lótus permitiu. Disse que as respostas que ele procurava seriam encontradas lá.

— Ele a amava naquela época também, não é? — Damen torce os lábios e fita meus olhos.

Eu confirmo com um aceno de cabeça.

— E o restante. Você viu? Viu tudo? — pergunta ele.

Respiro fundo e confirmo novamente. Damen suspira, tenta se virar, se afastar, mas não permito. Mantenho-o abraçado a mim.

Ele fica com os olhos tristes quando diz:

— Não é de estranhar que Jude fique reaparecendo em minha vida. Ele está tentando nos separar, mas não pelo motivo que imaginei. Ele deve me reconhecer, sentir quem eu sou, algo dentro dele talvez perceba *o que* eu sou. Que mais tarde fui bem-sucedido onde havia falhado, assegurando minha própria imortalidade antes de ir atrás da sua. — Ele balança a cabeça. — Todo esse tempo, em todas essas vidas, não me dei conta do que ele queria impedir, de que estava tentando salvar você de mim. — Ele esfrega o queixo, olha para mim, cansado. — Achei que a dor de perdê-la me mataria. Eu quis morrer. E acredite em mim quando digo que minha morte não veio tão rápido quanto eu gostaria. Fiquei vazio, apenas uma carcaça sem você. — Ele engole em seco, passa a mão nos olhos. — Heath implorou para que eu não sentenciasse Ava e as gêmeas, ou melhor, as pessoas que elas eram naquela época. E, quando não foi capaz de me fazer mudar de ideia, implorou para que eu o acusasse no lugar delas. Nunca se perdoou por tê-las levado até mim. Nunca superou a culpa. Mas não as havia chamado apenas por mim, mas também por si próprio. Não suportaria perder você. Faria de tudo para mantê-la viva, mesmo que isso significasse ter que assistir a nosso casamento. Mas, quando você morreu, ele logo aceitou a verdade que teimei em negar. O que fizemos foi errado, não era natural, era algo que seria melhor não termos tentado. Ele entendeu, eu não. Nem naquela vida, nem na outra que se seguiu, quando acabei encontrando um modo de concluir o que havia começado. — Ele fecha os olhos, refletindo a respeito da insensatez das últimas centenas de anos. — Você viu o restante da vida dele? Viu o que aconteceu a ele?

Faço que não com a cabeça. Damen suspira, suas mãos aquecem meus braços. O olhar está distante quando diz:

— Ele se retirou para algum lugar distante, morreu sozinho, ainda jovem. Receio que meu carma seja mais complicado que eu poderia imaginar.

Sem saber o que dizer, fico calada, mas tudo bem, já que Damen fala em meu lugar:

— E agora? Esperamos aqui para ver se Jude ou Lótus aparecem? Voltamos e tentamos compensar atos das vidas passadas que não podemos mudar realmente? Você decide, Ever. É o seu destino. Sua jornada. Não duvidarei de novo.

Olho para ele, um tanto surpresa com suas palavras, pois sei quanto ele gosta de estar certo, de estar no comando, como a maioria das pessoas. Mas ele dá de ombros e diz:

— Não é essa a questão? Não é por isso que você fica aparecendo em minha vida? Para me ensinar sobre o luto, sobre como senti-lo, aceitá-lo, sem tentar passar por cima dele? Para me tirar da escuridão e mostrar a luz, a verdade de nossa existência, mostrar que estive errado esse tempo todo e que a alma é a única parte imortal? Não foi por isso que tudo aconteceu, que não podemos encontrar a felicidade verdadeira e continuamos deparando com obstáculos impossíveis de superar? Não é por isso que estamos aqui agora? Porque entendi tudo errado e estraguei tudo em uma escala colossal?

O silêncio paira entre nós. Damen está absorto em seu passado, e eu fico sem fala diante de suas palavras. Ansiosa para acabar logo com isso, não quero ficar aqui por mais tempo, estou prestes a dizer que não tenho ideia do que acontecerá em seguida, que sei tanto quanto ele, quando vejo um pequeno barco ancorado na margem do rio, perto de nós. Um barco que apareceu do nada, que não estava ali há um segundo.

Sei que não existem acasos aqui, não existem coincidências de nenhum tipo, então agarro a mão de Damen e começo a levá-lo naquela direção, dizendo:

— Acho que devemos velejar.

Acomodo-me no banco, ajeitando as almofadas de veludo em nossas costas enquanto Damen se senta a meu lado. O barco é comprido, pintado de vermelho brilhante, com espirais douradas nas laterais, estreitando-se na proa e na popa curvadas para o alto. Lembra a gôndola que Jude e eu materializamos na versão Summerland de Veneza. Mas, sem remo, sem motor, sem qualquer equipamento que nos permita conduzi-lo, estamos à mercê do rio. Sem escolha a não ser recostar e torcer pelo melhor.

O barco se afasta da margem, deslocando-se pela água apenas segundos após embarcarmos, seguindo a corrente sem dar sinal algum do que pode acontecer. Damen me envolve num abraço protetor enquanto observamos a paisagem, o modo como o rio se alarga rapidamente, até que logo ficamos cercados apenas por água escura. A margem em que estávamos foi reduzida a um pequeno ponto dourado em um horizonte distante.

Eu me recosto em Damen, desejando poder fazer alguma coisa, dizer algo para apagar a preocupação que observo em seu rosto, amenizar o arrependimento que aflige seu coração. Vejo quando seus olhos se arregalam, ele se senta ereto, totalmente alerta, enquanto analisa os arredores e diz:

— É o Rio do Esquecimento.

Semicerro os olhos, com uma vaga lembrança de ter ouvido falar deste lugar antes. Ele disse algo sobre a alma viajar pelo Rio do Esquecimento antes de renascer na vida seguinte. E que o propósito dessa jornada era não se lembrar do que veio antes — pois não devemos nos lembrar do que já vivemos, na medida em que cada encarnação oferece um novo caminho de autodescoberta, uma chance de consertar os erros do passado, equilibrar o carma acumulado, encontrar novas soluções para antigos problemas.

A vida não é uma prova com consulta.

Lembro-me do que Lótus disse ainda há pouco — que a estupidez humana, nossa tendência a cometer os mesmos erros várias vezes, é, em parte, culpa do rio — e tomo isso como prova de que Damen está certo. É exatamente o que ele pensa. Mas nenhum de nós sabe o que vai acontecer.

— Será que passaremos por *todas* elas? — pergunta Damen. Sua voz deixa transparecer uma profunda relutância. Ele não quer voltar aos dolorosos dias em que viveu em Florença, na Itália.

Mas, antes que se prenda muito a esse pensamento, olho para ele e digo:

— Não. É um teste. Temos que fazer o possível para não esquecer tudo o que aprendemos. Lótus veio até mim pouco antes que você chegasse. Ela disse que o conhecimento é revelado quando necessário, o que significa que devemos nos agarrar ao que acabamos de ver. Não podemos esquecer nada. Tenho certeza de que precisaremos dessas informações depois.

— É muita coisa a que se agarrar. — Ele franze o cenho. — O rio é traiçoeiro. E, tirando o fato de que estraguei as últimas centenas de anos, de que devo muito a Ava e às gêmeas por ter tirado a vida delas, em que sugere que eu me concentre? Há uma boa chance de que, ao sairmos deste barco e voltarmos à vida normal, não nos lembremos de nada por que acabamos de passar.

Demoro um instante para formular minha resposta, em parte porque ele pode não gostar e em parte porque ainda estou surpresa por ele estar recorrendo a mim. Respiro fundo, dou uma rápida olhada

ao redor, volto-me para ele e respondo:

— Precisa se lembrar de que a alma é eterna. Que o amor nunca morre. E que o fato de você não ter percebido isso, seu apego ao mundo físico, nos trouxe até aqui, nos trouxe a este ponto.

Pronto, falei. A culpa é dele. Ainda assim, não há tom de acusação em minha voz. Ele não é o primeiro a cometer aquele erro. Como Lótus disse, é a estupidez humana. Damen não passa de um dos poucos que conseguiu driblar a morte física. Pelo menos por um tempo.

— Depois, quando tivermos passado por tudo isso... bem, onde quer que terminemos, precisaremos usar esse conhecimento para encontrar um modo de reverter o que fizemos... os erros que cometemos — eu completo. As palavras saem tão rápida e facilmente que é como se viessem de outro lugar, mas no fundo eu sei que são verdadeiras. — Essa é minha jornada — digo, confirmando com a cabeça, de repente certa de tudo. — Essa é a verdade que devo desvendar. Como? — Olho para ele, tentando responder à pergunta que marca seu rosto. — Não sei bem, mas não há dúvidas de que estou destinada a isso.

Damen olha para mim com a expressão dura, confusa, mas mantém a promessa de seguir minha orientação.

Embora eu procure um argumento melhor, uma forma mais eficiente de convencê-lo, que acabe com todas as dúvidas que ainda restam, não há tempo a perder. Não há tempo para garantir a ele que seja verdade o que lá no fundo eu sei.

Não com a correnteza ficando cada vez mais rápida.

Não com o céu escurecendo de tal forma que apaga o horizonte no mesmo instante.

A linha entre o céu e a terra, a água e o ar, em cima e embaixo, de repente fica indistinta. Somos pegos por um turbilhão vertiginoso de ondas perigosas, uma maior que a outra, fazendo com que o rio se expanda e fique revoltado, até que não haja nada a fazer além de nos segurarmos, evitando cair do barco, emborcar dentro do rio.

O céu é tomado por trovões tão altos que procuramos abrigo no único lugar que nos resta — um no outro, ambos tremendo sob uma tempestade, uma chuva implacável, enquanto os raios caem ao redor.

— Concentre-se! — grito, com os olhos quase fechados devido ao aguaceiro, lábios ao pé de seu ouvido. — Isto faz parte do teste. Apegue-se ao passado, recuse-se a esquecer, mesmo que tudo fique assustador!

Não sei bem de onde veio isso, mas novamente sinto que é a verdade. Conheço o poder do medo, já fui dominada por ele antes.

É o oposto da fé.

O oposto de confiar no universo.

O oposto de crer em um ser superior.

O medo deixa as pessoas suadas e trêmulas, inseguras a ponto de questionarem tudo o que sabem que é verdade.

O medo faz com que as pessoas deem as costas para o que é mais importante.

O resultado são as decisões precipitadas, os passos em falso e, depois, o peso impiedoso do arrependimento. E se Damen e eu vamos passar por isso, seguir adiante em nosso caminho, precisamos vencer este rio e superar a tempestade, fazendo o que for preciso para bloquear o medo.

As águas continuam agitadas e revoltas e o barco chacoalha e se inclina terrivelmente. Damen e eu ficamos abraçados, apegados a nossas lembranças, agarrados um ao outro, quando um raio cai na

proa, partindo-a ao meio e fazendo a água jorrar para dentro do barco. O peso faz com que ele afunde, enquanto o rio sobe para nos engolir.

Nós dois lutamos pela vida, apoiando-nos um no outro, mas não adianta.

Nossa pele está molhada demais, escorregadia demais para conseguirmos nos segurar.

E, embora eu me esforce para não perder Damen de vista, para distinguir a direção de onde ele grita meu nome, está muito escuro, muito confuso, não tenho noção de tempo ou de localização, de alto e baixo. Quando vejo, estou afundando.

Acabou.

É tarde demais.

O rio me levou.

Estou sufocando.

Engasgada com lama, sujeira e — que nojo — lodo do fundo do rio. Há algo duro e metálico preso em meus molares superiores e sobre minha língua, algo de que estou determinada a me livrar.

Levanto-me nos cotovelos e me ajoelho. Cuspo no chão, passo o dedo dentro da boca e tiro pedras e fragmentos, juntamente com um estranho medalhão que cai de repente e fica balançando diante de mim, pendurado no cordão de couro marrom que uso no pescoço.

Sento-me apoiada nos calcanhares, segurando a peça entre o indicador e o polegar, e olho para um pequeno círculo prateado que mostra uma cobra engolindo o próprio rabo. Acho curioso, até interessante, mas não suspeito de onde veio.

Não imagino o motivo de estar usando isso.

Não tenho ideia do que possa significar.

Caio para trás de exaustão e fecho os olhos, evitando o sol. A princípio, gosto dessa sensação, do modo como seca minhas roupas e aquece minha pele, mas não demora muito até que o prazer seja interrompido por raios tão intensos que me deixam suada, sem fôlego e tomada repentinamente por uma sede profunda que faz com que eu volte me arrastando até o rio, na esperança de beber água. Só que o rio não está mais lá. Foi substituído por uma paisagem arenosa, uma profusão de cactos e dois sóis flamejantes que emitem duas vezes mais raios quentes, pungentes e implacáveis.

Bolhas e queimaduras começam a surgir em minha pele, e meus lábios racham e sangram. Fraca demais, devido à sede, para que consiga sair em busca de um abrigo, não tenho escolha senão encolher o corpo como uma bola. Abaixo a cabeça até o queixo ficar apertado contra os joelhos, deixo os cabelos caídos sobre mim, esperando que me protejam, mas acabo sacrificando a nuca para poupar o rosto.

Pense. Estreito bem os olhos, tentando me centrar, focar a mente.

Pense, brigo comigo mesma. *Lembre-se.*

Mas o calor é tão intenso que é impossível me concentrar em qualquer coisa além da pele fervendo e da extrema sede.

Abaixo as mangas até passarem dos pulsos e cobrirem a mão, até a ponta dos dedos. Tento não gritar quando o algodão roça nas bolhas, abrindo-as e deixando o líquido das feridas chiar em minha pele. Tento ignorar a dor e enfio as mãos nos bolsos, tentando diminuir, me esconder dos raios solares, ser um alvo menor, mas não adianta. Com um duelo de sóis, um à minha frente, o outro atrás, não há como escapar de sua fúria.

Meus dedos se contorcem no fundo do bolso, depois mais fundo, acabando por encontrar algo liso e duro, com beiradas ásperas — algum tipo de pedra.

Uma pedra da qual não me lembro.

Passo a mão nela, nas beiradas, na superfície fria e lisa, sabendo que preciso pensar, preciso me concentrar, lembrar-me de... *algo*... mas não tenho ideia de quê.

Viro-a. Exploro cada um dos lados repetidas vezes, até que um lampejo de luz chega a minhas pálpebras inferiores, descascadas, fechadas. Um vislumbre de cor, uma miríade de tons infiltrando-se em minha visão — minha visão interna —, acompanhada de uma série de palavras que querem me

tocar, me estimular, e giram com insistência dentro de mim, exigindo minha atenção. Mas não sei o que significam.

Palavras que continuam a girar e se repetir, passando várias vezes, cada sílaba bastante enfatizada, até que soam como:

Escuro... como os olhos dele.

Vermelho... como o sangue que escorreu de mim.

Azul... como o rio, como a pedra em meu bolso.

Uma pedra que preciso ver.

Deslizo-a pelo quadril, arrastando-a pela barriga até chegar aonde posso vê-la. Fico surpresa por perceber que ela está fria, apesar do imenso inferno em que me encontro. Ouso abrir um pouco os olhos, apesar de as pálpebras estarem queimando, a pele fervendo e a retina em brasas. Dou uma olhada, girando nos dedos aquele cristal brilhante azul-esverdeado, impressionada pela visão, até que noto algo ainda mais espantoso — a energia que minha pele irradia, um halo do mais brilhante e radiante violeta com pontos dourados.

A cor me lembra outra, que *sentí* antes. Aquela que envolveu meu corpo quando eu estava em Summerland, logo após ter saído inadvertidamente da experiência como Fleur para voltar a ser eu. A sensação de cor que me convenceu de que havia algo mais em minha história com Damen. Que havíamos tido uma vida que ainda desconhecíamos.

E, de repente, sei o que significa — sei o que é.

Aquela tonalidade brilhante e reluzente que vejo é a cor de minha alma.

De minha alma *imortal*.

É como minha aura seria se eu tivesse uma.

A verdade me atinge com tanta força e velocidade que não deixa espaço para dúvidas em minha mente.

Não posso morrer aqui.

Não posso morrer em lugar nenhum.

Embora seja verdade que meu corpo talvez não resista ao calor, isso não importa. Minha alma sobreviverá.

Como a cobra pendurada no cordão em meu pescoço: cada vida alimenta a próxima.

No momento em que reconheço isso, que aceito como um fato, uma leve chuva de primavera começa a cair e eu me levanto, sorrindo, dando risada, enquanto inclino a cabeça para trás. Abrindo a boca o máximo possível, deixo que uma pequena poça de água se forme em minha língua. Vejo a areia desaparecendo sob mim, enquanto meus dedos dos pés se enroscam na adorável grama e nas flores que brotam para substituí-la. Sinto minha pele curando-se, regenerando-se, enquanto um sol faísca, enfraquece e apaga e o outro se transforma em um brilho caloroso, complacente, vital.

Abro bem os braços e giro pelo campo, pulando e saltando, dançando em uma chuva que, após ter-me curado, agora não passa de uma garoa cintilante.

Eu consegui! Limito-me a sorrir, sentindo-me triunfante. *Venci! Fui mais esperta que o rio, lembrei o que mais importa — com uma ajudinha de meus amigos, é claro!*

Amigos.

Faço uma pausa, minha respiração fica inconstante, acelerada. Olho em volta e minha alegria desaparece quando me dou conta de duas verdades de que me havia esquecido até agora:

Não sou como meus amigos. Meu corpo é imortal; minha alma, não.

Damen não está aqui. O que significa que ele se esqueceu. Não conseguiu se agarrar às memórias. Deixou que o rio levasse a melhor sobre ele.

E, uma vez que ele trocou a imortalidade da alma pela imortalidade física, só há um lugar onde ele pode ter ido parar.

Está preso em Shadowland.

Apesar de eu já ter estado lá três vezes contando com a última, não tenho ideia de como encontrá-la. Não imagino em que lugar existe, nem sei como localizá-la em um mapa.

Minha primeira visita foi por meio de uma experiência que Damen compartilhou comigo em sua mente. A segunda, ao mostrar telepaticamente a Roman o lugar para onde a alma de Drina fora enviada. E a terceira, quando Haven me matou, enviando-me para aquele abismo horrível por um tempo que pareceu eterno, mas não deve ter passado de alguns minutos.

É assim que Shadowland funciona.

Não foram viagens feitas a pé. Nunca saí à procura da materialização física daquele lugar.

Então, em busca de respostas, recorro a tudo o que aprendi, às lições que Ava me ensinou. E, em vez de deixar minha mente enlouquecer com perguntas e pensamentos que não ajudam em nada, que só geram pânico e incerteza, opto por me concentrar no silêncio que há dentro de mim. Confio que ele me guie, me conduza, para ver se chego aonde deveria.

Determinada a seguir meu tino, meu coração, minha intuição, a verdade oculta que vive em meu interior, mostro a mim mesma o caminho, levada somente por meus próprios instintos. Mas, quando parece que a trilha está ficando muito longa, decido acelerar o ritmo e materializo uma parceira.

Cavalgo a égua até onde ela consegue ir, e apeio quando ela para, pouco antes do perímetro, do local onde a grama vira lama e todas as árvores são secas e estéreis, apesar da forte chuva que nunca para de cair. É exatamente o que imaginei a princípio: este lugar horrível é mesmo o *yin* de Summerland — sua parte sombria, seu lado oposto, o que forma um limite entre dois mundos, um de luz e um de sombras, dando-me a certeza de que se trata da entrada para Shadowland.

Dou um tapinha no lombo da égua, encorajando-a a seguir para os pastos mais verdes enquanto olho tudo em volta, esperando encontrar Lótus, ou quem sabe até mesmo algum tipo de guia, mas percebo que estou por minha conta e caminho com dificuldade pela lama funda. Arrasto-me pelo que parecem quilômetros extenuantes de uma paisagem lúgubre, sombria, desolada e encharcada, perguntando-me se em algum ponto ela se transformará em algo diferente, se vai deixar de ter essa aparência. E isso acontece muito antes que eu imaginava, quando deparo com uma cena totalmente distinta. Paro, esfrego os olhos e pisco algumas vezes para ter certeza de que não estou alucinando, de que estou mesmo vendo o que acho que estou vendo. E, mesmo assim, ainda tenho dúvidas.

Dou um passo à frente, girando a cabeça de um lado para outro enquanto meus olhos se esforçam para captar tudo. É surreal, com certeza uma miragem maluca criada por minha própria mente. Ainda assim, por mais que eu pisque várias vezes, respire fundo e observe fixamente, nada daquilo muda. Então não tenho alternativa além de aceitar o fato de que a paisagem que se encontra diante de mim não é apenas real, mas também uma réplica exata da que apareceu em meu sonho.

O sonho que eu tinha certeza de que Riley enviara.

O sonho que tive novamente há pouco tempo.

O sonho que achei que se tratava de mero simbolismo, algo que eu deveria analisar, dissecar, sobre o qual deveria pensar até conseguir fragmentá-lo em pedaços que fizessem sentido.

Nunca pensei que deveria entendê-lo de forma literal.

Nunca pensei que realmente pudesse existir um lugar formado por cubos — um labirinto de

prisões de vidro.

Respiro fundo, dou alguns passos com cuidado e estreito os olhos. Observo uma multidão de almas atormentadas e sei exatamente como estão se sentindo, porque eu mesma passei por isso.

Sozinhas.

Isoladas.

Sem qualquer esperança.

Cercadas pelo silêncio, por uma escuridão infinita, forçadas a reviver suas piores escolhas, seus erros e enganos mais trágicos, as decisões erradas e os atos egoístas que causaram dor aos outros — forçadas a reviver seu inferno pessoal repetidas vezes. Experimentando elas mesmas a dor que causaram a outras pessoas — assim como aconteceu comigo enquanto estive no lugar delas. Sem poder imaginar que há outras almas como elas, que, ao mesmo tempo que se sentem sozinhas, estão ironicamente presas entre suas iguais. Todas elas sendo atacadas por imagens, por arrependimentos antigos, sem poder desligar as cenas, impossibilitadas de silenciar a própria mente.

E, no exato momento em que imagino o que devo fazer a partir de agora, a lembrança da voz de Lótus soa em meu ouvido.

Nós todos esperamos por você tanto tempo. É o único jeito de libertá-las. De me libertar.

E sei que foi isso o que ela quis dizer. Preciso começar aqui.

Aproximo-me do primeiro cubo, observando o turbilhão de energia que pertence a uma alma atormentada e agonizante que não reconheço, mas que tenho certeza de ser alguém transformado por Roman, já que, além de mim, Damen só transformou os órfãos. Imagino quantos imortais Roman pode ter criado e me lembro da resposta que ele deu a Haven certa vez, quando ela lhe fez a mesma pergunta: *Eu que sei, o mundo que descubra*. Sem contar quantos não devem ter acabado aqui inadvertidamente, de forma acidental.

Fecho os olhos, pressiono a palma das mãos contra o vidro e espero por algum tipo de sinal, por alguma instrução. Espero que uma ordem seja revelada em breve, mas encontro apenas uma explosão de desespero tão sombria, um tormento tão triste, que mal posso controlar. Em seguida, vem uma onda de frio terrível tão intensa que acabo sendo empurrada para trás. Olho perplexa para minhas mãos, geladas e feridas pelo frio, sabendo que, enquanto estiver aqui, não há chance de se curarem.

Desesperada para colocar um ponto final nisso, por mim e por eles, chuto o vidro, chuto com o máximo de força possível, e, quando não funciona, desfiro socos nele com ambas as mãos. Depois de jogar meu corpo contra sua lateral sem êxito algum, enfio a mão no fundo do bolso e localizo o cristal que Ava me deu — o pequeno pedaço de cavansita, que aprimora a intuição e a cura mediúnica, estimula a reflexão profunda, inspira novas ideias, ajuda a pessoa a se livrar de crenças falhas e auxilia na indução de lembranças de vidas passadas —, na esperança de que me ajude aqui também. E, quando minha mão se ilumina e a palma fica curada, quando minha pele emite aquele tom brilhante de violeta com pontos dourados que vislumbrei antes, sei exatamente o que fazer.

Pego o lado afiado, a extremidade irregular que forma uma ponta, e arrasto-a de cima a baixo em uma face do cubo de vidro, depois horizontalmente na parte de cima, e de novo na vertical, na outra extremidade da face, encolhendo-me com o som agudo e estridente que provoço, como se alguém passasse as unhas em um quadro-negro. Mas sei que consegui quando a prisão desmorona, reduzindo-se a estilhaços, e uma onda de ar frio passa por mim no momento em que a alma aprisionada escapa.

Meu coração bate acelerado no peito quando a entidade paira diante de mim, crescendo, expandindo-se e mostrando todas as aparências que teve em suas vidas anteriores, nenhuma que eu reconheça. Emitindo um forte lampejo colorido, o ser se encolhe de volta a seu formato e levanta

voo, subindo para o céu e desaparecendo rapidamente de meu campo de visão.

Faço uma pausa para recobrar o fôlego, surpresa com o que acabei de testemunhar, com o que acabei de conseguir fazer, e sigo para o próximo cubo, repetindo a sequência várias vezes. Liberto uma alma aprisionada após a outra, sem saber para onde estão indo, mas imagino que qualquer lugar certamente é melhor que este.

E então, ao seguir para o próximo cubo, eu o encontro.

Damen.

Mas não é a cena que imaginei, não é como eu esperava.

Em vez de Damen estar preso, como eu temia, está perambulando de um cubo a outro.

Os cabelos estão despenteados, os olhos, assustados e injetados, a voz, grossa, cheia de remorso, enquanto implora perdão pelo que fez.

Implora perdão por estarem aqui.

— Não é culpa sua — digo, aproximando-me dele com calma. — Você não tem nada a ver com isso. Foi Roman quem os transformou. Sabe como ele se orgulhava do elixir dele, como gostava de compartilhá-lo livremente, pelo menos com quem ele considerasse merecedor, enquanto você só dividiu o seu com os órfãos e comigo. A menos... — Engulo em seco e olho para ele. Então, sou tomada por um novo pensamento, um que rezo para que seja apenas paranoia minha, não a verdade. — A menos que tenha havido outros e você não tenha-me contado. — Respiro fundo.

Só relaxo quando seu olhar desolado encontra o meu e ele diz:

— Seis órfãos. E você. Esse é o total de meu legado. — Ele dá de ombros, *respira* fundo, olha ao redor e depois se volta para mim: — Ainda assim, no fim das contas não importa quem lhes deu o elixir, quem decidiu transformá-los, porque tudo isso... — Ele estica o braço, desenhando um arco à sua volta. — ...tudo o que vê aqui foi gerado por mim. Eu fui o primeiro, plantei a semente. Roman nunca teria chegado a este ponto se não fosse por mim. Então veja, Ever, a culpa é minha. É como Lótus disse: *Eu sou a razão e nosso amor é o sintoma*. Não fui capaz de deixá-la partir. Não pude lidar com a dor de uma vida sem você. E ainda que você, minha doce Ever, minha querida Adelina, possa muito bem ser a cura, preciso fazer o possível para corrigir meu carma, consertar meus erros. E qual o melhor lugar para começar senão este?

Faço uma pausa, parando um instante para refletir sobre suas palavras, enquanto analiso as minhas com cuidado.

— Bem — digo com a voz baixa, calma, sem tirar os olhos dos belos traços de seu rosto. — Pela minha experiência até agora, acredito que a melhor forma de compensar tudo isso seja libertando a todos. É tudo o que podemos fazer a esta altura.

Mostro o cristal a ele, mostro como o estou usando para quebrar o vidro e libertar as almas. Faço sinal para que ele se junte a mim e o vejo colocar a palma da mão na superfície e enviar um pedido silencioso de perdão. Sua pele lateja, enche-se de bolhas, escurece e depois fica quase como se estivesse mumificada, mas ele recusa o cristal quando o ofereço para curá-lo. Prefere sofrer, está convencido de que merece, e continua a me seguir de um cubo para o outro. Nós dois repetimos a sequência: Damen expressa seus arrependimentos e eu quebro o vidro para que mais uma alma possa escapar.

Quando nos dirigimos para a próxima prisão, paramos — sentimos de imediato algo diferente. Somos alertados no mesmo instante de que algo incomum distingue este cubo dos anteriores. Mesmo que a energia interna seja tão alucinada quanto as outras, batendo com fúria, movimentando-se para cima e para baixo, de um lado para o outro com tanta rapidez que é difícil identificar, difícil ver

qualquer coisa além de um borrão confuso, ainda se trata de uma energia que ambos reconhecemos.

Então eu saio do caminho. Espero ao lado.

Esta alma em especial deve ser libertada por Damen, não por mim.

Embora nós três compartilhemos um passado, uma história longa e intrincada de ciúmes que sempre termina em assassinato, em meu assassinato, eles têm lembranças que não me dizem respeito, que nada têm a ver comigo — e nem todas são ruins.

Eu lhe entrego o cristal e ele chama o nome dela em silêncio, telepaticamente, mas ainda assim sou capaz de escutar. E, quando ele coloca as mãos nas laterais do cubo, tudo fica quieto.

Damen?, ela pergunta, sentindo sua presença, sua energia, ou talvez apenas iludindo-se. Talvez esteja chamando o nome dele desde o dia em que a matei e mandei sua alma para cá.

Estou aqui. Ele fecha os olhos e pressiona a testa contra o vidro, segurando nas faces do cubo. *Eu falhei com você. Falhei de muitas formas. Falhei ao não amá-la do modo como você queria, do modo como precisava. E, mesmo tendo salvado sua vida, poupado você da peste negra, receio que no fim das contas tenha mexido com o que não devia, e assim a reduzi a isso.*

Sua respiração embaça o vidro, fazendo Damen passar o dedo por ele, depois limpá-lo com a palma da mão machucada.

Drina Magdalena, você não é mais Poverina. Por favor, vá. Seja livre. Precisa ir a outros lugares. Eu nunca fui seu destino.

Ele bate o cristal no vidro, arrasta até embaixo em cada um dos lados e na parte superior, fazendo-o quebrar em longas faixas que caem no chão e se transformam em cacos menores, que se estilhaçam a seus pés.

Eu me preparo. Eu me preparo para qualquer coisa. Espero um turbilhão de energia e ira que, se levar em conta o histórico, provavelmente se lançará contra mim.

E é por isso que fico surpresa quando ela escolhe sair aos poucos.

Sua energia paira diante de nós, expandindo, esticando, primeiro formando a imagem de minha prima Esme, que dura apenas alguns segundos até se estabelecer em sua última encarnação como a gloriosa e bela ruiva de olhos verdes — Drina —, uma beleza tão estonteante que nem a morte conseguiu estragar.

Ela se aproxima de Damen, passa os olhos sobre ele, observando-o, enquanto uma comunicação silenciosa se estabelece entre os dois. Mesmo podendo ouvir, mesmo que nenhum deles tente escondê-la de mim, ainda assim me viro, tentando lhes dar privacidade. Escuto apenas algumas palavras, o que faz o diálogo soar como:

Sinto muito... perdoo... perdoe... errado... perdido... desorientado... arrependido — voltando ao *sinto muito*.

Ela vai até Damen e envolve seu rosto com os dedos, os cantos da boca torcendo-se para baixo quando ele se afasta involuntariamente ao sentir seu toque, o olhar entristecendo-se ao perceber o poço sem fundo de arrependimento nos olhos de Damen.

E, quando ela se vira para mim, não é o que eu esperava. O ódio, a provocação e as ameaças de sempre são substituídos por uma reverência suave e alegre.

Eu deveria ter percebido desde a primeira vez que matei você, ela pensa. *Deveria ter imaginado naquela época que, mesmo sem sua presença ao lado dele, o amor de vocês nunca morreria. Posso ter conseguido ficar com ele por algum tempo, mas ele nunca foi meu de verdade, e não demorou muito até que começasse a procurá-la novamente. O coração dele foi tomado no momento em que*

a conheceu como Adelina e continuou assim por todos esses anos. Ele pertence apenas a você. Você e Damen foram feitos um para o outro. E eu fui uma tola em interferir. Ela suspira, balançando a cabeça e estica a mão para me tocar. Mas, ao se lembrar da reação de Damen, pensa melhor e recolhe o braço.

Não sei quem fica mais surpreso, ela, Damen ou eu, quando dou um passo à frente e pego sua mão, logo percebendo por que Damen recuou daquele jeito. Não é tanto pelo frio, é mais pela agitação de sua energia. É difícil se acostumar com a intensidade vibrante e abrupta.

As palavras fluem para minha mente quando ela pensa: *Se você for capaz de me perdoar, então logo partirei.*

Fito os olhos da pessoa que me matou repetidas vezes, que tentou se livrar de mim, que tentou livrar o mundo de mim, mas descobriu que não podia. Mesmo esforçando-se muito, eu sempre voltava. Fico surpresa ao descobrir que não penso mais nela como inimiga. Agora que sei a verdade — que estamos conectadas, que faço parte dela, assim como ela faz parte de mim —, não consigo mais odiá-la. Mesmo parecendo o fim, esta despedida provavelmente é apenas temporária. Não tenho dúvidas de que voltaremos a nos encontrar. Só espero que ela consiga conservar o conhecimento que adquiriu.

Ela sorri e seu rosto se ilumina de um modo que a deixa radiante. A princípio, penso que se trata de uma resposta ao que acabei de pensar, mas a vejo passando os olhos sobre mim, fazendo um gesto para que Damen olhe também.

Veja, você está brilhando! Sua expressão fica confusa ao acrescentar: *Mas... como pode? Imortais não brilham. Você nunca brilhou. Mas agora está brilhando. É tão estranho... O que acha que significa?*

Damen semicerra os olhos, incapaz de enxergar o que eu enxergo — o que ela enxerga: o halo violeta fraco que emana de mim, envolvendo-me.

Ela fica à espera de uma explicação, mas, como nem sei por onde começar, apenas dou de ombros e esboço um sorriso torto.

E Roman? Você o mandou para cá também? Ela olha diretamente para mim.

Paro um instante, pronta para destacar que não fui *eu* quem matou Roman — que, ao contrário da opinião de algumas pessoas, *não* sou uma doida, assassina de imortais. Mas logo percebo que ter matado dois em vez de três não é algo para se gabar, muito menos do qual possa me defender, então engulo as palavras e aponto com a cabeça na direção dos dois últimos cubos.

Assim como aconteceu quando Damen se aproximou do cubo de Drina, no instante que ela se aproxima do de Roman, ele sente sua presença, toda a atividade cessa e ele grita o nome dela. Logo que Damen quebra o vidro, Roman sai em uma onda furiosa de energia que se expande e ganha forma, permanecendo alguns segundos como o belo e libertino Rhys, até se estabelecer como o mais belo e ainda mais libertino Roman. Completo, com cabelos louros desalinhados, olhos azuis penetrantes, pele bronzeada, calça jeans desbotada de cintura perigosamente baixa e camisa branca de linho desabotoada exibindo o abdome esculpido.

E, mesmo que Damen e eu estejamos parados na frente dele — prontos para explicar, defender nossas ações, fazer o que for preciso para atenuar o que poderia facilmente se transformar em uma situação complicada —, assim como foi durante toda a vida, seu único foco é Drina.

Ela é tudo o que ele vê.

Mas, diferentemente dos últimos seiscentos anos, Drina enfim consegue enxergá-lo.

Eles são atraídos um pelo outro, olhando-se por tanto tempo que Damen agarra minha mão e

começa a se afastar, aproximando-se do último cubo quando Roman grita:

— *Irmão*.

Seguido de:

— *Amigo*.

E depois:

— *Inimigo*.

Mas a última parte é acompanhada de um sorriso branco e deslumbrante.

Olhamos nos olhos de Roman, notando como seu sorriso ilumina o rosto, acende sua energia, fazendo-a faiscar e brilhar, enquanto ele fecha os olhos e se concentra em uma longa série de palavras que quer que escutemos.

Uma longa série de palavras que não consigo encaixar em nenhum tipo de contexto, em que não consigo ver sentido.

Uma longa e confusa lista de ervas, poções, cristais e... *fases da lua*...

Prendo a respiração e arregalo os olhos, sem poder acreditar. Viro-me para Damen, boquiaberta, querendo saber se ele está ouvindo o mesmo que eu, se entende o que acabou de ficar claro para mim.

É o antídoto!

Roman está cumprindo voluntariamente sua parte do acordo, sem ser questionado, intimidado, manipulado ou torturado.

O acordo que fizemos minutos antes de ele ser assassinado e vir parar aqui.

O acordo em que aceitei dar o que ele mais queria em troca do que eu mais queria.

Drina pelo antídoto que permitirá que Damen e eu fiquemos juntos do mesmo modo que Alrik e Adelina — sem a necessidade de campos de energia, sem receio de que nosso DNA se misture, sem o risco de Damen morrer.

Roman está cumprindo sua palavra.

Ele aproveita para repetir a lista, certificando-se de que entendemos, tomamos nota, gravamos na memória, porque logo partirá, com Drina a seu lado, e muito provavelmente não voltará a nos ver, pelo menos por um bom tempo. Esta é nossa última chance. Não teremos outra oportunidade.

Engulo em seco, faço um gesto afirmativo com a cabeça, transbordando de gratidão, tomada por tanta felicidade que meus olhos ardem, minha garganta incha e não tenho ideia de como começar, do que dizer.

Mas não preciso dizer nada. Ele e Drina já se deram as mãos, já viraram as costas. Já seguiram para o próximo cubo, no qual, sem que precisem mais de nós, reúnem sua energia e quebram-no ao meio, permitindo que Haven saia de seu inferno pessoal.

Ela vem direto em minha direção. Uma bola irada de energia vermelha que, ao que parece, ainda está furiosa comigo.

Ainda me culpa.

Ainda pretende cumprir suas últimas palavras, sua ameaça de acabar comigo.

Damen solta um grito e pula entre nós com os braços totalmente abertos, fazendo o melhor que pode para me proteger, para me defender do que quer que ela planeje fazer.

Mas, quando chega a nós, pairando a poucos centímetros de distância, ela para, desacelera, e eu observo, arregalando os olhos de espanto, o furioso brilho vermelho se tornando um tom de cor-de-rosa muito mais suave. Ela se transforma em todas as pessoas que foi em vidas anteriores,

começando por minha prima Fiona, irmã de Esme, e virando várias outras mulheres que reconheço de cenas que vi em minhas encarnações passadas. Fico impressionada ao saber que ela esteve comigo durante todo esse tempo, nunca como amiga próxima, nem mesmo irmã, mas, ainda assim, *uau*, eu não tinha ideia.

Começo a me desculpar, pois desejo que Haven saiba que sinto muito, mas ela está impaciente demais e faz um gesto dispensando a explicação. Ainda há mais a me mostrar, ela ainda não terminou. Vejo-a passar por todas as aparências que teve na última vida, da fase bailarina à fase patricinha que só comprava na J.Crew, da gótica de quando nos conhecemos até o curto período como aspirante a Drina que se seguiu, do momento emo que veio logo depois do visual cigana rock'n'roll, com couro preto e renda, que não durou muito e logo deu lugar à fase de bruxa imortal superassustadora — como Miles disse certa vez —, a etapa na qual sua vida chegou ao fim. Até que finalmente para em uma versão dela que eu nunca tinha visto. Uma em que seus cabelos são longos, brilhantes e bem-cuidados, os olhos estão vivos e cintilantes, as roupas levemente ousadas, ao estilo de Haven, mas que não gritam por atenção nem expressam revolta. Mas a maior mudança de todas é o sorriso radiante que ilumina seu rosto, dizendo que enfim se encontrou — enfim está em paz.

Enfim gosta de ser quem é.

Apontando o polegar para Damen, Roman e Drina, um triângulo amoroso que atravessou muitos séculos, ela balança a cabeça, revira os olhos e deixa escapar um longo e melancólico suspiro que logo se transforma em uma risada contagiante. E não consigo me segurar. Ficamos rindo de um modo que me faz lembrar os bons tempos, nós duas junto com Miles na mesa do refeitório no intervalo de almoço, enfiadas no quarto de Haven com uma pilha de revistas entre nós durante tardes preguiçosas, curtindo as noites de sexta em minha jacuzzi depois de devorarmos uma pizza inteira.

Ela volta a se concentrar em mim quando pensa: *Eu não odeio você. Não vou mentir, já odiei. E não apenas na última vida, mas na maioria das outras. Mas só porque era tão infeliz comigo mesma que tinha certeza de que todos eram melhores, de que tinham o que eu necessitava. Tinha certeza de que, se pudesse tomar isso deles, eu seria feliz também.* Ela balança a cabeça e revira os olhos diante daquela tolice. *De qualquer maneira, você ficará feliz em saber que está tudo acabado. Estou livre em vários sentidos e ansiosa para ver o que acontecerá em seguida.*

Engulo em seco e concordo. Eu estava preparada exatamente para o oposto daquelas palavras, o que as torna ainda mais agradáveis. São palavras das quais nunca me esquecerei.

Então, quando me dou conta, Drina aponta, Haven solta um grito estridente, Roman sorri e os três dão as mãos, correm na direção de algo que apenas eles veem e desaparecem em um clarão de luz branca sem olhar para trás.

Damen me puxa para si e me abraça forte, depois me levanta no alto e gira. Meus cabelos balançam atrás de mim como uma capa dourada brilhante enquanto ele rodopia, dança e ri, olhando maravilhado quando o campo, antes árido, começa a se transformar.

Os cacos da prisão de vidro afundam no chão — que primeiro se transforma em areia, depois em um solo rico, escuro, que nutre as árvores secas imediatamente, permitindo que se ergam e cresçam, desenvolvendo uma grossa camada de folhas, ao mesmo tempo em que flores silvestres violeta e amarelas brotam a seus pés.

Ambos somos tomados pela empolgação, estamos transbordando de alegria por nosso triunfo. A voz de Damen soa como música em meus ouvidos quando diz:

— Conseguimos! Nós os libertamos, reparamos os erros, até mesmo conseguimos a receita do antídoto, e tudo graças a *você*! — Seus lábios encontram minha testa, minha bochecha, meu nariz e minha orelha, e ele depois se afasta e indaga: — Ever, percebe o que tudo isso significa?

Olho para ele, meu sorriso tão largo que minhas bochechas se estendem até o limite, mas ainda quero ouvi-lo dizer, quero ouvir as palavras ditas em voz alta para ambos escutarmos.

— Significa que enfim poderemos ficar juntos. — Ele para e encosta a testa na minha, a respiração rápida. — Significa que todos os nossos problemas estão resolvidos. Significa que nunca mais precisaremos visitar o pavilhão, nem mesmo como Alrik e Adelina. A menos, é claro, que a gente queira. — Ele sobe e desce as sobrancelhas e dá uma risadinha baixa. — Só precisamos voltar ao plano terreno, começar a trabalhar na mistura e... — Ele para, passa o dedo em meu rosto, depois se inclina e me beija novamente.

Retribuo seus beijos com o mesmo ardor e ansiedade, ciente do fino véu de energia entre nós que o mantém a salvo da ameaça letal que meu DNA se tornou graças a Roman e que, também graças a ele, está prestes a deixar de ser. Mal posso acreditar que os dias do que chamo de *quase beijos* estão contados.

Em breve, muito em breve, seremos capazes de viver como as outras pessoas. Seremos capazes de tocar um no outro aberta e livremente, sem preocupações. Como fazemos no pavilhão — só que melhor, porque será real.

Logo nos uniremos como nós mesmos — nossa versão do tempo presente —, não mais nas várias formas passadas.

Afasto-me um pouco, fecho os olhos e viro o rosto para o céu, enviando um agradecimento silencioso a Roman, onde quer que ele esteja, por nos dar esse presente maravilhoso.

E, quando estou prestes a beijar Damen de novo, sua expressão muda e ele se afasta, respondendo a meu olhar curioso com um pequeno aceno de cabeça na direção de Lótus, que está ajoelhada a certa distância.

Ela então se senta na beirada de um lago a apenas alguns metros dali, murmurando baixinho, as finas tranças grisalhas esvoaçando a seu redor, as mãos entrelaçadas e apoiadas contra o peito. A velha senhora observa uma série de botões de lótus que surgem das águas turvas e florescem na superfície. As suaves pétalas brancas e cor-de-rosa emergem, cercadas por folhas verdes recortadas e brilhantes, uma brotando após a outra, até que se torna quase impossível ver a água.

Ela permanece desse jeito por algum tempo, satisfeita em meditar diante daquela visão maravilhosa, e então se vira para nós com uma expressão que, embora não seja bem o que eu chamaria de *perturbada*, praticamente não combina com a sensação de conquista que Damen e eu estamos experimentando.

Os olhos de Damen se estreitam, o maxilar fica tenso, preparando-se para a má notícia que ela com certeza dará.

Nós dois nos movemos com cuidado em sua direção e estamos ambos na metade do caminho quando ela nos surpreende ao se levantar da margem lamacenta, olhar para nós e dizer:

— Parabéns.

Esperamos. Esperamos que algo aconteça. Mas, pelo menos por enquanto, aquilo parece ser tudo.

— Podem voltar ao plano terreno se assim desejarem. — Ela alterna o olhar entre nós dois.

Damen aperta minha mão, sem precisar dizer mais nada. Ele está mais que pronto para partir agora mesmo, não vê motivos para perder mais um único segundo aqui. Mas eu me mantenho firme. Cravo os pés no chão. Sinto que ainda não terminou, que Lótus quer compartilhar mais alguma informação.

— Vocês fizeram tudo certo. Está tudo florescendo. — Ela aponta para as flores, que não cessam de abrir, e para a paisagem ao redor. — Até libertaram as almas perdidas. — Ela une a palma das mãos em prece, segurando-as junto ao coração. Seu anel dourado simples brilha diante de nós. — Então estão livres para ir. Livres para voltar à sua vida imortal. Ainda assim, eu me pergunto...

Olhamos para ela, eu curiosa, Damen na defensiva, cerrando as mãos em punho.

— Eu me pergunto se vão querer voltar suas vidas depois de tudo o que aprenderam. Eu me pergunto se escolherão a imortalidade física depois de terem conhecido a verdade sobre a alma.

Damen revira os olhos, resmunga e novamente tenta me puxar. Mas eu fico bem ali, olhando para Lótus, e indago:

— Está insinuando que temos escolha?

Ela ergue sua mão velha e retorcida e afasta uma mecha de cabelo do rosto:

— Ah, sim — diz, observando-me. — Há uma escolha. Uma saída.

Torço os lábios, tentando entender o que aquilo significa, e não gosto da conclusão a que chego, não gosto nem um pouco. Digo:

— Se está se referindo à *morte* como uma saída... — Balanço a cabeça, em negação. Pisco algumas vezes, mal podendo acreditar que ela tenha ousado tocar nesse assunto. — Bem, pode esquecer. Isso não vai acontecer. Caso não se lembre, para pessoas como nós isso resulta em uma passagem só de ida para Shadowland. E, já que acabamos de fazer um bom trabalho colocando Shadowland em ordem, odiaríamos ver aquilo voltar a ser o que era. Sem contar que não há garantia alguma de que alguém aparecerá para nos libertar como fizemos com Roman, Drina, Haven e todos os outros. — Faço uma pausa longa o suficiente para bufar de raiva e afastar os cabelos dos olhos, mas não o bastante para que ela se intrometa. — Também deve saber que agora temos o antídoto, ou pelo menos a receita para produzi-lo. Isso significa que ganhamos mais uma nova razão para viver, uma razão *muito boa* para viver. Temos um ao outro *para sempre*. Podemos ter a vida que sempre sonhamos. E, finalmente, bem, essa conversa sobre morte é meio irrelevante, já que não podemos mais morrer. Quando Haven me matou, eu superei meu chakra fraco. Superei minha fraqueza, tomei a decisão certa e, por esse motivo, voltei para aproveitar a vida. É *impossível me matar* agora. — Dou de ombros, sabendo que pode soar estranho, mas o conceito de estranho é relativo aqui. — Sou imortal *de verdade*. Ficarei aqui para sempre. Não vou a lugar nenhum e gostaria muito que Damen

também não fosse.

— E você? — Ela se dirige a Damen, nem um pouco abalada pelo que acabei de dizer. — Concorda com isso? Sente o mesmo que ela?

Ele franze a testa, faz cara feia, rangendo os dentes enquanto resmunga um inequívoco:

— É claro que sim! — E aperta minha mão, ansioso para ir embora.

Mesmo também estando ávida por partir, a curiosidade fala mais alto, e quero ver aonde isso vai dar. Imagino se já não sei quando pergunto:

— Essa *saída* a que se refere é para nós ou para *você*? — Estreito os olhos ao lembrar o que ela disse antes, quando me implorou que a libertasse, mas nunca deixou claro do quê.

Ela está presa?

Prisioneira de Shadowland, mas sem a prisão de vidro?

Mais uma vez, a resposta vem em forma de enigma quando ela responde:

— É para você, para mim, para todos nós. Quando descobri a verdade, já estava velha e frágil demais para fazer a jornada. Mas agora você está aqui. Voltou só para isso. Posso ver em seus olhos, na luz que a cerca. Você é a escolhida. A única escolhida. O destino de muitos está em suas mãos.

— Então... basicamente está dizendo que minha jornada não está nem perto do fim? Que ainda espera que eu faça mais um zilhão de coisas? — Semicerro os olhos e tento concluir o que acho daquilo, inclinada a me opor com veemência.

Ela confirma com a cabeça, sem tirar os olhos grumosos dos meus.

— Está tão perto. É melhor continuar de onde está. No que diz respeito ao destino, cada passo leva ao seguinte.

— Ah, claro — diz Damen. O som de sua voz me surpreende, pois é ainda mais ríspido que eu esperava.

Mas Lótus não reage, não recua, não se retrai; apenas continua ali parada, observando-o com a calma de sempre.

— Claro, vamos cair nessa. — Ele faz um gesto negativo com a cabeça. — Sinto muito, Lótus, mas você terá que nos dizer um pouco mais se quiser que continuemos. Ever e eu passamos por poucas e boas e nos saímos bem, conseguimos o que queríamos, a única coisa que faltava para tornar nossa vida completa, e agora você acha que pode simplesmente aparecer, lançar outro enigma e nos tirar de nossa merecida celebração de vitória para enfrentar mais problemas... problemas que você mesma criou? — Ele a encara. — Pense bem.

— É sério — acrescento, estimulada pelo que Damen disse. — Por que deveríamos pensar em fazer isso? Por que não encontra outra pessoa, um dos outros imortais, talvez? Já não passamos por suficientes provações?

Mas, em vez de responder a minhas perguntas, ela inclina a cabeça na direção de Damen e questiona:

— Damen, fui mesmo *eu* quem criou tudo isso? Ou foi *você*?

Damen sustenta o olhar dela, mas fecha a boca, recusando-se a falar. Quando fica claro que não pretende conversar com ela, cutuco-o com o cotovelo e pergunto:

— Do que ela está falando? O que você está escondendo de mim?

Ele engole em seco, mostra-se embaraçado, chuta o chão, adia o máximo possível antes de respirar fundo e dizer:

— Ela alegaser uma das órfãs. Diz que a salvei da peste negra há mais de seiscentos anos,

quando lhe dei o elixir.

Hesito, e meus olhos praticamente saltam da órbita enquanto os observo. Enfim encontro voz suficiente para perguntar:

— E? É *verdade*? — Pergunto-me por que ninguém julgou conveniente mencionar isso antes. Pergunto-me se foi isso o que ela lhe mostrou naquele dia em que se comunicaram em silêncio.

Damen dá de ombros, limpa a testa com a mão e olha em volta.

— Não. Não pode ser. Não é possível. Ela está inventando — diz, obviamente mais confuso do que deixa transparecer. Ele para por um instante, tempo suficiente para organizar os pensamentos, soltar um longo suspiro e continuar: — Sinceramente? Não sei. Tenho-me martirizado desde o dia em que ela me contou, mas não consigo me lembrar. É a palavra dela contra minha memória, e não há como saber ao certo. Em geral, são os olhos que entregam, eles são a janela da alma e tal... mas os dela estão tão deteriorados que são completamente irreconhecíveis. Ela não me é nem um pouco familiar. — Ele balança a cabeça, fulminando Lótus com o olhar. Sua expressão se suaviza quando ele se vira para mim. — Ever, você tem que considerar que eu vi essas pessoas há mais de *seiscentos anos*. Só não mencionei isso antes porque não quis que se preocupasse sem necessidade, sobretudo quando não há como provar nada. Além disso, minha única preocupação é você, nós, aqui no presente, e felizes no futuro. O passado não me importa mais. A não ser por Drina e Roman, não faço ideia do que aconteceu com os outros órfãos. Não imagino que fim tiveram...

— Mas Roman sabia — interrompo, lembrando-me do que Haven disse que Roman lhe contara, sobre as histórias que escrevia no diário.

Damen e Drina podem ter seguido em frente, mas Roman persistira, manteve contato. Mais tarde, descobriu um modo de recriar o elixir, e, cerca de cento e cinquenta anos depois, quando seu efeito começou a passar e os imortais começaram a mostrar sinais de envelhecimento, ele os procurou e lhes deu a bebida de novo, repetindo o processo a cada século e meio, até o presente. E agora que ele se foi, não há ninguém para olhar por eles. Sem contar que não há como saber quantos ele decidiu transformar por conta própria. Se o número de almas desconhecidas que acabamos de libertar em Shadowland serve de base, é seguro afirmar que há muitos, muitos outros.

Analiso Lótus, imaginando há quanto tempo ela tomou o elixir pela última vez. Nunca vi ninguém tão velho quanto ela, sobretudo um imortal. Todos os imortais que conheci eram jovens e belos, cheios de saúde e vitalidade, fisicamente perfeitos em todos os sentidos. Enquanto ela é o extremo oposto: velha, castigada pelo tempo, com a pele fina como papel, o corpo tão frágil que parece que a mais leve brisa poderia derrubá-la, quebrá-la em um milhão de pedacinhos.

Damen e eu estamos tão perdidos em nossos pensamentos que somos pegos de surpresa quando Lótus avança e segura nossas mãos, os olhos envelhecidos iluminando-se vivamente enquanto sua mente se conecta à nossa, projetando uma série de imagens que eu nunca esperaria ver — imagens que me fazem questionar tudo.

Os dedos de Lótus se entrelaçam aos nossos, e sinto sua mão seca, fria, mas surpreendentemente forte, enquanto sua mente projeta uma série de imagens — como retratos em sépia — uma após a outra, transmitindo sem parar e combinando-as em sequência como um filme. Mostrando os órfãos como foram um dia, todos enfileirados, Damen e Drina em uma ponta, Lótus e Roman na outra, os demais entre eles.

Muito antes de se tornar Lótus, ela era uma criança de cabelos escuros e olhos brilhantes chamada Pia, que, pouco depois de tomar o elixir, fugiu do orfanato com os outros e foi acolhida por uma família modesta que sofria a perda de uma criança e estava ansiosa por substituí-la.

Ela viveu normalmente no início, sem imaginar em que se havia transformado. Cresceu, casou-se, mas não demorou muito para notar que era diferente. Além de não poder ter filhos, não entendia por que todos ao seu redor envelheciam enquanto ela continuava igual. Perceber isso logo a obrigou a fazer o que todos os imortais acabam fazendo quando as perguntas sutis e os questionamentos curiosos começam a aumentar e se transformam em suspeitas, histeria e um medo irracional generalizado: na calada da noite, pegou alguns pertences e fugiu para nunca mais voltar, pelo menos por vários séculos.

Ela vagou. Casou-se de novo — mais de uma vez. Estava determinada a ficar em cada lugar, com cada marido, pelo tempo que conseguisse, até que a necessidade constante de fugir se tornou tão insuportável que ela decidiu que seria emocionalmente mais fácil viver sozinha. Chegou um momento em que começou a abominar a imortalidade, procurar meios de revertê-la, querendo apenas voltar a fazer parte da ordem natural da vida, a viver como as outras pessoas.

Ela viajou. Primeiro para a Índia, depois para o Tibete, onde estudou com místicos, xamãs, gurus, uma série de religiosos e guias espirituais que lhe mostraram como purificar o corpo e limpar a alma, mas não puderam ajudar a reverter a escolha que fizera havia tantos anos, quando era jovem demais para entender as consequências. A ironia de seus estudos foi, mesmo sem perceber, ter conseguido fortalecer os chacras a ponto de se tornar completamente invulnerável, imune à única coisa que buscava acima de tudo: a liberdade que apenas a morte pode trazer.

No fim, avançou tanto nos estudos que ficou conhecida como célebre milagreira, a curandeira mais procurada. O nome que usa agora, Lótus, deriva de sua capacidade de fazer aquela bela flor brotar em suas mãos simplesmente fechando os olhos e desejando que aconteça, o que era capaz de fazer não apenas em Summerland, mas também no plano terreno.

Decidiu conformar-se com uma existência de celibato e solidão, mas o destino havia traçado outros planos, e logo ela conheceu alguém e se apaixonou. Amor real. Amor verdadeiro. Do tipo que, apesar dos vários maridos que tivera, nunca havia sentido.

Do tipo em que teve confiança o bastante para contar a verdade. Ela tentou convencer seu amado a ir até Roman, beber o elixir e se tornar alguém como ela, para que nunca tivessem que sofrer a dor de perder um ao outro.

Mas ele se recusou. Optou por envelhecer. E, quando finalmente chegou o dia em que ela se ajoelhou em seu leito de morte, mexendo na aliança simples de ouro que ele havia colocado no dedo dela, ele prometeu fazer tudo o que estivesse a seu alcance para *não* reencarnar. Para *não* voltar ao plano terreno. Expôs que preferia esperar que ela encontrasse um modo de reverter sua imortalidade

para que algum dia pudesse se juntar a ele no além.

Ele a deixou sozinha para envelhecer, e depois envelhecer ainda mais. Seu corpo acabou se tornando tão decrepito que ela rezava para que a mera exaustão de mantê-lo funcionando convencesse seu pulmão a parar, o coração a não bater mais, de modo que pudesse se encontrar novamente com seu amado — mas ainda assim continuava viva.

Ela prosseguiu seus estudos, em busca de uma saída, mas só descobriu a solução quando já estava velha demais para fazer a viagem.

Ainda assim, recusou-se a desistir. Diante enfim da possibilidade de reencontrar o marido, passou o último século rastreando todos os órfãos remanescentes, revelando a verdade sobre o que aprendera, esperando convencer um deles a realizar a jornada — a trazer de volta a chance de uma nova perspectiva de vida.

Da vida como deveria ser.

Ela ofereceu a todos eles uma espécie de retorno ao início, uma segunda chance de tomar uma decisão mais consciente sobre quererem ou não continuar como estavam. Uma oportunidade que não tiveram quando eram jovens e estavam assustados demais para que se dessem conta das consequências — quando todos correram para tomar o elixir sem pensar duas vezes.

Drina recusou sem rodeios. Roman riu de sua cara. Os outros simplesmente se recusaram, olhando para ela com pena, e pediram que fosse embora.

Damen era o último de sua lista — sua última esperança.

Até que ela me viu.

— Pensei que encontrar um modo de libertar as almas e desfazer Shadowland tivesse sido suficiente, mas, no fim das contas, você ainda quer que eu faça mais. — Encaro-a, balanço a cabeça e me solto de sua mão. Meus dedos roçam a fina aliança de ouro que ela usa na mão esquerda e sinto remorso por Lótus ter perdido seu amado, sem saber ao certo o que devo fazer. — Você me fez passar por todo aquele inferno, e aquela nem era a jornada que tinha em mente. Tinha outros planos para mim desde o início!

— Cada passo leva ao seguinte — diz, sua voz muito mais calma que a minha. — Tudo pelo que você passou nesta vida, assim como nas anteriores, preparou-a para este momento. Cada decisão que tomou a trouxe até aqui. E, embora tenha obtido muitas conquistas, ainda há muito o que fazer. A jornada é longa e árdua, mas a recompensa é boa demais para ser ignorada. Há muitos que esperam por você. Esperam que os liberte. Você é a única que pode fazer isso. É por esse motivo que continua reencarnando, Ever. Você tem um destino a cumprir.

Semicerro os olhos, surpresa ao me dar conta de que é a primeira vez em que ela usa meu nome verdadeiro, ou pelo menos meu nome verdadeiro atual. Ela normalmente me chama de Adelina ou apenas aponta para mim enquanto canta aquela música maluca. E eu não consigo deixar de pensar no que mais ela ainda pode esperar que eu faça, depois de tudo pelo que já passei — depois de ter sobrevivido a uma vida passada que não conhecia, quase me afogar no Rio do Esquecimento, quase ser queimada viva no deserto com dois sóis ardentes, libertar as almas perdidas de Shadowland e devolver àquela região a aparência esplendorosa de Summerland.

Depois de tudo isso, não sei se estou disposta a enfrentar novos desafios. Não quando tudo pelo que Damen e eu aspirávamos durante tanto tempo está finalmente a nosso alcance. Tudo o que precisamos fazer é voltar ao plano terreno, reunir os ingredientes, preparar o antídoto, dar uma chacoalhada e, então, teremos nosso final feliz.

— Só você pode trazer de volta a verdade. Só você pode encontrá-la — diz Lótus, pronunciando

as palavras com clareza, de modo simples, sem implorar ou suplicar.

— Localizar *o quê*, exatamente? — pergunta Damen, sem se esforçar para esconder a irritação.

Mas Lótus é imune a nossas explosões. Pelo que posso ver, ela alterna apenas entre dois estados de espírito: ligeiramente desamparada ou calma e serena.

— A Árvore da Vida — ela diz, encarando, Damen. — Apenas Ever pode encontrá-la. Apenas Ever pode trazer seu fruto. A árvore é generosa. Seu fruto traz a iluminação, o conhecimento da verdadeira imortalidade, a imortalidade da alma, àqueles que a buscam, assim como reverte a falsa imortalidade física dos que foram enganados.

— E se ela não for? E se ela lhe der as costas, der as costas a tudo isso, e voltar ao plano terreno? O que acontecerá? — Damen ergue as sobrancelhas, desafiando-a.

— Será uma pena. Então eu a terei julgado mal. Eu a terei subestimado. Ela não cumprirá seu destino e muitos sofrerão. Ainda assim, a escolha é dela. Posso apenas pedir, mas ela tem a liberdade de decidir por conta própria. — Lótus me encara e continua: — Ainda tem aquela bolsinha que lhe dei?

Meus olhos se estreitam, minha boca se abre. Esqueci-me completamente da pequena bolsa de seda que ela me entregara no início da viagem e, depois de tudo pelo que passei, duvido que ainda esteja com ela.

Enfio os dedos nos bolsos e acabo encontrando-a espremida no fundo do bolso traseiro direito, o último em que procurei. Está amarrotada, totalmente esmagada e amassada, mas, mesmo assim, a pego e balanço diante de mim.

Seu rosto se ilumina com um sorriso e ela diz:

— Você se lembra de minhas palavras quando lhe dei isso?

Semicerro os olhos, buscando-as na desordem de minha mente:

— Você disse: “Tudo de que acha que precisa está aqui. Você decide o significado.” Ou algo parecido.

Ela confirma com a cabeça. Sorri. Minha atenção se volta para os grandes espaços entre seus dentes, e ela continua:

— Então, tendo isso em mente, qual é a coisa que mais deseja, mais que todas as outras? Agora, neste exato instante, o que você quer?

Eu hesito. Olho para um pequeno tufo de grama a meus pés. Estou ciente do olhar de Damen pesando sobre mim, de que ele está imaginando por que não digo nada, qual o motivo da demora.

Eu me pergunto o mesmo.

Imagino por que as palavras não saem — por que parece uma luta tão grande, quando é aquela a única coisa que buscamos durante todo esse tempo.

Levanto os olhos para encontrar o olhar de Lótus. Luto para que as palavras saiam de minha boca e, quando consigo, minha voz parece desajeitada, superficial, destituída de emoção:

— O antídoto. Eu... ou melhor, *nós* temos a receita, mas ainda precisamos reunir os ingredientes, acompanhar as fases da lua e... essas coisas... — Deixo as palavras esmaecerem. Meu coração bate forte, o estômago revira, os dedos se agitam desenfreadamente enquanto Lótus alterna o olhar entre mim e Damen.

— Que assim seja! — Ela confirma com a cabeça, como se tudo estivesse resolvido, e quando o gesto é recebido com dois olhares céticos, prossegue: — Por favor, olhe aí dentro. Vai encontrar tudo de que precisa para fazer o antídoto. Incluindo uma erva muito rara que seria difícil encontrar no

plano terreno. E, sim, as fases da lua já foram consideradas.

Disposta a deixar por isso mesmo, ela começa a se afastar, parando apenas quando a chamo de volta e digo:

— Está brincando, não está? — Balanço a minúscula bolsa, sabendo que não há como conter todos os itens que Roman incluiu naquela longa lista. É muito pequena. Uma lista como aquela exigiria uma mochila lotada, ou duas.

Lótus para, junta as mãos em prece na altura do peito e diz:

— Por que não esvazia a bolsinha e confere?

Franzo a testa, ajoelho na grama e puxo os cordões enquanto viro a bolsinha de lado. E, quando vejo cair uma enorme quantidade de ervas, cristais e pequenos frascos de vidro cheios de líquido, não consigo fazer nada além de prender a respiração. Não imagino de onde possam estar vindo — a bolsa contém muito mais itens do que poderia comportar.

— Está tudo aí. Tudo de que precisa para prosseguir. Basta seguir as instruções de Roman e a vida com que sonham será de vocês. — Ela para, olhando para mim quando acrescenta: — Ou não?

Engulo em seco. Luto para respirar. Fico olhando para aquela dádiva espalhada diante de mim: o monte generoso de ingredientes complexos e difíceis de encontrar que venho procurando por tanto tempo, a resposta a todos os nossos problemas, a nosso alcance.

Ainda assim, mesmo sabendo que deveria estar feliz, ou completamente eufórica, não consigo fazer suas palavras saírem de minha cabeça, não consigo refrear a dúvida que ela levantou ao questionar: *Ou não?*

— Há algo errado? — Seus olhos reumosos estão voltados para mim. — Mudou de ideia? Preferia outra coisa?

— Ever... — Damen ajoelha a meu lado, querendo que eu olhe para ele, diga algo, dê algum tipo de explicação.

Mas não posso.

Como poderia explicar a ele se nem eu mesma consigo entender?

Ele só ficará bravo.

Não entenderá.

E, pelo menos a princípio, não posso culpá-lo.

Mas a questão é muito mais profunda. Remonta à jornada — meu destino, o principal motivo pelo qual continuo reencarnando.

E de repente eu sei. De repente, fico cem por cento convencida de que tomar o antídoto é apenas mais uma distração... Não é a resposta que eu realmente vinha procurando.

No final, nada resolverá.

Não resolverá a única questão que precisa ser resolvida mais que qualquer outra.

É certo que o antídoto permitirá que fiquemos juntos do modo como queremos — mas é só isso. É como colocar um Band-Aid em uma grande ferida aberta — não ajuda a reparar os danos que já foram feitos.

Em nada contribui para mudar o fato de estarmos no caminho errado.

Quando nos dermos conta de que trapaceamos ao nos desviarmos da vida que deveríamos ter levado, ao escolhermos a imortalidade física em detrimento da imortalidade da alma, o antídoto deixará de ser nosso foco.

Se Damen e eu realmente vamos ficar juntos, temos que ir muito, muito além disso. Temos que

admitir que nossos problemas não começaram no dia em que Roman me enganou. Eles começaram vários séculos antes, quando Alrik não suportou perder Adelina, e atingiram o ápice quando ele reencarnou como Damen, aperfeiçoou o elixir e mudou a direção de nossas almas para sempre.

Se Damen e eu realmente vamos ficar juntos, precisamos nos libertar desse caminho, precisamos reverter as escolhas que ele fez no passado, precisamos pagar essa enorme dívida cármica fazendo a jornada à Árvore da Vida, colhendo seu fruto e oferecendo a todos os outros a chance de que se libertem também.

Só então estaremos livres para prosseguir.

Só então conseguiremos nosso *verdadeiro* final feliz.

Caso contrário, sem dúvida outro obstáculo dará um jeito de se apresentar, e assim será para sempre.

Respiro fundo, mas descubro que não é necessário. É como se eu pudesse sentir aquele brilho violeta irradiando dentro de mim novamente. Nunca me senti tão segura de mim.

— Há outra coisa que preferiria ter. — Encaro Lótus, sustentando o olhar por um tempo que parece muito longo. — Quero cumprir meu destino. Quero completar minha jornada — digo, com a voz sólida, firme, mais segura que nunca. — Quero completar a tarefa que nasci para realizar.

Posso ouvir Damen a meu lado, arfando, e mesmo sem olhar sei que em parte isso se deve a minhas palavras e em parte ao fato de os ingredientes terem desaparecido.

Mas não olho. Por enquanto, meu foco continua em Lótus. Vejo-a parada, em pé, diante de mim, fazendo um breve gesto afirmativo com a cabeça que acompanha um sorriso comedido quando ela diz:

— Como quiser.

Permanecemos quietos por um bom tempo depois da partida de Lótus. Damen está perdido em pensamentos de indignação e culpa enquanto eu me preparo para o momento em que terei que me explicar.

O silêncio é quebrado quando ele olha para mim e diz:

— Ever, como você pôde? — Quatro simples palavras que machucam profundamente, mas era essa a intenção. Ele faz um gesto negativo com a cabeça, aperta bem os olhos, tenta entender. — Como pôde fazer isso? — continua. — Como pôde jogar tudo fora? É sério. Precisa me explicar, porque simplesmente não faz sentido. Todo esse tempo você vem se culpando por não podermos ficar juntos. Todo esse tempo vem se culpando por ter sido enganada por Roman. Mesmo depois de minha explicação, quando lhe disse que, ao me obrigar a tomar aquilo, na verdade acabou salvando minha vida e poupando minha alma de ficar presa em Shadowland, você continuou convencida de que era a culpada. A ponto de seu único foco ser a obtenção do antídoto. Estava tão desesperada para colocar as mãos nele que chegou a se envolver em coisas que a colocaram em grande risco. E agora, agora que finalmente conseguiu o que procurou por tanto tempo... opta por jogar tudo fora para seguir a jornada de uma velha louca, em busca de uma tal árvore que, sinto dizer, não existe! — Ele me encara, os punhos cerrados ao lado do corpo, o olhar cheio de palavras que ele evita dizer. — Então, tudo o que quero de você agora, o que quero mais que qualquer coisa, é saber *por quê*. *Por que fez isso?* Em que estava pensando?

Olho para baixo, deixando suas palavras fluírem por meu corpo, rodopiarem em meu cérebro, repetirem-se diversas vezes, mas, mesmo tendo escutado a pergunta, mesmo sabendo que ele espera uma resposta, ainda estou presa à expressão *uma tal árvore*.

Ele a chamou de *uma tal árvore*.

Questionou a existência dela.

Fico surpresa com o fato de Damen não ser capaz de perceber. Surpresa por ele não ter entendido que é a *árvore*, e *não* o antídoto, a responsável pela salvação real e duradoura. Que é o único jeito de reverter nossa imortalidade física.

A árvore é nossa única chance de mudar *tudo*.

Então talvez ele tenha entendido.

Talvez tenha entendido muito bem.

E talvez esse seja o motivo de ter uma posição contrária tão firme.

— Você está certo. — Levanto a cabeça e o encaro. — Todo esse tempo eu *realmente me senti* responsável. Eu *de fato me martirizei* com a culpa. *Fiquei mesmo* tão consumida pelo remorso que me envolvi com magia que não era da minha conta. Até tentei fazer acordos com pessoas de quem deveria ter mantido distância. Senti tanta culpa e tanto ódio de mim mesma e fiquei tão desesperada para reverter o que havia causado que me dispus a correr o risco que fosse necessário para reparar o que fiz a você... o que fiz a *nós*. Estava disposta a fazer o que fosse necessário para garantir que pudéssemos ficar juntos do modo como queremos, de forma que meu mundo se resumiu a tentar colocar as mãos no antídoto, à custa de todo o restante. Mas agora sei que estava errada. Agora sei que, em vez de me concentrar *somente* em conseguir o antídoto, deveria ter me concentrado em

poupar nossas *almas*.

Ele engole em seco, mostra-se embaraçado, entende a verdade de minhas palavras — posso ver em seus olhos, mas o vislumbre termina em segundos. Sua determinação aumenta, até que ele fica menos disposto que nunca a ouvir meu lado, o que apenas me convence a continuar.

— Damen, por favor, ouça. Sei que, à primeira vista, minha decisão parece meio louca, mas ela vai muito além disso. É como se... eu finalmente entendesse. Finalmente entendesse de verdade. Se não tivesse sido Roman a tentar nos separar, teria sido outra coisa. Não podemos ficar juntos porque o *universo* não permite. Nosso *carma* não permite. Pelo menos não até fazermos o necessário para consertar esse erro imenso e terrível que foi cometido. Até mudarmos o curso de nossa vida... o caminho de nossa *alma*... até transformá-la de volta no que deveria ser. Você mesmo disse isso, bem antes de começarmos esta jornada, admitiu que o que somos não é natural, nem certo. Que nossa vida ia contra as leis da natureza. Que havíamos cometido um erro ao escolher a imortalidade física em vez da imortalidade da alma. São suas palavras, Damen, não minhas. Você também reconheceu que isso teve um preço muito alto para nós e que é o motivo de continuarmos deparando com obstáculos insuperáveis, o motivo de surgirem barreiras o tempo todo, de um modo que não conseguimos superar. Disse que é por isso que Jude sempre aparece e entra no caminho de nossa felicidade. Que, mesmo sem perceber, ele está cumprindo seu destino de tentar nos impedir de repetir os erros do passado.

Olho para ele, determinada a fazê-lo enxergar, determinada a fazer algum progresso com ele. Minha voz vai ficando mais aguda até quase gritar.

— Você não vê que essa é uma grande oportunidade? É uma chance *bem real* de ficarmos juntos *de verdade e para sempre*, do modo como devemos. É minha chance de cumprir o destino para o qual nasci. O destino para o qual fui chamada em várias vidas, para o qual estou finalmente pronta, que estou disposta a aceitar. Só espero que você encontre um modo de aceitá-lo junto comigo.

Mordo o lábio, preparada para as palavras duras de Damen, mas ele apenas balança a cabeça e se vira. Está com tanta raiva que não consegue me encarar. As palavras saem com esforço por entre os dentes trincados quando diz:

— Não podemos ficar juntos porque você acabou de abrir mão do antídoto. — Ele engole em seco, retorcendo as mãos ao lado do corpo. — Ever, eu não entendo... você não quer ficar comigo?

E, quando ele enfim se vira, quando seu olhar enfim encontra o meu, o que vejo faz meu coração se partir.

— Como pode pensar isso? — pergunto, com a voz e a expressão completamente transtornadas. — Depois de tudo pelo que passei na esperança de ficar com você? — Fechos os olhos, controlo a respiração, me recomponho e escolho minhas palavras. — Não ouviu o que acabei de dizer? É claro que quero ficar com você! Quero ficar com você mais que imagina! Mas *não* desse jeito. *Não* por causa do antídoto. Há outro modo, um modo *melhor*. Tenho certeza disso agora. Damen, enfim temos a perspectiva de reverter esse enorme e terrível mal. Enfim temos a perspectiva de levar a vida que deveríamos. E, quando conseguirmos, não precisaremos de elixires ou antídotos. Não percebe o que isso quer dizer? Não percebe como é épico?

— Épico? — ele praticamente cospe a palavra. — É sério, Ever, está escutando a si mesma? O que poderia ser mais *épico* que nosso amor? Não é isso que nos faz ficar juntos de novo todas as vezes?

Eu suspiro, esgotada por seu argumento, exaurida por sua teimosia sem tamanho. Ainda assim, estou determinada a fazer com que ele entenda antes que seja tarde demais, antes que seja hora de

partir e ele se recusa a ir comigo.

— Isso é apenas parte do motivo — digo. — A outra parte é pelo fato de que, cada vez que volto, cada vez que reencarno, tenho uma nova chance de cumprir meu destino. De consertar o erro que você cometeu sem perceber tantos anos atrás. E consertar esse erro é o único jeito de ficarmos realmente livres para viver e nos amarmos do modo como queremos.

Ele suspira e olha para longe, permanecendo quieto por tanto tempo que estou prestes a romper o silêncio quando ele diz:

— Há mais uma coisa que você precisa saber.

Olho para ele.

— A árvore é um mito. É uma lenda mística. Não existe de verdade. A lenda diz que ela dá um fruto a cada mil anos. Um fruto que proporciona imortalidade a quem pegá-lo primeiro. — Ele esboça um sorriso. — Diga, Ever, isso lhe parece remotamente real?

Respondo, recusando-me a reagir ao leve traço de ironia em seu tom de voz:

— Há um ano, um lugar como Summerland não me pareceria remotamente possível. Nem paranormalidade, fantasmas, chacras, auras, magia, viagem no tempo, reencarnação, experiências de quase morte, médiuns, materialização instantânea, o poder de cristais, elixires mágicos que proporcionam imortalidade. — Dou de ombros. — Então, quem pode dizer que essa árvore não existe também? E, considerando que exista, Damen, tem ideia do que essa jornada poderia significar? — Tento fitar seus olhos, desejando que ele pelo menos aceite algum meio-termo. — Se der certo, pode acabar com suas dívidas cármicas. Pode permitir que você conserte seu passado. Comece novamente. Passe uma borracha em tudo. Mesmo que nunca tenha forçado ninguém a tomar o elixir, bem, exceto a mim... — Faço uma pausa, aperto os lábios, reduzindo-os a uma linha fina e séria, depois balanço a cabeça e continuo: — Mesmo que fosse muito jovem, ingênuo e inexperiente para entender as consequências mais profundas do que fez, o perigo ao qual nos submeteu e a própria existência de Shadowland, que sei que você não conhecia até ser mandado para lá, ainda assim... O que estou querendo dizer é que, embora não tenha planejado condenar todas aquelas almas a um abismo terrível, no final foi exatamente o que aconteceu. No mínimo, esta é sua chance de consertar tudo. Sua chance de oferecer uma opção àqueles que transformou, ou que foram transformados por causa de seu elixir. É uma oportunidade que podemos nunca mais ter.

— Nunca quis machucá-la. — Sua voz é quase um sussurro. — Nunca tive a intenção de machucar ninguém.

Noto um inconfundível vislumbre de dor e autorrecriação em seus olhos antes que ele vire o rosto.

— Jamais pensei que fosse me culpar dessa forma. Ou que visse uma eternidade juntos como uma maldição. Que achasse que está “condenada a um abismo terrível”, como acho que disse.

— Estava falando de Shadowland, Damen, *não* de nosso futuro juntos.

— Mas não estamos em Shadowland. Nosso futuro é agora. Agora mesmo. Ainda temos a receita do antídoto... Não é tarde demais. Só precisamos sair daqui, voltar ao plano terreno e reunir os ingredientes. Mas você prefere partir em uma busca inútil, na esperança de reverter a maldição terrível que joguei sobre você.

— Damen... eu não quis dizer...

Ele ergue a mão e sua fisionomia está tão arrasada quanto a voz quando diz:

— Tudo bem. É sério. Acredite, Ever, não disse nada que eu já não tenha pensado milhões de vezes. É que ouvir de sua boca... bem, foi mais difícil que eu esperava. Então, se estiver tudo bem

para você, voltarei ao plano terreno... Preciso de um tempo para pensar. E, enquanto estiver por lá, reunirei aqueles ingredientes para o antídoto. Afinal, se vai ficar presa comigo pelo restante da eternidade, pelo menos o antídoto permitirá certa... *diversão* para deixar sua vida infinitamente mais suportável.

Vejo-o partir. Meus pensamentos percorrem um labirinto de emoções conflitantes. Parte de mim quer pular naquele véu brilhante que se apaga antes que seja tarde demais... E, assim, voltar ao plano terreno junto com ele.

Mas outra parte, a maior parte, está decidida a partir nessa jornada.

Jornada que já está atrasada.

Sinto-me encorajada ao me lembrar de algo que Riley disse quando fiz a inútil tentativa de voltar no tempo, apenas para acabar retornando à vida atual. Foi um pouco antes do acidente que me levou de novo, quando ela se inclinou no banco do carro, olhou para mim, e disse:

Nunca parou para pensar que talvez você devesse mesmo sobreviver? Que talvez não tenha sido salva apenas por Damen?

Embora eu não tivesse ideia do significado dessas palavras na época, agora eu sei.

Foi por isso que voltei.

Essa jornada é minha chance — talvez a única — de cumprir meu destino.

O que significa que não posso deixar os medos de Damen me dissuadirem do que preciso fazer.

Mas não entendo sua decisão, sua recusa em procurar pela árvore. Ele se culpa por ter me dado o elixir e alterado o curso de minha vida, o caminho de minha alma, e agora insisto em encontrar a árvore que permitirá reverter esses efeitos, fazer-nos voltar a ser como deveríamos ser.

O problema é que, se não houver árvore, não haverá reversão.

Só Damen, eu e seus arrependimentos mais profundos — por toda a eternidade.

Mas eu sei algo que ele não sabe. A árvore *existe*. Lá no fundo, tenho certeza disso.

E, quanto mais rápido eu encontrá-la, mais rápido Damen se livrará da culpa que o oprime e da autocritica. Culpa que nem se justifica, pois todas as coisas que fez, todas as decisões que tomou, tiveram a melhor das intenções. Ele pode ter agido com base no medo, mas a motivação sempre foi o amor.

Mas, como não posso dizer isso a ele, terei que mostrar.

E então, voltando a me dedicar ao que, no fundo do coração, sei que devo fazer, reservo um momento para materializar alguns itens que podem vir a ser necessários — antes que chegue longe demais e possivelmente acabe em um lugar no qual a magia não funciona. Materializo objetos como uma lanterna, um saco de dormir, água e comida, um casaco leve, sapatos mais robustos e uma mochila. Com isso assegurado, eu me ocupo com uma lista mental de tudo o que sei sobre a árvore até agora, coisas que aprendi com Damen e Lótus e algumas que peguei de livros, filmes e da experiência ao trabalhar na loja de Jude. Vou repetindo a lista para mim mesma enquanto sigo a trilha.

É mística... verdade.

Alguns alegam se tratar apenas de um mito... isso ainda precisa ser comprovado.

Dizem que dá apenas um fruto a cada mil anos, mais ou menos... se for verdade, espero fervorosamente que seja época de colheita e que eu seja a primeira a chegar (senão, enfrentarei uma espera muito longa).

Paro, fecho os olhos e sintonizo a sabedoria de Summerland. Confio nela para me guiar na direção

certa, e meus pés começam a se movimentar de novo, aparentemente com vontade própria. Olho para o chão e, quando meus pés começam a deixar para trás pequenos tufo de grama, fico feliz por estar usando as botas de caminhada que materializei. Logo os tufo de grama dão lugar a espessas nuvens de poeira, quando a vegetação termina e começa um trecho de terra solta. Sou forçada a depender do grosso solado das botas para manter a passada estável quando o terreno muda novamente, tornando-se mais duro, tomado por rochas e pedras angulosas e tão cheio de curvas fechadas e zigue-zagues que sou obrigada a ir mais devagar e depois a diminuir ainda mais o passo.

Mas não importa quanto o caminho seja traiçoeiro, não vou me dar por vencida, não desistirei, nem pensarei em voltar para o lugar de onde vim. Mesmo quando ele se torna muito estreito e íngreme, com abismos sem fim nos dois lados, estou comprometida com a jornada. Não há volta.

Esforço-me para manter a respiração estável, equilibrada, enquanto faço o possível para não olhar para baixo. Só porque não posso morrer, não significa que esteja procurando perigo. Se tiver escolha, prefiro evitar riscos enquanto puder.

A trilha fica cada vez mais alta e, quando começa a nevar, imagino se isso tem algo a ver com a altitude. Mas não importa. Saber o motivo não vai impedir que meus pés escorreguem perto do abismo escarpado que se abre até lá embaixo. Não impedirá minha pele de sentir frio, ou de ficar rígida e azul.

Sei que o casaco leve que guardei na mochila não é suficiente para uma queda de temperatura tão extrema, fecho os olhos e imagino outro — grande e acolchoado, que me fará parecer uma bolha deformada, mas dará conta do recado. E, quando nada acontece, quando nenhum casaco aparece, sei que cheguei à parte da jornada em que a magia e a materialização não funcionam mais. Terei que contar comigo mesma e com os poucos objetos que materializei antes de chegar a este ponto.

Visto o casaco, puxo as mangas para baixo até cobrirem meus dedos dormentes e congelados, mantendo os olhos na trilha e a mente em meu destino, comprometida a me virar com o que tenho, ao mesmo tempo que me lembro de todos os desafios aos quais já sobrevivi — obstáculos que há apenas um ano não pareciam possíveis.

Apesar de todo o foco, apesar das frases de estímulo e da lista de dados sobre a árvore que fico repetindo em minha cabeça, acabo chegando a um ponto em que o frio e o cansaço são grandes demais e me impedem de continuar. Então, começo a procurar um lugar onde acampar, e não demoro para perceber que não há nenhum. Esta paisagem congelante não tem muito a oferecer em termos de descanso.

Jogo a mochila no chão glacial e me sento sobre ela, envolvo o corpo com os braços e me encolho até meu nariz encostar nos joelhos, numa tentativa inútil de me aquecer e me equilibrar. Tento dormir, mas não consigo. Tento meditar, mas minha mente não desacelera. Então me ocupo de me convencer de que fiz a escolha certa. De que, apesar de meu estado de completo infortúnio, está tudo bem e exatamente como deveria ser — mas isso não chega nem perto de me consolar.

Estou com muito frio.

Muito cansada e desgastada.

Mas, sobretudo, sinto-me muito sozinha. Muito cheia de saudades de Damen e de como nosso relacionamento costumava ser.

Não importa quanto me esforce para me convencer, não há volume de pensamento positivo que substitua o verdadeiro e maravilhoso conforto que é tê-lo a meu lado.

E, no fim das contas, é isso o que me salva. Pensar nele é o que me permite fechar os olhos por algum tempo e deixar que o sono me leve para outro lugar, um lugar melhor. Um lugar onde há apenas

ele e eu, onde nenhum de nossos problemas existe.

Não tenho ideia de quanto tempo durmo. Só sei que, assim que abro os olhos e limpo o rosto com a mão, vejo que a paisagem se transformou. A trilha ainda é muito estreita, ainda há um enorme precipício de cada lado, mas a estação mudou: não é mais inverno, o que significa que já não preciso me encolher por causa de uma nevasca gélida.

Em vez disso, estou debaixo de um aguaceiro, uma chuva de primavera que não dá trégua, transforma o solo em lama e não dá sinais de que vá parar.

Levanto-me com dificuldade, tiro rapidamente os braços das mangas, coloco o casaco na cabeça e o amarro sob o queixo, numa tentativa de não ficar mais ensopada que já estou. Dou um passo de cada vez na trilha, com cuidado. Deixo de lado pensamentos inspiradores, lembranças ou qualquer outra coisa, e me concentro em ficar de pé, manter-me equilibrada, não tombar para o lado. Quando a chuva se transforma em um sol escaldante que deixa o solo seco e rachado, nem pestanejo. E, quando aquele mesmo sol é resfriado por uma morna brisa abafada, sei que o verão já se transformou em outono.

O ciclo de estações se repete até que não me intimida mais, até que desenvolvo uma rotina. Eu me agasalho e hiberno durante o inverno; esquivo-me da chuvarada de primavera; tiro a camiseta de malha e fico apenas de regata quando chega o verão; depois a visto novamente quando ele se transforma em outono. E, durante todo esse tempo, continuo seguindo em frente, racionando a comida e o suprimento de água, fazendo o possível para não entrar em pânico e quase conseguindo, até que acontece algo que me deixa realmente perplexa.

Algo que nunca vi por estas partes.

Nem mesmo nas profundezas de Shadowland.

Fica tudo escuro.

Certo, talvez não seja uma escuridão total, mas ainda está escuro. Ou pelo menos está escurecendo.

Como o cair da noite, ou crepúsculo, como é chamado.

Aquele momento sinistro e melancólico em que tudo se torna apenas um contorno.

Aquele momento sinistro e melancólico em que é difícil distinguir os objetos de suas próprias sombras.

Paro. Meu pé escorrega, mandando uma rajada de pedrinhas lá para baixo, e sei que poderia ter sido eu. Meu coração bate com força enquanto me recomponho, controlo meus braços e pernas, dou uma examinada rápida em mim mesma e me asseguro de que estou bem.

— Não gosto disto — digo, quebrando o silêncio e ouvindo o eco de minha voz. Agora passo oficialmente a integrar o grupo de pessoas loucas que falam sozinhas. — Entre o escuro e aquela neblina lá em cima... — Franzo a testa, vendo o modo como a trilha de repente dá lugar a uma espessa nuvem de névoa branca e turva, que aparentemente surge do nada. Não há indícios do que possa haver além, e certamente nem sinal da árvore, tampouco alguma pista de que estou no caminho certo. — Isto não parece nada bom — completo, a voz tão sinistra que piora meu desconforto.

Olho em volta e me pergunto o que fazer agora. Observo a neblina que parece aumentar e se expandir e serpentear em minha direção, pulsando de um modo que me dá a impressão de que ela está viva. Isso me faz pensar se o melhor não seria recuar um pouco, encontrar um lugar claro e esperar a neblina passar. Mas hesito tanto que, quando vejo, já é tarde demais.

A névoa já está aqui. Já está sobre mim.

Ela avançou com tanta rapidez que sou engolida em um instante. Fico perdida no redemoinho de

névoa branca e úmida enquanto meus dedos se esticam, esforçando-se desesperadamente para alcançar alguma coisa, e eu tento me localizar, enxergar pelo menos uma pequena parte do caminho.

Mas não adianta. Estou me afogando em um mar de vapor branco que me cerca por toda a volta. Suprimo um grito quando ergo as mãos na altura do rosto e não consigo ver meus próprios dedos.

Sem saber que lado é a frente, que lado é atrás, procuro a lanterna e a ligo na intensidade baixa, mas não ajuda. Não faz diferença na neblina. Estou perigosamente prestes a sucumbir a um enorme, completo e desastroso ataque de pânico quando o escuto.

Uma voz distante vem em minha direção, aproximando-se por trás. O som me estimula a gritar, chamar seu nome o mais alto que posso. Minha voz sai alta e aguda, para que ele saiba onde estou, que não vou me mover, que vou esperar que me encontre.

Dou um grande suspiro de alívio quando sinto o toque de seus dedos, sua mão na manga de minha roupa, apertando-me com firmeza, puxando-me em sua direção.

Aconchego-me em seus braços, enterro o rosto em seu peito e a testa em seu pescoço, descobrindo tarde demais que não é Damen que me abraça.

— Ever.

Sua face roça meu cabelo enquanto seus lábios procuram meu ouvido, e, embora a voz seja masculina, não a reconheço.

A névoa continua a se acumular, tornando impossível que eu veja o rosto do dono da voz. Ele pressiona o corpo contra o meu, enquanto fecho bem os olhos e tento espiar dentro de sua cabeça, mas não chego a lugar algum. Seja quem for, aprendeu a levantar um bom escudo contra ataques desse tipo.

Eu me afasto, luto para me soltar, mas não adianta. Ele é extremamente forte e continua a me segurar como uma pessoa se afogando e tentando me levar junto.

— Cuidado — diz, levantando o rosto e permitindo que o hálito frio desça até meu pescoço, enquanto sinto a força de seus dedos através das roupas.

Hálito frio.

Dedos gelados.

Força extraordinária.

Pensamentos que não posso ouvir.

Só podem ter um significado.

— Marco? — arrisco, imaginando se isso significa que Misa está aqui também, já que raramente vejo um sem o outro.

— Quase — diz, com uma risada profunda e mordaz, que parece um pouco inapropriada nas circunstâncias em que nos encontramos.

— Então quem... — Começo a pensar se é outro imortal transformado por Roman, mas ele não demora muito a responder.

— Rafe — ele responde, com a voz baixa e séria. — Talvez não se lembre de mim, mas já nos encontramos uma ou duas vezes. Porém, nunca fomos apresentados formalmente.

Engulo em seco, sem saber se isso é bom ou ruim. Ele sempre foi um enigma, mas não perco muito tempo pensando nisso. Minha principal preocupação é me livrar dele. O resto resolvo depois.

— Espero não ter assustado você. — Ele afrouxa um pouco o abraço, mas apenas um pouco, não o suficiente para que eu me liberte. — Eu escorreguei. Caí no cânion aqui embaixo. Por sorte, não cheguei a atingir o fundo, presumindo que exista um. Fiquei pendurado em umas pedras escarpadas, depois passei o que pareceu uma eternidade tentando encontrar o caminho de volta. O que, por sinal, é muito mais fácil quando dá para ver alguma porcaria. Passei por tantas estações que perdi a conta. De qualquer modo, estava prestes a desistir e montar acampamento, ou, mais precisamente, aguentar quanto pudesse até a neblina se dissipar, quando ouvi passos, ouvi sua voz, e, bem, foi o incentivo de que precisava para escalar mais rápido e encontrar o caminho para um local seguro. Foi mais fácil quando percebi que já não estava mais sozinho neste fim de mundo. Mas preciso confessar, Ever: estou um pouco surpreso por encontrá-la aqui sozinha. Tinha certeza de que estaria com Damen. Então com quem você estava falando? Estava falando sozinha?

Semicerro os olhos, achando melhor não responder à pergunta, nem mesmo deixar transparecer que estou aqui sozinha. Ele está zombando de mim. Não está sendo nem um pouco sincero. E, embora

a névoa esteja fazendo um bom trabalho ao encobrir seu rosto, deixando-me ver apenas um vislumbre do contorno de seus cabelos escuros e ondulados, não preciso vê-lo de verdade para confirmar. O conteúdo de sua voz é alto e claro.

— Se quer saber, temos duas escolhas — diz, como se fôssemos dois bons amigos unindo forças, em busca de uma solução que beneficiasse e agradasse a ambos. — Podemos ficar aqui parados e esperar a neblina se dissipar ou podemos voltar lá para baixo e sair daqui. Voto por voltar, e você?

Penso em um milhão de respostas, mas fecho a boca antes de dizer qualquer palavra de que possa me arrepender. Mesmo assustada com sua proximidade, mesmo tentada a arrancar seus dedos da manga de meu casaco, não posso mais fazer isso. Não depois de tudo o que aprendi. Agora que sei que todos somos um só, que estamos conectados, as antigas reações não funcionam mais.

Mas isso não significa que eu precise ceder à provocação. Não tenho dúvidas de que suas intenções não são boas. Solto-me e dou um passo à frente, ansiosa por colocar o máximo de distância entre nós, tomando cuidado para silenciar todos os pensamentos de preocupação, paranoia ou medo gerados por sua mera presença.

Primeiro, porque não quero que ele ouça meus pensamentos e, segundo, porque preciso limpar minha mente para poder me concentrar na direção em que a árvore pode estar.

Mas nada me ocorre.

Summerland já me deu tudo o que pôde. O que vai acontecer a partir daqui depende apenas de mim.

Rafe me segue com dificuldade, seus passos a uma proximidade desconfortável dos meus. Mas a necessidade de cuidado me impede de ir rápido, então sigo colocando um pé na frente do outro lentamente, testando cada passo antes de soltar meu peso. Sinto o caminho como um cego movendo-se em um cômodo desconhecido, sabendo que pode demorar muito mais que o necessário, mas tenho noção de que é melhor ir devagar, melhor ficar em segurança que perder o equilíbrio e me arrepender para sempre.

Só espero estar seguindo na direção certa.

— Ainda acho que deveríamos voltar — diz Rafe, diminuindo facilmente a distância entre nós enquanto tropeça atrás de mim.

— Então volte. — Meus olhos varrem a área, atentos a sinais de... bem, de alguma coisa, qualquer coisa. — É sério. Eu estava me virando muito bem sozinha.

— Uau! — Rafe bufa, fazendo de tudo para mostrar como está ofendido, embora sua voz pareça muito mais jocosa que insultada. — Você sabe mesmo como fazer um cara se sentir acolhido, não é, Ever? Deveria estar feliz por eu estar aqui. Mas... é verdade... Roman me alertou a seu respeito.

— Ah, foi? E o que ele disse exatamente? — Faço uma pausa, virando-me para encará-lo, esforçando-me para tentar ver melhor, mas ainda assim... nada. A névoa é espessa demais para que eu possa discernir qualquer coisa.

Volto a me concentrar na trilha, estremecendo ao hálito amargo e frio de Rafe, que gela minha nuca quando ele fala:

— Roman disse o bastante. Parecia ter muito conhecimento sobre quem você é. Mas receio que eu não possa explicar nada. No momento, os detalhes parecem me escapar. Eu culpo a altitude, e você?

Reviro os olhos, ciente de que o movimento é em vão, já que ele não consegue ver, mas, ainda assim, o gesto faz com que eu me sinta melhor. E no presente momento estou aceitando todas as sensações boas que puder.

— Falando em Roman... — Rafe faz uma pausa dramática, mas o que vem em seguida é óbvio. —

O que aconteceu com ele? Faz um tempão desde a última vez em que nos vimos. Segundo os boatos, você o matou. Mas nunca fui de confiar em informações de terceiros. Sempre que possível, gosto de ir direto à fonte. Então diga-me, Ever, é verdade? Você fez mesmo isso? Porque, mesmo sem conhecê-la tão bem, devo dizer que o boato tem cara de verdade. Você tem isso. Soube da primeira vez em que a vi. Não se ofenda, é claro.

— Não me sinto ofendida. — Fecho a cara, sentindo-me de repente muito desconfortável com o fato de Rafe estar atrás de mim, mas faço o possível para não demonstrar. — É verdade que Roman não está mais entre nós — digo, confirmando o que Rafe já sabe, mas tomo cuidado para não dar pistas do profundo remorso que sinto pela perda, nem indício de quem pode ser o culpado. Minha voz fica mais ousada quando completo: — Acontece que ele não era tão imortal assim, no fim das contas. Mas acho que você já havia percebido, certo?

A brisa fica mais forte, passando por nós e fazendo a temperatura cair a um ponto realmente incômodo. Fica tão frio que meu coração aperta, pois sei que não posso suportar outro inverno, ainda mais com Rafe aqui.

Sem querer interromper a caminhada para pegar o casaco na mochila, esfrego os braços, na tentativa de me aquecer. Minhas orelhas começam a formigar quando uma segunda rajada de vento passa. Só que dessa vez, além do estalo normal das folhas e do ruído das pedras rolando, ouve-se outro som: vindo de um animal ou de um ser humano, não consigo discernir. Só sei que Rafe e eu não somos mais os únicos aqui.

Meu cabelo é levantado e gira a meu redor enquanto tento pegar um elástico preso ao pulso. Noto que a neblina ficou mais fina, o suficiente para deixar visível o pico de uma montanha coberta de neve, além dos galhos da copa do que parece ser uma árvore muito alta (seria *a* árvore?), até que ela volta a ficar espessa e encobre tudo novamente.

Determinada a manter Rafe concentrado em mim, esperando que não tenha visto o que eu vi, viro-me para ele e indago:

— Por sinal, o que exatamente você está fazendo aqui? Tem certeza de que é por acaso? O que pretende fazer? Está em conluio com Misa e Marco? Ou talvez seja amigo de Lótus? Ou vai tentar me convencer de que apenas saiu para dar um passeio?

Ergo uma sobancelha, tentando observar o pouco que consigo ver dele, a altura, os cabelos escuros e ondulados, mas todo o restante é branco. Quando ele não responde, quando se movimenta como se quisesse pular em mim, alcanço a lanterna e ilumino na direção de seu rosto. O feixe de luz corta a névoa e me mostra tudo o que preciso ver — o que não é muita coisa.

Como todos os outros imortais perigosos que conheci no ano passado, Rafe se mantém incrível calmo sob pressão. Seu rosto não dá sinais nem mesmo de estar surpreso pelo feixe de luz afiado que brilha sobre ele. Para alguém que acabou de ser pego posicionando-se melhor para me atacar, ele não parece sentir um pinga de culpa. Parece apenas determinado.

Mas há mais um fato.

Algo que realmente se destaca, embora eu não deixe transparecer.

Ele parece mais velho.

Bem mais velho.

Na última vez que o vi, ele era apenas mais um espécime imortal superlindo e perfeito.

Mas agora, embora continue bonito, definitivamente há alguns sinais de envelhecimento e exaustão: os anos se aproximando na forma de cabelos grisalhos e rugas ao redor dos olhos. Até os dentes parecem um pouco amarelados, o oposto do que passei a chamar de *branco imortal, claro e*

brilhante.

De repente, sei muito bem por que ele está aqui.

— Vamos parar de conversa fiada, está bem? — diz ele, percorrendo em apenas alguns segundos o pequeno espaço que nos separa. — Nenhum de nós está aqui a passeio. Você está na jornada de Lótus em busca da Árvore da Vida. Espera colocar as mãos no fruto que ela produz a cada mil anos. — Ele me encara, a voz combinando perfeitamente com seu olhar furioso. — Um fruto belo e perfeito que parece cruzamento de romã com pêssêgo. Um fruto que proporciona a imortalidade a quem tiver a sorte de colhê-lo e experimentá-lo. E acontece que o milênio está chegando. É hora da colheita. E, embora eu tenha certeza de que você se considera digna de uma mordida, odeio lhe dizer, Ever, mas é assim que vai ser: você vai me guiar até a árvore e eu ficarei com o prêmio.

Continuo a analisá-lo, passando a lanterna por seu rosto, pensando se devo informá-lo de que o fruto não é bem o que dizem. Que a história por trás de seus poderes não deve ser interpretada de forma literal. O fruto da árvore proporciona sabedoria e iluminação àqueles que o procuram — fornecendo a verdade suprema, o conhecimento de que são a sabedoria a respeito de serem realmente imortais. Para aqueles que conseguiram a imortalidade física, bem, o efeito é reverso: transforma o corpo e a alma de volta no que deveriam ser.

Não chega nem perto de ser o tipo de imortalidade que ele procura — embora com certeza, seja o tipo de que precisa.

Mas, em vez disso, apenas pergunto:

— E por que eu concordaria com isso?

— Porque agora que Roman se foi, graças a *você*, devo acrescentar... — Ele faz uma pausa longa o suficiente para que as palavras me atinjam. — ...a árvore é minha última esperança. Haven tomou o que restava do suprimento de elixir dele. E, uma vez que ele presumia que viveria para sempre, nunca se preocupou em compartilhar a receita. Sem contar o fato de que gostava de ter controle sobre nós. Quase tanto quanto gostava da festa que organizava a cada século e meio, sempre no solstício de verão, na qual reunia todos nós onde quer que ele estivesse vivendo na época. Trocávamos histórias, passávamos um bom tempo juntos e brindávamos uns aos outros. Depois nos despedíamos e seguíamos com nossa vida. Era como uma reunião de amigos de colégio, mas melhor, se puder imaginar. Sem salão de baile de segunda categoria, sem necessidade de impressionar os outros com cirurgias plásticas baratas e empregos pomposos que, na verdade, nada significam...

Eu nada digo. E com certeza não tento imaginar a cena. Só fico ali parada e deixo que ele continue:

— O mais engraçado é que, embora seu namorado Damen nunca tenha aparecido, provavelmente por nunca ter sido convidado, ele sempre foi o assunto mais comum nas conversas. — Rafe confirma com a cabeça, pensativo, como se assistisse a uma cena em sua mente. — Durante anos, ele foi como uma lenda para mim. Você precisava ter ouvido as histórias que os órfãos contavam: o primeiro dos nossos, aquele que transformou outros seis e depois desapareceu para que nunca mais o vissem ou ouvissem falar dele, pelo menos não de propósito. Sabia que ele nunca tentou encontrá-los para lhes dar o elixir novamente? Ele os *abandonou*, Ever. Sabia disso? Deixou-os envelhecer e definhar enquanto permanecia sempre jovem. — Rafe balança a cabeça e franze a testa de modo que um novo conjunto de rugas aparece em seu rosto. — Sinto muito, mas, se está parecendo que não gosto dele, bem, é porque não gosto mesmo. Ainda assim, isso nada tem a ver com o motivo pelo qual não permitirei que você chegue até a árvore. Não é nada pessoal, e espero que entenda quando digo que o motivo de não poder colocar as mãos naquele fruto é o fato de que ele está reservado para mim.

Respiro fundo e diminuo um pouco a intensidade da lanterna, percebendo que é melhor acalmar sua mente e deixá-lo confiante. Se ainda tenho alguma esperança de recuperar vantagem, será melhor convencê-lo a baixar a guarda, em vez de colocá-lo na defensiva. Tenho consciência de que, para me livrar dele, basta um bom empurrão na beirada. Porém, por mais tentador que possa ser, não farei isso com ele... e tenho quase certeza de que ele não faria comigo também.

Ele precisa de mim. Só eu posso realizar a jornada, posso encontrar a árvore.

O que significa que ele precisa de mim para permanecer saudável, vigoroso e, o mais importante, inteiro, se tem alguma intenção de que eu lhe mostre o caminho.

Mas o que ele não percebe é que ficarei feliz em conduzi-lo, contanto que eu chegue antes. E, quando eu chegar, quando escalar aquela árvore e alcançar o fruto, pretendo compartilhá-lo. Tenho a intenção de dar a ele, bem, talvez não a vida eterna que procura, mas certamente aquela de que precisa. Aquela que reverterá os efeitos do elixir, garantindo a verdadeira imortalidade, poupando-o do que aconteceu a Lótus.

Olho para ele, erguendo os ombros casualmente, e digo:

— Não se preocupe.

Mas, se suas sobancelhas arqueadas e a boca retorcida servem de sinal, ele ainda não está convencido.

— É sério. Não tem problema. De verdade.

Ele me observa com os olhos semicerrados, com desconfiança, praticamente cuspiendo as palavras ao dizer:

— Ah, é. E eu devo acreditar nisso? *De verdade?* — ele zomba, balançando a cabeça. — Certo, então me diga, Ever, se não tem interesse no fruto, por que se deu ao trabalho de fazer esta maldita jornada? Hem, pode me dizer? Por que se submeteu a tudo isto?

— Sou curiosa. — Dou de ombros. — Ouvi falar da árvore e pensei em vê-la com meus próprios olhos. Nem sabia que era hora da colheita até você dizer. — Inclino a cabeça, tentando fazer cara de quem diz a verdade. — Apesar da opinião horrível que você tem a respeito de Damen, ele sempre foi muitíssimo generoso. Teria ficado feliz em compartilhar o elixir se vocês não tivessem jurado lealdade a Roman. E, de qualquer modo, por que eu ligaria para esse fruto se ele me dá todo o elixir de que preciso?

— Porque o fruto é para sempre. — Os olhos de Rafe começam a brilhar até parecerem dois fogareiros cercados de branco.

— Damen e eu somos para sempre. — FRANZO a testa, sabendo, no fundo do coração, que é verdade, embora ele não esteja aqui a meu lado para provar. — E eu gosto do elixir. Gosto tanto que bebo várias vezes ao dia. Por que iria querer substituí-lo?

Rafe continua a me analisar, ponderando, considerando. Depois balança a cabeça e abre a boca para falar, quando alguém surge no meio da névoa e se adianta a ele.

— Ela está mentindo.

Rafe vira o corpo para ver o que eu já vi, saber o que já sei.

Marco está aqui.

E, como sempre, Misa se insinua ao lado dele, com seus exóticos olhos escuros, cabelos pretos arrepiados e orelhas cheias de piercings.

Jogo a luz da lanterna sobre eles e os observo atentamente, tentando descobrir algo, definir se sua aparição é um problema para mim, para Rafe ou apenas problemática em geral. Só tenho duas certezas: não importa quem é seu alvo (embora provavelmente seja eu), suas intenções não são boas. E, assim como Rafe, eles mostram sinais de envelhecimento.

— Ela veio em busca do fruto. — Os olhos de Misa alternam entre mim e Rafe. — Lótus a mandou. Convinceu-a a encontrar a árvore, assim como tentou nos convencer há tantos anos. Mas agora parece que aquela velha acha que Ever é a única que pode conseguir. Então Marco e eu a seguimos. E imagino que você esteja fazendo o mesmo.

Rafe semicerra os olhos, mas não se mexe, nada diz. Está ocupado demais analisando a situação, atento demais para responder.

— Lótus vem procurando alguém para fazer esta jornada há séculos. — Misa dirige suas palavras a mim, enquanto Marco bufá a seu lado. — No início achamos que ela fosse louca... bem, principalmente porque ela *é*. Mas agora, com Roman morto, Haven consumiu cada gota do estoque de elixir e do jeito que Damen... bem, não há necessidade de medir palavras aqui, não é? Do jeito que Damen é egoísta, não tivemos escolha além de ser amigável com ela, aprender sobre essa árvore e descobrir como encontrá-la. Ela nos trouxe a Summerland, mas foi só isso. Disse que não sabia como encontrar a árvore, que você é a única que pode achá-la, que é seu destino, como se você fosse uma espécie de escolhida, ou algo assim. — Ela me encara por algum tempo, com uma expressão mordaz, e então revira os olhos de modo exagerado, querendo deixar claro que acha tudo isso ridículo. — Não importa. — Ela dá de ombros. — Estamos aqui para que você nos leve até ela, depois assumiremos.

— Só que eu cheguei aqui primeiro. — A ameaça na voz de Rafe é bem evidente. — Um pequeno detalhe que vocês parecem ignorar.

Observo-os ficarem tensos, endireitando os ombros e se posicionando como se fossem brigar bem ali, naquela trilha estreita, para defenderem o direito de me usar a fim de conseguirem o que querem.

— Estão ouvindo o que dizem? — Alterno o olhar entre eles. — É sério. Vocês são inacreditáveis! E ainda chamam Damen de egoísta. — Balanço a cabeça em reprovação, sem tentar esconder que estou indignada. Mas a verdade é que, enquanto meus lábios continuam se movendo, dizendo uma série de palavras similares, e minha expressão muda para acompanhar o que quer que eu esteja falando, minha mente está em outro lugar. Está trabalhando com afinco para encontrar uma saída desta confusão, sabendo que eu teria sido capaz de derrubar Rafe enquanto ele ainda estava sozinho, mas agora que são três imortais contra uma... não tenho mais tanta certeza.

Embora eles não possam me matar, ainda podem provocar alguns danos sérios ou, até pior, me impedir de chegar à árvore primeiro.

— Nem sabemos se esse fruto existe de verdade — digo, olhando de um a outro. — Mas imaginemos que sim, que o encontraremos bem ali, esperando para ser colhido. Por que não podemos dividi-lo? Por que cada um de vocês não dá uma mordida e depois me entregam o que sobrar para que eu dê a Lótus? Assim, todo mundo sai ganhando. E ninguém se machuca.

Mas, no lugar da recusa que eu esperava, recebo um silêncio absoluto.

Um silêncio horrível e duradouro, muito pior que qualquer briga que eles pudessem travar.

Eles não estão mais interessados em mim.

Toda sua atenção está voltada para outra coisa.

E não preciso olhar para saber o que é. Posso sentir pela forma como a brisa sopra contra minha nuca. Posso ver no brilho repentino que aparece em seus olhos.

Eles a *veem*.

A árvore.

O que significa que não precisam mais de mim.

E, embora eu tente me movimentar, faça o máximo para correr, é tarde demais.

Há muitos deles e só uma de mim. E parece que, pelo menos neste caso, optaram por trabalhar juntos. Optaram por colaborar um com o outro.

Misa e Marco agarram meus braços enquanto Rafe vem por trás de mim. Ele pressiona o rosto contra o meu, os lábios gelados empurrando minha pele enquanto ele diz:

— Lembra quando contei que perdi o equilíbrio e caí no cânion?

Engulo em seco, me firmo, sabendo muito bem o que vem em seguida.

— Acontece que menti. — Ele sorri, posso sentir seus lábios se curvando em minha pele. — Se eu tivesse o azar de ter caído, nunca conseguiria subir novamente. Sabe, Ever, é uma queda violenta. Uma queda *muito* violenta sem nenhuma saliência rochosa... nada em que se agarrar. Mas acho que é melhor deixar que você veja com os próprios olhos. Não há necessidade de estragar a surpresa, não é?

Eu brigo.

Eu chuto.

Eu arranho e mordo, ataco e grito, agito-me e luto com toda a minha força de imortal.

Mas, apesar de ficar feliz por conseguir machucar todos eles, no final não é suficiente.

Não posso vencê-los.

Não sou páreo para eles.

Quando me dou conta, Rafe está me empurrando no exato momento em que Misa e Marco me soltam.

Eles me mandam pelos ares.

Planando.

Esbarrando na borda da trilha e caindo no cânion sem fim.

Como em um sonho em que caímos sem parar, porque não há onde se agarrar e você perde todo o controle do próprio corpo: essa é a sensação exata.

Só que, quando tenho um desses sonhos, meu corpo acaba me acordando antes que qualquer desastre aconteça.

Mas desta vez já estou acordada. E, pelo que posso ver, o desastre está acontecendo agora e está prestes a piorar.

Meu cabelo levanta, agitando-se sobre minha cabeça, enquanto as pernas chutam furiosamente na tentativa de diminuir a velocidade, de me desacelerar, mas não adianta. O esforço é tão inútil quanto meus braços, que continuam a se debater, procurando algo em que agarrar, mas apenas confirmando que Rafe estava certo.

Não há nada que me salve.

Nada que me detenha.

O despenhadeiro é uma queda violenta rumo ao vazio.

Quanto mais caio, mais escuro fica, até que já não vejo nada diante de mim, já não vejo nada abaixo de mim, já não vejo aonde estou indo.

Só sei que a queda parece ficar mais rápida, ganhando velocidade, enquanto sigo na direção de um fim que não existe. A terrível verdade de minha existência, a ironia absoluta de tudo isso é que, se eu não encontrar um jeito de parar, passarei o restante da eternidade assim.

Não posso morrer — meus chacras são tão fortes que não permitiriam.

E os machucados que eu sofrer não irão se curar — esta parte de Summerland não permite esse tipo de coisa.

São dois pensamentos horríveis que acho avassaladores demais para considerar.

Então não os considero.

Opto por focar a mente em outro lugar.

Repasso a longa lista de coisas que aprendi no último ano — desde o dia em que morri no acidente de carro que levou minha família toda até esta fenda infinita em que me encontro agora. Relembro o que Lótus disse sobre o conhecimento aparecer quando mais precisamos dele e espero que o conhecimento que acumulei me ajude a encontrar uma saída.

O perdão cura... Tudo é energia... Pensamentos criam... Estamos todos conectados... Quando se resiste, a situação persiste... O amor verdadeiro nunca morre... A imortalidade da alma é a única imortalidade real...

Repito essas palavras várias vezes, até que se tornem um tipo de mantra, até que comecem a tomar forma, a se consolidar.

Até que minha respiração comece a se estabilizar, meu corpo comece a se acalmar e meu coração seja capaz de descarregar o fardo do medo.

O perdão cura... Envio um pensamento silencioso de perdão a Misa, Marco e Rafe por serem tão desamparados e cheios de desconfiança a ponto de sequer tentarem agir diferente.

Quando se resiste, a situação persiste... Paro de resistir ao fato de que estou caindo e comecem a me concentrar na solução.

Pensamentos criam... Mesmo quando a materialização instantânea não funciona, nossos pensamentos ainda criam por nós.

Solto a mochila de um dos ombros, escorrego-a para a frente do corpo, abro o zíper e enfio a mão lá dentro. Pego o casaco leve que havia materializado antes — aquele que passou comigo por uma série de estações, protegendo-me do calor, da chuva, do vento e da neve — e solto a mochila. Seguro o casaco pelas mangas e ergo os braços acima da cabeça, usando-o para cortar o vento e direcionar minha trajetória, enquanto inclino o corpo na direção que espero ser a lateral do penhasco. Sei que consegui quando fico momentaneamente aturdida pelo impacto repentino de meu corpo contra uma camada de pedras pontiagudas. Minha carne é cortada e arranhada, enquanto as pontas afiadas da rocha rasgam minhas roupas, ralando pequenos pedaços de mim, e meu corpo continua a cair.

Meus olhos queimam de agonia e meus dentes rangem com a dor excruciante de ser esfolada. Asseguro a mim mesma que não vou curar agora, mas que, em algum momento, ficarei bem. Assim que eu conseguir encontrar uma saliência rochosa, algo a que me agarrar, algo para interromper a queda. Assim que eu conseguir chegar ao fruto e voltar à parte boa de Summerland.

Meu corpo é um tobogã de sangue, carne e osso que continua a se chocar desfiladeiro abaixo, e quando estou certa de que não posso aguentar nem mais um segundo, algo me acerta. Algo que se projeta contra meus pés, golpeia meu joelho e me dá uma pancada tão forte no estômago que me rouba o ar antes de furar meu pescoço — algo que, no último instante, eu alcanço e seguro, impedindo que me decapite.

Sei que é minha única chance, que não posso segurar meu paraquedas improvisado e me agarrar nesta saliência estranha ao mesmo tempo, então fecho os olhos e solto.

Meu casaco é levado instantaneamente pela corrente de ar, minhas mãos pegam algo no escuro e eu coloco toda a fé que tenho nesta saliência curiosa e pontuda que sequer consigo enxergar.

Meus dedos se enroscam, agarrando com toda a força que conseguem. As palmas das mãos esfolando-se enquanto meu peso me faz deslizar.

Para baixo.

Mais baixo ainda.

Tão baixo e tão rápido que só rezo para que termine logo. Sei que se soltar estarei de volta onde comecei: em queda livre no vazio e na escuridão, só que dessa vez sem a mochila, sem qualquer ferramenta para me ajudar. Enquanto faço o que posso para afastar esses pensamentos da cabeça, lanço o corpo para cima de repente, e me dou conta de que estou pendurada no final dessa estranha formação.

Suspensa no ar, as pernas balançando descontroladamente, agarro com ainda mais força, tentando mudar de posição, usando os joelhos em carne viva para subir nessa *coisa* desconhecida.

Começo devagar. Bem, bem devagar. Lembro quando tive que escalar uma corda na aula de educação física do primeiro ano. Quando ainda era apenas mais uma mortal. Quando, além de ser líder de torcida, eu não era capaz de nenhuma proeza atlética. Cada centímetro parece uma lição de como superar uma dor insuportável, de fé em algo que não sou capaz de ver. Meu progresso é medido em centímetros, não em metros, até que finalmente me arrasto perto o suficiente do topo a ponto de ser recompensada com um pouco de luz — apenas o suficiente para revelar o que me salvou.

É uma raiz.

A raiz longa e esguia de uma *árvore*.

A raiz longa e esguia que pertence à *árvore*, a que venho procurando. Sei disso instintivamente.

A Árvore da Vida me salvou.

Logo depois que alcanço o topo — logo depois que me ergo sobre a saliência e me deito de bruços, ofegando na terra —, levanto-me e corro como o vento.

Ignoro a dor lancinante em minhas pernas e os pés machucados e uso todos os poderes imortais que tenho para encontrar o caminho ao longo da raiz com alguma velocidade. Às vezes tropeço, às vezes caio, mas sempre me levanto rapidamente e sigo adiante, ciente de que preciso chegar lá antes que seja tarde demais, que estou tão para trás que não tenho tempo a perder.

Preciso me virar sem a ajuda da lanterna, que deve ainda estar em queda livre na fenda, com minha mochila. Atravesso a neblina até que a trilha se torna menos traiçoeira, mais fácil de seguir, chegando a um ponto em que finalmente tudo se resume a uma questão de sobreviver à escalada, seguir adiante e me ajustar à altitude cada vez maior.

Uma altitude cada vez maior, do tipo que nunca enfrentei antes.

Uma altitude cada vez maior, que me deixa tonta, sem fôlego, e que certamente exigiria o uso de um tanque de oxigênio se eu estivesse no plano terreno.

E, antes mesmo que eu possa ver, sei que estou perto.

Pelo modo como o céu escurecido começa a brilhar e cintilar.

Pelo modo como a névoa começa a vibrar e pulsar.

Palpitando com todo um espectro de cores — um arco-íris em tons brilhantes de azul, rosa, laranja e violeta —, todos reluzindo com os mais belos pontos prateados e dourados.

Corro ao longo da enorme raiz, notando como ela se eleva e cresce, ficando mais alta e larga ao se misturar a outras raízes, emaranhando-se e entrecruzando-se em um sistema complexo que, pelo que posso ver, parece se estender por quilômetros e quilômetros até chegar a um tronco enorme que mal consigo enxergar daqui.

Faço uma pausa, sem fôlego tanto pelo brilho da visão que se revela diante de mim como pela caminhada. Absorvo a vista maravilhosa — sua largura surpreendente, os galhos que atingem vários quilômetros na direção do céu, as folhas cintilantes que passam do verde ao dourado, a aura vibrante que emana à sua volta —, e noto que o ar fica mais quente apesar da altitude, quando deveria ser exatamente o contrário.

— Então é isso — sussurro para mim mesma, como se estivesse em transe, tomada pela admiração, tão dominada pelas cores que me esqueço de meus inimigos por um instante, me esqueço da dor.

Pelo menos neste momento sou uma pioneira, uma peregrina, uma fundadora desta fronteira maravilhosa. Estou tão espantada com o que testemunho que fico completamente sem palavras. Nenhuma declaração seria capaz de fazer justiça ao que vejo.

Achava os Grandes Salões do Conhecimento incríveis, mas isto... bem... nunca vi algo assim. Nunca vi algo tão magnífico.

Mas minha perplexidade logo passa e volto a ficar alerta. Meu olhar inicial de arrebatamento se transforma em suspeita enquanto observo em volta e analiso atentamente, procurando sinais de meus companheiros de viagem.

Lembro como os olhos de Rafe brilharam em uma ameaça velada quando alegou que o fruto seria

dele, e sei que a melhor forma de superá-los é surpreendendo-os, pegando-os desprevenidos. Completamente desavisados.

É melhor ficar quieta, me movimentar em silêncio, não dar qualquer indício de que consegui voltar.

Sigo pelo longo e sinuoso emaranhado de raízes até enfim progredir o suficiente para ter uma visão clara do enorme tronco. Ele tem a largura de um prédio — seus galhos chegam tão alto que parecem arranha-céus da natureza. Acabo de chegar à base quando os vejo.

Vejo-os sangrando e tão acabados como eu mesma devo estar — e sei que eles fizeram isso uns com os outros, que brigaram muito para chegar primeiro à árvore. Apesar de estar sozinho contra Misa e Marco, parece que Rafe ganhou a briga.

Ele está pendurado em um galho — alguns metros acima de outro, em que Misa e Marco se seguram.

E, se aquela visão já não fosse ruim o bastante — se o fato de terem conseguido me vencer com folga já não fosse totalmente desanimador —, o pior é que Rafe não apenas superou todos nós, como também já está com o fruto nas mãos.

Ele conseguiu.

Fez o que eu não consegui.

Posso ver em seu sorriso vitorioso. Posso ouvir em seu grito de triunfo.

Ele ganhou.

Nós perdemos.

Eu perdi.

E devem se passar mil anos até que tenhamos outra chance.

Mas, apesar da óbvia derrota, nada me impede de tentar uma disputa insana. Meus dedos agarram com força na casca da árvore enquanto meus pés procuram desesperadamente um apoio. Mesmo que o fim do jogo esteja claro, mesmo que Rafe seja o vitorioso, eu me recuso a me render. Eu me recuso a perder.

Ele não vai roubar meu destino.

Não vai ficar com minha última chance de acertar as contas com o universo.

Não vou esperar mais mil anos.

Seus olhos de repente me encontram, e ele parece se divertir com meu esforço. Ele ergue o fruto no ar, alto o suficiente para que todos nós o vejamos, e faz uma pausa, saboreando o momento da vitória.

Então abre um grande sorriso e, sem tirar os olhos de mim, enfia o fruto entre os dentes e dá um mordida.

Agarro-me ao galho, sem vontade de ver, mas também incapaz de desviar os olhos. Sou tomada pela vergonha e a humilhação da derrota. Derrubada pela horrível certeza de ter fracassado na única coisa que nasci para fazer.

Meu corpo não passa de uma confusão pulsante e ensanguentada, minha alma gêmea está convencida de que o abandonei, enquanto Rafe demonstra o quanto está aproveitando o fruto.

E para quê?

Qual o motivo de tudo isso?

Por que lutei tanto? Para que completei cada passo se iria fracassar na etapa que valia mais que todas as outras?

Esse amargo gosto de derrota me faz lembrar o que eu disse uma vez a Damen depois que confessei toda a história sobre minha viagem frustrada no tempo:

Às vezes o destino não está a nosso alcance.

E fico surpresa ao descobrir que isso já não é verdade.

Meu destino ainda está bastante ao meu alcance.

Não acaba aqui de jeito nenhum.

Dou um salto.

Superando a dor excruciante em meu corpo — superando meus músculos esgotados, as mãos ensanguentadas em carne viva. Salto o mais alto que posso e agarro o galho acima de mim, e depois o outro acima dele. Balanço-me como um macaco ágil, até estar apenas um galho abaixo de Misa e Marco, que agora também estão apenas um abaixo de Rafe.

Quando Rafe nos surpreende pulando de seu galho para o deles, vejo que seu rosto ainda está envelhecido, ainda está marcado pelo tempo, mas não há como negar seu brilho. Ele, sem dúvida, está radiante, tem uma aura luminosa — o que é a prova que eu precisava para saber que funcionou, que sua imortalidade foi revertida.

Ele larga o que sobrou do fruto na mão estendida de Misa, depois se apressa em voltar para o chão, enquanto eu me movimento para onde os outros dois se encontram.

Viro-me na direção deles, encolhendo-me ao ouvir o som do galho rangendo sob o peso de nós três. Mas eles parecem não notar, parecem não se importar. Estão distraídos demais com o fruto e com o grito distante do barulhento Rafe que desce até as raízes.

— Não chegue mais perto — diz Marco ao perceber minha presença.

Fico paralisada. Não porque ele mandou, mas porque meus olhos veem algo extraordinário, algo que eu nunca esperaria encontrar.

— Fique bem aí onde está. — Ele olha para Misa, faz um gesto para que ela continue, e eu a observo colocar o fruto entre os lábios, cravando os dentes brancos e brilhantes na polpa firme e aveludada enquanto fecha os olhos, saboreando-a antes de entregá-la a Marco, que olha para mim e diz: — Se eu estivesse me sentindo generoso, se tivesse a mínima consideração por você, dividiria esse último pedaço. Afinal, parece que há o suficiente para nós dois, não acha?

Mordo os lábios, esperando que ele esteja tão preocupado em me ridicularizar que não perceba o milagre que está ocorrendo a apenas alguns galhos de distância.

É isso?

Será que é mesmo?

Devo confiar no que meu instinto está me dizendo?

Devo confiar em algo que vai contra todos os mitos, todo o conhecimento que adquiri a respeito desta árvore?

Ou devo lidar com Marco bem aqui, neste exato momento? Tentar pegar o último pedaço do fruto enquanto posso, sabendo que eles estão tão ensanguentados, cansados e enfraquecidos quanto eu?

Ele segura o fruto diante de si, zombando, provocando, abrindo a boca de modo exagerado. E eu sei que é hora de tomar uma decisão, hora de escolher entre o que me disseram e o que vi acontecer diante de meus olhos, quando ele diz:

— Mas acontece que não estou me sentindo nem um pouco generoso em relação a você, então acho que vou aproveitar a oportunidade e comer tudo sozinho.

Um passo à frente, enquanto ele enfia o fruto na boca.

Outro, diminuindo o espaço entre nós, enquanto ele fecha os olhos e dá uma mordida.

A imagem perde o foco quando me lembro da voz de Lótus na minha cabeça, dizendo:

A árvore é generosa.

Eu paro. Perco o equilíbrio. Vejo-me caindo de costas, rodopiando em direção ao chão. Minha queda é interrompida por um emaranhado de folhas apenas alguns galhos abaixo, enquanto, acima de mim, Marco se exhibe engolindo o fruto e limpando o sumo do queixo com a manga da camisa.

Eu observo me dou conta de que, como Rafe, eles se transformaram. Embora ainda envelhecidos, sua aura brilha com energia e vividez, fazendo com que fiquem luminosos enquanto descem da árvore de mãos dadas. Ignoram-me ao passarem por mim, mas não me importo mais. Minha atenção está em algo que eles são míopes demais para ver — algo que muda tudo.

É o fruto.

O fruto em sua perfeita abundância.

Acontece que a Árvore da Vida não se limita a apenas um fruto a cada mil anos, como diz a lenda. Para cada unidade colhida, outra aparece em seu lugar.

De repente, entendo o que meu instinto estava mostrando — de repente, sei o que Lótus quis dizer quando mencionou que a árvore era generosa.

De repente, sei o que significa quando dizem que o universo é abundante — que oferece tudo de que precisamos, que a única carência é aquela criada pela mente.

Trato de subir, tentando chegar ao local onde está o fruto maduro. Então arranco minha blusa esfarrapada e ensanguentada, expondo a igualmente esfarrapada e ensanguentada regata branca de algodão que está por baixo. Abro a blusa sobre o colo, arranco aquele fruto único, coloco-o no centro do tecido e aguardo. Espero não estar errada, espero que seja mesmo o que estou pensando, e rio como louca quando, alguns minutos depois, outro fruto aparece no lugar. Então arranco aquele também. Repito a tarefa várias vezes até que minha blusa esteja tão cheia que não comporte mais nada, então puxo as pontas, amarro-as e jogo nos ombros a trouxa improvisada.

Estou prestes a descer quando testemunho ao longe a mais maravilhosa exibição de luz que corta a neblina de modo tão surpreendente, brilhante e colorido que é impossível de identificar.

— O que é aquilo? — sussurro, boquiaberta com o espetáculo, imaginando que, como estou tão no alto, devo estar testemunhando algum tipo de luz celestial.

Mas não demora muito até que eu ouça uma gritaria trazida pelo vento, um som que me diz que é Misa, Marco ou Rafe, ou mesmo todos os três. E de repente entendo por que Lótus os enviou atrás de mim.

Ela sabia sobre a árvore. Sabia que era generosa. Sabia que, não importando o que acontecesse, não importando quanto tentassem me impedir, no final eu conseguiria.

Ela pode não ter sido muito franca a respeito do tipo de imortalidade que o fruto realmente oferece, mas eles lhe disseram apenas que buscavam o elixir da vida, então Lótus tinha todo o direito de mandá-los seguir em frente.

E, mesmo que não tenham compreendido em que estavam se metendo, pelo som dos gritos empolgados, pelo modo como o brilho ilumina o céu, o que eles encontraram é ainda melhor que aquilo que procuravam.

Eles encontraram iluminação — a *verdadeira* imortalidade.

Do tipo que seguro nas mãos.

Ansiosa por minha vez, desço e dou início a minha jornada de volta.

A primeira coisa que noto quando volto para Laguna Beach é que estou curada.

De tão empolgada que estava, acho que desci a trilha e materializei o véu com tanta rapidez que nem percebi que meu corpo não está mais flagelado e ensanguentado, e minhas roupas não estão mais destroçadas (embora estejam bem sujas).

A segunda coisa que noto é o clima.

Está quente.

Tipo muito, muito quente.

Tipo quente demais para as meias grossas e as botas que ainda estou usando.

Olho pelas ruas estreitas e movimentadas do centro à minha volta. O sol reflete nas vitrines de uma forma que me obriga a proteger os olhos até que eu consiga materializar um novo par de óculos escuros. Parte de mim espera que eu esteja incomodada apenas porque a temperatura em Summerland não varia muito, sempre tendendo ao ameno — enquanto outra parte teme que o que estou sentindo não seja apenas um calor fora de época, e sim um calor bem próprio desta estação.

Tenho a horrível e esmagadora sensação de ter ficado fora muito, muito mais tempo que o planejado.

Embora o tempo não exista em Summerland, nada impede que continue passando aqui, e, se o clima servir como indicação, minhas férias de inverno foram muito além das duas semanas dadas pela escola. Na verdade, posso ter até passado da semana de saco cheio na primavera, o que também não é nada bom.

Mas ainda mais estranho que o tempo, bem, pelo menos quase mais estranho, é o fato de que posso *sentir* a força da gravidade do plano terreno. Eu me sinto mais pesada, mais lenta, o que é muito *esquisito*. Por mais que eu tenha feito muitas viagens entre Summerland e aqui, nunca cheguei a perceber a diferença. Ou pelo menos não assim. Não de modo tão intenso e óbvio. Mas também nunca passei tanto tempo seguido em Summerland, então deve ter alguma relação com isso.

E só de pensar nessa possibilidade, tento achar meu celular para ver a data. Só então me lembro de que não estou com ele, o que faz sentido, já que não há sinal em uma dimensão mística. Espio a vitrine mais próxima, procurando algum tipo de pista de que dia é hoje ou de que horas são. Até mesmo o mês me satisfaria. Mas só vejo um monte de produtos caros para o lar, incluindo uma cama para gatos em forma de coroa, feita de pelo falso, o que nada revela sobre nada.

Ajeito no ombro a trouxa improvisada, confirmando, pelo peso, que o fruto sobreviveu à viagem, porque sei que as coisas materializadas em Summerland nunca chegam ao plano terreno. Mas eu não materializei o fruto. A árvore é responsável por isso, e esse deve ser o único motivo pelo qual ele ainda está comigo.

Sigo para a loja de Jude, pensando em entrar, ver se ele está bem e encontrar um modo sutil de perguntar a data. Mas, em vez de Jude, acabo encontrando a última pessoa que eu poderia esperar.

Certo, talvez não *a última* pessoa, porque essa seria Sabine. Ainda assim, não vou mentir: assim que vejo Honor trabalhando atrás do balcão da Mística e Raio de Luar, conversando com uma cliente enquanto registra o que parece ser uma grande venda, bem, paro na hora. Meu corpo fica paralisado e eu a encaro com olhos arregalados e queixo caído.

Esperava ver Jude, ou talvez Ava, ou mesmo qualquer outra pessoa. Mas nunca esperava ver Honor. Na verdade, ela nem estaria na longa lista de suspeitos.

Ela ergue a vista por cima da registradora, lança um olhar apressado para mim, depois volta a digitar números, passa o cartão e empacota. Seu rosto não demonstra sinais de como pode estar se sentindo por me ver ali parada, o que é muito mais que posso dizer de minha própria reação ao vê-la.

A última notícia que ouvi é que Jude havia desanimado de ensinar Desenvolvimento Mediúnico nível 1 (com pequena ênfase em autorrealização e magia) quando Honor acabou sendo sua única aluna. E, depois de algumas aulas particulares, achou que seria melhor parar de vez. O que, preciso admitir, me deixou aliviada, já que Honor não estava usando suas habilidades recém-descobertas com a melhor das intenções ou para o melhor dos propósitos.

Quer dizer, mesmo que Stacia seja uma pessoa terrível (e, acredite, ela é real e verdadeiramente *terrível*), eu não podia deixar que a conspiração que Haven e Honor faziam contra ela continuasse. Não era certo — muitas pessoas acabaram se machucando no processo. E nenhuma das duas estava se mostrando melhor que Stacia ao assumir o lugar dela. Na prática, estavam apenas imitando o que havia de pior em seu comportamento.

Que eu saiba, Honor e Stacia fizeram as pazes, por assim dizer, mas só porque eu praticamente as forcei a isso. E, depois de ter ficado fora por sei lá quanto tempo, não tenho ideia de como isso evoluiu. Imagino que tenham voltado a ser as meninas terríveis de sempre, comportando-se do jeito horroroso de costume. Ainda assim, espero estar enganada. Espero que elas tenham pelo menos tentado seguir em frente e fazer algo um pouco mais produtivo da vida.

A cliente pega a sacola e passa por mim a caminho da porta, enquanto Honor se ocupa guardando o recibo com cuidado na caixinha roxa onde Jude os coloca, antes de se sentar no banquinho e se dirigir a mim.

— Ora, ora... — Ela balança a cabeça enquanto me olha de cima a baixo, examinando-me por inteiro, com cuidado para esconder qualquer pista que indique como se sente por eu ter aparecido aqui. — Você é praticamente a última pessoa que eu esperava ver.

— Jude está por aqui? — pergunto, sem vontade de entrar em seu jogo, se é que se trata de um jogo. É meio difícil dizer o que ela está tramando ou qual pode ser sua motivação. — Ou mesmo Ava? — acrescento, deixando claro que estou disposta a falar com qualquer pessoa, menos com ela.

— Ava chegará logo — diz ela, ainda me analisando. — Jude também. — Ela sorri, uma curva involuntária nos lábios que desaparece tão rapidamente quanto surge.

Aproximo-me do balcão, fitando seus olhos do mesmo modo que ela fita os meus. Vejo-a dar de ombros, apoiar-se na parede e continuar a me analisar.

— Há quanto tempo trabalha aqui? — pergunto, em vez de fazer a pergunta que realmente quero: *em que dia, hora e/ou mês estamos?* Acredito que devam tê-la contratado em meu lugar e imagino que sua resposta me dará algum indício de quanto tempo fiquei fora.

— Há uns seis meses, mais ou menos. — Ela dá de ombros, coloca uma mecha dos cabelos cor de cobre atrás da orelha, depois se concentra em analisar suas cutículas, enquanto minha mente gira com sua resposta.

Seis meses.

Seis meses?

Seis meses!

O interior da loja começa a rodar a meu redor, forçando-me a segurar no balcão, numa tentativa de me manter equilibrada.

Seis meses me levam a maio.

Levam ao fim do segundo semestre de meu último ano na escola.

Levam ao grande risco de ser totalmente reprovada, a menos que eu faça uma mágica e tanto na Administração do colégio!

E não consigo deixar de pensar se Damen está na mesma situação. Se também corre o risco de ser reprovado. Ou se consegui voltar a tempo, enquanto a jornada até a Árvore da Vida me deixou em uma situação bem difícil, com todas aquelas estações pelas quais tive que descobrir uma forma de passar.

De qualquer maneira, Damen nunca ligou muito para a escola. O único motivo pelo qual ele se matriculou era o mesmo pelo qual ficou: eu. Depois de seiscentos anos de vida, ele não vê motivos para estudar. E, embora eu tenha adotado uma postura semelhante recentemente (como dá para notar por minhas faltas, mesmo antes de partir em minha jornada), nunca quis ser reprovada.

Nunca sonhei em abandonar os estudos.

Quer dizer, mesmo que eu já tenha pensado que não preciso passar por vestibular, avaliação de médias ou inscrições em faculdade, mesmo que eu presumisse que, por ser imortal, estivesse livre desse tipo de coisa, nunca imaginei não terminar o ensino médio.

Jogar o capelo para o ar na formatura é praticamente a única coisa normal que eu achei que faria.

E agora, pelo visto, perderei isso também.

Suspiro e balanço a cabeça. Tento me concentrar de novo no presente, onde estou agora, e digo:

— Uau. Faz... faz um bom tempo... — Sem saber o que mais dizer.

— Você ficou bastante tempo fora. — Ela ergue os ombros junto com as sobrancelhas. — Então, como foi lá? Como tem andado Summerland? — ela pergunta de modo tão casual que parece que sempre conversamos sobre esses assuntos. Mal olha para mim e já volta a inspecionar suas cutículas, tirando uma pele solta no canto do polegar enquanto penso em um modo de responder. Mas nenhuma palavra vem. — Eu sei sobre Summerland.

Ela enfia o polegar na boca, terminando o serviço com os dentes, e depois coloca as mãos no colo e olha para mim de repente.

— Claro que nunca fui até lá, mas não foi por falta de tentativa. — Sua expressão é mal-humorada. — Mas é difícil para uma iniciante como eu. Jude disse que foi você quem o levou até lá pela primeira vez, e agora ele está tentando fazer o mesmo por mim. Não tive muita sorte até agora, mas não vou desistir. Tenho estudado muito e já li praticamente tudo o que pude sobre o assunto. É mesmo tão mágico como Jude diz que é? — Ela passa os olhos sobre mim, observando minhas roupas sujas, mas, em um gesto louvável (para minha surpresa), não demonstra os sinais de maldade disfarçada que eu esperava dela. — Não fique tão chocada. Não é nenhum grande segredo. — Ela ergue as sobrancelhas e torce a boca para o lado. — Bem, acho que o fato de você ir até lá toda hora é um grande segredo, mas, ainda assim, a existência do lugar não é. E eu também não contei a ninguém sobre ele, nem sobre você. Acredite, Jude já me alertou. Só faltou me ameaçar se eu dissesse qualquer coisinha sobre você ou suas habilidades. Então pode respirar fundo e relaxar agora, tá?

Mas, mesmo que ela me garanta que posso relaxar, não consigo. Qualquer pensamento relaxante que eu pudesse ter foi levado pelo modo como ela disse “Jude”.

Jude disse que foi você quem o levou até lá pela primeira vez.

Jude diz que é mágico.

Jude me alertou de que não contasse.

O nome parece inofensivo e casual — a menos que se ouça o modo como foi pronunciado: com carinho, intimidade, beirando uma familiaridade que vai muito além do relacionamento aluna/professor/funcionária/patrão.

Sem contar a quantidade de vezes que foi falado, como uma garota toda apaixonada que encontra qualquer desculpa para inserir o nome de seu amado no meio de uma frase.

— Então, você e Jude, hem? — Olho dentro de seus olhos, tentando determinar como me sinto a respeito disso. Procuro sinais de ciúme e fico aliviada por perceber que não é isso o que me incomoda.

Sinto vontade de protegê-lo, e não ciúme. Não quero que ele se magoe. Jude tem um longo histórico de se apaixonar pelas garotas erradas — garotas que o acabam magoando —, inclusive eu.

E, ou as habilidades mediúnicas de Honor progrediram muito, ou sou completamente incapaz de disfarçar, porque ela olha para mim e diz:

— Olhe, Ever, sei que você não gosta de mim, ou não confia em mim, ou ambos, ou o que for, mas, de qualquer modo, muita coisa aconteceu nos últimos seis meses. Acho que você ficaria surpresa.

— Bem, da última vez que você disse isso, estava falando de mudanças que não eram nem um pouco para melhor. — Eu a encaro, sustentando o olhar por um momento antes de observar o restante dela.

Noto que seu antigo guarda-roupa super da moda se transformou completamente, resumido a uma camiseta com o símbolo *yin-yang* que termina bem abaixo da cintura da calça jeans velha e desbotada, um anel de malaquita, ou melhor, o anel de malaquita de *Jude* reajustado com uma fita de seda e enfiado em seu dedo médio, enquanto um par de chinelos de borracha pende de seus pés. Acho que ela não está apenas namorando Jude, mas também saqueando seu armário.

— Você tem razão — diz ela, nem um pouco intimidada com a confissão, o que já é um bom indício de progresso. — Mas o que eu quis dizer foi que acho que você ficaria surpresa *no bom sentido*. Não estou mais contra você, Ever. É sério. Sei que não acredita, mas é verdade: eu mudei. Toda a minha perspectiva mudou. E, só para você saber, gosto mesmo de Jude. Não vou magoá-lo como você.

Olho para ela, esperando que termine a frase, certa de que na verdade quis dizer “Não vou magoá-lo *como você pensa*” e que logo ela corrigirá o erro.

Mas não, ela deixa por isso mesmo. Ao que tudo indica, disse exatamente o que pretendia, e não posso negar que seja verdade.

— E Stacia? — pergunto, preferindo mudar para um assunto tão ruim quanto o anterior, ou mesmo pior. — Ela também está mudada como você? — prossigo, ciente de quanto ela é egoísta e sem-noção, lembrando como foi difícil apenas convencê-la a se desculpar pelas coisas terríveis que havia feito. Mas, bem, milagres acontecem, e nunca é tarde para mudar sua vida e conquistar algo melhor. Pelo menos é o que dizem.

Mas Honor é bem realista no que diz respeito à amiga, o que significa que apenas ri ao afirmar:

— O que posso dizer? Stacia é um projeto em andamento. Mas, acredite, ela já não é tão ruim quanto costumava ser, o que já é alguma coisa, não? De qualquer modo, se Jude achou por bem gostar de mim, e Ava achou por bem confiar em mim, bem, talvez você pudesse tentar... Pelo menos me tolerar, e depois vemos aonde isso leva.

— E Ava achou por bem confiar em você para *quê*? — pergunto. — Digo, além de ajudar na loja.

Honor fica de pé, sua atenção voltando-se momentaneamente para o sino da porta, que anuncia que alguém entrou, e diz:

— Para começar, ela me pediu que localizasse umas ervas raras para Damen. Algo relacionado a um antídoto que ele está preparando. — Ela ergue as sobrancelhas, acena para o cliente que está olhando as prateleiras e depois se volta de novo para mim. — E, por coincidência, a encomenda chegou há mais ou menos uma hora. Estou com ela aqui. — Ela pega sob o balcão um pacote pequeno e sem graça e o coloca à sua frente. — Eu ia ligar para Damen, avisando para que viesse buscá-lo, mas agora que você está aqui talvez possa levá-lo para ele. Imagino que não o veja há um bom tempo, não é?

Olho para o pacote, sentindo meu coração disparar e minha garganta apertar, ciente da atenção dela pesando sobre mim.

— Que dia é hoje? — pergunto.

Ela me olha de um jeito estranho.

— Domingo, por quê?

— Domingo...

— Domingo, 24 de maio. — Ela contorna o balcão e vai até o cliente, enquanto eu pego o pacote, coloco-o no bolso da frente da calça e saio pela porta.

Não vou para a casa de Damen.

Pretendo ir, tenho toda a intenção de ir, mas há algo que preciso fazer antes. Então, depois de materializar um carro, sigo diretamente para a casa de Jude. Quero encontrá-lo antes que vá para a loja e quase bato em seu jipe enquanto ele sai de ré bem na hora em que estou entrando.

— Ever? — Ele me vê pelo espelho retrovisor depois de breicar seu carro e salta do banco.

Fico encarando-o. Não consigo evitar. Ele está completamente diferente da última vez em que o vi.

Seu cabelo foi raspado.

E, sem sua marca registrada, o emaranhado de longos *dreadlocks* cor de bronze e ouro, ele está praticamente irreconhecível — ou pelo menos até seus olhos encontrarem os meus. Aquele olhar verde-água brilhante é muito familiar, sem contar a onda de energia calma e serena que me alcança, me perpassa, me rodeia, exatamente como vem acontecendo nos últimos séculos.

Ciente de minha reação, Jude passa a mão pela cabeça recém-raspada, e seu olhar tropical encontra o meu quando ele diz:

— Achei que já era hora de mudar, mas, pela sua cara, estou pensando em deixar crescer de novo.

Desço do carro, tentando ao máximo não encará-lo demais. Mesmo continuando bonito, na verdade mais que bonito, ainda preciso me adaptar a seu novo visual.

— Que nada! — Abro um grande sorriso e faço que não com a cabeça. — Deixe como está. Quer dizer, por que voltar atrás quando se pode seguir adiante?

Ele fixa os olhos em mim, permitindo que as palavras fiquem suspensas entre nós até quebrar o silêncio e dizer:

— Você parece ter passado por poucas e boas. — Ele indica o estado deplorável de minhas roupas. — Mas conseguiu voltar, e é isso o que importa. É bom ver você, Ever. — E posso notar pelo tom de sua voz e pelo brilho de seus olhos que, pela primeira vez em muito tempo, suas palavras significam exatamente o que dizem. Minha presença não produz mais nele a nostalgia de antes.

— É bom ver você também. — Sorrio ao dizer essas palavras, querendo que ele saiba que também não estou falando da boca para fora.

Ficamos um diante do outro, deixando que o silêncio impere. Mas não é um silêncio constrangedor, mas o tipo compartilhado por duas pessoas que passaram por algo tão extraordinário que não há como traduzi-lo em palavras.

— Quando você voltou? — pergunto, imaginando se ele ficou lá por muito tempo também.

Ele olha para mim, estreita os olhos e diz:

— Há muito tempo. Bem antes de você. Pensei em ir atrás de você, tentar encontrá-la, mas Lótus disse que era melhor não ir, disse para eu não me envolver. — Jude balança as chaves e aponta para a porta de casa.

— Quer ir lá para dentro?

Aperto os lábios, pensando no *dentro*. A cozinha onde lavei a louça uma vez, a velha cadeira em que eu costumava sentar, a porta antiga que Jude usa como mesinha de centro, o sofá marrom de

veludo onde ele confessou o que sentia por mim...

— Não, eu... — Olho para ele, engulo em seco e começo de novo. — Eu só queria ter certeza de que você voltou de Summerland. Queria ter certeza de que correu tudo bem, e... — Dou de ombros, olho em volta, vendo as peônias voltando a florescer, grandes tufos vibrantes coloridos de um rosa e violeta surgindo no alto de caules verdes e resistentes. — E parece que está tudo certo, então...

Mas ele não me deixa escapar com tanta facilidade, não permite que eu simplesmente vá embora.

— Deveríamos conversar sobre isso? — pergunta ele, dizendo com o olhar que está mais que disposto, se eu quiser.

E, ainda que pudéssemos muito bem conversar, penso: *para quê?*

Quer dizer, o que ainda restou para falarmos? Agora já sabemos de tudo. Revivemos os acontecimentos pessoalmente. Então para que voltar ao que já sabemos?

Faço que não com a cabeça e direciono meu olhar para nossos pés — ele usa os chinelos marrons de borracha de sempre, eu uso botas sujas e enlameadas. Depois levanto a cabeça e digo:

— Acabaria sendo redundante agora, não acha?

Ele ergue os ombros e continua a olhar para mim.

— Mas deve ter sido um alívio saber que você, na verdade, não me amou e me perdeu todos aqueles anos, não?

Ele inclina a cabeça, confuso com minha declaração.

— Quer dizer, ao menos pelo que entendi depois de juntar todas as peças, ficou bem claro que você estava apenas tentando afastar Damen de mim para que ele não me transformasse em imortal. Sabe? Para que ele não conseguisse fazer o que tentou naquela nossa primeira vida, quando você era Heath, ele era Alrik, e eu, Adelina.

— Foi isso mesmo que você deduziu? — Ele se inclina em minha direção com um olhar tão penetrante que me faz concordar com a cabeça, engolir em seco e coçar o braço. Cedo a todos os meus tiques de nervosismo, um atrás do outro, o que me faz pensar em por que insisti em dizer aquilo, se só podia resultar em constrangimento para mim mesma. Mas, ao ver meu desconforto, ele deixa passar e diz: — Então, diga... você conseguiu? Conseguiu completar a jornada? Encontrou a árvore que estava procurando?

— Sim, consegui — digo a ele, com a voz ficando rouca à medida que minha cabeça vai se enchendo com aquela visão maravilhosa. Algo que eu gostaria que ele pudesse ver também, e só há um modo de fazer isso. — Feche os olhos — digo, constrangida com a velocidade com que ele obedece. — E agora abra sua mente. — Coloco as mãos nos dois lados de sua face, esticando as palmas sobre os planos angulosos de suas maçãs do rosto, que parecem ainda mais pronunciadas devido ao novo corte de cabelo. As pontas de meus dedos buscam a leve curva de suas têmporas, pressionando-as com cuidado. Então projeto aquela cena maravilhosa e radiante de minha mente para a dele, mostrando a árvore tal como me lembro, em toda a sua glória e exuberância.

— Uau — diz ele, em um tom de voz que parece um suspiro. — Deve ter sido... *especial*. — Ele me encara, os olhos sondando-me intensamente.

Confirmo com a cabeça, começo a tirar as mãos de seu rosto, mas ele pressiona as próprias mãos sobre elas, segurando-as onde estão.

— Preciso ir. — Tento me afastar, mas ele me segura com mais força, mantendo-me bem ali em sua frente.

— Ever... — Sua voz é grossa, áspera, um tom que conheço bem.

Passo os olhos sobre ele, notando a camiseta e a calça jeans que acabaram de ser lavados, o cheiro de sabão, ar fresco e mar que exala de sua pele, e sei que esse esforço foi por Honor, não por mim.

— Jude, você está feliz? — pergunto, esperando ardorosamente que esteja, que a estrela que materializei tenha realizado meu desejo, ou que pelo menos que realize logo.

Ele fixa em mim um olhar demorado, que dura tanto tempo que estou certa de que não responderá quando enfim me solta, enfia as mãos nos bolsos e diz:

— Estou tentando. — Ele dá de ombros. — Acho que estou chegando mais perto. E você?

Começo a disparar uma resposta alegre e leve, do tipo que se usa quando alguém lhe pergunta como está e você sabe que a pessoa não vai esperar pela resposta, mas logo paro. Jude respondeu com sinceridade, e o mínimo que posso fazer é responder com sinceridade também. Mas preciso de um momento para avaliar qual deve ser a resposta. Não parei para pensar em meu próprio estado de felicidade. Pelo menos não por um bom tempo.

Vejamos, passei em todos os testes durante minha jornada e cumpri meu destino, o que quer dizer que me realizei no sentido mais amplo da palavra. Ainda assim, mesmo depois de tudo isso, ainda falta claramente uma coisa. Ou melhor, duas coisas: uma importantíssima, outra um pouco menos importante. Mas, depois que sair daqui, também enfrentarei essas coisas.

— Idem — digo enfim. — Também estou tentando. — Completo as palavras com um rápido sorriso. — Mas acho que estou fazendo um grande progresso, chegando bem perto.

Começo a me virar para andar na direção do carro, mas ele me puxa de volta e diz:

— Ei, Ever...

Eu o encaro.

— Só para você saber, você entendeu tudo errado.

Estreito os olhos, sem a menor ideia do que ele quer dizer.

— Não era aquilo que eu estava fazendo em todas aquelas vidas, ou pelo menos não só aquilo. O outro motivo pelo qual estava tentando separar você e Damen é porque queria ter você só para mim. Ainda quero. — Ele dá de ombros, tenta rir, mas não por achar graça. Está muito resignado para isso. — Lembra-se do que me disse... no dia em que nos conhecemos?

Estreito os olhos ainda mais. Eu disse tanta coisa naquele dia. Na verdade, dei uma bela lida em sua mão, contei tudo sobre seu passado... bem, pelo menos sobre seu passado mais recente.

— Você disse que tenho um sério histórico de me apaixonar pelas garotas erradas.

Ah, sim. Isso.

— E pelo visto você estava certa. — Vem aquela risada de novo, mas dessa vez é mais leve, mais iluminada, indicando a promessa de dias melhores pela frente. — Mal sabia você que era apenas uma única garota, sempre a mesma, várias vezes. Mal sabia que era *você*.

Engulo em seco, meu estômago revira e fica estranho.

— Sempre foi você. — Ele dá um sorriso triste.

Chego mais perto de meu carro, sem saber o que dizer ou fazer, mas tudo bem, porque ele corta o constrangimento por mim.

— E então, o que acha de Honor? — pergunta.

Nossos olhares se encontram e se sustentam, até que consigo gaguejar:

— De verdade?

Ele faz que sim, passando a mão na cabeça do mesmo jeito que fazia quando tinha os cabelos

compridos e torcidos, só que agora não há muito em que pegar e ele volta a colocar o braço ao lado do corpo.

— O que você me disse naquele dia? Se sou tolo o suficiente para perguntar, então você é tola o suficiente para responder. — Ele ri e continua: — Então, sim, que se dane! Diga logo. O que acha de Honor? Ou, melhor ainda, o que vê em nosso futuro? Nós teremos um futuro?

Ele me estende a mão, querendo que eu lhe diga tudo o que vejo. Fico ali parada em sua frente, sabendo que só preciso baixar meu escudo paranormal, pressionar o dedo em sua pele, e tudo o que ele quer saber, inclusive o que preferia não descobrir, será revelado.

Estou inclinada a fazer isso quando me lembro do que Damen me disse uma vez, então decido citá-lo.

— A vida não é uma prova com consulta — digo, virando-me para o carro e indo embora.

Minha próxima parada é a casa de Sabine.

Imagino que, por ser um fim de tarde de domingo, há grande probabilidade de eu encontrá-la em casa.

Talvez esteja até com Munoz.

E, quanto mais perto chego de sua rua, mais torço para que Munoz esteja lá, pois parece que ele está em meu lado, pelo menos na maioria das vezes. O que significa que poderá me ajudar a convencê-la da verdade.

Da verdade surpreendente, incrível e atordoante que prova que tudo o que ela nega com tanto vigor é real.

A verdade que ela provavelmente lutará como louca para rechaçar, não importa quantas provas eu lhe dê.

E, mesmo que eu esteja cem por cento preparada para recorrer a todos os meios possíveis, fazer o que for preciso para que ela acredite (sabendo que pode ser necessário nada menos que um juiz, um júri de cidadãos cuidadosamente selecionados e talvez alguns suplentes, para garantir), ainda assim será bom ter Munoz por perto para ajudar a defender meu caso.

Bem, seriam dois contra um.

Força da maioria.

Esse tipo de coisa.

Dirijo até o portão, sentindo-me ainda mais culpada por minha longa ausência quando percebo como a segurança olha para mim, claramente confusa, analisando-me várias vezes antes de sinalizar para que eu entre. Quando paro na entrada e vejo que o jardim mudou — tendo saído da estação que eu perdi e mergulhado de cabeça em outra, que espero ter tempo o bastante para aproveitar —, o sentimento de culpa foi até as nuvens.

Ainda assim, não é nada comparado ao modo como me sinto quando chego à porta, toco a campainha e vejo o rosto de Sabine refletir uma série de expressões que quase parecem caricaturas. Começa com uma reação inicial de surpresa reconhecimento, passa por um choque profundo, para completar com uma total descrença e uma leve pitada de esperança, chegando à resistência absoluta e logo estacionando na grande preocupação quando vê o estado triste e deplorável de minhas botas desgastadas, minha calça jeans suja e a regata branca imunda, pois me esqueci de materializar outra para vestir no lugar.

— Por onde você andou? — ela pergunta. Sua voz é uma estranha combinação de raiva e curiosidade, enquanto seus olhos azuis continuam a análise.

— Confie em mim, você não acreditaria se eu contasse — respondo, sabendo que as palavras são bem mais verdadeiras que ela pode imaginar.

Ela cruza os braços e aperta os lábios numa linha fina. Volta a seu lado severo, fácil de reconhecer, e diz:

— Pois tente.

É a Sabine brava.

A Sabine incontestável.

A Sabine que me deu o ultimato que acabou me convencendo a ir embora.

Espio atrás dela, sabendo que Munoz está em algum lugar aqui, já que vi seu Prius prata na entrada. Solto um grande suspiro de alívio quando o vejo vindo da saleta, seu rosto expressando praticamente as mesmas reações que o dela, menos as partes de resistência e de preocupação, o que considero um bom sinal.

— Adoraria explicar. — Esforço-me para manter a voz calma, nem um pouco agressiva, pois sei que o único modo de chegar a ela é deixando as emoções de lado. — Na verdade, é por isso que estou aqui. Pretendo contar tudo o que aconteceu. *Quero* contar tudo o que aconteceu. Mas é um pouco complicado, então pensei que talvez pudesse entrar, me sentar e daí continuarmos.

Seu rosto cora de indignação. Mal pode acreditar em minha audácia de esperar que me deixe entrar em sua casa depois de aparecer na porta sem aviso algum, após ter ficado meses sem dar qualquer notícia. Quase posso ouvir os pensamentos girando em sua cabeça, mesmo tendo prometido a mim mesma que não bisbilhotaria. Na verdade, nem preciso bisbilhotar quando posso ver como sua energia irradia à sua volta, piscando e faiscando em uma onda crescente de raiva.

De qualquer maneira, ela abre a porta e faz um gesto para que eu entre, acompanhando-me até a saleta, onde me sento em uma das cadeiras excessivamente estofadas e observo Sabine e Munoz se posicionando lado a lado no sofá à minha frente.

— Gostaria de beber alguma coisa? — pergunta ela, com a voz dura, enquanto se levanta novamente. Incapaz de conter a própria energia nervosa, sem saber como lidar com minha presença repentina, ela incorpora a anfitriã, papel que conhece bem.

— Água — digo, vendo suas sobrelhas se juntarem, já que não está acostumada a me ver ingerir algo além do elixir, sem me dar conta de que faz uns seis meses desde meu último gole. — Água seria ótimo, obrigada. — Recosto-me devagar na cadeira, cruzando as pernas na altura dos tornozelos, enquanto ela vai até a cozinha e Munoz se acomoda no sofá, os braços abertos sobre as almofadas, do modo confortável e relaxado que os homens têm quando se sentem totalmente em casa.

— Não esperávamos vê-la. — Sua voz é cautelosa. Ele não sabe o que pensar sobre minha presença, está preocupado com minha motivação, com o que me traz aqui.

Olho pela saleta, aliviada por encontrá-la igualzinha depois de ter visto tantas outras mudanças. Depois olho para minhas roupas imundas e rapidamente materializo outras limpas no lugar.

— Ever... — Munoz fala baixo para que Sabine não ouça. — Acho que não é uma boa ideia...

Olho para meu vestido azul recém-materializado e minhas sandálias bege de couro e dou de ombros. Tamborilo os dedos nos braços encapados da cadeira e digo:

— Ouça, posso precisar de sua ajuda hoje, então, por favor, apenas tente confiar em mim. Não estou aqui para continuar brigando, nem para piorar a situação. Só quero esclarecer algumas questões antes que seja tarde demais e se torne impossível.

Ele olha para mim alarmado, prestes a pedir uma explicação, quando Sabine volta para a sala, me entrega um copo d'água e se senta ao lado dele.

Cruzo e descruzo as pernas, passo as mãos sobre o vestido até puxar a barra quase ao joelho. Faço vários gestos nem um pouco sutis, praticamente implorando que ela note, pergunte como consegui trocar de roupa tão rápido, diga algo, qualquer coisa, mas é difícil combater uma negação tão arraigada quanto a dela.

Difícil, mas não impossível.

Não posso acreditar que seja impossível, senão não teria motivos para estar aqui.

Ciente de que é melhor simplesmente tomar a iniciativa e pular de cabeça, olho para ela e digo:

— Senti sua falta.

Ela se mexe pouco à vontade, mexe a cabeça, chega um pouco mais perto de Munoz, que a aconchega em seus braços e lhe dá um apertão reconfortante no ombro. Mas ela só consegue responder:

— E então, não vai me dizer onde esteve?

Comprimo os lábios, um pouco aturdida com sua resposta, mas imagino que ela considere muito alto o custo emocional de admitir que também sentiu minha falta. Mas tudo bem. Mesmo que não admita, sei que ela sentiu, *sim*, minha falta. Posso ver quando sua aura pisca com uma leve pitada de cor-de-rosa no meio de todo aquele vermelho ainda enfurecido.

Auras não mentem. Só as pessoas.

— Eu estava em Summerland — digo, alternando o olhar entre ela e Munoz.

— Em Santa Bárbara? — Ela me lança um olhar de descrença, mas desvio rapidamente.

— Não. Não a cidade litorânea de Santa Bárbara, a *verdadeira* Summerland. A *primeira* Summerland. A dimensão mística que existe entre esta e aquela logo além.

Munoz fica tenso, seu corpo totalmente alerta, preparado para o pior. Sabine fica séria e, com os olhos semicerrados, ela diz:

— Não estou entendendo.

Eu me inclino para a frente, escorregando para a beirada da cadeira, e digo:

— Eu sei. Acredite, eu entendo você. É muita informação para absorver. Principalmente na primeira vez que se ouve falar a respeito. Aconteceu o mesmo comigo. Optei por negar durante muito tempo. Quase até não poder mais. Também sei que será ainda mais difícil para você, devido à relutância que tem em acreditar em tudo o que sai de sua zona de conforto e sua preferência por desconsiderar o que quer que não veja acontecendo bem diante de seus olhos. Mas decidi confidenciar a você mesmo assim, apesar da difícil batalha que enfrentarei, porque cansei de fazer joguinhos. Cansei de mentir para você o tempo todo. Cansei de esconder coisas de você. Porém, mais que tudo, cansei de ralar para ser essa versão falsa e totalmente inventada de mim só para que você possa continuar a acreditar no que é mais confortável.

Faço uma pausa, dando-lhe a chance de responder, mas ela parece fria e impassível como sempre, então sigo em frente:

— Nas duas primeiras semanas depois que saí daqui, fiquei na casa de Damen. E sei que você sabe disso, porque soube que ele lhe contou. Mas o que você provavelmente não sabe é que eu estava totalmente decidida a não voltar mais. Havia jurado me mudar para bem longe depois da formatura e nunca mais vê-la. E não porque estivesse sendo vingativa ou tentando puni-la. Apesar do que possa achar, nunca nutri qualquer sentimento ruim por você. Eu pretendia partir para sempre porque de fato acreditava que a vida de nós duas ficaria mais fácil. Mas agora a situação mudou, ou pelo menos está prestes a mudar drasticamente...

Engulo em seco, olho para Munoz e o vejo fazer um gesto positivo com a cabeça, encorajando-me a continuar. E é o que faço:

— Mas, antes que essa grande mudança aconteça, queria confessar tudo para você. Queria, pela última vez, tentar fazê-la acreditar.

— E em que exatamente devo *acreditar*? — ela pergunta, mas posso perceber pelo arco de suas sobrancelhas e pelo tom desafiador de sua voz que ela já sabe.

— Preciso que acredite que não sou apenas uma adolescente doida, triste, sedenta por atenção,

que está tão abalada pela perda da família que finge ter poderes paranormais. Preciso que acredite que não sou uma impostora que ganha a vida explorando as pessoas. E preciso que acredite nisso porque é verdade. Eu *sou* paranormal. Posso ouvir, e ouço, o pensamento das outras pessoas. Também posso ver toda a história de vida de alguém com apenas um toque, assim como enxergar auras e me comunicar com todos os espíritos que escolheram ficar no plano terreno por mais tempo que deviam. E, para completar tudo isso, também sou imortal. — Paro, dando tempo suficiente para que minhas palavras sejam absorvidas, para que minha confissão surta efeito. E sei que está funcionando quando sua aura começa a arder de forma tão brilhante e furiosa que fico surpresa com o simples fato de ela não estar soltando fumaça pelos ouvidos ou pelo nariz.

— Sabe o suco vermelho que estou sempre tomando? — Inclino a cabeça e olho para ela. — Acontece que aquele é o elixir da vida eterna. Aquele que a humanidade vem buscando há tempos. Só que Damen foi um dos poucos que conseguiu descobrir sua fórmula secreta, há mais de seiscentos anos.

— Ever, se acha que eu... — Ela balança a cabeça em negativa, está irada demais para terminar a própria frase, embora consiga pensar, e dessa vez eu escuto. Escuto apenas porque isso pode me ajudar a provar o que estou dizendo.

Meus olhos encontram os dela, observando-a com atenção enquanto repito lentamente as palavras que não foram ditas.

— Não, realmente não acho que você esteja *disposta a levar em consideração algo tão absurdo, tão ridículo, tão forçado, tão... triste... nem por um segundo*.

Vejo seus olhos se arregalarem em choque, mas ela desfaz a expressão logo em seguida, garantindo a si mesma que o que estava pensando era óbvio. Apesar de ser verdade, não pretendo parar por aqui.

— E, se isso não a convenceu, talvez isto convença. Mas devo alertá-la de que farei o que for preciso para provar que não estou mentindo, que não sou louca e que não sou uma impostora carente. Vou mostrar exatamente tudo de que sou capaz, algo que já deveria ter feito há muito tempo. E só não fiz porque nenhuma de nós estava pronta. Mas agora estamos. Ou pelo menos eu estou e tenho bastante certeza de que você também está. Quanto a Munoz — olho para ele —, ele já sabe. Na verdade, já sabe há algum tempo.

Sabine se vira para Munoz, implorando com os olhos. Mas ele respira fundo e confirma com a cabeça, dirigindo a atenção dela de volta a mim ao dizer:

— É verdade. Sabine, querida, Ever não está mentindo. Ela tem poderes nada menos que impressionantes. Só peço que lhe dê uma chance. Tente ver e ouvir com a mente aberta, e acho que ficará surpresa com o que verá. E se, ainda assim, não quiser acreditar... — Ele olha para ela, esperando que não seja o caso. — Bem, então a escolha é sua. Mas, por enquanto, por que não tenta abrir seu mundo para novas ideias que talvez nunca tenha considerado?

Ela cruza os braços e as pernas, o que, quanto à linguagem corporal, é uma demonstração um tanto desencorajadora. Seus olhos focam cuidadosamente em mim quando digo:

— Para começar, o que eu estava vestindo quando abriu a porta?

Ela estreita os olhos, começa a me inspecionar e, quando se recusa a responder, quando se fecha ainda mais, pergunto:

— É a mesma roupa que estou vestindo agora?

Ela se mexe, se contorce, mas se recusa a responder, o que, em meu ponto de vista, já vale como resposta.

— Ou era isto? — Materializo as roupas sujas que usava quando cheguei aqui, mas não é o bastante para tirar uma resposta dela. — Ou talvez fosse isto? — Materializo um vestido de festa verde-escuro de seda, igual ao que uso no pavilhão quando Damen e eu revivemos cenas de minha vida em Londres, quando eu era Chloe, a menina rica e mimada. Permaneço daquele jeito, sentada diante dela com um traje elegante e cheio de brilho de séculos atrás. Quero que diga algo, qualquer palavra, mas ela nada responde. Não está nem um pouco disposta a abrir mão das ideias a que há tanto tempo está apegada.

— Meus poderes não se limitam apenas a mudanças rápidas de roupa — digo. — Posso materializar um elefante com a mesma facilidade. — Então fecho os olhos e faço exatamente isso, segurando o riso ao ver como ela se esforça para continuar calma. É tão dedicada à sua rígida visão de mundo que se recusa a reagir quando um elefante aparece a seu lado e balança a tromba em sua cara. — Posso materializar flores também — continuo a dizer, cobrindo a mesa de centro com uma grande pilha de narcisos amarelos. — Posso materializar joias. — Fecho os olhos e, quando os abro novamente, Sabina está cercada de diamantes, rubis e esmeraldas, e ainda assim sua expressão é cada vez mais impassível. — Posso até materializar carros, barcos, casas, bem, praticamente tudo o que se puder imaginar. Nada é impossível... bem, exceto pessoas. Não é possível materializar uma pessoa porque não é possível materializar uma alma. Se bem que dá para materializar a imagem das pessoas, como fiz uma vez com Orlando Bloom. — Sorrio de leve ao me lembrar da reação de Damen quando viu o que eu havia feito. — Mas o que não consigo materializar, mesmo me esforçando muito, é sua disposição em parar de negar o que está bem diante de seus olhos. Isso se chama livre-arbítrio e pertence apenas a você.

Ela levanta o queixo e estreita os olhos, parecendo brava, desafiadora, mas sua voz logo entrega o medo por trás da expressão em seu rosto:

— Não sei o que pretende, Ever, mas precisa parar com isso! Precisa parar com... — Ela olha em volta, procurando a palavra certa. — Precisa parar com esses truques de mágica, agora!

Ela está tão abalada, tão chocada, que acato rapidamente. Gesticulo e pisco até acabar com todos os vestígios do que fiz — até tudo voltar ao normal, incluindo minhas roupas, que voltam a ser o vestido azul com sandálias bege, mais confortáveis, porém bem menos impressionantes.

Observo seus olhos e não consigo deixar de pensar que a conversa está sendo ainda pior que eu esperava. Ainda assim, nego-me a desistir. Não posso parar agora, quando ainda tenho mais alguns truques na manga.

— Tem mais. — Assinto com a cabeça, materializo uma faca com cabo cravejado de joias e a posiciono na palma de minha mão aberta. — Sei que você sente náuseas, que odeia ver sangue, mas prometo que será rápido.

Furo a palma bem no meio com a ponta da faca e arrasto a lâmina afiada por toda a extensão dela. Ouço o suspiro que Sabine não consegue reprimir e vejo sua expressão horrorizada ao ver o sangue jorrando — o modo como ele respinga em meu vestido e se acumula no tapete... até que... até que... até que não existe mais.

A faca se foi.

Minha mão está curada.

E não há sinal algum do sangue que acabei de perder.

Mesmo em se tratando de uma demonstração impressionante, preciso admitir que estou começando a me sentir um pouco envergonhada, estou começando a me sentir no principal número do circo dos horrores.

— Ouça. — Alterno o olhar entre ela e Munoz, que nem tenta esconder o espanto diante do que acabou de ver. — Eu poderia continuar por horas a fio. Poderia mostrar todos os truques que sou capaz de fazer. E é o que farei se for preciso. Mas, na verdade, basta que você saiba que tudo o que viu é real. E, embora possa deixá-la desconfortável, embora possa deixá-la com vontade de virar as costas e fingir que não viu, nada impedirá que tudo isso seja verdadeiro. Desculpe, Sabine. Sinto muito precisar fazer isso com você. E, mesmo sabendo que a escolha entre acreditar ou não é sua, mesmo entendendo que há uma boa chance de que eu não consiga mudar sua opinião, não importa quanto tente, a questão é a seguinte: a escolha entre acreditar ou não depende totalmente de você, mas, se quiser voltar a me ver, se quiser ter algum tipo de relacionamento comigo, então terá que superar seus preconceitos arraigados e aprender a me aceitar. Como um todo. Mesmo as partes de que não gosta. Mesmo as partes que a assustam. Porque foi exatamente isso que escolhi fazer em relação a você. Sua tendência ao falso moralismo e à teimosia e sua inclinação a me evitar em vez de tentar me entender, bem, isso me assusta tanto quanto meu showzinho de truques imortais a assustaram. Mesmo assim, ainda prefiro aceitá-la a encarar um futuro sem você. Acho que eu esperava que, fazendo tudo isso, chegaríamos a um meio-termo. Mas repito: a escolha é sua. Vou aceitar sua decisão, qualquer que seja.

Eu me recosto na cadeira, vendo a tensão se esvair do corpo dela, vendo sua aura diminuir até ficar como um balão a gás murcho.

— Há quanto tempo você é assim? — ela finalmente pergunta.

E, quando fito em seus olhos, noto que ela acha que sempre fui assim — que sou uma aberração desde que nasci. Imagina que esse deva ser o motivo pelo qual sobrevivi ao acidente que matou o restante de minha família. Mas logo explico.

— Eu *morri* no acidente — digo. — Passei pelo que é chamado de experiência de quase morte, embora ache o termo um tanto inadequado, já que não há nada de *quase*. Bem, Munoz deve saber mais sobre isso que eu. Ele já leu muito sobre o assunto. — Olho para eles, vendo-a lançar um olhar inquisidor sobre Munoz, que responde com um gesto afirmativo de cabeça e um sacudir de ombros.

— Seja como for... em vez de cruzar a ponte com minha mãe, meu pai e Buttercup, preferi ficar em Summerland, naquele campo surpreendentemente belo. E era isso que minha alma estava fazendo quando Damen encontrou meu corpo perto do carro e me fez tomar o elixir que me trouxe de volta à vida.

— E Riley? — Sabine se inclina para a frente com os olhos arregalados, presumindo o pior.

— Riley ficou presa um tempo. — Eu me remexo.

— Presa?

Suspiro.

— Ficou presa entre o plano terreno e Summerland. Ela começou a me visitar quando eu estava no hospital. Depois, quando me mudei para cá, começou a passar por aqui quase todos os dias, até que a convenci a cruzar a ponte e seguir adiante. Embora ache que ela me visite em meus sonhos de vez em quando, nunca mais consegui vê-la. Não consigo ver aqueles que cruzaram a ponte. A energia deles vibra rápido demais. Mas um amigo meu costumava vê-la... — Faço uma pausa, lembrando que Jude tentou me ensinar a vê-la também, mas em vão. — Ele disse que ela falou que estava bem. Na verdade, mais que bem. Está feliz. Mamãe, papai e Buttercup também estão felizes. Aparentemente, eles se sentem mais vivos que nunca. — Olho para ela. — Sabe, o fato de não podermos vê-los não significa que eles não existam mais. A alma é eterna. É a única imortalidade verdadeira.

Não sei que parte de meu discurso enfim a comoveu, mas, quando percebo, Sabine está chorando

encostada na blusa de Munoz. Seus ombros estão tremendo violentamente enquanto ele passa a mão em seus cabelos louros cortados na altura do queixo, e então por suas costas, sussurrando baixinho, confortando-a, transmitindo segurança, até que ela começa a se recompor e consegue me encarar de novo.

Fico em silêncio, sabendo exatamente como ela se sente. Lembro-me muito bem de como reagi quando vi minha irmãzinha fantasmagórica diante de mim pela primeira vez. Como neguei que fosse real. E como tratei Damen no estacionamento da escola no dia em que ele me contou a verdade sobre minha existência — como preferi bani-lo de minha vida, mandá-lo embora com palavras cruéis, movidas pelo medo, em vez de enfrentar uma verdade com a qual não me sentia nem um pouco preparada para lidar.

Não somos tão diferentes, Sabine e eu.

Sei o que é ter tudo em que se acredita virado de cabeça para baixo.

Então, digo depois de algum tempo:

— Sinto muito jogar tudo isso em cima de você. Sei que é muita informação para processar. Mas queria que soubesse antes que...

Ela levanta a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas, e olha para mim.

— ...só queria que você soubesse antes que eu voltasse ao normal.

Ela pisca, balança a cabeça e murmura:

— O quê? — Limpando o rosto com a manga, continua: — Não estou entendendo.

Respiro fundo e baixo os olhos para meus pés, hesitando por um instante, reunindo as palavras antes de olhar para ela e dizer:

— Para ser sincera, também não sei se entendo. É uma história tão longa, com tanto a explicar... mas os detalhes não são tão importantes assim. Só pensei, bem, só tinha esperanças de que, se esclarecesse quem eu sou agora, talvez, quando não fosse mais assim, ainda pudéssemos ficar juntas. Sabe, sem toda aquela briga, gritaria e xingamentos. Bem, se você quiser. Depende de você. Prometo respeitar sua escolha.

Sabine se levanta do sofá e abre os braços, vindo em minha direção, mas sou mais rápida — tanto que já estou abraçada a ela antes mesmo que chegue ao canto da mesa de centro.

E é tão bom estar de volta que começo a chorar também. Nós duas nos transformamos em uma bagunça molhada, ensopada, com desculpas exageradas, até que me lembro de Munoz, passo a mãos nos olhos e pergunto:

— Ei, há algo que vocês queiram? — Olho para eles e acrescento: — Bem, viram do que sou capaz, as coisas que posso fazer. Com isso em mente, o que querem? Um carro novo? Uma casa de veraneio em algum lugar exótico? Ingressos especiais com acesso ao camarim para o show do Bruce Springsteen? — Levanto as sobrancelhas olhando para Munoz, que é grande fã do cantor.

Mas ambos fazem que não com a cabeça.

— Têm certeza? — FRANZO a testa, querendo desesperadamente dar algo a eles. — Bem, não sei se ainda serei capaz de tudo isso quando... quando voltar a ser como antes. Posso perder todos os meus poderes, ou pelo menos alguns deles. O que significa que esta pode ser sua última chance.

Sabine se vira para Munoz e eu observo quando ela pousa a mão em seu ombro e diz:

— O que mais eu poderia desejar quando já tenho tudo com que sonhei bem aqui?

E é quando vejo.

É quando vejo a aliança de noivado novinha e brilhante que ela usa.

— Família é só o que importa para mim — diz, puxando-me para perto deles. — E agora que você voltou, tenho tudo. Tenho tudo de que preciso.

Tinha toda a intenção de ir à casa de Damen. Toda a intenção de dar boa noite a Sabine e a Munoz e seguir direto para lá. Só que nada saiu exatamente como eu planejava. Sabine e eu ficamos acordadas até tarde. Até bem, bem tarde. Bem depois de Munoz ter se despedido com um boa-noite e voltado para casa.

Nós duas continuamos no sofá até as primeiras horas da madrugada, beliscando sobras de pizza (sim, eu comi uma ou duas fatias e não pude acreditar no que perdi durante todo esse tempo!), enquanto nos colocávamos a par das novidades uma da outra. Quando vi, faltavam apenas poucas horas até eu precisar estar na escola.

Segundo Munoz, se eu quisesse me formar com minha turma, não teria nenhuma outra escolha não ser aparecer na escola e ainda fazer algum tipo de manifestação mágica na Administração ou um esforço sobre-humano para compensar tudo o que tinha perdido — ou ambos.

Então, em vez de ir para a casa de Damen, escolhi passar algumas horas de um sono muito necessário em meu antigo quarto, porque queria estar totalmente descansada e recarregada quando chegasse lá. Não sabia como ele reagiria ao me ver de novo, com o fruto em mãos. Mas sabia que teria que dar o melhor de mim.

Assim que vejo seu BMW preto no estacionamento dos alunos, percebo que não terei que esperar tanto. Ao que tudo indica, ele ainda está indo todos os dias, frequentando as aulas, seguindo aquela terrível rotina, embora, por tudo neste mundo, eu não consiga imaginar por quê.

— Porque prometi a você — diz ele, que surge a meu lado e responde à pergunta em minha mente, e segura aberta a porta de meu carro, esperando que eu saia e me junte a ele. Mas, por um momento, permaneço paralisada.

Passo os olhos sobre ele, saboreando a visão, a sensação de sua presença perto de mim, enquanto a pontada profunda e dolorosa em meu estômago me lembra quanto senti falta de estar com ele.

Apesar da emoção de minhas conquistas recentes, apesar do triunfo de cumprir meu destino, sem Damen a meu lado tudo fica ofuscado, tudo parece não ter valor, ser vazio demais.

— Eu procurei por você. — Seus olhos me examinam atentamente, sedentos, absorvendo-me, mostrando que ele sentiu tanto minha falta quanto senti a dele. — Procurei em toda a Summerland. E, mesmo sem poder encontrá-la, fui capaz de senti-la. Foi dessa maneira que soube que você estava bem. Longe, fora de meu alcance, mas bem. E foi esse conforto que me fez seguir adiante, à espera do dia em que você encontraria o caminho de volta para mim.

Engulo em seco, sentindo um nó na garganta. Sei que devo dizer alguma coisa, mas não consigo. A única coisa que sou capaz de fazer é ficar olhando para ele.

— E então? Quando voltou? — Seu olhar é firme, e, embora ele se esforce para manter uma aparência calma e casual, receio que minha reação tenha sido o oposto.

Sua pergunta me ativa — uma atividade terrível e nervosa. Pego a bolsa, fico brincando com o cabelo, coçando o braço e me mexendo no banco, até finalmente desviar de sua mão estendida e sair sozinha do carro. Meus olhos se movem descontrolados, até encontrarem um lugar seguro em que pousar, que acaba sendo qualquer um onde ele não esteja.

Minha respiração fica irregular, muito rápida, quando digo:

— Ontem. — A verdade é tão horrível que não consigo deixar de me encolher.

Sei exatamente como ele interpreta minha afirmação — do único jeito que pode ser interpretada. Por mais que eu queira desmentir, não posso. Não há como negar o fato de eu ter voltado da jornada há um dia inteiro e não ter encontrado tempo para vê-lo até agora. Não há como negar o fato de que coloquei outras pessoas na frente dele. Muitas outras pessoas, inclusive Jude.

Damen fica parado ao lado de meu carro, considerando cuidadosamente aquela única palavra, até que ela se torna permanente, irreversível, como uma pegada deixada sem querer sobre cimento fresco que não tento apagar.

E, mesmo sabendo que preciso dizer algo, não tenho ideia de quê.

Ele me olha, claramente dividido entre se sentir ainda mais magoado ou ainda mais confuso, e acaba em algum lugar intermediário.

— Fiquei com medo de ver você — confesso. — Principalmente porque não quero brigar de novo. Não aguento mais brigar com você. E, ainda assim, acho que ambos sabemos aonde isso vai dar. Mas, antes de chegarmos a isso, quero que você saiba que o fato de eu ter adiado este momento não significa que não tenha sentido sua falta... — Minha voz falha e fico tão engasgada que sou obrigada a limpar a garganta algumas vezes antes de continuar. — Por favor, nunca pense que não senti sua falta. — Meus olhos ficam molhados, embaçados, suplicantes.

Mas, em vez de admitir que senti minha falta também, em vez de me consolar como eu esperava que fizesse, ele diz:

— Por que tem tanta certeza de que vamos brigar?

Ele me devora com aqueles olhos escuros, chocado quando pego a bolsa, encontro o pacote que Honor me deu e o entrego a ele, dizendo:

— Por causa disto.

Ele observa o pequeno embrulho, examinando-o de todos os lados.

— É a planta. — Olho para ele. — É a encomenda especial, a erva difícil de encontrar de que você precisa para finalizar o antídoto. O antídoto que permitirá que fiquemos juntos do modo como queremos, para seguirmos com nossa vida imortal.

Ele aperta os dedos, fazendo o papel amassar em protesto, e me encara. O peso daquele olhar me faz perder o fôlego. O primeiro sinal toca, e o som deixa todos os alunos agitados, correndo na direção da entrada, enquanto Damen e eu permanecemos no lugar. Por mais que eu precise ir para a aula, para compensar minha ausência prolongada, precisamos terminar esta conversa primeiro. Precisamos chegar a alguma conclusão antes que eu vá a outro lugar, faça outra coisa.

— Mas ainda acredito que esta vida esteja cosmicamente errada. Que, mesmo que tomemos o antídoto, outra coisa surgirá para nos separar. O único modo de cumprirmos de fato nosso destino, de ficarmos juntos para sempre, é reverter nossa imortalidade. Comer do fruto. — Olho para o chão, para o brilho escuro de seu carro, para o portão prestes a ser fechado, ouvindo o último sinal quando o encaro. — Damen, agora eu sei como fazer isso. Encontrei a árvore. Ela é real.

Ele não reage, não se mexe, não vacila.

— Fui até lá. Vi com meus próprios olhos. Escalei seu tronco enorme, me pendurei em seus galhos longuíssimos... — Faço uma pausa para me certificar de que tenho sua total atenção antes de continuar: — Eu colhi o fruto.

Continuo observando seus olhos, mas ainda não vejo reação. Nenhuma indicação de que ele tenha me ouvido.

— Por isso fiquei fora tanto tempo. Foi uma jornada longa, árdua, traiçoeira, solitária, assustadora e completamente impressionante. Passei por uma série de estações para chegar lá, enfrentei um inverno tão rigoroso que achei que me transformaria em uma massa congelada, tomei tanta chuva que cheguei a pensar que nunca mais ficaria seca, e, ainda assim, mesmo que nem sempre estivesse convencida de que conseguiria, eu *consegui*. Fui bem-sucedida no que pretendia fazer. E agora estou aqui para dizer que a árvore não é um mito, como você pensa. Na verdade, é ainda melhor que o mito. Lembra quando Lótus disse que a árvore era generosa? Ela tinha razão. A árvore não para de dar frutos. O boato de que ela dá apenas um fruto a cada mil anos é falso. Pelo que vi, nunca há escassez. Apenas abundância. A Árvore da Vida é a definição perfeita da abundância. E eu trouxe um saco cheio de frutos para provar isso.

— Você trouxe *para cá*? — A expressão em seu rosto é completamente insondável. — Por que fez isso? Por que não entregou a Lótus e deixou que ela resolvesse o que fazer?

— Porque estou assumindo o lugar de Roman — digo, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça e confirmando para mim mesma. E, assim que digo isso em voz alta, um plano começa a se formar em minha mente.

Mas Damen apenas olha para mim, sem entender.

— Sabe a festa que ele dá a cada cento e cinquenta anos? — Reprimo um sorriso, mas não consigo conter a empolgação. — Sou eu quem vai organizá-la desta vez. Reunirei todos os imortais que ele transformou e lhes darei a oportunidade de escolher entre a imortalidade física e a imortalidade *verdadeira*.

— E se eles não aceitarem? — ele pergunta, claramente convencido de que não aceitarão, já que ele mesmo pensa assim.

— Se não aceitarem, tudo bem. — Dou de ombros. — Mas depois que eu explicar tudo a eles, depois que virem os efeitos, não acho que isso vá acontecer.

Damen arregala os olhos, seu rosto fica pálido, e eu demoro alguns segundos para entender o motivo. Ele me interpretou errado. Presumiu que eu já tivesse experimentado o fruto.

— Você...? — ele começa a dizer, mas sou rápida em afastar a ideia.

— Não. — Nego com a cabeça, meus olhos fixos nos seus. — Quis esperar por você. Quero que revertamos nossa imortalidade juntos. Não sei o que farei se você recusar, se escolherei esta vida com você ou uma vida mortal sozinha. Sinceramente não sei. Mas espero que não me faça escolher. Espero que pense bem e divida o fruto comigo. É o único jeito de termos o futuro que queremos.

Olho para ele, suplicando. Mas encontro apenas remorso, então me viro e sigo para o portão.

Fico diante do grande portão de ferro que Damen destrancou com a mente, vendo-o acenar para que eu me junte a ele do outro lado. E, por mais tentada que eu esteja a fazer isso (e, acredite, estou extremamente tentada), se vou começar a ter uma vida normal, então preciso começar por aqui.

Agora.

Se vou começar a ter uma vida normal, então preciso parar de contar com a magia para me tirar de todos os problemas.

Faço que não com a cabeça, passo por seu olhar perplexo e sigo para a Administração, onde deixo a secretária em estado de completa agitação no segundo em que me aproximo da mesa e digo:

— Oi. Meu nome é Ever Bloom. Estou no último ano, e não apenas cheguei atrasada, como também praticamente perdi os últimos seis meses de aula. Gostaria de saber o que posso fazer para recuperar esse tempo.

Ela arregala os olhos enquanto me encara de cima a baixo, depois aponta para uma cadeira perto da parede e pede que eu me sente e não me mova nem um centímetro, enquanto se vira e vai ao mesmo tempo para o computador e para o telefone. Segura o fone entre o ombro e a orelha enquanto os dedos golpeiam o teclado, alertando o diretor, o vice-diretor, meus professores e Sabine, que já está bem ciente de meu plano e estava esperando por esta ligação. O destino de meu diploma está sendo decidido com pouca ou nenhuma participação minha, e, quando mencionam minha suspensão anterior, tenho certeza de que estou condenada. Mas, por sorte, graças à afiada capacidade de negociação de Sabine, eles me permitem tentar o que certamente consideram impossível: se eu conseguir compensar tudo o que perdi — cada uma das provas e dos trabalhos — nas próximas duas semanas, deixarão que eu me forme.

Seis meses de trabalhos negligenciados que devem ser feitos em apenas catorze dias para que eu use a beca e o capelo com o restante de meus colegas de turma. Caso contrário, não chegarei nem perto de me formar até o ano que vem, se me formar.

Com grande ênfase no *se*.

Certamente, se existe uma hora ideal para magia, materialização e viagens aos Grandes Salões do Conhecimento, essa hora é agora. Mas, embora eu me recuse a contar com meus poderes, nada me impede de contar com meus amigos — inclusive algumas pessoas que nem pensei que fossem meus amigos.

Então, quando colegas com quem mal troquei uma palavra me oferecem suas anotações, e quando Stacia e Honor (motivadas por Miles, mas ainda assim) se oferecem para me ajudar a recuperar toda a matéria de física que perdi, fico tão chocada que aceito. E, para alguém que evitou qualquer forma de estudo ou trabalho escolar por um ano, é um pouco difícil pegar o ritmo agora.

Também é impossível parar de intuir automaticamente o conteúdo dos livros de minha enorme pilha assim que toco na capa. Consigo me conter para não ler mentes, tudo que preciso fazer é baixar meu escudo paranormal ou usar meu controle remoto quântico, mas impedir a consciência universal que permite simplesmente *intuir* as coisas é algo que está além de meu poder. Então, em vez de lutar contra isso, decido usar a meu favor para encarar a pilha de leitura que me aguarda, tarefa quase impossível de se realizar do modo convencional. Além disso, ainda tenho que fazer redações, resolver todas as equações e memorizar as fórmulas, de modo que não é como se eu estivesse

colando. Mas admito: quanto às provas de segunda chamada, bem, sim, todas as respostas certas aparecem automaticamente. De qualquer forma, também não há nada que eu possa fazer a respeito disso.

Mesmo assim, com a ajuda de meus amigos e meus poderes paranormais, é muita matéria para dar conta em tão pouco tempo. Por isso, enquanto me ocupo com as tarefas escolares, Jude e Ava se oferecem para ler os antigos diários de Roman, numa tentativa de rastrear todos os imortais espalhados pelo mundo — os órfãos que Damen transformou e aqueles que Roman considerou dignos ao longo desses anos. Ao mesmo tempo, Romy e Rayne reúnem seu talento de gêmeas criando convites feitos à mão para a festa e enviando-os a todos os cantos do planeta, enquanto Sabine lida com as inscrições de faculdades, tão atrasadas que, aparentemente, serei obrigada a tirar um ano de férias. O que deve ser a melhor coisa a fazer, pois há tanto tempo não penso em ter um futuro normal que nem sei por onde começar.

Sem contar que sempre presumi que, aonde quer que eu fosse parar, Damen estaria a meu lado.

Sempre presumi que partiríamos juntos, só nós dois.

Nunca considerei que poderia ficar sozinha.

Mas, já que não o vejo desde o dia em que o deixei parado no portão, devo admitir que essa possibilidade existe. Ele está evitando a escola. Está me evitando. E, embora eu esteja disposta a lhe dar o espaço que ele julga necessário, espero que, no final, decida se juntar a mim.

Apesar de todas as evidências apontarem para o contrário, tenho esperança de que, no fim das contas, ele faça a escolha certa.

Se não fizer, não sei o que será de mim. E talvez esse seja o motivo pelo qual aceitei de bom grado esse volume absurdo de trabalhos escolares. Isso tem me distraído do terrível e inevitável fato de que, se Damen não quiser comer do fruto, serei obrigada a fazer uma escolha impossível. Terei que optar entre uma vida equivocada como imortal — em que o universo continuará sempre conspirando para nos separar — e uma vida sem Damen, que é terrível demais para imaginar.

Então, no meio de tanto estudo, leitura, provas e redações, quase sem dormir para dar conta de tudo, finalmente encontro algum tempo para visitar Summerland.

Em parte por estar ansiosa para ver Lótus e contar quanto conquistei, mas também porque, bem, também estou ansiosa por ir até lá enquanto posso, enquanto ainda é uma questão de apenas visualizar o véu dourado e brilhante e passar para o outro lado. Quer dizer, mesmo que eu saiba que muitos mortais conseguem chegar lá, não tenho como saber se ainda conseguirei quando voltar a ser uma, portanto estou determinada a aproveitar enquanto posso.

Depois de passar alguns momentos maravilhosos no vasto campo perfumado em que aterrisso; depois de uma visita aos Grandes Salões do Conhecimento, onde paro diante da fachada mutante e revivo a empolgação de receber permissão para entrar; depois de visitar todos os meus lugares favoritos e os de Damen — a réplica de Versalhes que ele materializou especialmente para mim, o campo cheio de tulipas que cerca o pavilhão que ele fez para meu aniversário de dezessete anos —; depois de voltar ao lugar onde a grama antes era lama e as árvores estavam secas: a antiga entrada para Shadowland; depois de encontrar o caminho do belo lago ainda coberto pelas mais lindas flores de lótus; depois de tudo isso, ainda sem localizar Lótus, decido colocar um dos convites cor-de-rosa e preto feitos por Romy e Rayne embaixo de uma grande pedra na qual já a vi se recostar, na esperança de que ela o encontre.

Depois volto ao plano terreno, mergulho nos estudos e espero.

Espero notícias de Lótus.

Espero que comecem a chegar as confirmações de presença de todos os outros imortais.

Espero notícias de Misa, Marco e Rafe.

Espero para ver se vão permitir que eu me forme.

Espero para ver qual direção meu futuro venha a tomar.

Os dias vão passando com pequenas gotas de novidade — mas sem a notícia que desejo.

Nenhuma palavra de Damen.

Talvez eu tenha me empolgado.

Talvez tenha idealizado demais.

Mas, no final, sinto dizer que a formatura é... bem... um pouco frustrante.

Não me entenda mal, é bastante organizada, corre tudo bem. Na verdade, é bastante parecida com o que se vê em filmes e na TV, com capelos e becas, discursos, risada, lágrimas, lembranças, promessas entusiasmadas de manter contato. Mas, apesar de Sabine e Munoz estarem no meio da multidão sorrindo e acenando sempre que olho para eles (e mesmo quando não olho), apesar de Miles, Honor e (ainda é um pouco chocante para mim, mas estou começando a me acostumar) Stacia assobiarem, aplaudirem e torcerem por mim quando é minha vez de subir ao palco... falta Haven. Falta Damen.

E são essas duas ausências que praticamente apagam todo o resto.

Então, quando jogo o capelo para cima, aproveito para fazer um pouco de magia. Mando-o para bem alto no céu, muito mais alto que todos os outros, e o observo descendo primeiro na forma de uma tulipa, depois na de um símbolo de infinito, até que o deixo voltar ao normal, observando-o em queda livre na direção do chão.

Estou indo até Sabine e Munoz quando Stacia me encontra na multidão, passa o braço pelo meu e diz:

— Então nos vemos na festa? — Ela corre os dedos pelos longos cabelos cheios de mechas loiras e me encara.

Pisco ao observar sua aura amarelo-brilhante, surpresa por ver que ela está sendo sincera.

Antes que eu possa responder, Honor nos alcança e diz:

— Pensamos em chegar um pouco antes, para ajudar você na arrumação.

Olho para as duas e me pergunto quando me acostumarei com esse novo lado delas. Apesar do esforço conjunto para me ajudarem a chegar até aqui, cada gesto amável que elas fazem chega a mim como uma grande surpresa, e sei que isso não é nada justo. Elas estão se esforçando tanto para melhorar que o mínimo que posso fazer é permitir.

Stacia levanta a cabeça, esperando que eu responda, enquanto Honor gira o anel de malaquita de Jude no dedo.

— Hum, é muito gentil de sua parte, mas vocês não precisam ir. É sério. — Espero que elas não me entendam mal, mas não sei se as quero lá. — Quer dizer... sei que têm coisa melhor para fazer, festas mais legais para ir, então...

— Melhor que essa festa? Duvido! — Stacia me lança um daqueles habituais olhares que dizem *você está louca* e depois, lembrando que não faz mais aquilo, rapidamente muda a expressão. — Além disso, já temos as fantasias e tal! — Ela olha para Honor a seu lado, que confirma com a cabeça. — Depois de tudo o que fizemos para ajudá-la a se formar, não pode nos desconvidar agora!

Fico boquiaberta, surpresa por ouvir aquilo, já que não me lembro nem de tê-las convidado. Mas também, eu não estava encarregada dos convites; era tarefa das gêmeas. E nem sabia que ia ser uma festa à fantasia. Na verdade, não tenho ideia de como isso aconteceu, como elas sequer sabem da festa, como o evento ganhou essa proporção. Quer dizer, a princípio, era para ser uma pequena

reunião. Apenas imortais. Não imaginava que se transformaria na maior festa de formatura de todas. O acontecimento mais esperado do ano.

— Eu dei um duro danado para fazer minha fantasia — diz Stacia, em tom acusador. — De jeito nenhum você vai me impedir de usá-la. Todos vão enlouquecer quando virem!

— A de Jude é surpresa — diz Honor. — Mas ele disse que não será surpresa para você, que já a viu. — Ela olha para mim de um jeito que demonstra que já sabe de tudo o que há para saber sobre mim e Jude e que ainda não tem certeza de como se sente a respeito disso. — Mas eu também tenho uma surpresinha. Algo que Romy e Rayne me ajudaram a bolar. Estou bastante animada. Acredite, Ever, essa festa será épica. E você está louca se acha que uma de nós a perderia!

Fantasia?

Épica?

E eu que achava que seria algo para convencer um punhado de imortais a comer do fruto.

— Você viu os convites, não viu? — pergunta Stacia, passando os olhos sobre mim.

Faço que não com a cabeça, percebendo tarde demais que não os vi. Só vi o envelope preto e cor-de-rosa que deixei perto do lago. Nem me ocorreu olhar o que havia dentro. Estava tão sobrecarregada com o que tinha que fazer para me formar que nem pensei em perguntar nada. Não me ofereci para dar palpite no planejamento, nem quis saber como estava indo a preparação. Todos pareciam tão felizes com suas tarefas que deixei por conta deles, pensando que só precisaria aparecer na hora certa, com o fruto — mas agora parece que preciso de uma fantasia também.

— Certo, pois fique sabendo que é uma festa “Venha do Jeito que Você Era”. Entendeu? Como era em uma vida passada — diz Stacia. — E fique sabendo que nós vamos, queira você ou não. — Ela me lança um olhar desafiador, do tipo que me lembra os velhos tempos, quando cheguei aqui e ela me perseguia sem dar trégua.

A única diferença é que, ao contrário de antes, desta vez eu mereço. Ela se esforçou muito para me ajudar a mudar o rumo das coisas, cedeu seu tempo generosamente, e o mínimo que posso fazer é reconhecer seu empenho e o avanço enorme que fez.

— Ainda vai ser na casa de Ava? — pergunto, imaginando como todos caberão em sua casinha agora que a lista de convidados se multiplicou.

— Não. — Miles sorri, parando ao lado de Honor e se intrometendo na conversa. — Vai ser em sua casa. E, acredite, Sabine e Munoz vão bancar tudo, sem medir gastos. Esse evento vai superar aquela sua festa de Halloween. — Ele confirma com a cabeça. — Então, se eu fosse você, iria para casa materializar uma boa fantasia, tipo... agora. Porque a festa começa às sete.

Pelo menos dessa vez Miles não exagerou. Sabine e Munoz realmente superaram todas as expectativas com a decoração.

Assim que paramos na entrada, fico de queixo caído ao ver como transformaram essa casa genérica ao estilo toscano em algo que parece ter saído diretamente do velho mundo.

— Espere até ver lá dentro! — Sabine olha em meus olhos. — Sei que você queria uma reunião pequena, mas pensei que seria legal dar uma festa grande com todos os seus amigos. Você se esforçou tanto, Ever. Merece se divertir um pouco. E, para ser sincera, Paul e eu também merecemos!

Quando ela me acompanha até lá dentro, enquanto Munoz nos segue, digamos apenas que se o lado de fora estava impressionante, o interior está incrível.

— E, mais uma vez, isto é só o começo — diz Munoz, um sorriso se abrindo em seu rosto. — Cada cômodo tem o próprio tema.

— Como vocês...? — começo a perguntar como eles conseguiram fazer tudo isso sem que eu percebesse, mas depois eu vejo: há decoradores, o pessoal do bufê, garçons e todos os tipos de ajudantes andando pela casa. Não é uma simples festa. É uma festança de arromba de formatura.

— Há muito o que comemorar — diz Sabine. — Então fizemos tudo o que estava a nosso alcance. Pense nisto como uma festa para celebrar feliz retorno, formatura e noivado. Ah, não tivemos oportunidade de contar antes, mas uma editora importante acabou de fazer uma oferta para comprar o livro de Paul, então também é uma festa pela publicação do livro! — Ela olha para Munoz, o rosto ruborizado com o orgulho de seu sucesso, e eu aproveito para olhá-lo de relance também, vendo-o sorrir e piscar, certa de que ele está se lembrando do dia em que previ que isso aconteceria. — Convidamos muita gente, espero que não se importe. Sei que não é nada parecido com o que planejou, mas achamos que seria divertido. Miles sugeriu o tema, e a partir daí tudo decolou.

Faço um gesto afirmativo com a cabeça, tentando corresponder a seu sorriso, mas só consigo pensar no fruto — o verdadeiro motivo por trás de tudo isso — e em como ficou claro que isso se perdeu pelo caminho.

Mas, logo que penso nisso, Sabine olha para mim e diz:

— Não se preocupe, pensei em tudo. Deixei livre a saleta que dá para seu quarto, para que faça o que for preciso. Só espero que tenha tempo para se divertir um pouco também.

Olho para ela, sem saber o que dizer. Nunca esperei nada nem remotamente parecido com isso e fico um pouco sem reação.

Mas Sabine coloca a mão em meu ombro e diz:

— Agora suba. Vá lá para cima e materialize sua fantasia enquanto Paul e eu vestimos as nossas. Lembre-se de que precisa estar pronta às sete para receber os convidados.

Faço o que ela diz. É mais fácil assim. Depois de subir as escadas, vou direto para meu quarto e me jogo na cama, estupefata com tudo isso. Lembro-me da primeira vez que cheguei aqui, quando Sabine foi me buscar no aeroporto e me trouxe para minha nova casa, minha nova vida. Estava tão perdida em meu luto que mal me dei conta de todo o esforço que ela havia feito para tornar minha vida confortável. Tudo o que conseguia fazer era esconder o rosto e chorar — pelo menos até Riley aparecer e me pôr nos eixos, fazendo-me ver as coisas de seu jeito.

Riley.

Fecho os olhos, tentando impedir o ardor, as lágrimas e o nó na garganta que vêm sempre que penso nela. Mas fico surpresa ao perceber como passa rápido — os sintomas vêm e vão em questão de segundos. E sei que é por causa do fruto.

Embora ainda sinta falta dela, embora deseje vê-la novamente, agora, pela primeira vez em muito tempo, tenho certeza de que verei. E saber disso atenua a dor da falta que sinto dela, de todos eles, inclusive de Buttercup.

Com apenas uma mordida do fruto, meu corpo não será mais imortal. Voltará ao processo de envelhecimento e enfraquecimento até chegar à morte, e minha alma voltará a seu verdadeiro estado eterno, infinito — livre para cruzar a ponte e chegar ao local onde hoje minha família vive.

Aconteça o que acontecer comigo, minha alma sobreviverá, permitindo que minha família se reúna novamente.

Só espero que Damen e eu estejamos unidos também.

Só espero encontrar um modo de convencê-lo do que nós dois precisamos fazer.

Mas primeiro preciso pensar em uma fantasia para a festa “Venha do Jeito que Você Era”.

E, para alguém que já teve sete vidas, a escolha não será fácil.

Devo ir como Adelina, a vida que acabei de descobrir? Evaline, a criada parisiense? Abigail, a filha de um puritano? Chloe, a jovem rica e mimada? Fleur, a musa de um artista? Emala, a pequena escrava triste?

Ou devo ir como todas elas?

Encontrar um jeito de juntar todas as peças de minhas várias vidas em um tipo de colcha de retalhos cármica, por assim dizer?

Fico refletindo por algum tempo, gostando da ideia, mas sem ter a menor noção de como executá-la. Mas, de maneira inesperada, sei exatamente como.

Olho para o relógio ao lado de minha cama e vejo que tenho pouco tempo e muita materialização a fazer. Então me levanto e começo, esperando que o resultado seja igual à imagem que tenho em mente.

Espero que seja mais que uma fantasia. Que forneça todas as evidências, todas as provas de que preciso.

Quando termino, paro diante do espelho e me avalio. Confiro minha lista mental, garantindo que tudo esteja presente e representado. Ouço a voz de Damen em minha cabeça, as palavras exatas que ele usou ao me explicar. Certifico-me de que cada peça — dos cabelos vermelhos parecidos com fogo ao vestido elaborado, do olhar sedutor à força interior e à humildade — tenha origem no passado, enquanto meus olhos continuam imutáveis, eternos, não importa qual aparência minha alma resolva escolher. Sei que cheguei o mais perto possível de imitar a pintura que ele fez (incluindo algumas novas referências a Emala e Adelina, vidas que eu não conhecia naquela época), até que me lembro de um último detalhe. Uma última coisa que não sei se posso usar.

As asas delicadas.

Assim que as materializo nas costas, sinto-me tola.

Tola e constrangida e, bem, um pouco aflita.

Não posso de jeito algum aparecer assim diante dos convidados. Eles não entenderiam. Interpretariam mal. Pensariam que eu me acho tão especial que realmente descendi dos anjos para andar entre eles. E isso está bem longe de ser a verdade.

Comprimo os lábios, prestes a fechar os olhos e fazê-las desaparecer, quando me lembro de que não estou fazendo isso por eles. Estou fazendo por Damen. Bem, por Damen e por mim.

Na noite em que ele pintou meu retrato no Getty Center, alegou que elas estavam lá — afirmou que só ele podia vê-las. Disse que só porque eu não podia enxergá-las, não significava que não fossem reais. E, embora eu tenha certeza de que ninguém entenderá o que pretendo, o que importa é que Damen saberá. Minha fantasia me ajudará a convencê-lo do que precisamos fazer.

Só espero que ele ainda me veja dessa forma.

Só espero não estar tentando recuperar algo que não exista mais.

Brinco com o cabelo, acostumada a vê-lo ruivo só quando estou no pavilhão como Fleur, mas gosto da mudança nesta vida também. Então, passo as mãos pelo vestido longo e leve, dou uma última olhada e sigo para a porta antes que perca a coragem.

Todos os efeitos do que Sabine, Munoz e sua talentosa equipe de decoradores imaginaram foram realizados, fazendo com que eu me sinta em um mundo mágico, místico, viajando no tempo, ao notar que cada cômodo é diferente do outro e, ainda assim, temático até o último detalhe.

A cozinha é a Grécia Antiga, a saleta é a Renascença italiana, o lavabo remonta à Idade Média (só que a pia e o vaso sanitário funcionam!), a sala de jantar é a Idade das Trevas, a sala de estar remete aos tempos vitorianos e o quintal é puro anos sessenta. E, quando a casa começa a se encher de pessoas fantasiadas, fico surpresa por ver como a ideia foi divertida.

A festa acabou de começar e os favoritos do passado já estão representados. Cleópatra não está apenas ao lado de Marco Antônio, mas também de Maria Antonieta e Joana D'Arc, Janis Joplin, Alexandre, o Grande, Napoleão e Einstein, além de um cara de túnica, barba e um bigode longo e fino, que acho que pretendia ser Confúcio. Há também alguém com uma grande barba grisalha, que fica gritando profecias, e eu acho que deve ser Nostradamus. Não consigo deixar de achar graça no modo como todo mundo sempre pensa que foi alguém famoso. Ninguém nunca se imagina como camareira ou escrava, como eu fui.

Miles, de mãos dadas com Holt, é o primeiro a me encontrar. E, antes que eu pergunte, ele aponta para si mesmo e diz:

— Leonardo da Vinci. Bonito, talentoso, completa e absolutamente genial. Faz todo o sentido, não faz?

Concordo com a cabeça e semicerro os olhos para observar Holt, seus impactantes cabelos brancos e a camisa preta de gola alta e dizendo:

— Certo, você é Andy Warhol ou Albert Einstein...

Mas, antes de ouvir a resposta, Stacia aparece de Marilyn Monroe (grande surpresa), ao lado de Honor, vestida de Pocahontas (o que realmente é uma grande surpresa).

— Uau, belas fantasias! — Assinto para cada uma.

Stacia passa as mãos pelo vestido frente única branco, enquanto Honor balança as longas tranças negras e diz:

— Bem, não fui exatamente Pocahontas. Mas vi uma vida em que fui índia.

Estreito os olhos, imaginando se isso significa que ela conseguiu ir a Summerland.

Mas ela me corrige logo quando diz:

— Romy e Rayne me hipnotizaram.

Estreito ainda mais os olhos. Não tenho ideia do que ela está falando.

— Sabe? Fizeram uma regressão comigo. Elas são muito boas. Estávamos pensando em deixar que trabalhem na loja, com a ajuda de Ava, é claro.

— Uau, eu não fazia ideia. — Não consigo deixar de me sentir um pouco deprimida em relação a tudo o que perdi, vendo como as coisas seguiram facilmente sem minha presença. Então balanço a cabeça, afasto aquele pensamento, olho para Miles e pergunto: — Você também foi hipnotizado? Isso quer dizer que você realmente foi Leonardo da Vinci?

Quando ele está prestes a responder, Jude, que veio como o artista conhecido (bem, pelo menos eu conheço) como Bastiaan de Kool, para diante de mim. Ele me olha, tentando entender minha fantasia. Observa-me por tanto tempo que fico inquieta, nervosa e desconfortável o suficiente para olhar de relance para Honor, sabendo que ela não ficará feliz com toda essa atenção.

— Entendi — diz ele, ainda com os olhos semicerrados. — Você pegou partes de cada uma delas. — Ele balança a cabeça, surpreso. Passa os olhos por mim e acrescenta: — Que ideia ótima! Queria ter pensado nisso.

— Queria ter pensado nisso também. — Olho em volta, acenando para Sabine e Munoz, que estão vestidos de princesa viking e William Shakespeare, respectivamente, depois volto a Jude, dizendo: — Foi ideia de Damen.

— Ele está aqui? — pergunta Stacia, corando quando percebe como posso interpretar seu interesse, que posso tirar uma ideia errada depois de tudo pelo que passamos. — Quer dizer... não que eu me importe. — Ela faz uma pausa, mas nota que a frase deve ter soado ainda pior e se apressa em acrescentar: — Bem, eu me importo... Só não me importo do jeito que, hum, você acha que me importo.

Coloco a mão em seu braço, querendo confortá-la, dizer que está tudo bem, e sou tomada por uma onda tão forte de energia que é como se entrasse no meio de seu tornado pessoal. Embora consiga me afastar logo em seguida, não demoro muito para perceber que não foi de todo ruim. Pelo menos consegui ver internamente seu progresso e que ela foi sincera.

Olho para ela, tentando parecer mais animada que realmente estou, e digo:

— Sinceramente? Não sei se ele vai aparecer, mas tenho esperança.

Ava, vestida de John Lennon, acena para mim do outro lado do cômodo, convidando-me a juntar-me a ela na saleta, onde também estão Rayne, usando luvas brancas novas em folha, um *tailleur* perfeito, o pequeno chapéu e o penteado de Jackie O., e Romy, vestida de Jimi Hendrix, com uma guitarra a tiracolo. É o oposto do que eu imaginaria, mas, mesmo depois de todo esse tempo, eu nunca consegui entendê-las direito.

Estou prestes a agradecer pelo ótimo trabalho que fizeram e pela ajuda que me deram durante este último ano quando alguém sai detrás de mim e diz:

— Então está feito.

Eu me viro, reconhecendo instantaneamente a voz.

Ela parece mais velha. Tão frágil e delicada que não consigo deixar de me preocupar com sua saúde. A bengala que a vi usando uma vez está de volta. E não demoro muito a perceber o motivo — é a primeira vez que a vejo no plano terreno. Depois de passar tanto tempo em Summerland, a gravidade aqui começa a pesar bastante.

— Desde a primeira vez que vi seu brilho, eu soube.

Olho para ela e noto que é a única a não usar fantasia. Mas, com a túnica e a calça de algodão combinando, muita gente deve pensar que está fantasiada.

— Mas eu não brilho — digo, ainda com os olhos fixos nela, reparando como sua aparência é estranha agora que está aqui. Como parece estar fora de contexto. — Não tenho aura — continuo. — Nenhum imortal tem.

Mas ela ignora.

— Auras são um reflexo da alma — diz ela. — E a sua é adorável. Você já notou a presença dela, viu de relance, não foi?

Olho para minhas mãos e lembro como as vi brilhar em um lindo tom de violeta em Summerland, quando ainda estava realizando a jornada. Lembro-me da sensação da cor vibrando em algum lugar lá no fundo — lembro-me da intensidade da sensação dizendo-me como eu devia proceder. Depois me lembro de que Drina também viu, de que comentou isso logo depois que libertei sua alma de Shadowland, e agora Lótus também vê. O que me faz imaginar se é mesmo real e se ainda estará comigo depois que eu comer do fruto.

E isso, é claro, me faz pensar em Damen, imaginar se ele concordará em comer do fruto comigo.

— Ele precisa de tempo — diz Lótus, lendo meu pensamento. — Diferentemente de mim. Eu já esperei muito.

Concordo com a cabeça, oferecendo a mão para ajudá-la a subir as escadas, mas ela recusa e se apoia na bengala.

Penso em dar o fruto primeiro a ela, servindo-a em particular antes de reunir os outros, mas sou surpreendida quando ela lê minha mente mais uma vez e diz:

— Eles já estão reunidos, esperando por você.

De fato, quando entramos na saleta que leva a meu quarto, somos recebidas por um grupo impressionante de indivíduos eternamente jovens e belos, com o melhor conjunto de fantasias que já vi. Alguns optaram por interpretar o tema literalmente, vestindo-se como pessoas mesmo, e alguns escolheram interpretá-lo de forma livre, fantasiando-se de objetos como flores e árvores. Há até uma estrela cadente no canto. E, se é verdade que tudo é energia, se é verdade que estamos todos conectados, não há mesmo nada que nos separe da natureza — somos parte do todo.

Eles se viram e olham para mim, mais de cinquenta pessoas que Roman considerou que mereciam ser transformadas, o que dá aproximadamente três por século — um grupo muito menor que eu imaginava, mas, ainda assim, maior que eu tinha esperança que fosse.

Para falar a verdade, quando começo a observá-los, cada um deles, sinto-me um pouco ridícula em relação à proposta que estou prestes a fazer.

Essas pessoas vieram de muito longe com o único objetivo de manter a vida com a qual já se acostumaram. Essas pessoas são tão avançadas em todos os aspectos concebíveis, tão viajadas, experientes, cosmopolitas — bem, são intimidadoras, para dizer o mínimo. Não deixo de pensar quais motivos teriam para sequer considerar me ouvir: uma garota de dezessete anos cuja maior conquista até agora (além de ter localizado a árvore) foi ter, aos trancos e barrancos, acabado de completar o ensino médio.

Por que considerariam abrir mão de tudo o que conheceram e amaram durante tantos anos em nome de uma ideia desconhecida, completamente esotérica, que posso explicar com facilidade, mas não comprovar?

Mas então olho para Lótus, vejo-a fazer um gesto encorajador com a cabeça, torcendo por mim com aqueles velhos olhos reumosos, e aquilo me estimula a engolir os medos e me dirigir a todo mundo:

— Sei que estão esperando ver Roman, mas ele não está mais aqui, então vou assumir seu papel. E, embora eu saiba que não posso competir com ele, agora que já estão aqui espero que pelo menos considerem ouvir o que tenho a dizer.

Minhas palavras geram burburinho. Muito burburinho. Com uma boa quantidade de resmungos também. O ruído começa a ficar tão alto que não tenho escolha a não ser colocar dois dedos na boca e soltar um assobio alto para que fiquem quietos.

— Quando eu disse que Roman não está mais entre nós, eu me referi ao âmbito físico. Seu corpo pereceu, mas a alma ainda vive. E eu sei disso porque o vi. Eu me comuniquei com ele. A alma nunca morre. Ele agora é *realmente* imortal.

Faço uma pausa, à espera de mais explosões, mas fico surpresa com o silêncio que se segue.

— Assim, embora saiba que estão esperando o elixir, vou lhes oferecer outra coisa. — Olho para as inúmeras garrafas de suco vermelho que deixei gelando no frigobar e de repente mudo de ideia, dizendo: — Não, na verdade vou lhes oferecer uma escolha. — Encaro Lótus, com medo do que ela possa pensar, mas a vejo concordar com a cabeça, nem um pouco perturbada por minhas palavras. — É justo que tenham uma escolha. Mas quero que a considerem com muito cuidado, porque, depois de hoje, talvez nunca mais tenham essa chance. Em resumo, vou lhes oferecer um gole do elixir que estenderá a vida que conhecem, preservando sua juventude, beleza e vitalidade por mais cento e cinquenta anos. Mas devem saber que ele vem com um preço. Vocês ainda podem morrer. Se um de seus chacras fracos for atingido, seu corpo virará pó e a alma ficará presa em Shadowland, um lugar terrível, que vocês não gostariam de visitar. *Ou...* — Faço uma pausa, sabendo que a próxima parte é essencial, e quero abordá-la corretamente, enfatizar toda a sua importância, antes que parem de prestar atenção. — Ou podem comer um pedaço do fruto que colhi da Árvore da Vida, o fruto que oferece a verdadeira imortalidade, a imortalidade da alma. Só para que saibam, comê-lo reverterá tudo o que são hoje. Seu corpo irá envelhecer, e, sim, com o tempo vocês irão morrer. Mas o ser, a verdadeira essência, a alma, será eterno como sempre deveria ter sido. — Mordo os lábios e fico com as mãos agitadas, sabendo que já disse tudo o que podia. A escolha agora é deles. E, embora eu considere essa escolha óbvia, ainda é uma grande decisão a tomar.

Há muito burburinho, muitos questionamentos, muita suspeita, e como todos já acham que Lótus é louca e me conhecem como namorada da pessoa a quem foram treinados a odiar, fica claro que meu pequeno discurso não foi tão bem-recebido como eu esperava.

Mas, quando estou certa de que apenas consegui convencê-los a optar por mais cento e cinquenta anos do que já conhecem e amam, a flor, a estrela cadente e a árvore dão um passo à frente, saindo do meio da multidão e dirigindo-se para onde estou. Pisco, surpresa ao ver que são Misa, Marco e Rafe.

Eles estão brilhando.

Brilhando muito, com certeza.

Sua aura vibra, cintila de modo inegável, assim como aconteceu quando deixaram a árvore.

Eles continuam de onde eu parei, falam empolgados, vozes se sobrepondo, explicando sobre a transformação milagrosa pela qual passaram assim que provaram o fruto.

Contam à multidão o que eu já havia percebido ser verdade — todos os gritos que deram após terem comido do fruto não foram por pensarem que haviam garantido a imortalidade física, e sim por sentirem a imortalidade da alma restaurada.

Experimentaram a emoção de ter seu carma se acertando com o universo.

Enquanto eles falam, Lótus olha para mim, junta as mãos no peito em uma bênção silenciosa e começa a colocar pequenos pedaços do fruto em copinhos descartáveis, garantindo que haja o suficiente para todos, e depois pega um para si própria. Ela olha para mim, e diz:

— Por favor, me acompanhe.

Hesito. Quero testemunhar o momento em que os imortais, convencidos pelo que ouviram, darão um passo à frente e escolherão seu novo caminho.

Mas Lótus faz que não com a cabeça e afirma:

— Você já fez tudo que podia. O restante cabe a eles.

Olho para trás, vejo como a multidão se aproxima de Misa, Marco e Rafe, depois acompanho Lótus escada abaixo e pela casa, reunindo Ava, as gêmeas, Jude, Stacia, Honor, Miles, Holt e até Sabine e Munoz pelo caminho, querendo fazer a jornada final ao lado daqueles que a ajudaram a chegar até este ponto.

Ela nos leva até o quintal, onde tira os sapatos, fecha os olhos e suspira ao afundar os dedos do pé na grama. Depois ergue a cabeça, olha para cada um de nós, fixa o olhar em mim e diz:

— Você me libertou. E, embora minha gratidão seja imensa, sua confiança em mim custou-lhe muita coisa. Sinto muito por isso.

Ela faz um gesto de reconhecimento com a cabeça e se curva ligeiramente. Espero que diga mais alguma coisa, fale que eu não me preocupe porque tudo vai melhorar de agora em diante, mas, em vez disso, ela leva o copo à boca e ingere o fruto. Fecha os olhos enquanto levanta as mãos, os dedos desentortando, as palmas abrindo. O quintal fica em silêncio enquanto Lótus começa a emitir o mais belo brilho dourado, impossível de ignorar.

Seu rosto está radiante, luminoso, a bengala foi esquecida, posta de lado — testemunha de algo milagroso, algo que só ela pode ver. Suspiro fundo quando, em vez das cinzas que me acostumei a ver, duas flores de lótus perfeitas brotam da palma de suas mãos.

Ela se vira para mim, coloca uma das flores atrás de minha orelha e a outra em minha mão, fecha meus dedos gentilmente e diz:

— Esta é para Damen. Você deve procurá-lo agora.

Concordo, ansiosa por fazer aquilo, mas também quero ver o que vai acontecer.

Fico dividida entre sair e ficar quando Jude se inclina em minha direção e diz:

— Ele está aqui.

Olho para ele com o coração na boca, pensando que está se referindo a Damen, mas logo percebo que está falando de outra pessoa.

— O marido dela. Ele veio para acompanhá-la ao outro lado. — Ele aponta para o lado de Lótus, um espaço que me parece vazio.

Observo Lótus dar um passo à frente, depois outro, e outro, até simplesmente desaparecer. Seu corpo está tão velho, tão desgastado, e a imortalidade é revertida tão de repente que ela não consegue mais suportar a gravidade do plano terreno. Ainda assim, conseguiu exatamente o que queria, o que procurou esse tempo todo. Não deixa para trás nada além de um montinho brilhante de pó dourado.

Todos permanecem em silêncio, relutantes em estragar o momento com palavras.

Todos menos Stacia, que diz:

— *Ceeerto...* Agora que já terminou, alguém pode, *por favor*, me dizer onde posso encontrar aquele cara lindo vestido de gladiador?

Miles e Holt caem na gargalhada e a acompanham para dentro, enquanto Ava e as gêmeas continuam com Sabine e Munoz, falando dos detalhes do casamento. Romy e Rayne imploram para ser damas de honra.

Então Honor alterna o olhar entre Jude e mim e diz:

— Certo, o negócio é o seguinte: estou retirando meu ser vestido de Pocahontas daqui para que vocês dois possam resolver o que quer que precise ser resolvido. É sério, discutam tudo o que têm para discutir, e depois, Jude, quando estiver pronto, quando estiver livre para dedicar toda a sua atenção a mim, bem, sabe onde me encontrar.

Começo a ir na direção dela, começo a dizer que não temos nada a discutir, nada a resolver, que já passamos por isso tudo, que não há mais nada a ser dito. Mas ela se vira, me lança um olhar sério, e eu a deixo ir, concentrando-me em Jude.

— Então, Bastiaan de Kool... — Sorrio, na expectativa de que, mantendo a expressão no rosto por bastante tempo, ela se torne real. Penso em como posso estar tão desolada depois de tantas conquistas. Mas conheço o motivo e pretendo lidar logo com isso. — De todas as suas vidas, Bastiaan foi seu favorito? — Olho para sua fina camisa branca de algodão e para as calças manchadas de tinta.

Jude ri e diz, seus olhos verde-água encontrando os meus:

— Bem, ele é o *único* que conseguia todas as garotas. Quer dizer, todas menos uma.

Olho pela janela e noto que Honor nos observa. Sua expressão entrega como está ansiosa e preocupada com a ideia de perdê-lo para mim. E, embora eu não tenha como saber se eles são realmente almas gêmeas, eles parecem gostar um do outro, fazer bem um ao outro, ser bons um para o outro, e isso é tudo o que importa agora.

— Dê uma chance a ela — digo, voltando a olhar para Jude. E, quando ele tenta me interromper, ergo a mão e acrescento: — Da última vez, quando me perguntou o que eu achava de Honor, não foi por acaso que não respondi. Na época, eu não tinha certeza. Mas agora tenho, e acho que deve dar a ela uma chance genuína, sincera e completa. Ela progrediu muito desde que a conheci e o adora. — Encaro-o. — E, honestamente, acho que você merece uma garota que o adore. Acho que você merece

toda a felicidade possível. Além disso — dou de ombros —, não é mais Bastiaan, e, apesar dos cabelos ruivos — aponto para a cabeça —, não sou mais Fleur. Nem Adelina, ou Evaline, ou Emala, ou Chloe, ou Abigail, nenhuma delas. Foram apenas papéis que interpretei até que fosse hora de mudar para o seguinte. E, embora sempre levemos parte deles conosco, ainda temos muitos outros papéis a interpretar. Pensando nisso, em um contexto maior, nosso tempo juntos é como uma pitada de tempero em uma grande sopa cósmica: importa para a riqueza do sabor, mas não é o ingrediente principal. O passado já foi. Não pode e não deve ser retomado. Só temos o agora. — Aponto com a cabeça para a janela, onde Honor está esperando. — Não acha que é hora de aceitarmos?

Jude fica parado diante de mim, me lança um olhar longo e demorado, então concorda acenando com a cabeça.

— E você? — ele pergunta, permanecendo ali, parado, mesmo depois de eu me virar para me afastar. — É o que pretende fazer também?

Olho por cima do ombro, primeiro para ele, depois para a flor de lótus em minha mão, e respondo:

— Sim. A partir de agora.

Faço um rápido desvio antes de ir para a casa de Damen.

Uma pequena parada para utilizar meu poder de materialização enquanto ainda posso.

Uma breve distração que espero que se transforme em algo que Damen e eu possamos aproveitar juntos.

Se não for possível, suponho que alguém aproveitará por nós.

Mas não posso pensar assim.

Não posso permitir que nenhum fragmento de negatividade chegue perto de mim.

Sei que a negatividade de Damen já vale por nós dois, então não preciso acrescentar mais nada.

Aceno para Sheila, a segurança que está no portão, que por incrível que pareça — considerando o tempo que fiquei fora — acena de volta e faz sinal para que eu entre. Então subo a colina e percorro várias curvas até chegar à rua dele. Lembro-me da primeira vez em que estive aqui. Fui obrigada a entrar pela janela da cozinha porque não fora convidada e encontrei o lugar totalmente sem móveis, não apenas vazio, mas assustadoramente vazio. Bem, assustadoramente vazio, exceto pelo quarto no andar de cima, onde ele guardava as lembranças mais queridas de seu passado — um quarto que levei certo tempo para aprender a apreciar.

Deixo o carro na entrada e caminho até a porta. Não me preocupo em tocar a campainha ou bater, apenas entro. Passo direto pelo enorme vestíbulo e pelas escadas, pois sei exatamente onde encontrá-lo, exatamente onde ele fica quando está se sentindo perturbado desse jeito.

Encontro-o parado na janela, de costas para mim, os olhos fixos em algum lugar distante, quando diz:

— Houve um tempo em que você achava este quarto assustador. Quando *me* achava assustador.

Paro perto do antigo canapé de veludo, sem me preocupar em negar o que ele disse. Observo a coleção de tapeçaria feita à mão, os lustres de cristal, os candelabros de ouro, as obras de arte em molduras folheadas a ouro — uma visão que me faz pensar em uma vida longa e cheia de aventuras, que me faz lembrar que o que estou prestes a pedir a ele não é pouco.

— Houve um tempo em que era grande seu ressentimento em relação a mim pelo que fiz a você, pelo que fiz *de* você.

Confirmo com a cabeça. Não adianta negar isso também, ambos sabemos que é verdade. E, embora eu queira que ele me encare, embora implore com a mente para que ele se vire e me veja, ele continua imóvel onde está.

— E está claro que você ainda guarda esse ressentimento. É por isso que estamos aqui. Separados desse jeito.

— Não guardo ressentimento de você — digo, olhando fixamente suas costas. — Sei que tudo o que fez foi por amor. Como eu poderia me ressentir disso? — Minha voz é abafada por tapetes antigos, cortinas pesadas, amontoados de almofadas de seda, mas, ainda assim, ecoa de volta para mim, soando muito menor que eu previa.

— Mas agora estamos em uma encruzilhada. — Ele faz que sim com a cabeça, enquanto seus dedos brincam com algo que ele segura perto do peitoril da janela, algo que ele mantém fora de meu campo de visão. — Você quer apagar o que eu fiz e voltar a ser como era, enquanto eu quero ficar

como sou, continuar com a vida a que me acostumei. — Ele suspira. — E receio que, à luz disso tudo, não há como chegarmos a um acordo. Chegamos a um ponto crítico, um momento em que precisamos encontrar um jeito de concordar em compartilhar um destino ou seguir em direções diferentes e levar vidas separadas.

Fico em silêncio, odiando o som de suas palavras — o modo como fazem meu estômago apertar e se revirar —, mas sei que isso é verdade. Precisamos fazer uma escolha e precisa ser logo.

— Você tem que entender, Ever, que, mesmo que seu argumento seja muito forte e válido, mesmo que minha escolha seja errada em vários aspectos, se não em todos... foi tudo o que tive nos últimos seiscentos anos. Foi a essa vida que me acostumei. E, por mais que odeie admitir, não tenho certeza de ter nascido para ser mortal. Embora tenha sido fácil abrir mão de minhas extravagâncias quando achei que meu carma era o culpado por nossos problemas, embora tenha sido extremamente fácil trocar minhas botas de motoqueiro por chinelos de borracha, o que está me pedindo agora, bem, é completamente distinto. Sei que pode soar incrivelmente hipócrita. Por um lado, digo que estou muito preocupado com o estado cármico de minha alma e, por outro, resisto com tanto ardor à única solução real que existe para consertá-la. Mas, ainda assim, é isso. Trocando em miúdos, não estou disposto a abrir mão de minha juventude eterna e da perfeição física para ver meu corpo envelhecer, se desgastar e acabar morrendo. Não estou disposto a abrir mão do acesso à magia e à materialização e das idas fáceis a Summerland. Simplesmente não estou. Talvez seja mais fácil para você, que só é imortal há um ano, contra seiscentos anos de minha existência. Mas, Ever, por favor, tente entender que a imortalidade me define há tanto tempo que não sei quem serei se escolher uma vida sem ela. Não sei quem serei se não for mais o homem que está vendo agora. Ainda vai me amar? Ainda vai ao menos gostar de mim? Não estou disposto a correr o risco de descobrir.

Eu travo. Sério, travo. Mas não importa. Ele não está me vendo. Bem, eu sabia que ele estava receoso, sabia que estava com medo de passar por uma mudança tão grande, mas nunca imaginei que pudesse estar com medo de me perder assim que fosse destituído de sua imortalidade física.

Finalmente, consigo me recompor e dizer:

— Acha mesmo que não o amarei mais? Acha mesmo que toda a sua experiência, seus talentos e crenças, todas as coisas que fizeram com você que se tornasse essa pessoa incrível que eu sei que é vão sumir e deixá-lo como uma casca vazia, tediosa e detestável assim que optar por comer do fruto? Damen, é sério, deveria saber que eu o amo não por ser imortal. Eu o amo por ser *você*. — Mas, mesmo minhas palavras sendo apaixonadas, ditas de coração, não são o suficiente.

— Não vamos nos enganar, Ever. Primeiro você se apaixonou por meu lado mágico: o carro sofisticado, as tulipas, o mistério. Só depois me conheceu de verdade. E, mesmo assim, é difícil separar os dois. E, se me lembro bem, você não gostava tanto do período a que chamou de “fase monástica”.

O argumento é bom, mas eu logo o refuto:

— É verdade que me apaixonei perdidamente por seu lado mágico, misterioso. Mas foi paixão, *não* amor. Quando o conheci, quando conheci seu coração, sua alma, o ser maravilhoso que você é, bem, foi quando a paixão cresceu, aprofundou-se e se transformou em amor. E, sim, também é verdade que não adorei quando você resolveu abrir mão de todos os seus pertences, mas nunca deixei de amá-lo. Além disso, não foi você mesmo quem me disse que tudo o que pode ser feito em Summerland pode ser feito no plano terreno também? Não alegou que pode demorar um pouco mais para dar resultado, mas que funciona do mesmo jeito?

Vou em sua direção, paro a alguns centímetros de distância e desejo que ele se vire e me encare,

mas sei que ainda não está pronto.

— No final — digo, com a voz suavemente persuasiva —, tudo se resume àquilo que você já sabe que é verdade. Você sabe como o universo funciona. Sabe que tudo é energia, que os pensamentos criam, que podemos fazer nossa própria magia bem aqui, no plano terreno, se mantivermos as intenções claras e positivas. Agora é só uma questão de colocar em prática tudo o que sabemos. É só uma questão de ter fé em tudo o que você me ensinou. É só uma questão de confiar o bastante no universo, confiar o bastante em mim e confiar o bastante em si mesmo, em *acreditar*. Damen, você não quer sossegar? Não quer ficar em um lugar por mais que alguns poucos anos? Não quer construir amizades duradouras e talvez até, não sei, formar uma família algum dia? Droga, não quer voltar a ver sua própria família?

Ele respira fundo várias vezes, então se vira e arregala os olhos escuros quando me vê, quando vê como estou vestida.

— Você é uma visão — diz ele, com a voz cheia de admiração. — Está igual à pintura. *Encantamento*. Não foi esse o nome que demos?

Mas, enquanto seus olhos estão ocupados me contemplando, os meus estão fixos no que ele segura.

O objeto que escondia quando estava virado para a janela agora está à mostra.

A imagem faz com que eu me lembre da última noite de Roman, quando ele se sentou diante de mim na cama desarrumada, segurando um frasco cheio de um líquido verde e brilhante entre o indicador e o polegar.

Muito parecido com a posição de Damen neste exato momento.

Ele percebe que estou olhando, aperta ainda mais o vidro, fazendo o líquido verde chacoalhar e chegar perto da boca do frasco.

E eu sei que tudo o que precisamos fazer para ficarmos juntos do jeito que queremos é tomar o antídoto.

Só um pequeno gole para cada um basta.

Um pequeno gole e todos os nossos problemas desaparecem.

Isso é o que eu costumava achar. Agora sei que não é verdade.

Enquanto o resultado do antídoto é certo, a grande solução, a solução maior, verdadeira, não oferece garantia alguma. Requer um salto de fé — um salto bem grande, definitivamente, mas, ainda assim, estou disposta a saltar.

Mas, pelo que posso ver, pelo modo como Damen ergue o frasco, fica claro que sou a única que pensa assim.

De qualquer modo, fico paralisada ao ver o vidrinho. Paralisada ao perceber que estou pronta para dar as costas a algo que busquei por tanto tempo.

Ergo as mãos diante de mim, segurando a flor de lótus, e digo:

— Eu vi Lótus... pouco antes de ela cruzar para o outro lado. Ela me pediu que lhe entregasse isto. — Encaro Damen, notando como minha presença o hipnotiza, enquanto o antídoto continua girando em sua mão.

Ele não pega a flor, mas consegue dizer:

— Sempre pensei que fosse um mito. Não tinha ideia de que realmente existia.

Chego mais perto dele. Passo por uma mesa antiga com tampo de mármore coberta de livros, uma pilha impressionante de primeiras edições autografadas que facilmente chegariam a centenas de

milhares de dólares em um leilão.

— A *verdadeira* Árvore da Vida! — Ele alterna o olhar entre mim, a flor e o antídoto que segura, balançando lentamente a cabeça ao dizer: — É incrível não apenas você tê-la encontrado, como também ter trazido frutos suficientes para todos aqueles iguais a nós. Enquanto eu não sou capaz nem de provar. Estou impressionado e surpreso por você ter conseguido tal façanha.

Apesar da ternura em seus olhos, tudo o que ouço é: *Eu não sou capaz nem de provar*.

As palavras ecoam de tal forma que me roubam o ar e fazem meus joelhos quase se dobrarem.

Olhamos um para o outro, e o silêncio vai se formando, aumentando entre nós. Se eu pudesse, faria o momento esticar, crescer e durar para sempre, mas sei que deve ter um fim. Tudo deve terminar. Também sei o que precisa ser dito e que deve partir de mim.

— Então acho que é isso. — Tento não demonstrar o quanto estou arrasada, mas não consigo.

Ele olha para mim com uma expressão que vale por todas as palavras que poderia dizer, então suspiro profundamente, envolvo a flor com os dedos e começo a sair do quarto, a sair de sua vida.

Chegamos à encruzilhada.

Ao ponto crítico.

Não há volta.

A partir de agora, seguiremos em direções diferentes.

Noto a *quase* sensação de sua mão em meu braço quando ele me puxa para perto e diz:

— Sim.

Olho para ele, sem saber a que esse *sim* se refere.

— As perguntas que fez antes, sobre querer sossegar, formar uma família, ver minha família. Sim. Sim para todas elas.

Tento engolir, mas não consigo. Tento falar, mas as palavras não saem.

Suas mãos me envolvem, puxando-me para perto. Ele larga o frasco, deixa-o cair, quebrar no chão. O líquido verde e brilhante escorre por todo lado enquanto ele diz:

— Mas, principalmente, sim para você.

Embora tenha concordado, ele ainda hesita. Sua mão treme, o olhar é tão cheio de preocupação que me obriga a dizer:

— Olhe para mim.

Ele respira fundo, mas faz o que peço.

— Deixe que isto seja a prova.

Ele inclina a cabeça, sem entender muito bem.

— Deixe esta fantasia ser a prova de como sempre volto para você. Aconteça o que acontecer, sempre estaremos juntos, sempre encontraremos um modo de encontrar um ao outro. Seja eu Adelina, Evaline, Abigail, Chloe, Fleur, Emala, Ever, ou, mais tarde, qualquer outra pessoa completamente distinta. — Sorrio. — Não importa a aparência que minha alma resolva usar, sempre voltarei para você. Assim como sempre voltei.

Ele assente com a cabeça e me olha nos olhos, leva o copo à boca enquanto faço o mesmo.

Fico surpresa ao descobrir que não é doce como eu pensava, mas, ainda assim, mal noto a amargura — o modo como não cai tão bem na língua. Apenas engulo o fruto. Estimulo-o a fluir por meu corpo como se fosse a mais doce ambrosia que qualquer deus pudesse criar, e Damen faz o mesmo.

Quando vejo como o quarto cintila e brilha, quando vejo como os móveis vibram e todas as pinturas ganham vida, entendo exatamente o que fez Misa, Marco e Rafé gritarem de emoção.

Tudo está vivo. Tudo explode em cores, pulsa com energia e está conectado a nós. Somos parte um do outro, parte de tudo o que nos cerca. Não existe nenhum tipo de fronteira.

O mundo se parece com o que era quando morri como Adelina. Quando planei pelo céu e olhei para baixo.

Só que não estou morta. Na verdade, é o oposto. Nunca estive tão viva.

Encaro Damen, imaginando se ele mudará, se eu mudarei. Mas, exceto por meu cabelo, que deixou de ser ruivo como eu havia materializado e voltou ao louro natural, exceto pela aura violeta que me cerca e pela luz índigo que envolve Damen, não parece que houve grandes mudanças.

Estendo a mão para ele e ele para mim. Hesitantes, as pontas dos dedos estão prestes a se tocar quando ele se encolhe, se afasta, fazendo com que eu olhe para ele e diga:

— Mesmo que não dê certo, mesmo que venhamos a descobrir que nosso DNA ainda está amaldiçoado, mesmo que um de nós morra na tentativa, vamos nos encontrar novamente. E de novo. E mais uma vez. Como sempre nos encontramos. Como sempre nos encontraremos de agora em diante. Aconteça o que acontecer, nunca ficaremos separados. Somos realmente imortais agora. É como quando estamos no pavilhão, quando estamos prestes a entrar na cena e eu sempre paraliso... O que você me diz todas as vezes?

Ele olha para mim, sua expressão mais suave, e diz:

— *Acredite.*

E é o que fazemos. Damos aquele grande salto de fé e acreditamos.

O silêncio é rompido por dois suspiros no momento em que nos aproximamos, nos tocamos.

As pontas denossos dedos se encostam, se encontram, parecendo se fundir umas com as outras,

até que é impossível dizer quem é quem, determinar onde ele termina e eu começo. Não consigo deixar de ficar impressionada com sua ternura, com a onda de formigamento e calor que ele traz. E logo, sem nos contentar apenas com aquilo, querendo algo muito mais profundo, caímos um nos braços do outro.

Minhas mãos estão em seu pescoço, as dele em minha cintura, agarrando-me com força, puxando-me para perto, e depois para mais perto ainda. Ele explora a linha de minha coluna antes de enroscar os dedos em meus cabelos volumosos, levando-me em sua direção, ajeitando com destreza o ângulo de meus lábios, de forma que encontrem os dele. A firmeza suave e macia de sua boca me faz lembrar a primeira vez que o beijei — nesta vida e em todas as outras. Todo o nosso mundo se encolhe até que não haja nada além *disso*.

Um perfeito beijo infinito.

Com o corpo colado, descemos até um tapete antigo sobre o qual andaram algumas das figuras mais ilustres da história. Damen se deita a meu lado, envolvendo-me, ambos completamente maravilhados um com o outro, maravilhados por estarmos juntos. Depois de termos esperado tanto, mal podemos acreditar que este momento chegou.

A maldição finalmente foi quebrada.

O universo não está mais contra nós.

Damen se afasta, absorvendo-me com os olhos enquanto seus dedos redescobrem a sensação de tocar minha pele. Explora a extensão entre minhas têmporas, a maçã do rosto, a boca, o queixo, o contorno do pescoço e mais embaixo, enquanto meus lábios se elevam na expectativa dos seus, experimentando avidamente, dando pequenos beijos em sua mão, no ombro, no peito, no que estiver ao alcance. Quero cada vez mais. Não posso evitar desejá-lo.

Desejá-lo por inteiro.

Agora.

— Ever — ele sussurra, olhando para mim do mesmo jeito que Alrik fez, só que desta vez é melhor, pois está acontecendo em tempo real.

Levanto a cabeça, capturo seus lábios e o puxo de volta para mim. Meu corpo está quente, vibrando, não quero nada além de aprofundar esse sentimento — descobrir até onde ele pode ir.

— Ever. — Sua voz é grossa, rouca, as palavras requerem grande esforço quando diz: — Ever, não aqui. Não assim.

Eu pisco. Esfrego um lábio no outro, como se acordasse de um sonho. Vejo que ainda estamos no chão quando há outros lugares mais confortáveis em que poderíamos estar, incluindo aquele que materializei pouco antes de chegar aqui.

Eu me levanto e o conduzo escadaria abaixo. Entramos no carro e percorremos a sinuosa Coast Highway até encontrarmos, no alto de uma rocha, uma bela casa antiga de paredes de pedra e janelas do chão ao teto dando vista para o mar agitado — uma morada que não estava ali há uma hora.

— Você fez isso? — Ele se vira para mim.

Faço que sim, sorrindo.

— O que posso dizer? Esperava que chegássemos a um acordo. Eu ia reservar aquele quarto no Montage, mas achei que assim seria melhor, mais reservado, mais romântico. Espero que tenha gostado.

Ele agarra minha mão e saímos correndo naquela direção. Subimos um lance longo e sinuoso de escadas, que parece sem fim, até que chegamos ao alto, sem fôlego, porém mais devido à expectativa

que à subida.

Abro a porta e faço um sinal para que ele entre, e vejo como ri quando pisa no antigo chão de calcário e vê que, apesar do tamanho deste lugar, apesar de sua área gigantesca, ele consiste apenas em um grande quarto com uma lareira a lenha, uma enorme cama com dossel, um maravilhoso tapete antigo, um banheiro bem-equipado e nada mais.

Eu coro. Não consigo evitar. Murmuro rapidamente algo sobre não ter tido muito tempo e que podemos completar o ambiente se decidirmos ficar aqui por um período maior.

Damen apenas sorri, interrompendo a corrente de desculpas ao pressionar o dedo com delicadeza contra minha boca, logo substituindo-o por seus lábios e transformando meu silêncio repentino em um beijo agradável, longo e emocionado. Ele me puxa para si, na direção da cama, e sussurra suavemente:

— Você é tudo o que eu quero. Tudo de que eu preciso. Não poderia pedir mais nada.

Ele me beija de forma gentil, mas completa, sem pressa, esforçando-se para ser cuidadoso. E, mesmo sabendo que nosso tempo juntos é infinito, que estaremos sempre juntos, estou ávida por mais.

Puxo seu suéter pela barra, arranco-o pela cabeça e o jogo de lado. Paro para explorar seu peito — as elevações sinuosas dos ombros, a depressão ondulada do abdome — até que meus dedos mergulham mais abaixo, abrem um botão, um zíper, passam por um elástico. Mesmo não sendo a primeira vez que o vejo, não consigo evitar que um suspiro escape de minha garganta. Não consigo me impedir de consumir a incrível visão dele.

Ele também tira minhas roupas. Os dedos se movem com destreza, habilidade, com muito mais prática que os meus. E não demora muito até que não haja mais nada entre nós — nem físico nem místico.

Somos apenas ele e eu. Sem barreira de nenhum tipo.

Ele passa a perna sobre mim, a meu redor, até que seu corpo cobre o meu. Tudo dentro de mim vibra com o formigamento e o calor que ele me causa, enquanto fecho os olhos ao ardor de seu ser, de seu toque, erguendo de forma preguiçosa as pálpebras e encontrando seu olhar queimando o meu. Ambos somos levados pelo embalo hipnótico e pelo balanço um do outro, e não demora muito até que ele desça o corpo e nos tornemos um só.

Um só como Alrik e Adelina. Um só como sonhamos durante todo esse tempo. Mas é muito melhor que qualquer coisa que tenha acontecido antes. Porque é real. É certo. É a confirmação final de que fomos feitos um para o outro.

Destinados a ficar juntos.

Para todo o sempre.

Nossos corpos sobem, levantam, flutuam cada vez mais alto — o momento cresce, se expande, permanece pelo maior tempo possível... Até que desmoronamos no calor um do outro, e o teto se abre, fazendo chover um dilúvio de belas tulipas vermelhas.

Eu me viro de lado e chego mais perto dele, corro meus dedos por seu tórax até o abdome e depois desço mais um pouco. Estou maravilhada pela sensação real de Damen, seu calor e a maravilha que ele é — e imagino como consegui ficar tanto tempo sem isso.

— Em que está pensando? — ele pergunta, roçando os lábios no lobo de minha orelha.

— Ah, você sabe... — Sorrio, flertando, e meu dedo mindinho desliza lentamente de volta, encontrando o umbigo e brincando ao redor dele, enquanto Damen ri e me puxa para seu peito. Ele dá um beijo no alto de minha cabeça, enquanto minha mente se ocupa com uma só palavra: *satisfação*.

Estou total e inteiramente satisfeita.

E também feliz, relaxada e em paz.

Tenho tudo o que poderia querer.

Minha vida está completa.

Olho demoradamente para ele, desejando que pudéssemos ficar assim por mais tempo, prolongar o momento tanto quanto possível, mas Damen tem outros planos, diz que precisamos ir a um lugar importante.

— Sentirei falta daqui — diz ele, levantando-se e pisando no tapete de pétalas de tulipa que continuaram a cair até que o chão estivesse coberto.

— Não seja tão categórico... A casa não sairá daqui. — Sorrio. — A menos que estejamos indo para outro lugar. Estamos indo para algum lugar? — Eu o observo, em busca de uma pista. Mas seu rosto está impassível, ele não deixa transparecer nada.

Dou de ombros e coloco o vestido que fui esperta o bastante para materializar antes, pois não quero mais usar a fantasia alada.

Assim que nos vestimos, ele agarra minha mão e me leva até a janela, e ficamos observando as ondas que batem nas pedras lá embaixo.

— Você ainda vê? — Ele me olha de relance.

Faço que sim. Então tento algo que estava nervosa demais (para não dizer preocupada) para tentar antes e penso: *E você? Vê?*

Ele olha para mim, sorri e pensa: *Sim. E, o que é ainda melhor, continuamos a ouvir um ao outro!*

Eu me recosto nele, pensando em quanto tempo isso durará. Sei que as cores vibrantes, o canto lírico do universo esmorecerão em algum momento. Até quando Misa, Marco e Rafe exaltaram a experiência, eles falaram no pretérito. Ainda assim, mesmo que esmoreçam, nunca desaparecerão de minha mente. Agora que sabemos a verdade sobre tudo, sobre como o universo funciona, o mundo continuará tão mágico e incrível como sempre, inclusive para mortais como nós.

— Está pronta? — ele pergunta, de mãos dadas comigo. O borrão de nossa energia combinada é a prova de que eu precisava de que nós dois somos um só, de que tudo é uma coisa só.

Confirmo com a cabeça, andando a seu lado até meu carro. Passo por um instante de pânico quando tento dar partida com a mente, como sempre faço, e depois relaxo ao lembrar que fui providente e trouxe a chave, uma vez que, pelo que posso ver, esse tipo de magia com a mente não funciona mais.

E, quando Damen tenta materializar uma tulipa para mim, ela infelizmente não vai além de uma imagem em sua cabeça. Mas, antes que ele possa começar a se sentir mal, logo comento que, se é verdade o que dizem sobre o universo, se os pensamentos realmente criam, então em algum momento aquela tulipa aparecerá.

Quando chegamos a minha casa, subo correndo as escadas e vou direto até o guarda-roupa, para aprontar minha bagagem às pressas, enquanto Damen vai para a saleta e grita:

— O que devo fazer com tudo isso?

Fecho a mochila e a jogo no ombro, feliz por ver que ainda tenho ao menos minha força e meu vigor de imortal, já que basicamente joguei dentro dela tudo o que coube.

Vou até ele e vejo que aponta para as garrafas de elixir guardadas em meu frigobar. Só que a quantidade diminuiu bastante desde a última vez que olhei.

Dou a volta no balcão e me ajoelho enquanto as conto rapidamente. Conta que, após repetir várias vezes, sempre me leva à mesma conclusão: nem todos os imortais escolheram o fruto.

— Acho que deveríamos destruí-las, ou pelo menos mantê-las trancadas — diz ele. — Odiaria que fossem parar em mãos erradas ou mesmo nas mãos de algum desavisado, sabe? — Damen se vira para mim: — Ei, o que houve? — ele pergunta, alarmado com minha expressão.

— A geladeira estava cheia. — Olho para ele. — Quando saí da festa, estava cheia. E agora... — Faço um gesto negativo com a cabeça, pressionando a mão contra o estômago, começando a me sentir mal. — Esperava de verdade convencê-los... todos eles. Mas talvez eu tenha deixado a festa cedo demais. Talvez devesse ter ficado mais tempo por lá.

Agarro os joelhos, preparando-me para me levantar, quando Damen diz:

— Como pode ter certeza de que foi um imortal?

Olho em seus olhos e de repente o quarto começa a girar, e sou obrigada a me segurar no balcão, em busca de equilíbrio.

Mas logo passa.

No fim, é como Lótus disse: fiz o que podia, o restante dependia deles.

Existe algo chamado livre-arbítrio, e, ao que parece, algumas pessoas decidiram exercer o seu.

— Jogue fora — digo. — Jogue tudo. Guardei frutos suficientes para qualquer imortal que se sinta encurralado. Quanto ao elixir, não precisamos dele... É hora de nos livrarmos de tudo.

Começamos o trabalho: eu tirava as tampas e entregava-lhe as garrafas, que ele esvaziava na pia. Quando terminamos, Damen se vira para mim, agarra minhas mãos e me diz para imaginar um véu dourado e brilhante.

— Summerland? — Ergo as sobrancelhas, perguntando-me por que preciso fazer minha mala para ir a Summerland, quando se pode materializar o que quiser lá, e se ainda conseguiremos fazer a viagem. Sei que ficarei arrasada se não formos bem-sucedidos.

Mas ele balança a cabeça e diz:

— *Acredite.*

E eu obedeço.

Em um instante, estamos passando pela luz, pisando o grande campo perfumado, felizes, satisfeitos, contentes em saber que este lugar ainda faz parte de nossas possibilidades.

Damen olha para mim, tão aliviado quanto eu, e diz:

— E agora, a segunda parte...

Eu espero, prendo a respiração, sem ideia do que pode ser.

— Lembra quando Miles falava sobre fazermos um mochilão pela Europa quando terminássemos a escola?

Faço que sim com a cabeça, cada vez mais perplexa.

— Bem, achei a ideia ótima. E como nunca tivemos aquelas nossas férias devido à jornada até a árvore, e como você só vai para a faculdade mais tarde, achei que pudéssemos levar esse plano adiante.

— Mas Miles não vai para a Europa — digo, pois sei que ele está a caminho de um teste importante em Nova York e que Holt vai com ele. E, se me lembro bem, eu previ que ele passaria no teste. Miles será um grande astro da Broadway e Holt ficará a seu lado por um bom tempo.

— Eu sei. Mas isso não quer dizer que não possamos ir, não é? Se você concordar, acho que podemos começar pela Itália. Mal posso esperar para lhe mostrar os lugares que eu frequentava. Florença é uma bela cidade. Sei que vai amar o lugar. E a comida! — Ele olha para mim, sorrindo ao dizer: — Bem, ouvi dizer que melhorou muito nos últimos seiscentos anos.

— Então... vamos à versão Summerland da Itália? — digo, tentando não parecer tão decepcionada quanto realmente estou.

Mas Damen ri.

— Não. Vim aqui por dois motivos: primeiro, para confirmar se ainda conseguíamos e, segundo, para evitar o trânsito. Vamos sair do aeroporto de Los Angeles. Nosso voo parte em... — Ele olha para o relógio e depois para mim. — Nosso voo parte em quinze minutos.

— Mas temos que passar pela segurança! E chegar ao portão de embarque, e...

Minhas palavras são interrompidas quando ele diz:

— *Shhh...* Feche os olhos e imagine-se na poltrona 3A, comigo sentado bem a seu lado...

Aterrissamos em nossas poltronas. E, apesar de meu temor, há tanta movimentação antes do voo que ninguém parece notar que aparecemos ali de repente. E quando Damen guarda minha bagagem no compartimento superior, noto que não ele trouxe a sua.

— E você? — pergunto, observando-o tomar o assento a meu lado. — Sei que vai demorar a se acostumar, mas não pode simplesmente materializar coisas novas sempre que precisar, sabia? Terá de ir até uma loja e comprar. Vai precisar de dinheiro, cartões de crédito, passaporte e... ai, minha nossa, você se lembrou de trazer dinheiro, cartões de crédito e passaporte? E por que estamos indo de avião? Por que não aterrissamos direto na Itália?

Damen sorri, interrompendo minhas palavras com seus lábios e dissolvendo instantaneamente minhas preocupações, lembrando-me do que mais importa.

Ele se afasta, passa a mão em meu rosto, coloca uma mecha solta de cabelo atrás de minha orelha e diz:

— Não se preocupe. Cuidei de tudo. Está tudo bem. Ah, e quanto ao avião, você que disse que queria ser normal...

— Primeira classe é normal? — Olho para a cabine espaçosa e bem-equipada, e depois de volta para ele.

— Comigo é. — Ele ri.

Concordo, desfrutando o calor de sua mão na minha, olhando pela janela enquanto o avião se prepara para decolar. Fico maravilhada ao pensar até onde chegamos — até onde ainda vamos chegar. Percebo que estou mais feliz do que já estive em muito tempo. Talvez nunca tenha sido tão feliz assim.

Estou prestes a voltar minha atenção ao vídeo de segurança (agora que não sou mais imortal, preciso me preocupar com questões mundanas como essa) quando a vejo.

Na asa, pulando e acenando para mim.

Riley.

Minha adorável e atrevida irmãzinha fantasmagórica. E, pelo que posso ver, Buttercup está bem a seu lado.

Suspiro de admiração e pressiono a mão contra a janela. Fico imaginando se a visão é real, se realmente posso vê-la agora, ou se é apenas uma ilusão. Então Buttercup late e abana o rabo, enquanto Riley olha em volta, como se esperasse ver alguém, como se estivesse sendo seguida.

Eu me viro para Damen e puxo sua manga, querendo que ele veja também. Mas, quando olhamos, ela já se foi. E, por mais que tente, não consigo trazê-la de volta.

Mas eu a vi.

Sei que era ela.

E também sei que a verei novamente. Seja debruçada nas asas de um avião, seja do outro lado daquela ponte.

Só espero que essa última alternativa não chegue tão rápido.

O avião se posiciona na pista, ganha velocidade, e eu me recosto em Damen. Minha cabeça encontra seu ombro no instante em que uma bela tulipa vermelha aparece do nada e cai em meu colo.

A tulipa que Damen tentou materializar antes.

Nós nos fitamos com os olhos arregalados de espanto, com a prova de que precisávamos de que é realmente verdade.

Tudo o que pode ser feito em Summerland pode ser feito também no plano terreno — só demora um pouco mais.

Pouso minha mão sobre o caule e Damen coloca a mão sobre a minha. Nós nos aproximamos, ambos felizes, satisfeitos, ansiosos para aceitar o que quer que virá, enquanto o avião ganha o céu.

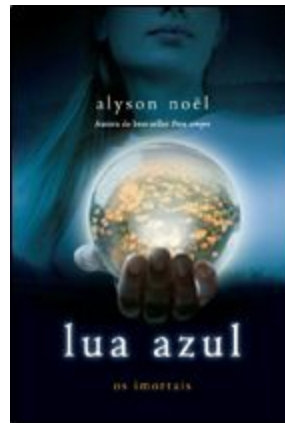


ALYSON NOËL é autora de nove romances. Nasceu em Orange County, na Califórnia, e após o ensino médio decidiu conhecer o mundo – viajou por toda a Europa e acabou por se fixar na ilha grega de Míkonos. Hoje, de volta aos Estados Unidos, mora com o marido em Laguna Beach e dedica-se integralmente a seus livros.

conheça os livros da série Os imortais



Volume 1



Volume 2



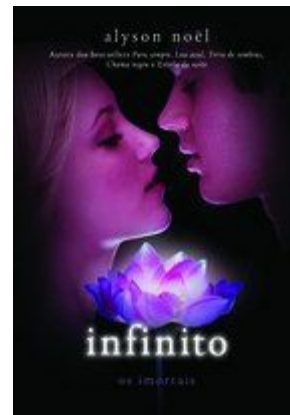
Volume 3



Volume 4

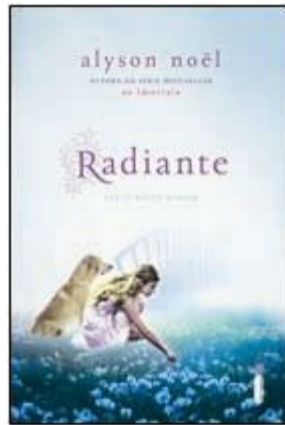


Volume 5

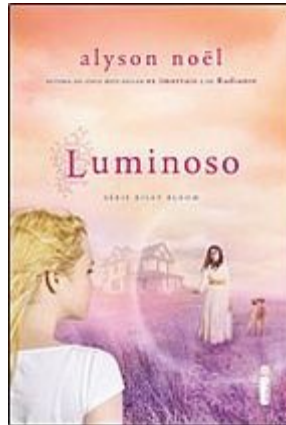


Volume 6

conheça os livros da série Riley Bloom



Volume 1



Volume 2

Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)
[Epígrafe](#)
[um](#)
[dois](#)
[três](#)
[quatro](#)
[cinco](#)
[seis](#)
[sete](#)
[oito](#)
[nove](#)
[dez](#)
[onze](#)
[doze](#)
[treze](#)
[catorze](#)
[quinze](#)
[dezesseis](#)
[dezessete](#)
[dezoito](#)
[dezenove](#)
[vinte](#)
[vinte e um](#)
[vinte e dois](#)
[vinte e três](#)
[vinte e quatro](#)
[vinte e cinco](#)
[vinte e seis](#)
[vinte e sete](#)
[vinte e oito](#)
[vinte e nove](#)
[trinta](#)
[trinta e um](#)
[trinta e dois](#)
[trinta e três](#)
[trinta e quatro](#)
[trinta e cinco](#)

[trinta e seis](#)

[trinta e sete](#)

[trinta e oito](#)

[trinta e nove](#)

[quarenta](#)

[quarenta e um](#)

[quarenta e dois](#)

[quarenta e três](#)

[quarenta e quatro](#)

[quarenta e cinco](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os livros da série Os imortais](#)

[Conheça os livros da série Riley Bloom](#)